Andreas Gruber

VERÃO DO MEDO

Suspense



EDITORA 25 Anos EUROPA

Verão
do medo

Andreas Gruber

Sobre este livro

Em Viena, a jovem advogada Evelyn Meyers está às voltas com uma série de ações judiciais de indenização. Os processos têm algo em comum: homens da alta sociedade, mortos em circunstâncias estranhas. Todos parecem acreditar em acidentes, mas Evelyn desconfia: quem seria a misteriosa moça loura que, curiosamente, sempre aparece nos locais das ocorrências?

As pesquisas de Evelyn a levam para a Alemanha, onde o comissário Pulaski investiga a morte da jovem Natascha, encontrada sem vida em uma clínica psiquiátrica em Leipzig. Em princípio, todas as evidências apontam para suicídio. Porém, as últimas anotações da garota não sugerem sinais de depressão. Além disso, a overdose de analgésico que ela teria se aplicado, por si só, não justificaria o óbito. Assim, Pulaski tem razões para acreditar em assassinato. E logo acaba descobrindo outros casos semelhantes.

Evelyn investiga acidentes envolvendo homens de projeção. Pulaski, suicídios de garotas imigrantes. Casos aparentemente tão distintos teriam algo em comum? E qual seria a verdadeira causa de todas essas mortes? Verão do Medo é desses thrillers tensos, empolgantes, que prendem o leitor, mantendo-o em constante suspense.

Sobre o autor



Nascido em 1968 em Viena, Áustria, formou-se em economia, mas especializou-se em literatura fantástica, tendo recebido dois prêmios Vincent de literatura em seu país de origem e outros três, de literatura fantástica, na Alemanha (Deutscher Phantastik Preis). Começou escrevendo fanzines em 1996, mas logo passou aos livros de contos e, desde 2005, já publicou cinco romances.

“Para mim, ser escritor significa que posso inventar personagens interessantes, sem ir parar num hospício, e matar pessoas de maneiras inusitadas, sem ser mandado para a cadeia. De resto, sou um cara legal.”

— Andreas Gruber

Título original em alemão: *Rachesommer*
Copyright © 2009 by Andreas Gruber (www.agruber.com),
representado por AVA International GmbH, Germany (www.ava-international.de)
Originalmente publicado em 2009 por RM Buch und Medien Vertrieb GmbH, Germany

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA
Editora Europa
Rua MMDC, 121
São Paulo, SP
Editor e Publisher Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi
Tradução do original em alemão Marc Bröker
Preparação de texto Paola Schmid
Revisão de Texto Cátia de Almeida
Edição de Arte Jeff Silva
Foto da capa © René Mansi/iStockphoto

Table of Contents

Fronstipício
Sobre este livro
Sobre o autor
Expediente
Dedicatória
Provérbios
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
Duas semanas antes
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
Dois meses antes…
30
31
32
33
34
35
36

37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
No dia anterior…
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
Uma semana antes…
Epílogo
Agradecimentos

Para Heidemarie

“Perante juízo e em alto-mar,
estamos sós nas mãos de Deus.”
Sabedoria Romana

“Aquele que luta contra monstros
deve ter cautela para não se tornar
também um monstro. E se olhares
longamente para um abismo, o abismo
também olha para dentro de ti.”
Friedrich Nietzsche

Prólogo

Era assim que ele gostava. Céu azul e somente a algazarra das gaivotas, o quebrar das ondas e, até onde o olhar podia alcançar, nenhum outro veículo na estrada.

Edward Hockinson pisou no acelerador. Os pneus cantaram na curva. Sentiu o vento no rosto; nos lábios, o sabor salgado da brisa do mar. Que friozinho bom na barriga! Aos seus sessenta anos, desfrutar a vida plenamente significava para ele dirigir à beira dos rochedos, explorar até o limite os 180 cavalos do seu conversível e escutar o ronco do motor vencendo o vento, enquanto a música de Benny Goodman soava nos alto-falantes. As estradas costeiras do Mar do Norte eram perfeitas para um passeio, que arrepiava a sua pele e lhe dava a sensação de ser novamente jovem e louco. *King of Swing*.

O farol da ilha rochosa perto da costa se aproximava.

Nesse trecho, onde a estrada descia íngreme, ficava a curva mais perigosa. Hockinson conseguiria fazê-la a setenta por hora, sem problema. Os pneus aguentariam.

Mas não chegou a tanto.

De repente, como que saída do nada, havia uma pessoa na faixa branca no meio da pista. Hockinson pisou no freio. A mulher seguia olhando para baixo. Por que diabos ela tirara os sapatos no meio da estrada e caminhava descalça no asfalto? Ele deixou o carro se aproximar lentamente. Que pernas!

Hockinson empurrou os óculos escuros em direção aos cabelos grisalhos desgrenhados pelo vento. Chegando ao lado da mulher, parou. Ela poderia ser sua filha, até mesmo sua neta — a idade perfeita, pensou. O vestidinho azul de alças finas deixava-a pálida e esguia. Ainda assim, com sua estola e o lenço na cabeça que deixava escapar muitos de seus cabelos louros, irradiava ao mesmo tempo inocência e luxúria — ele lembrou da beleza angelical de Grace Kelly em seus primeiros filmes.

Hockinson abaixou o som e esticou-se sobre o banco do passageiro. “Com esses sapatos a caminho do farol?”, arriscou, esbanjando charme.

“Merda, o salto quebrou.”

Ele sorriu satisfeito. “Para onde vai?”

“De preferência, para bem longe dessas malditas gaivotas... se eu tiver de escutar esses bichos guinchando por mais tempo, enlouqueço.”

Hockinson não pôde evitar o sorriso irônico. Tinha gostado da mulher de vestidinho azul. Era bem o seu tipo. “Entra, eu te dou uma carona.”

Ela empinou o rosto contra o vento, como se considerasse se deveria aceitar ou seguir aturando a gritaria das gaivotas. Hockinson olhava fixamente para seus pequenos seios, pressionados contra o vestido.

“Está bem”, respondeu finalmente, “mas vamos ouvir outra música.”

Hockinson abriu a porta. “O que você quiser.”

Ela calçou os sapatos e saltou para dentro do carro.

Ao contemplar, por um momento, as pernas dela, Hockinson viu que nenhum dos seus saltos estava quebrado. Mas o que importava isso? A única coisa que contava era que ela estava dentro do carro! Mal começou a acelerar, e ela já estava mexendo no rádio. Quando os alto-falantes produziram um som moderno, aumentou o volume e se espreguiçou no assento.

“Não vai colocar o cinto?”, perguntou Hockinson.

Ela não se moveu. Com o olhar vagando pelos rochedos até o farol, disse: “Confio em você.”

Ele pisou até o fundo. A garota era exatamente o seu tipo.

Subitamente, ela se aproximou dele. Embora Hockinson não pudesse ver o que ela fazia, ouviu a trava do seu cinto se abrir e, em seguida, sentiu o frio metálico da fivela deslizando sobre a sua barriga.

“Ei, o que...”

“A vida é arriscada, não é, Eddie?”, disse, com uma piscada de olho. “Aposto que você não consegue fazer aquela curva a noventa.”

Seu coração disparou. Como ela sabia o seu nome?

“Mais rápido, Eddie! Transe comigo... como antigamente.”

Como antigamente? Hockinson a olhou pelo canto do olho. Ele não conhecia essa mulher!

Ela tirou o lenço da cabeça e agitou seus longos cabelos louros. Então, tirou o manto dos ombros. A estola e o lenço se revelaram como um único e longo cachecol, adornado com pérolas. Levantou os braços, deixando o cachecol esvoaçar ao vento.

“Acelera, Eddie!”, gritava.

“Escute aqui, eu...”

De repente, ela levantou ligeiramente o quadril do assento e passou a perna esquerda sobre o console para alcançar o acelerador. “Eu disse mais rápido, Eddie!”, e fincou a ponta do salto agulha sobre o sapato dele, apertando firme. O motor urrou forte, empurrando o carro num tranco.

“Quem é você, e o que quer de mim?”, ele conseguiu murmurar por entre os dentes cerrados pela dor que inundava seu pé. Em seguida, tentou aliviar o acelerador, mas ela percebeu e o impediu, apoiando as costas contra o banco e pisando com ainda mais força.

“Eddie, Eddie, Eddie”, suspirou. “A memória anda tão fraca?”

Hockinson segurava o volante com força, tentando manter a trajetória. Ela enrolou o cachecol em seu pescoço e atirou a ponta para fora do carro.

“Para você não sentir frio, meu querido!”

Ele viu pelo retrovisor o longo cachecol drapejando ao vento em uma dança frenética, fazendo bater ruidosamente as pérolas contra a carroceria.

“O passeio acabou, eu vou parar!”, gritou.

“Humm... Lisa não quer parar ainda.” Novamente, atirou os braços bem para o alto.

Lisa? De onde ele conhecia esse nome? Quando levantou o olhar, levou um susto. A curva do farol se aproximava rapidamente. Olhou o velocímetro. O ponteiro tremia sobre a marca dos noventa quilômetros por hora.

Hockinson tentou se desvencilhar da mulher com o cotovelo, empurrando-a de volta para o seu banco, mas ela era

surpreendentemente forte. O salto continuava a espetar o pé dele. “Lisa, nós vamos morrer!”

“Você vai morrer!”

Noventa e cinco quilômetros por hora.

Pelo retrovisor lateral, Hockinson viu o cachecol tocar o asfalto e se erguer novamente com o vento. Se o pano se enroscasse na suspensão traseira, o cachecol o estrangularia num instante. A garota queria morrer com ele? Ela era tão louca assim? Ele tentou tirar o cachecol do pescoço, mas o carro passou por um desnível na pista e o obrigou a levar novamente as mãos ao volante.

“O que você quer de mim?”

“Qual é o último nome riscado na lista de passageiros do Friedberg?”

O Friedberg! Agora ele sabia de onde conhecia Lisa.

“Meu Deus, isso foi há dez anos!”

“O último nome riscado!”, insistiu.

Cento e dez quilômetros por hora.

Ele nunca faria aquela curva.

“Eu não sei!”

Nesse momento, o carro saltou o último desnível, voando em direção à curva que levava ao farol.

“Eu não sei...”

Realmente não sabia.

Hockinson virou o volante. Os pneus cantaram. A guinada súbita quase o arrancou do assento.

No céu, as gaivotas faziam um barulho ensurdecedor.

1

Três dias depois...

Segunda-feira, 15 de setembro

Murmúrios, risos estridentes e estouros de rolhas de champanhe soavam através da fina porta de vidro fosco do escritório de Evelyn Meyer. O vidro vibrava cada vez que alguém marchava pelo corredor. Tinham de fazer tamanho barulho? Não havia como se concentrar com uma bagunça dessas.

No fundo, Evelyn já queria ter saído do escritório há tempo. Eram oito horas da noite. Seus dois gatos — Bonnie e Clyde — precisavam de comida, e a sua barriga também já começava a roncar. Em princípio, bastaria ela ir até o saguão. Havia dúzias de bandejas cheias de coquetéis no saguão da empresa de advocacia vienense, e as mesas das salas de reuniões e de atendimento estavam abarrotadas de canapés de caviar, salmão e atum. Mas ela teria de se submeter aos clientes e aos colegas advogados — algo de que ela não fazia a mínima questão.

Bate-papo nunca foi o seu forte.

Evelyn espalhou a papelada na sua escrivaninha, contemplando os diferentes laudos, protocolos policiais, testemunhos e fotos da Kripo[1] e dos bombeiros. Ao lado disso, estavam os apontamentos

da primeira conversa de acordo extrajudicial que ela havia tido, em um restaurante, com o advogado da reclamante. A outra parte não se daria por satisfeita com alguns milhares de euros. Maldito caso da tampa de bueiro! Ela dedicaria no máximo mais uma hora a ele. É claro que poderia pegar a papelada toda, sair pela porta dos fundos e continuar o trabalho em casa. Em paz! Pois, além de Bonnie e Clyde, não havia ninguém lá que pudesse incomodá-la. Contudo, ela bem sabia que acabaria sentada no sofá da sala, ao lado dos restos de uma pizza fria, perdendo o foco geral... e acordaria às quatro da manhã nesse mesmo sofá. Mas o pior mesmo era que há alguns dias ela havia tido, por uma fração de segundo, um estranho sentimento de *déjà-vu*. Ela havia comparecido à sessão preparatória no tribunal de justiça. Um relance furtivo de canto de olho sobre suas anotações e Bam! A associação se havia esvaído com a mesma rapidez com que chegara. Havia um detalhe neste caso que lhe dizia algo — mas ela não descobria o quê. E quanto mais folheava esses papéis, mais duvidava de sua própria razão.

A voz de seu chefe, longínqua e abafada, trouxe-a de volta. Ouvia seus passos no corredor, vindo em direção à sua sala. A sombra dele apareceu por trás da porta de vidro, antes que ele batesse na porta e entrasse. Ele sempre batia na porta! Neste quesito, Krager era um verdadeiro cavalheiro. Vestia um terno desenhado por Armani, tinha as costeletas grisalhas e o rosto anguloso, era alto e, apesar de seus sessenta anos, um galanteador — talvez até um pouco demais. Além disso, era eloquente e... por um triz a palavra “íntegro” teria cruzado a sua mente. Havia ouvido de alguns clientes que um “advogado íntegro” era uma contradição em si, e certamente tinham razão. Krager estava longe de ser a Madre Teresa dos advogados, mas procurava ser justo — na medida em que os negócios lhe permitiam. Seu apelido, Pit-bull, não era por acaso.

E aí estava ele, parado à sua frente, com uma pasta e uma taça de champanhe nas mãos.

“Evelyn, você não precisa me provar que é uma advogada obstinada. Não hoje.” Mais uma vez, ele estava com aquele seu olhar paternal. Evelyn sabia que ele tinha outros, mas hoje era o dia daquele. O escritório de advocacia Krager, Holobeck & Partner festejava seu 25º aniversário, e as salas estavam cheias de tabeliões, juízes, jornalistas, advogados de negócios e representantes das grandes empresas. Krager tinha por princípio não aceitar empresas pequenas como clientes. Aqui havia um vai e vem constante de diretores de bancos e executivos de companhias aéreas, seguradoras, cadeias de supermercados e lojas de departamentos.

“Só quero ver as anotações...”

“Evelyn, são apenas pretextos”, interrompeu-a.

A maneira formal e ao mesmo tempo pessoal com que se dirigia a ela não permitia contradição. “Deixe esse caso descansar por uma hora, e junte-se a nós. Está perdendo a cabeça com algo que não leva a nada.”

Não leva a nada? O réu havia sido o melhor amigo de seu pai, e a única pessoa que havia cuidado dela depois do acidente de seu pais — e Krager sabia muito bem disso!

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Krager indicou a porta. “Ali fora esperam casos excitantes: um rádio de pilhas desliza pelo console do carro, bate no volante, o *airbag* se abre, arremessando o rádio na cara de um vereador. A viúva processa o fabricante do *airbag* no valor de cinco milhões de euros.”

Ela conhecia o caso. “Infelizmente, não ganhamos.”

“Eu sei, mas esses são contratos que trazem dinheiro, ao contrário do seu caso, no qual um homem tropeça por sobre a barreira de uma obra, cai num bueiro e quebra o pescoço.”

Soava como chacota.

“Eu conheço o réu pessoalmente, e a obra tinha segurança adequada”, disse ela.

“Sim, eu sei, a perda do processo levaria o seu conhecido à ruína. Mas escute...” Sua voz havia perdido o tom paternal. “Não somos o exército da salvação, e existem outras empresas especializadas em questões sociais como essa.”

“Desta vez, não conseguirá me convencer”, retrucou. A construtora do tio Ian — como ela se referia ao amigo de seu pai desde a infância — não ia lá muito bem, e uma derrota em juízo o arruinaria. Ela não podia deixá-lo na mão. Devia isso a ele.

Krager sentou-se relaxadamente no canto da sua escrivaninha, o que, normalmente, não era de seu feitio. Seu olhar percorreu a pilha de fotos coloridas. Separou algumas e disse: “Estas também vêm daquela sua fonte duvidosa?”.

Quantas vezes eles haviam discutido este tema? “Eu resolvo os meus casos à minha maneira”, respondeu. “O senhor quer resultados, como eu os consigo é assunto meu.”

Olhou-a fixamente por um tempo. “Que seja. Mas quando esse caso estiver resolvido, teremos uma conversa séria. Há uma questão bastante lucrativa sobre a qual quero lhe falar.”

“Um pequeno banco privado seria processado por trabalhar de maneira não burocrática, não cobrar taxas de manutenção de contas e roubar os clientes dos bancos grandes?”

“Deixe os comentários cínicos para mim, você é muito jovem e muito bonita para isso.” Ele indicou para a porta com a cabeça.

“Você não quer mesmo se juntar a nós?”

“Vou continuar trabalhando.”

“Você decide.” Krager abanou com a pasta. “O processo penal foi encerrado. O relatório da autópsia de Kieslinger chegou hoje pela tarde do tribunal.”

Evelyn saltou da cadeira. Kieslinger era o homem que havia caído no bueiro aberto. “Faz três dias que estou esperando por isso!”

“Eu pretendia entregar-lhe os papéis amanhã, depois da festa. Mas já que você não consegue mesmo deixar o caso de lado...” Deixou a frase pela metade e colocou a pasta sobre a mesa.

Evelyn abriu-a imediatamente, e passou os olhos pelos escritos do médico-legista, até chegar à parte com a hora e a causa da morte.

Sua respiração travou.

“Kieslinger não morreu de fratura de crânio, nem da cervical”, disse Krager.

“O senhor leu o relatório?”

“É claro. Entre champanhe, conversa mole e canapés de caviar, sempre sobra um minutinho. Ouça, Evelyn...” Outra vez o tom paternal, mas agora com um leve indício de perigo. “Você vai perder o caso. O relatório da autópsia vai lhe quebrar as pernas. Kieslinger caiu de cabeça no fosso estreito do canal de esgoto, ficando entalado perto do fundo. O fosso tinha trinta centímetros de água. Kieslinger não podia se mover e morreu...”

“... afogado”, complementou Evelyn. Levantou os olhos do relatório.

“Na faringe, nos pulmões e no estômago havia dois litros de água de esgoto.”

1. Abreviação de *Kriminalpolizei*, o departamento de investigação criminal.

2

Os becos estreitos do segundo distrito de Viena estavam desertos a essa hora da noite. Quem ainda andava por aqui devia ser cafetão ou agiota, pretendia prostituir-se ou livrar-se do dinheiro em um bar. Além disso, de noite os becos pareciam ainda mais desolados que durante o dia. Em alguns lugares faltava iluminação. Sacos de lixo empilhavam-se ao lado das lixeiras, havia cocô de cachorro em cada esquina e de algumas casas ouviam-se as habituais brigas de casal.

A gritaria fazia Evelyn recordar as discussões de seus pais, que ela escutava secretamente quando menina. No fundo, sua infância não havia sido tão ruim — até o dia em que conhecera o homem que mudaria tudo. A partir daquele momento, seus dias de criança acabariam.

Ela saltou por sobre as caixas de madeira vazias de uma mercearia, cujas persianas estavam abertas pela metade. Após ter relido várias vezes os pontos do relatório da autópsia em seu escritório, havia tentado ligar para Patrick — aquela sua fonte duvidosa. Ele costumava ajudá-la em suas investigações eventualmente, mas desta vez ele não atendia o celular. Contudo, ela iria descobrir, mesmo sem ele, o que havia acontecido na Czerningasse há duas semanas.

Evelyn havia deixado a firma pela porta dos fundos, sem dizer uma palavra aos outros. Algumas taças de champanhe mais tarde, nem mesmo Krager notaria a sua ausência. Enquanto dirigia, havia telefonado para a filha da vizinha que tinha uma chave de seu

apartamento. Conny adorava quando podia alimentar Bonnie e Clyde com carne de galinha enlatada. É claro que a menina também estava lhe fazendo um favor. Devido aos inúmeros jantares de negócios e compromissos noturnos, que muitas vezes iam até a meia-noite, os dois gatos já teriam se rebelado há muito tempo, mijado em seus sapatos ou retalhado suas cortinas.

Estacionou seu Ford Fiesta embaixo das poucas luzes que funcionavam, na esquina. Dali, havia caminhado até a Czerningasse. O bater dos seus saltos ecoava nas paredes das casas. Logo chegou ao local onde Kieslinger havia morrido, há duas semanas. Na esquina havia uma pequena agência bancária com caixa eletrônico e do outro lado da rua, um bar. Os luminosos coloridos de néon sobre a entrada do Entre-Nous estavam acesos pela metade apenas, e zumbiam mais do que piscavam. Os carros estacionados em frente ao clube — um Porsche, uma Mercedes e dois Audis — não combinavam com essa parte feia da cidade. Aparentemente, seus donos preferiam embebedar-se onde ninguém os conhecia. Havia um buraco no asfalto, no meio da rua. Atrás da barreira da obra, estava o bueiro aberto. A tampa continuava jogada ali, na areia. Evelyn já havia estado ali antes, porém, sem sucesso, pois a Kripo já havia bloqueado o local. Agora ninguém mais se importava com a obra. O que haveria levado Rudolf Kieslinger, pediatra de renome, aposentado, a esta região? O caixa eletrônico?

Nem três dias após a sua morte, a viúva já movia uma ação judicial contra tio Ian. O perito do seguro havia considerado a obra suficientemente protegida. Portanto, a seguradora havia dado as costas, sem pagar nem um centavo.

Se tio Ian perdesse o processo, teria de responder com seu patrimônio pessoal.

O astuto advogado da parte adversária afirmara, na primeira conversa de acordo extrajudicial, que Kieslinger, vindo de um evento beneficente para crianças com câncer, caminhava em direção à estação do metrô, e, devido à má iluminação e à interdição

supostamente negligente da obra, havia caído de cabeça no bueiro aberto. Coincidência estúpida, realmente! Principalmente porque a estação mais próxima do metrô ficava bem longe dali.

Em todo caso, a viúva queria sete milhões, o que, em vista dos custos do enterro, das indenizações e reinvindicação de alimentos por perda de renda, era totalmente exagerado.

Evelyn conhecia a juíza, e a coisa estava preta.

No pior dos casos, tio Ian teria de abrir falência. Os sete operários, um assistente de escritório e um aprendiz iriam para a rua. Esse seria o último golpe de uma longa série de desgraças que a sua família vinha passando desde a sua infância — e Evelyn estava farta de estar sempre do lado dos perdedores.

Ela acendeu a pequena lanterna que sempre levava no porta-luvas do carro, tirou os sapatos de salto alto, suspendeu a saia e saltou por cima da barreira. Enquanto segurava a lanterna entre os dentes, prendia seu longo cabelo louro em uma trança. Então desceu pela escada de ferro, para dentro do fosso. Era estreito, e cheirava a esgoto. Ela esperava entrar na lama até as canelas, mas o chão no final da escada estava seco. Depois do acidente, a companhia de água e esgotos da cidade fechou a alimentação deste canal, e, com o calor desses dias quentes de setembro, não era de espantar que o canal houvesse secado em tão pouco tempo.

Então foi aqui que Kieslinger, um homem grande como um urso, havia ficado entalado de cabeça para baixo — tão firmemente que os bombeiros tiveram de içá-lo para fora com um guincho. No momento do ocorrido, não havia mais ninguém na rua que pudesse tê-lo ajudado. Como agora. Evelyn procurava colocar-se na situação dele, pendurado ali, imobilizado, com a cabeça embaixo d’água. O próprio peso empurrando-o cada vez mais para baixo, sem conseguir soltar os braços para tentar se empurrar para cima. A água entrando-lhe pelo nariz e pelos ouvidos, sem poder gritar por

socorro. Em algum momento, ele teria de respirar, mas não podia, e...

... novamente ela sentiu o saco de juta sobre o seu rosto, o cheiro das paredes úmidas, o frio do chão, que deixava seus dedos pegajosos. Ela não podia se mover. A corda cortava a sua pele nas articulações, e a acidez do estômago lhe subia. Mas não podia cuspir com a fita adesiva sobre a boca...

Evelyn gritou e abriu os olhos. Outra vez, não! Seu coração batia forte. Enxugou a testa suada. Sem perceber, acocorou-se no chão, ralando os joelhos na parede de concreto. A lanterna lhe havia caído de suas mãos, e rolado pelo cano lateral. Por sorte, ela não sofria de claustrofobia, caso contrário teria tido um ataque de pânico.

Evelyn abaixou-se o quanto pôde, mas o cano era estreito demais. Seus dedos não alcançavam a lanterna. Foi então que notou o pedaço de um objeto brilhante despontando da lama ressecada. Provavelmente uma moeda. Cavou a terra em volta e retirou o objeto. Era demasiado grande para uma moeda. Parecia mais uma capinha oval, de plástico. Limpando a sujeira, viu o logotipo da Porsche. Uma chave!

3

Evelyn saiu do fosso sem a lanterna. Com a chave do Porsche na mão, içou-se para fora do canal, e, sem querer, apertou o botão do controle remoto. Perto dali, soou um pi-pi, seguido do som da trava se abrindo.

“Que sorte!”, murmurou.

Um Porsche, estacionado do outro lado da rua, perto da boate, acendeu a luz interna, e, por alguns segundos, viu-se nas casas o reflexo alaranjado do pisca-pisca.

A chave já devia estar ali na lama há vários dias, mas o circuito permanecera intacto. Será que ninguém havia sentido falta desse Porsche? Evelyn pegou seus sapatos, atravessou a barreira, e correu descalça até o carro. Era um Porsche 911 Carrera prateado, um elegante conversível de capota rígida, com rodas de liga leve e ponteira de aço inox. Havia algumas multas presas embaixo do limpador de para-brisas. Esse carro valia pelo menos 120 mil euros. Já daria para comprar uma casinha num bairro bem localizado.

Do bar em frente soava um baixo abafado. Não havia leão de chácara, nem fila de convidados. Apenas a persiana escura abaixada, e o zumbido do letreiro de néon. Entre-Nous. Evelyn abriu a porta do carro e deixou-se cair sobre o banco do motorista. A luz interna se apagou com o fechar da porta. Somente agora ela percebeu, que sua blusa havia absorvido o fedor do esgoto. Seus pés estavam sujos até os tornozelos, mas, de certa forma, ela se sentia viva. O volante, o apoio de braço e o estofamento de couro cheiravam a carro novo. Colocou a chave no contato. O mostrador

indicava que o carro havia rodado apenas três mil quilômetros. O computador de bordo e o volante multifuncional deixavam o interior parecer uma cabine de avião. O velocímetro ia até trezentos quilômetros por hora.

Ao abrir o porta-luvas, o coração de Evelyn disparou. Celular, isqueiro, cigarros, caneta e... preservativos. Que prático — todos os sabores, de morango a baunilha.

Evelyn deu um salto quando alguém bateu no vidro lateral. Um homem de rosto inchado, vermelho, olhava para dentro. Ele tinha seus cinquenta anos, vestia um terno desgastado, e a gravata estava torta. Os poucos cabelos haviam sido penteados de forma a tentar esconder a iminente careca.

Instintivamente, Evelyn pressionou o acendedor de cigarros para dentro do console, e então olhou para a frente e também no retrovisor. O homem estava sozinho na rua. Ela baixou o vidro.

“Olá...” O hálito de álcool invadiu o carro. O cara parecia uma adega sobre duas pernas.

“Uma coisinha linda e loura, tão sozinha num carrão desses.” Ele puxou o nó da gravata, como se precisasse urgentemente de ar fresco.

“Caso o senhor não esteja em perigo, ou precisando de ajuda, tenho de lhe pedir para me deixar em paz.”

O homem recostou-se na porta e sorriu. “Tenho de lhe pedir para me deixar em paz”, disse, imitando a sua voz. “Seu namorado deve ser um tremendo ricaço esnobe, hein? Eu conheço esses caras. Também já fui um.”

Claro que já. Evelyn estava prestes a fechar o vidro, quando o homem começou a mexer no trinco.

“Tire as mãos daí!”, ordenou. “Para o seu próprio bem!”

“Para o seu próprio bem...” Ele cambaleou um passo para trás. Sacou, desajeitadamente, um molho de chaves do bolso e girou-o no dedo. “Você não teria nada contra, se eu me juntasse a você, não é mesmo?” Ele sorria com malícia. “Ou você prefere me acompanhar até a minha casa?”

Que alternativas maravilhosas!

“E então, já se decidiu?”

“Eu tenho gás de pimenta no porta-luvas!”, mentiu. “Uma dose dele corroerá sua conjuntiva, e, se for asmático, poderá morrer sufocado.”

Por um momento, ele vacilou, mas mudou de ideia e enfiou a mão para dentro do carro. Ela agarrou-a, antes que alcançasse o seu pescoço, e...

... outra vez ela sentia o saco de juta por cima do rosto...

Nesse instante, o acendedor de cigarros saltou. Evelyn procurou-o com sua mão livre, puxou-o para fora e passou a espiral quente sobre os dedos que tentavam lhe agarrar.

Ele recuou de um salto. Evelyn soltou a sua mão, ele tropeçou para trás, por cima das próprias pernas. Ao cair, o molho de chaves escapou das mãos dele. Enquanto o procurava, rastejando de quatro no chão, Evelyn fechou o vidro e acionou a trava.

No momento seguinte, quando olhou pela janela, ele já não estava lá. Ainda pôde vê-lo, pelo retrovisor, desaparecendo por um beco lateral.

Seu coração batia disparado. Respirou fundo, e colocou o acendedor de cigarros de volta no seu lugar. Há anos ela pensava em fazer um curso de judô, mas nunca havia encontrado tempo. Teria de sacrificar sua corrida diária pelo parque, algo que

significava muito para ela. Esqueça aquele idiota, disse a si mesma. Concentre-se!

Debruçada sobre o banco do passageiro, passou a revirar o caos dentro do porta-luvas. Entre os preservativos e maços de cigarros, encontrou um panfleto dobrado.

“Quem diria”, murmurou.

O Hospital Infantil Sankt Anna.

O folheto convidava para um evento beneficente para crianças com câncer. Não lhe restavam dúvidas de que se encontrava dentro do carro de Kieslinger. Será que o Porsche já estava parado ali há duas semanas?

A viúva de Kieslinger não havia mencionado nenhum carro superesportivo.

Provavelmente ela não sabia nada sobre o carro. Evelyn olhava fixamente para os preservativos vermelhos com sabor de morango. Então, olhou pelo vidro lateral, para o luminoso intermitente do Entre-Nous.

Uma boate nesta região não seria nada fina e exclusiva — mas certamente seria discreta. De outra forma, não haveria Audis e Mercedes estacionados na frente.

Por certo, a viúva de Kieslinger não sabia nada sobre este Porsche, nem do que seu marido fazia depois de suas visitas aos diversos eventos beneficentes. Evelyn iria descobrir.

4

O aspecto da boate era bem melhor por dentro do que por fora — dica privilegiada para clientes com excesso de dinheiro na carteira. A bebida mais barata custava quinze euros.

Somente o preço do aluguel poderia explicar a localização de um clube desses justamente nesta região.

A ausência da típica cortina de fumaça de cigarro indicava que àquela hora, às dez da noite, o movimento ainda não havia começado. O negócio devia esquentar somente dali a algumas horas. Evelyn foi até o bar, sentou-se num banco e pediu um daiquiri. Quando o *barman* voltou com a bebida, ela o chamou para mais perto.

“Lá fora tem um cara cambaleando em volta dos carros”, gritou, por causa do barulho que saía das caixas de som.

O *barman*, careca, de cavanhaque, *piercing* no lábio e teia de aranha tatuada no pescoço, debruçou-se por sobre o balcão.

“É o Rudi. Está sempre por aqui a esta hora. Frequentador assíduo.”

“Ele está totalmente bêbado.”

“Duas vezes por semana ele vem afogar as mágoas. Burnout[1], casamento arruinado, empresa falida, pagamento de pensão à ex... Sempre a mesma coisa. Ele a incomodou?”

Evelyn não deu resposta.

“Ele não faz mal a ninguém, apenas precisa de alguém para conversar.”

Evelyn havia tido a impressão de que não era bem conversar o que Rudi “Burnout” queria. Tentou esquecê-lo.

“Você trabalhou aqui no sábado, há duas semanas?”, perguntou.

“Com certeza. Eu estou aqui todas as noites.”

Ela empurrou a pasta com o relatório da autópsia do Kieslinger para o outro lado do balcão. O careca olhou-a com cara de interrogação.

“Abra a pasta”, intimou-o.

O *barman* vacilou por um momento, depois abriu a pasta. Seu olhar fixou o rosto inchado de Kieslinger, que, iluminado pela luz de néon da mesa de autópsia, parecia tão pálido, como se tivesse ficado várias semanas dentro daquele bueiro. Ao lado da foto, havia uma nota de cem euros.

“Você conhece esse homem?”, perguntou Evelyn.

O *barman* empurrou a nota para o lado. “Não sei o nome.”

“Isso não importa. Conhece ou não?”

“Ele vem aqui de vez em quando.”

“Vinha de vez em quando”, corrigiu Evelyn. “Um pediatra aposentado. Ele esteve aqui no sábado há duas semanas?”

Quando um segundo *barman* entrou atrás do balcão, com uma bandeja vazia, o careca fez a nota de cem desaparecer, e fechou a pasta. “Você é da polícia?”

“Eu tenho cara de ser da polícia?”

Ele a observou por um momento, depois sorriu. “Com esses olhos de corça? Não, você é bonita demais para ser policial.”

Evelyn sentiu um calor subindo-lhe pela cabeça. Ela não tinha nenhum problema com vagabundos, criminosos ou drogados, nem mesmo quando pegava o metrô sozinha à noite — mas, com elogios desse tipo, ela nunca soube lidar. “Ele esteve aqui ou não?”

“Esteve.” O careca olhou para a outra ponta do balcão. “Ficou sentado naquela mesa com uma loura magra. Bolinou um pouco a garota, mas depois pagou e sumiu.”

“E a garota?”

O careca deu de ombros. “Deve ter encontrado outro cliente.”

De repente, o bêbado lhe voltou à cabeça, rastejando de quatro ao lado do Porsche. De quatro! Era isso!

“Quanto o pediatra bebeu?”, perguntou, agitada.

“Alguns copos.”

“Quantos?”

“Eu não faço estatísticas.”

“Pense”, insistiu.

O careca fez uma careta. “Ele tomou bastante, uma garrafa de champanhe, no mínimo.”

No relatório dizia que Kieslinger estava alcoolizado — por isso, o legista e os homens da Kripo devem ter deduzido que ele havia bebido algumas taças de vinho ou champanhe no jantar beneficente, decidido caminhar até o metrô e tropeçado por cima da supostamente mal colocada barreira da obra.

A verdade era bem diferente. Sem querer, Rudi Burnout lhe havia mostrado a pista certa. Evelyn bebericou seu daiquiri, pagou-o, e colocou mais uma nota no balcão. O careca viu a nota e levantou as sobrancelhas, interrogando o motivo.

“Da próxima vez, dê um café forte ao Rudi antes de ele ir embora — eu lhe devo uma.”

Evelyn saiu do bar. Amanhã de manhã, a viúva de Kieslinger e seu advogado teriam uma bela surpresa.

1. Síndrome de *Burnout*, também chamada de síndrome do esgotamento profissional, foi definida pelo psicanalista Herbert J. Freudenberger como “um estado de esgotamento físico e mental, cuja causa está intimamente ligada à vida profissional”.

5

Terça-feira,
16 de setembro

O sol ainda não havia despontado no horizonte, e Walter Pulaski já dirigia seu carro pela B2, em direção à zona sul da cidade de Leipzig, na Alemanha. A luz dos faróis cortava a escuridão. Havia poucos carros na estrada. Normalmente, ele também ainda estaria na cama a esta hora, mas hoje telefonaram para a sua casa pouco depois das seis e o enviaram a Markkleeberg.

Pulaski saiu da via expressa, entrando na Seenallee. Jogou a bituca do cigarro pela janela aberta do carro, deixando entrar o ar fresco da manhã. Tinha de acordar. É verdade que a sua filha lhe havia feito um café da manhã rápido, mas ele precisou sair logo em seguida. Aqui fora o cheiro era diferente da cidade. Fazia tempo que ele não via tanto verde. Logo veria os parques e a orla do Lago Cospuden. Quando chegasse, a primeira coisa seria tomar um café. Grande, preto, forte e sem açúcar, não uma dessas porcarias em pó de máquina que faziam seu estômago se contorcer. Esperava que eles fossem capazes de fazer isso para ele.

Depois de várias tentativas para achar uma estação de rádio com sinal decente, desistiu e desligou o aparelho. O noticiário matinal já havia terminado mesmo, e certamente ainda não teriam falado nada sobre o ocorrido em Markkleeberg.

Minutos mais tarde, direcionou seu velho Skoda para as cercanias do jardim botânico. No final de um beco sem saída, chegou a um muro de pedra bruta, de uns dois metros de altura. O portão de ferro fundido estava aberto — ele estava sendo esperado. A lente da câmera afixada ao muro filmava cada um de seus movimentos. Deixou seu Skoda saltar sobre uma lombada e seguiu pelo bem tratado jardim. O gramado brilhava com o crepúsculo da manhã. Os irrigadores chiavam à esquerda e à direita, e as gotas d'água lambuzavam seu para-brisas. Ao final do caminho de cascalho estava o edifício de três andares, de tijolos aparentes. Era esse, então, o sanatório de que ele tanto ouvira falar. O prédio comprido, com suas alas laterais em forma de bangalô, parecia menor do que ele imaginara. Difícil acreditar que abrigava meia dúzia de unidades, várias salas de terapia e setenta quartos para pacientes.

Pulaski estacionou o Skoda na entrada. Tirou o paletó, pegou a pesada maleta do banco de trás e subiu pela escada, até a porta maciça de carvalho.

Psiquiatria e psicoterapia Markkleeberg, dizia a placa. Antigamente, as pessoas se referiam à instituição simplesmente como "hospício estadual". Agora era chamada de "Sino de Pedra", porque, ao cair da noite, o sino da capela ecoava até as margens do lago. Quando havia névoa sobre a água, a casa adquiria um aspecto sinistro, e realmente ainda havia pessoas que faziam o sinal da cruz quando o sino soava. Pulaski estava na profissão há tempo demais para ser supersticioso.

Ele tocou a campainha. Mexeu instintivamente no colarinho, para ajeitar a gravata, mas essa manhã ele havia se esquecido de vesti-la. Ela estava no escritório, e em casa ele não tinha nenhuma. Errado. Sua esposa lhe havia dado uma de presente, mas essa estava em alguma gaveta que ele já não abria há cinco anos. Ele já nem sabia que cor tinha a gravata.

Os médicos o deixariam entrar sem gravata. Até hoje, sempre o tinham recebido — não importa onde.

Depois de um segundo toque da campainha, uma mulher de óculos, jovem e loura, abriu a porta. Por um momento, olharam-se em silêncio.

Finalmente, ela apontou o painel com os horários de funcionamento. “Sinto muito, o horário de visitas às terças-feiras é a partir das dez...”

“Estou aqui para ver o cadáver”, interrompeu Pulaski.

A mulher estremeceu, e olhou-o desconfiada. Quem ela esperava? Manfred Krug[1]? Com efeito, Pulaski era especialista em desconfiança. Mas isso era algo que os médicos por trás desses muros ainda estavam por descobrir.

Como ela não o convidara a entrar, mas saíra para olhar se ele havia trazido mais alguém, Pulaski sacou do bolso a carteira de couro, abrindo-a para exibir seu distintivo.

“Walter Pulaski, departamento de investigações criminais de Leipzig. A senhora teria um café forte para mim?”

1. Manfred Krug: ator, cantor e escritor muito popular na Alemanha. Um de seus papéis mais conhecidos é o do comissário Paul Stoever, o qual interpretou em mais de 40 episódios do popular seriado de televisão *Tatort*.

6

O café até que não estava mal. Com a xícara fumegante na mão, Pulaski seguiu a mulher pelos corredores do sanatório.

Um homem de trinta e poucos anos, de jaleco branco, cabelos pretos penteados para o lado e óculos sem aro veio ao encontro deles. Apresentaram-se: seu nome era Steidl, tinha dois títulos de doutor e era o médico-chefe da psiquiatria de adultos. Talvez um pouco jovem para o cargo, pensou Pulaski, mas com os amigos certos tudo é possível. O médico, em princípio, não lhe pareceu antipático. Apenas não gostou da sua loção pós-barba. Além disso, notou que o duplo doutor evitou apertar a sua mão — e esse tipo de detalhes bastavam-lhe para formar uma impressão da pessoa.

“Onde estão os seus colegas?”, perguntou Steidl.

“Quais colegas?”

Steidl pareceu ter uma repentina falta de ar. “Eu pensei que vocês iam investigar o caso de morte, e...”

Pulaski refletiu.

Será que ele parecia não ser capaz de analisar um defunto? “Foi suicídio, não foi?”, procurou certificar-se. Pelo menos foi isso o que haviam dito no telefonema para a Kripo. “Se for verdade, resolveremos as formalidades em uma hora.”

E se não...

Cada feição do rosto e principalmente o olhar que Steidl lhe lançava diziam tudo. A essa altura, Pulaski achava que o médico nem fazia questão de esconder seus sentimentos. Isso mesmo, foi este velho acabado que a Kripo mandou! Um homem, cujos ataques de asma pioravam a cada ano, levando-o às vésperas da aposentadoria precoce, e que por isso assumia somente os casos de morte mais banais, que dispensavam uma equipe com médico-legista, fotógrafo e preservação de pistas. Um memorando simples, um pouco de trabalho de escritório — caso encerrado. A não ser que o promotor público decidisse outra coisa, e aí o departamento de homicídios ou a agência estadual de investigações criminais entraria na história. Porém, isso quase nunca acontecia. Os tribunais estavam sufocados em trabalho há anos. O suicídio de uma louca interessaria, no máximo, à imprensa sensacionalista.

“Onde está a defunta?”

“Em seu quarto.”

“Quem a encontrou?”

“Eu.”

“Quando?”

“Durante a visita matinal.”

Isso era óbvio. “E quando exatamente?”, perguntou Pulaski.

“Pouco antes das seis.”

“O que costuma acontecer nesse horário?”

“Administramos a dose matinal de medicamentos.”

“Isso não é trabalho dos enfermeiros?”

“Em alguns pacientes eu mesmo faço, para certificar-me de que realmente tomaram a sua dose.”

Se continuasse assim, não terminariam até que fosse tarde da noite. Pelo telefonema, tudo indicava tratar-se de um caso rotineiro. Por outro lado, o policial já estava mais do que acostumado a não ser recebido de braços abertos. Ninguém gostava de bisbilhoteiros na própria casa.

Pulaski pegou sua maleta e seguiu o médico pelo prédio, até chegarem a um longo corredor. Havia fileiras de portas de ambos os lados.

“Quem mais está a par do caso?”

“Meu diretor clínico, o doutor Wolf e minha assistente, Hanna... e mais ninguém.”

Hanna era a loura de óculos que o havia recebido e servido o café.

Pulaski bebeu um gole da xícara. Meu diretor clínico, não nosso diretor clínico. Mais um desses detalhes.

“Há quanto tempo o senhor é o médico-chefe aqui?”, perguntou Pulaski.

Steidl deteve-se. As sobrancelhas negras cerraram-se. “Isso tem importância?”

Pulaski balançou a cabeça. “Não.” Ele já conhecia a resposta. O moleque abusado estava no comando há no máximo quatro ou cinco meses. Imaginava-o repetindo cinco ou seis vezes em cada festa que agora ele era o médico-chefe da psiquiatria de adultos. Pulaski sabia que seus preconceitos ficavam mais acentuados com a idade.

Sua mulher sempre o lembrava disso quando conhecia alguém novo. Contudo, ele sempre respondia que era melhor ter uma opinião prematura do que nenhuma.

Steidl parou em frente à porta de número 27. Natascha Sommer, dizia a placa na parede. Um bonito nome.

Pulaski entrou. Steidl ficou parado à porta.

À primeira vista, Pulaski não encontrou qualquer sinal de arrombamento. O sol nascente lançava seus raios pelas lamelas da persiana. O quarto tinha tamanho suficiente para apenas uma cama, um armário, uma mesa com cadeira e uma pia. Pulaski notou que não havia toalha no gancho. Ele havia imaginado cenas como um salto pela janela, uma garota pendurada por um cinto no cano da calefação, ou até mesmo um lençol encharcado de sangue pelos pulsos cortados com um clipe enferrujado... Mas nada disso se via aqui.

Natascha Sommer não tinha mais que dezenove anos. Um ser frágil, de cabelos castanhos, curtos, um penteado juvenil e um narizinho empinado coberto de sardas. Seu belo rosto tinha traços característicos do leste europeu. Talvez ela viesse da Romênia, ou da Ucrânia.

Seus braços eram finos. Talvez não pesasse nem quarenta quilos.

A menina estava deitada de costas na cama — sem sinais de estrangulamento, nem de vômito —, tinha uma expressão quase serena. Se não fosse o olhar. Esse olhar aterrador!

Pulaski observou o uniforme do sanatório. Uma camisola bege com bolinhas azuis que chegava até os joelhos. A manga esquerda estava arregaçada. Natascha tinha uma agulha no braço, com uma seringa de 50 ml, grande o suficiente para anestesiar um cavalo.

Uma picada limpa. Intravenosa. Havia traços de sangue na parte inferior e no canto da seringa. Embaixo da cama, uma ampola. Vazia até a última gota.

No lado interno de seus pulsos, Pulaski notou as longas cicatrizes de uma tentativa de suicídio, que devia já ter vários anos. Às vezes passava muito tempo, mas a hora acabava por chegar, e então qualquer tentativa de ajuda vinha tarde demais.

Pulaski colocou a maleta e a xícara sobre a mesa, e deu a volta na cama. Natascha havia morrido há menos de duas horas. Suas pupilas ainda não estavam opacas. Pulaski fechou-lhe os olhos. “Ela tinha parentes?”

“Apenas um responsável legal, indicado pelo juiz”, respondeu Steidl. “Ela já era órfã quando chegou aqui.”

“Quanto tempo faz que o seu antecessor se aposentou?”, perguntou Pulaski, sem olhar para o médico.

“Há quatro mes...” Steidl não terminou a sentença.

Provavelmente, estava mordendo os lábios.

Pulaski sorriu interiormente. Vestiu luvas de látex e apanhou a ampola debaixo da cama. Perfalgan, 100 ml. Pela etiqueta, o preparado continha um grama de Paracetamol, um analgésico indicado em caso de enxaqueca, artrose ou dor de dente. Na rolha de borracha, Pulaski identificou dois furos. A garota havia enchido a seringa duas vezes, esvaziando a ampola.

Verificou a dobra do braço da menina. Ao lado do ponto onde a agulha havia furado a pele havia três outros furos. Evidentemente, duas tentativas frustradas de atingir a veia. A terceira e a quarta tiveram sucesso. Para que tanta complicação? Por que ela não havia usado uma agulha tipo borboleta? Além disso, suicídio por injeção era incomum em mulheres. Um simples corte nos pulsos seria o clássico. Ou ela teria aprendido com a experiência?

“A partir de quantos miligramas o Paracetamol é letal?”, perguntou Pulaski.

“Depende.” Steidl balançou a cabeça. “Com essa dose, daria para eliminar as dores de todos os pacientes da unidade. Mas letal? Improvável, mesmo para uma pessoa tão magra como Natascha.”

“Então não foi overdose?”

“Somente em combinação com álcool.”

Álcool. Pulaski guardou agulha, seringa e ampola em bolsas de plástico. Talvez não fosse necessário procurar por impressões digitais. Mas nunca dava para saber de antemão!

“Onde está a carta de despedida?”, perguntou, enquanto se levantava com dificuldade.

“Que carta?”

Pulaski indicou para as pontas dos dedos de Natascha. Havia restos de tinta azul na pele.

Antes que Steidl pudesse responder, Pulaski já havia chegado à mesa. “Se me permite?” Ele abriu a gaveta. Não encontrou nada além de um bloco de notas em branco, uma caneta-tinteiro, uma borracha e alguns lápis de cor.

Pulaski revirou as gavetas de roupas do armário. Nada.

Nos livros na estante também não havia bilhete algum. Ao lado de *Numa Fria*, de Bukowski, havia uma garrafa de gim quase vazia.

“Gim e Bukowski fazem parte da terapia?”

Pulaski não esperava resposta. Girou a garrafa, para ler a etiqueta. Cadenheads Old Raj Gin: 55% de álcool.

Letal — somente em combinação com álcool.

Ele havia dado um passo adiante, mas ainda não encontrara o que buscava. Em algum lugar, teria de haver um bilhete da garota!

Onde a havia escondido?

Steidl permanecia parado na porta. “Eu não penso que...”

“Pst!” Pulaski levantou a mão. Ele observava as finas feições do rosto de Natascha. Essa menina não se mataria sem deixar uma carta.

A tinta azul não tinha mais de um dia. Talvez apenas algumas horas. Essa garota tinha algo a dizer. Ele precisava encontrar.

Pulaski levantou a cabeça de Natascha, mas embaixo dela havia apenas o travesseiro. Abriu-lhe a boca e olhou para dentro da garganta. O cheiro do álcool veio a seu encontro. Gim. Ele conhecia o cheiro. Mas nada de bilhete. Finalmente, tateou por sua camisola. Uma sensação estranha se apossou dele quando passou por seu púbis e sentiu o elástico da calcinha por baixo do pano fino. Havia algo duro dentro da calcinha, que resistia à pressão de seus dedos — e não era um absorvente íntimo.

Pulaski suspendeu a camisola, desnudando o ventre da mulher. A calcinha branca era bastante justa.

“O que diabo o senhor está fazendo?”

Pulaski ouviu Steidl se aproximando ao seu lado.

“O que lhe parece?” Pulaski tateou com os dedos por baixo da calcinha e encontrou uma folha de papel, dobrada várias vezes.

Nela havia apenas algumas poucas frases, escritas com caneta-tinteiro.

7

Meia hora depois, Pulaski havia finalizado o exame do quarto. Fotografara a sala e o cadáver, coletara as impressões digitais de Natascha, empacotara a caneta-tinteiro, a carta, um pente e uma escova de dentes para a posterior análise de DNA. Recolhera também o diário encapado em couro que havia encontrado embaixo do travesseiro. Esperava que estivesse lá, pois sua filha fazia o mesmo. Como quase toda adolescente, ela também escrevia seus pensamentos e poemas em um caderno.

A letra no diário de Natascha era a mesma da carta de despedida. Não precisaria da opinião de um especialista para essa comparação. A última anotação era de sábado.

Natascha havia observado que seus pesadelos cessaram, e que agora se dava melhor com Sônia, sua terapeuta.

Nenhuma palavra sobre álcool. Nenhum sinal de depressão.

E, dois dias depois, essa carta de despedida:

As paredes se aproximam. Não aguento mais ficar neste quarto.

Pulaski deixou o trinco da maleta travar. “Vamos ao ponto que interessa.”

Steidl olhava-o, intrigado.

“De onde Natascha tirara o gim, a seringa e o remédio?”

Ao saírem do quarto, Pulaski selou a porta com um lacre, que colou sobre batente e fechadura.

“Isso é necessário?”

Pulaski pensava na carta. “Por agora, sim. Vamos ver o que mais acharemos.”

Faltava pouco para as oito da manhã. O sanatório já despertava e Pulaski precisava urgentemente de um cigarro. Dos quartos soavam vozes, nos corredores ecoavam o ruído dos sapatos e o chiado dos carrinhos rolantes. Mais alguns minutos e todos estariam sabendo que Natascha não compareceria como de costume ao café da manhã e ao posterior passeio matinal, porque estava morta em sua cama, com meio litro de gim e um grama de Paracetamol no corpo... e com uma carta de despedida na calcinha. Em que outro lugar ela poderia ter escondido a carta, com a certeza de que somente o necroscopista, o médico-legista ou um policial a encontraria? Somente? Quem mais estaria em questão?, pensou Pulaski.

Seguiu o médico-chefe até um cubículo com o letreiro “Farmácia”. A porta estava aberta. O cômodo sem janelas era feito de prateleiras, uma geladeira e vitrines com trancas, nas quais centenas de ampolas, pomadas e caixas de medicamentos se empilhavam. Nos armários abertos havia cobertores, seringas, gazes, pacotes de curativos e termômetros clínicos. A sala tinha um fedor angustiante de hospital. Um cheiro, que, desde a morte da sua esposa, era o que mais odiava no mundo.

Ao lado da farmácia ficava a sala das enfermeiras.

Agora mesmo saía da sala um homem alto, com uma densa barba e sobrancelhas espessas. Devia ter a idade de Pulaski e não precisou apresentar-se: Dr. Heinrich Wolf estava escrito no bolso do seu jaleco.

Steidl já havia mencionado o diretor clínico — que evitou apertar a sua mão. Pulaski não havia esperado outra coisa. Odiava médicos ainda mais que o odor de medicamentos e hospitais. E esse dr. Wolf ainda por cima se parecia com ele. Não apenas pelos dedos amarelados, que o identificavam como forte fumante. Suas feições eram igualmente gastas, amarguradas e cínicas. Ele as olhava todas as manhãs enquanto se barbeava, perguntando-se até quando suportaria esse trabalho. Sem dúvida, os dois pertenciam à mesma matilha. Ele reconhecia seus pares à primeira vista. Contra esse, o astuto médico-chefe era tão inofensivo como um revólver de senhora com a espoleta molhada. Até onde Pulaski sabia, dr. Wolf havia feito um eletrocardiograma em Natascha, declarado sua morte, emitido a certidão de óbito e chamado a Kripo. Normalmente qualquer médico rural assumiria essa tarefa, mas, nesse caso, isso não havia sido necessário. A impressão que Pulaski ganhara até o momento era de que essa clínica dispunha de médicos demais para o seu gosto.

Pensou outra vez na carta.

São sempre outros que vêm durante a noite.

Quem, Natascha? Os médicos?

Pulaski entrou no cubículo. “Esta sala fica sempre aberta?”

Wolf encostou seu corpo massudo na porta e olhou para dentro da sala. “As vitrines com os psicofármacos e medicamentos restritos ficam trancadas. Este é o regulamento.”

Tudo de acordo com o regulamento. Naturalmente. Contudo, seu bom-senso lhe dizia que a sala deveria ser destrancada somente na hora da retirada dos medicamentos.

“As enfermeiras precisam ter acesso rápido aos curativos”, complementou Steidl. “Não é necessário que a sala fique trancada.”

“Não é necessário?” Pulaski abaixou-se com um gemido. “Então faça-me um favor, e dê mais uma olhada no quarto 27.”

Com que espécie de idiotas estava lidando?

Pulaski tirou algumas fotos, então juntou os cacos de vidro para o lado e ajoelhou-se em frente à vitrine. Havia fibras de pano azul nas bordas do vidro quebrado. Enquanto punha alguns cacos de vidro em um saco plástico, Wolf e Steidl cochichavam às suas costas. Um pouco tarde para se combinarem, pensou.

“Nenhuma das enfermeiras da noite ouviu nada”, rosnou Wolf.

Não era de se admirar. Pulaski examinou o pedaço de pano azul que encontrou embaixo de uma prateleira. A toalha que faltava no quarto de Natascha. “Alguém abafou o som do vidro se quebrando com esta toalha, e removeu os cacos cuidadosamente”, explicou.

“Alguém?”, repetiu Wolf. “Quem além de Natascha poderia ter feito isso?”

“Eu é que lhe pergunto!” Pulaski não pôde evitar o tom de cinismo em sua voz. Parecia que todos neste estabelecimento estavam convencidos de que a garota havia cometido suicídio. Entretanto, uma pessoa instável podia ser levada ao suicídio.

Wolf cerrou as sobrancelhas. “Steidl me disse que o senhor encontrou uma carta de despedida. O que há nela?”

“Tenho certeza de que todos aqui estão ávidos por saber”, respondeu Pulaski, escasso. “Contudo, trata-se de uma prova. Não posso mostrá-la a ninguém.”

Os intervalos estão diminuindo. Eles continuam vindo, de novo e de novo.

Quem, Natascha? Os médicos?

Na escuridão.

A dor!

Pulaski pensava na carta — e no lugar onde Natascha a havia escondido. A dor! As palavras escritas seriam um prato cheio para qualquer psiquiatra legal. Após sua leitura, o promotor certamente autorizaria a autópsia, sem vacilar. Quanto tempo fazia que Pulaski havia requerido a última autópsia? Cinco anos? Meu Deus, será que ele realmente já estava a tanto tempo trabalhando no setor de emergências que o pensar em uma autópsia o remetia à eternidade?

A dor!

Ele tinha de descobrir se havia indícios de estupro, ou, talvez, Natascha até estivesse grávida.

Contudo, havia algo de errado aqui. Em seu diário não havia menção alguma que pudesse indicar abuso sexual. Somente a sua carta de despedida — que, sem dúvida, foi escrita por ela.

Mas por que Natascha havia escrito sobre isso somente agora? Poucas horas antes da sua morte? A tinta azul nas pontas dos dedos. Por que só agora? A seringa enchida duas vezes. Intravenoso, na dobra do braço. Algo aqui não encaixava.

E, de repente, a resposta lhe veio à mente.

8

Pulaski empurrou Wolf para o lado e correu de volta em direção aos quartos. Ofegante, arrancou o lacre da porta e precipitou-se para dentro do quarto de Natascha. Arregaçou a manga da camisola da garota morta até o ombro e olhou fixamente. Claro. Era isso. Caramba, como isso havia podido lhe escapar? A tinta azul nos dedos. O furo na dobra do braço.

A loura de óculos, assistente do médico-chefe, que lhe havia dado café essa manhã, passou em frente à porta e olhou para dentro. Steidl e Wolf chegaram por trás dela e a empurraram para o lado.

Steidl tocou no lacre rompido. “Eu pensei que o senhor houvesse terminado.”

“Eu também.” Pulaski dirigiu-se à mulher. “Hanna, certo? Por favor, traga-me outro café forte. Preto. A garrafa inteira.”

O diretor Wolf quis juntar-se a Pulaski no quarto, mas o policial sinalizou que não. “Ninguém entra no quarto, ninguém toca em nada. O mesmo para o armário de medicamentos — e isso vale até que meus colegas da equipe de preservação de pistas tenham vindo e terminado o seu trabalho. Enquanto isso, preciso de todas as gravações das câmeras de segurança do portão das últimas 24 horas.”

O diretor Wolf quis responder algo, mas Pulaski cortou-lhe a palavra. “Além disso, quero uma lista de todos os médicos,

terapeutas, enfermeiros, pacientes e de todo o pessoal da casa, assim como o prontuário completo de Natascha Sommer...”

“Mas...”

“... e não me venha com o papo de sigilo médico. O promotor público me daria uma ordem judicial de busca em 24 horas.”

Hanna e seu chefe, Steidl, fitavam-no com as bocas abertas.

Apenas o diretor Wolf manteve a postura. Seus dentes rangiam.

Algo passava por sua cabeça.

“E eu quero falar com a terapeuta de Natascha, a tal Sônia”, concluiu Pulaski.

“Mas como? A doutora Willhalm não se encontra aqui hoje.”

“Ela está no exterior?”

Wolf sinalizou que não com a cabeça.

“Então traga-a para cá!” Pulaski dirigiu-se novamente à assistente. “Hanna, por favor, bata na porta quando trouxer o café.”

Pulaski fechou a porta na cara deles. Por alguns segundos, ouviu seus murmúrios. Depois, tirou o celular do bolso do paletó e discou o número de seu chefe.

Enquanto escutava o telefone chamando, buscou o maço amassado de cigarros no bolso. Como iria chegar até o final do dia com apenas mais três cigarros?

Precisava de um médico-legista o mais rápido possível, que pudesse examinar o defunto no local e depois levá-lo para a patologia. O atestado de óbito desse doutor Wolf não lhe servia. Seria preciso fazer uma autópsia de verdade.

Além disso, precisava de um parecer grafotécnico, para verificar se a carta de despedida e as anotações no diário haviam realmente sido escritas pela mesma pessoa. Ele podia ter se enganado.

Ainda chamando! Não havia ninguém no escritório que pudesse atender?

Também precisava ligar para a sua filha para avisar que não iria almoçar em casa como de costume.

Provavelmente também não iria para o jantar. Voltaria para casa tarde na noite... Se é que voltaria. Este não se tratava de um caso rotineiro, que pudesse ser resolvido com um simples relatório. Não bastaria um pouco de trabalho de escritório. Pois Natascha tinha uma característica que havia escapado a seu assassino. Por um triz, ele mesmo não se dera conta. O braço esquerdo da garota era mais forte que o outro. A tinta estava nos dedos da mão esquerda. Ela era canhota.

Finalmente, alguém atendeu. Horst Fux, o chefe da delegacia.

Pulaski nem deixou que seu superior falasse. “O caso da garota em Markkleeberg não se trata de suicídio.”

“O que o faz ter tanta certeza?”

Pulaski olhou para o furo deixado pela agulha. “Uma canhota nunca se aplicaria uma injeção no braço esquerdo.”

9

Em todos os seus anos como advogada, Evelyn Meyers nunca havia visto um rosto tão amargurado como o da viúva de Kieslinger depois que lhe contou como seu marido havia morrido naquela noite, em frente à entrada do Entre-Nous.

O garçom do restaurante no centro de Viena acabava de trazer as bebidas. No entanto, o planejado almoço não mais aconteceria. A viúva ignorou seu copo de vinho, olhou primeiro para o seu advogado, que rabiscava anotações no seu caderno, e depois para Evelyn, fixando-a novamente com aquele olhar, para o qual deveria ser exigido porte de arma.

“A jovem senhora gostaria de repetir sua declaração desaforada antes que meu advogado tire o seu couro por difamação?”

Isso era típico. Sempre a mesma ameaça, pensou Evelyn. A voz gelada da mulher combinava com seu olhar insensível. Mas ela não se deixou intimidar.

“É claro.” Evelyn debruçou-se para a frente, e falou pontuada e vagarosamente. “Seu marido passou apenas uma hora no evento beneficente em favor de crianças com câncer do Hospital Sankt Anna. Depois disso, dirigiu seu Porsche até o Entre-Nous, uma boate, onde embebedou-se, como de hábito. Nessa ocasião, em companhia de uma jovem mulher. Depois cambaleou de volta ao seu carro.”

A viúva, que mantinha os estreitos óculos de leitura nos cabelos emperiquitados e usava anéis de ouro que valiam mais do que o

carro de Evelyn, fitava-a com seu olhar gelado.

“Há testemunhas, que podem confirmar a história”, adicionou Evelyn, como de passagem.

A viúva esboçou um sorriso amarelo. O batom excessivo colava em seus dentes postiços — algo que Evelyn desprezava profundamente.

“Ao sacar a chave do carro do bolso, em frente à obra, ela escapou da mão dele e caiu no bueiro aberto. Ele saltou a barreira, rastejou de quatro até a abertura, esticou-se para apanhá-la, perdeu o equilíbrio e deslizou pelo fosso, ficando entalado e, consequentemente, se afogando...”

Evelyn havia feito a aposta certa. Pela expressão no rosto da viúva, ela não sabia do Porsche nem da vida noturna de seu marido. Surpreendentemente, isso parecia interessar-lhe tão pouco quanto a causa da morte. O perigo de perder alguns milhões em indenizações estava se tornando demasiadamente real.

Enquanto a viúva de Kieslinger permanecia boquiaberta, provavelmente imaginando seu dinheiro desaparecer, o advogado mantinha-se contido. Como sempre, o doutor Jordan mantinha sua expressão impassível, mesmo quando sabia que o caso estava perdido. “E como pretende provar isso em tribunal, minha cara colega?”

Minha cara colega! Evelyn achava ridículo ser tratada nesse tom presunçoso, como se estivesse no seu primeiro ano como escriturária. Ela não tinha de provar nada a ninguém.

Evelyn depositou a chave ao lado do copo de vinho da sra. Kieslinger. “Esta chave estava num cano lateral do canal de esgoto. Divirta-se com o Porsche do seu marido.”

A viúva ajeitou os óculos sobre o nariz, e fixou o objeto com o olhar. “O carro não me pertence”, disse ela. “Mas pertencia ao seu

marido.” Entregou-lhe uma cópia do documento do departamento de trânsito. Então, lembrou-se dos preservativos. “Dê uma olhada no porta-luvas.”

A viúva quis revidar, mas o doutor Jordan antecipou-se. “Um momento...” Examinou a cópia com atenção. Finalmente, jogou seu caderno de anotações dentro da maleta, fechou-a e levantou-se da mesa.

“Retiraremos a queixa contra a construtora”, disse, sem sequer consultar sua cliente.

Agora ela o pegara! Ele retirava a queixa e metia o rabo entre as pernas, como se dizia entre advogados — a melhor decisão que ele podia tomar nesta situação.

A viúva havia perdido a voz. Quando um advogado levava sua cliente para um encontro com a parte adversária, sempre acabava em aborrecimento — normalmente as emoções fervilhavam, e Evelyn não fazia a mínima questão disso.

“Até a próxima, senhor colega.” Apertou a mão do doutor Jordan e acenou com a cabeça para a viúva.

Ao sair do restaurante, pôde ouvir o berreiro da sra. Kieslinger. O doutor devia estar explicando-lhe as circunstâncias, que, certamente, ela não entendera. E ela devia ficar contente de sair dessa com tão poucas consequências. O tribunal teria rejeitado a queixa no primeiro dia de audiência. Ela não receberia um centavo, e, no melhor dos casos, arcaria com os custos do processo e do advogado. No pior, a imprensa arrastaria a reputação póstuma do seu marido pela lama. Que vergonha! Evelyn bem sabia o quanto os jornais exageravam.

Renomado pediatra morre afogado em canal de esgoto, depois de embebedar-se em bordel...”

Com isso, o caso estava encerrado.

O sol do meio-dia aquecia agradavelmente a rua, e Evelyn ouvia o ruído dos cascos e os relinchos dos cavalos, que puxavam as charretes com os turistas na Stephansplatz.

No caminho, ligou do celular para tio Ian, o amigo de seu pai. Acabara de salvar o empreiteiro da ruína.

Ao entrar na firma, Krager a esperava no saguão.

Ele olhou o relógio. “Como foi?”

Ela conhecia aquela expressão — significava que ela tinha, no máximo, três minutos. O próximo compromisso de Krager já esperava.

“Expliquei as circunstâncias ao doutor Jordan.” Evelyn descreveu o encontro.

Ao terminar, Krager sorriu. “Morte por irresponsabilidade própria, nenhuma culpa de terceiros. Grandioso, Evelyn. Eu mesmo não teria feito melhor.” Ele colocou a mão sobre o ombro dela, intimamente.

Evelyn contraiu-se. Ele sabia muito bem que ela não gostava disso, e mesmo assim sempre repetia o gesto! Dessa vez, ela não disse nada, mas Krager deve ter notado seu olhar, pois tirou a mão rapidamente.

“Vá até a secretaria, mandaremos uma conta suculenta ao escritório do Jordan, com todos os nossos gastos.” Krager virou-se e saiu apressado para o seu próximo compromisso.

“Amanhã falaremos sobre o seu próximo caso.” E, no mesmo momento, havia desaparecido.

O próximo caso! Mal posso esperar, pensou Evelyn, sarcástica. Krager aceitava somente clientes grandes e lucrativos como mandantes, com os quais pudesse ganhar muito dinheiro. Não se

interessava por bagatelas, e por isso mesmo deixava os casos verdadeiramente interessantes de lado. Mas ela estava farta de esmagar pequenos demandantes particulares perante o tribunal para que as corporações pudessem seguir lucrando alegremente. Ela gostaria mesmo era de assumir casos criminais — mas sua voz interna lhe dizia que o tempo para isso ainda não havia chegado.

Evelyn entrou em seu escritório. Os colegas haviam deixado para ela uma garrafa de champanhe e uma bandeja com as sobras da festa de 25 anos. Levantou a folha de alumínio. Caviar e salmão! Ela amava peixe, mas agora estava sem apetite. Pelo menos Bonnie e Clyde ficariam contentes. Jogou seu blazer sobre a poltrona, descalçou os sapatos de salto alto, e deixou-se cair na cadeira. Então, abriu a garrafa e encheu uma taça.

“À vitória.” Brindou consigo mesma. Sobre sua escrivaninha havia uma foto de seus pais — uma das últimas antes do acidente — e uma de Bonnie e Clyde, que, com apenas dez semanas de idade, dormiam lado a lado em um cesto. Essa era a sua família. Dois gatos cinzentos, malhados como tigres. Não havia outros pertences no escritório, além de alguns cactos no parapeito da janela — espinhentos como seu temperamento, como havia formulado um colega. Outros a chamavam de ouriço, porque ela era capaz de enrolar-se e esticar seus espinhos — o que também não era mais galante.

Seus armários estavam cheios de pastas e apostilas jurídicas e sobre a sua mesa empilhavam-se os papéis do caso do bueiro: dúzias de protocolos, fotos e anotações.

Evelyn começou a arrumar a papelada. Ao chegar às fotos da câmera do caixa eletrônico, teve novamente aquela estranha sensação de *déjà-vu* que havia sentido há alguns dias, no tribunal. A sensação esquisita e o frio na barriga teriam algo a ver com essas imagens?

Fixou seu olhar nas fotos. Elas tinham algo a lhe dizer. Mas o quê?

Evelyn examinou a série com mais atenção. Haviam sido tiradas na noite da morte de Kieslinger. A obra somente podia ser vista no canto esquerdo. Em princípio, as fotos eram irrelevantes, pois o bueiro aberto ficava fora do campo de visão. Contudo, eram as únicas fotos existentes do local na hora do acidente, e haviam sido conseguidas por Patrick, um amigo e detetive particular. É claro que a Kripo também tinha acesso a elas — eles as haviam obtido primeiro, diretamente do departamento de informática do banco. Mas a preservação de pistas não havia descoberto mais que Evelyn.

Ela bebeu um gole de champanhe, e seguiu estudando as fotos. O buraco no asfalto, os baldes e as pás, as vigas de madeira e ferragens, a betoneira, o luminoso do Entre-Nous ao fundo. A entrada estava fora do campo de visão, caso contrário talvez desse para reconhecer Kieslinger ao sair da boate.

Na imagem seguinte havia um homem na frente da lente, que sacara dinheiro e sumira. Folheando o conjunto rapidamente com o polegar, via-se um filme. E então, de repente, ali estava a garota: magra, uns vinte anos, com um vestidinho leve de verão. A garota! Evelyn aprumou-se na cadeira. Ela estava sob a luz do poste e olhava para a rua. O pulso de Evelyn acelerou. Remexeu a gaveta, em busca da lupa. Na foto seguinte, a mulher estava mais próxima à câmera, depois havia desaparecido. O tempo todo, Evelyn havia se concentrado nas circunstâncias da obra, sem dar atenção à jovem mulher. Seria ela a loura que havia bebido com Kieslinger na boate?

Evelyn ligou o computador, abriu a pasta com os
e-mails recebidos e clicou no de Patrick. Ele havia enviado as fotos anexas. Ela aumentou a foto em questão, deu zoom na garota, clareou o fundo e aumentou o contraste.

A menina não podia ter mesmo mais de vinte anos, parecia pálida e frágil e usava um vestido azul de alças finas. Os longos

cabelos louros pareciam tão finos como o restante de sua aparência.

Apesar do calor de verão, um calafrio percorreu as costas de Evelyn. Afinal havia encontrado a razão do *déjà-vu*.

Ela conhecia a garota. Mas de onde?

10

Há horas Evelyn estava em seu escritório, contemplando a foto da garota de vestidinho azul. A impressão colorida não era muito nítida, mas o que dava para ver era o suficiente.

Ela sabia que já havia visto essa moça antes, mas quanto mais esforçava seu cérebro, menos se lembrava — como se a resposta estivesse na ponta da língua e, ao mesmo tempo, tão longe que não podia agarrá-la.

Além disso, Krager estava fungando em seu cangote. Ele queria passar-lhe um novo caso. Geralmente se tratava de esmagar as pequenas empresas concorrentes de seus clientes. Por outro lado, havia histórias como o caso que mencionara recentemente, do político que fora nocauteado por um rádio de pilhas enquanto dirigia porque o *airbag* se abrira. Por sorte não havia sido ela quem assumira o caso, e sim o parceiro de Krager, Holobeck. A negociação havia sido um fiasco, porque...

Evelyn deteve-se. Colocou a taça e a garrafa de lado e fitou a foto novamente. A menina de cabelos finos com o vestido azul de alcinhas! “Agora eu sei de onde a conheço”, sussurrou.

O caso do *airbag* do Holobeck! Pegou sua agenda da bolsa e folheou-a, voltando algumas semanas. No começo de agosto havia almoçado com Peter Holobeck no Andante, um restaurante italiano no centro de Viena. Haviam comido o prato do dia, uma salada de frutos do mar com camarões gigantes, sentados no jardim do restaurante, e declararam a conta como almoço de negócios — o que era verdade. Holobeck tinha a idade de Krager, se não mais.

Contudo, mesmo que fosse trinta anos mais jovem, não havia perigo, pois ele era homossexual — ela sabia disso mesmo sendo ele quem contava todas as piadas de gays.

Aparentemente, o ataque continuava sendo a melhor defesa.

Evelyn releu as anotações que havia feito durante o almoço. Holobeck queria discutir um de seus casos com ela, a título confidencial. Até onde se lembrava, o assunto envolvia o vereador de Munique, Heinz Prange, dirigindo em alta velocidade por uma estrada montanhosa nos Alpes bávaros. Quando o carro passou por uma ondulação na pista, o rádio portátil que, por motivos não explicados, encontrava-se no console, bateu contra o volante, supostamente acionando o *airbag* e arremessando o aparelho na cara do motorista. Pelo menos fora essa a declaração de Holobeck perante o tribunal. O vereador tinha morrido na hora, e sua viúva queria processar a empresa fabricante do *airbag*. Como a sede da empresa ficava em Graz, a viúva alemã decidira contratar a Krager, Holobeck & Partner. O motivo pelo qual Holobeck decidiu ignorar, pela primeira vez, os princípios do escritório e representar uma pessoa física contra uma empresa ninguém conhecia. As chances de ganhar o processo eram boas, mas, no fim das contas, a coisa acabou diferente do esperado: o advogado da empresa de Graz, um tubarão num terno risca de giz, conseguiu provar à corte que o *airbag* se abrira corretamente, pois Prange havia batido o carro contra uma rocha. Não houve responsabilidade de terceiros! Três peritos confirmaram essa declaração, e Holobeck não conseguiu arranjar um parecer contrário. Num estalo, o caso foi encerrado. Holobeck perdeu.

Evelyn olhava, perdida em pensamentos, para a xícara vazia ao lado do monitor. Os personagens de quadrinhos Frajola e Piu-Piu sorriam para ela. Acabe com eles, dizia o letreiro na xícara. “Se não, eles acabam com você!”, completou Evelyn em pensamento. Tinha de concentrar-se no encontro no restaurante. A maioria dos clientes já havia ido embora quando Holobeck espalhara toda a papelada do

caso sobre a mesa, prendendo as folhas com cinzeiros para que não voassem. Um protocolo havia sido o mais interessante: testemunhas teriam visto o vereador Prange sentado em um café em Bad Reichenhall, acompanhado de uma jovem, que depois o acompanhou em seu carro. Entretanto, apesar da descrição detalhada, a mulher não foi encontrada. Possivelmente ela poderia ter dado uma virada no caso, ou ao menos esclarecido de onde surgira o rádio portátil que havia destroçado a testa de Prange.

Em algum lugar na papelada de Holobeck havia uma descrição detalhada daquela mulher. Evelyn tinha de consegui-la!

Mais uma vez, Evelyn voltou à foto da garota. O cabelo fino e as alcinhas... Estaria enlouquecendo? Sofria de alucinações?

Afinal, pegou o telefone e discou o número de Holobeck. A ligação foi encaminhada do escritório para a recepcionista, que lhe informou que Holobeck havia saído de férias ontem, e que tinha aparecido na firma à noite somente para participar da festa de 25 anos.

Evelyn ligou para o celular privado de Holobeck.

Ele tinha uma cobertura no 23º andar do futurístico condomínio Alt-Erlaa, uma construção monstruosa, com sacadas gigantescas, galerias e terraços. Certamente, Holobeck passaria seus dias de férias em casa. Ele nunca viajava, além de visitas ocasionais à Tailândia.

Depois do quinto toque, ele finalmente atendeu. Ao fundo, ouvia-se o rádio tocando.

“Doutor Holobeck, aqui fala Evelyn Meyers.”

“Sim...?”

Evelyn estacou. Onde estava o usual Olá-minha-flor-de-cacto-o-que-posso-fazer-por-você?

“Gostaria de ter uma conversa rápida sobre o caso do *airbag*. Os Alpes de Berchtesgaden, o senhor está lembrado?”

“É claro que sim. O que você quer saber?”

Por que tão brusco? Nenhuma piadinha, como de hábito? Nem parecia a mesma pessoa. De súbito, sentiu aquele formigamento quente que sempre lhe atacava o estômago quando sabia que algo estava errado.

“Por que, neste caso, o senhor decidiu pela primeira vez representar uma pessoa física contra uma empresa?” Evelyn queria ter feito a pergunta naturalmente, mas sabia que não havia conseguido.

“Evelyn, o que você quer saber?”

Tudo bem. Ela respirou fundo. “Quero pedir-lhe para me deixar ver o dossiê. Estou vendo uma conexão com um caso meu que...”

“Os dois casos não têm conexão”, interrompeu-a.

Ele estava de férias desde ontem — como poderia saber sobre qual caso ela falava? Outra vez a sensação no estômago.

“Eu...”

“Evelyn, fique fora disso.” Ele deteve-se. “Um momento, por favor. A campainha.”

Ela esperou. Céus, o assunto era mais difícil que pensara. O que haveria de errado se ela pegasse o dossiê e desse uma olhada nos protocolos? No jardim do Andante ele não havia feito tanto mistério. Ao contrário, estava interessado na opinião dela. E agora?

Escutou seus passos pelo apartamento.

Mais um toque da campainha. O tinir da trava da fechadura.

Silêncio.

E então a voz distante e abafada de Holobeck. “Você...?”

Logo depois, a ligação caiu.

11

Walter Pulaski estava sentado na sala de reuniões da Sino de Pedra, a clínica psiquiátrica de Markkleeberg.

Psicoterapia moderna para lá e para cá — em princípio, a casa continuava sendo o que sempre foi: o hospício estadual.

Pulaski começava a acreditar que os neurologistas, terapeutas e especialistas em psicoses, traumas e depressões que trabalhavam dentro desses muros eram tão lesados quanto alguns dos pacientes. Talvez o comportamento estranho dos funcionários se devesse também ao fato de alguém ter assassinado Natascha Sommer, a jovem paciente do quarto 27, com uma garrafa de gim e uma overdose de Paracetamol. Salas lacradas pela polícia, uma médica-legista que vinha buscar um cadáver e dois especialistas em preservação de pistas com lâmpadas, escadas e grandes maletas, que fotografavam e empacotavam tudo que pudesse ter algo a ver com a morta, tudo isso não eram coisas que se viam diariamente.

Quando chegaram, os colegas ainda riam de Pulaski e faziam mímicas de escárnio às suas costas — o que, obviamente, não lhe havia escapado. Meike, a médica-legista, havia verbalizado as ressalvas. Esse espalhafato todo é mesmo necessário? Está na cara que a moça aplicou ela mesma a injeção. Como sempre, todos preferiam o caminho do mínimo esforço. De maneira alguma fazer mais que o estritamente necessário!

Depois que Pulaski havia mostrado a carta de despedida à legista, e lhe explicado que uma canhota não aplicaria duas injeções gigantescas com um total de 100 ml no seu braço esquerdo, ela

havia ficado pensativa. É claro que teria sido mais fácil se o velho Pulaski — que havia sido um grande investigador do LKA[1], e que agora, devido aos seus ataques de asma, fazia apenas investigações de rotina — tivesse pirado e visse assassinatos onde não havia. Mas não era esse o caso.

Por volta do meio-dia, quando os colegas iniciavam seu trabalho, Pulaski havia dito claramente duas coisas a eles: em primeiro lugar, queria saber, o mais rápido possível, se Natascha havia sido estuprada e se talvez até estivesse grávida. Segundo, era necessário esclarecer, por meio de perícia, se as caligrafias da carta e do diário eram realmente da mesma pessoa. E então ainda restava a questão da causa da morte. Uma garrafa de gim e um grama de Paracetamol eram mesmo suficientes para mandar uma garota de quarenta quilos para o além?

Agora já eram três horas da tarde. Pulaski estava sentado diante de uma montanha de documentos na sala de reuniões da clínica.

Hanna, a loura de óculos, assistente do médico-chefe, era forçada a ocupar-se dele, abastecendo-o, de má vontade, com café fresco, sanduíches e um maço de Ernte 23 que havia conseguido em algum lugar. O cinzeiro estava cheio. Apesar da janela aberta, a sala estava esfumaçada. Era um dia quente de setembro. O sol ainda estava bem alto no céu e as grandes tílias prateadas lá fora sussurravam ao vento.

Ouvia-se um cortador de grama ao longe. Por vezes, a brisa trazia o cheiro de folhas e da grama recém-cortada. Mas Pulaski estava demasiadamente entretido com a papelada para pensar em esticar as pernas no parque.

Seu celular tocava constantemente. Quando não era Horst Fux, seu chefe, para distraí-lo com novas perguntas a cada hora, era alguém da imprensa que havia descoberto o que acontecera, ou algum colega da preservação de pistas, ou o promotor público que queria ver fatos e dados concretos antes de mandar qualquer

requerimento ao tribunal. Mas como Pulaski deveria produzir provas concretas sem um mandado de busca e apreensão? O cachorro mordia o próprio rabo! Como sempre!

Enquanto isso, todo o pessoal do hospital já estava sabendo o que havia se passado no quarto 27. Heinrich Wolf, o diretor clínico com os trejeitos desajeitados de um urso-pardo, já havia acionado os advogados da clínica, que observavam cada movimento de Pulaski. Graças à intervenção de Fux, Pulaski podia examinar os papéis sozinho na sala de reuniões, sem um bando de advogados sentados em seu colo. Mas por quanto tempo? Esta manhã, quando chegara, os médicos ainda se surpreenderam por ele não ter trazido uma dúzia de colegas. Agora queriam se ver livres dele o quanto antes — e quanto mais perguntas incômodas fazia, mais crescia o muro do silêncio. Enquanto examinava os primeiros documentos, o jogo político já fervilhava às suas costas. Logo o prefeito de Markkleeberg estaria envolvido na coisa e, quando os primeiros carros da imprensa estacionassem na frente do portão e os repórteres sacassem suas câmeras, acabaria o sossego. Afinal, as eleições estavam chegando. Um péssimo momento para um assassinato numa clínica estadual.

Pulaski havia visto mais de uma investigação acabar num beco sem saída porque o promotor de repente encerrara o caso e declarara, em entrevista coletiva, que após “intensas” pesquisas, havia-se constatado que a vítima se suicidara mesmo. Às vezes, os investigadores questionavam a versão oficial, mas eles também apenas faziam o seu trabalho — principalmente se o promotor recebesse uma ordem do Ministério da Justiça. Tudo isso não era correto, mas acontecia.

Aqui também, nos bastidores, já começava a armar-se o teatro de marionetes. Poder e posições, a reputação da clínica, a distribuição de cargos e salários e grandes somas de dinheiro público, que fluíam para o sanatório ano após ano, estavam em jogo. Quem era bem relacionado ficava no topo da árvore —

Natascha, a garota com o penteado juvenil, os traços eslavos e as sardas no narizinho empinado, havia caído do seu galho. Uma órfã sem parentes, que vivia há dez anos num hospício. Sua morte não interessava a ninguém, e, aos olhos de muitos políticos, levantava muita poeira desnecessária. Mas a opinião de Pulaski era outra.

Por isso tinha de trabalhar depressa. Precisava encontrar as primeiras pistas e conexões concretas antes que Fux ligasse de novo. E isso podia ser logo.

“Junte suas coisas e venha para a delegacia. Acabo de falar com o chefe de polícia. O caso foi encerrado.”

Pulaski tinha a sensação de que havia algo de podre nesta clínica.

Bastava olhar nos olhos do diretor clínico, barbudo e cínico, para saber que ele estava escondendo alguma coisa.

Pulaski acabava de apagar mais um cigarro no cinzeiro quando bateram na porta.

Hanna, que trazia duas grossas pastas nos braços, vacilou por um momento diante da nuvem de fumaça antes de entrar na sala que ele havia transformado em escritório.

“O senhor devia fumar menos.”

“Obrigado, eu sei. Asma e cigarro são como fogo e gasolina — pelo menos é o que diz a minha filha.” Pulaski sorriu. Outros colegas bebiam para afogar as frustrações e o estresse da profissão, e ao meio-dia já estavam chapados. Ele ao menos era vegetariano, praticava esporte regularmente e não bebia uma gota de álcool. Havia prometido à sua filha, e cumpria suas promessas. Um pai solitário tinha de saber manter compromissos. Seus únicos vícios eram o cigarro e os litros de café preto — esse era o seu jeito de lidar com o peso do trabalho e também com o da vida particular.

“O que você trouxe para mim?”

Hanna colocou as pastas sobre a mesa. “Uma lista de nomes de todos os funcionários, com seus dados cadastrais.”

“Isso foi rápido. Não esperei nem seis horas por ela”, retrucou Pulaski. “Os prontuários dos pacientes também?”

“Esses o diretor não quer liberar.”

Sigilo médico! Pulaski teria de fazer pressão junto ao promotor. Precisava dos prontuários, principalmente o de Natascha Sommer.

“De quantas pessoas estamos falando?”, perguntou Pulaski.

“Vinte médicos, catorze terapeutas, vinte enfermeiros, cinco assistentes sociais, setenta pacientes e cerca de dez funcionários.”

Bem decorado! Pulaski abriu a primeira pasta e espalhou as folhas na mesa, como as cartas de um baralho. 140 pessoas. Fux diria que são 140 testemunhas.

A opinião de Pulaski era diferente.

Para ele, eram 140 suspeitos.

1. LKA: Agência estatal de investigações criminais.

12

O exame dos dossiês não havia dado em nada. A maior parte dos funcionários — porteiros, cozinheiras, jardineiros, eletricistas, faxineiros — vivia nas cercanias do sanatório, em Dölitz, Knauthain ou Großdeuben, e trabalhavam na Sino de Pedra há pelo menos dez anos. O mesmo valia para os terapeutas e médicos especialistas. Os enfermeiros, por outro lado, iam e vinham. Parecia ser comum, para esses profissionais, mudar de clínica a cada um ou dois anos, provavelmente devido à fadiga que este trabalho causava.

O diretor clínico tinha uma posição especial. Até onde Pulaski podia reconstruir, depois de cada eleição estadual um novo diretor era nomeado. O preenchimento desse cargo era então um fator político, e Pulaski não queria nem pensar no assunto, pois lhe fazia subir a bile.

Terminada essa pasta, voltou sua atenção aos cadastros de pacientes, que também não eram mais esclarecedores. Conferiu idades, nomes, locais de nascimento e condições clínicas de cada um dos setenta registros, olhando as fotos correspondentes. A maioria era de mulheres com menos de 25 anos. Todos usavam a vestimenta bege com bolinhas azuis — vestidos para as meninas, calças e camisas para os meninos. Nada de jeans, moletons ou agasalhos da Caritas ou da Cruz Vermelha. Não havia lugar para individualidade.

Ao que parecia, a Sino de Pedra era uma clínica especializada em vítimas de abuso com transtornos múltiplos da personalidade.

Pacientes a longo prazo, quase todos. Praticamente ninguém tinha menos de cinco anos de clínica.

Pulaski sentiu um calafrio na espinha. Pensou novamente nas últimas linhas escritas por Natascha.

As paredes se aproximam. Não aguento mais ficar neste quarto. São sempre outros, os que vêm na noite. Os intervalos estão diminuindo. Eles seguem vindo, de novo, e de novo. Na escuridão. A dor!

O verso do bilhete parecia mais elucidativo.

A culpa é minha por terem de fazer isso comigo. Eu tento sempre ser boa, mas por dentro sou má, suja... uma puta.

Em princípio, qualquer um nessa clínica que fosse confiável o suficiente para poder aproximar-se de Natascha poderia tê-la matado. O assassino teria apenas que embebedá-la com uma garrafa de gim, e depois aplicar-lhe as duas picadas. Meike, a médica-legista, descobriria pela autópsia se Natascha tinha tomado o analgésico primeiro e depois o gim, ou se o assassino a tinha embebedado primeiro para deixá-la obediente e então aplicar-lhe as injeções.

Bateram na porta. Pulaski levantou o olhar. Uma mulher atraente de quarenta e poucos anos entrou na sala. Não parecia uma advogada.

“O senhor queria falar comigo?”

Pulaski olhou-a, sem entender. “Eu queria?”

“Doutora Sônia Willhalm. Eu sou… era a terapeuta de Natascha.”

Pulaski levantou-se. “Sente-se, por favor.”

Ela permaneceu em pé, fazendo cara de desgosto. Pulaski entendeu. Olhou para o cinzeiro sujo. Havia dois cigarros acesos, fumegando lado a lado... “Podemos ir conversar no jardim”, sugeriu. “Um passeio não me faria mal.”

Ela fitou-o com olhar crítico. “Certamente, não.”

A doutora Willhalm o fazia lembrar de sua esposa. Usava os cabelos castanhos amarrados em um nó, com mechas grisalhas dos lados, colares de bijuteria sobre a blusa e pulseiras, como Karin.

Ao andarem sobre o caminho de cascalho, a doutora lhe deu uma pasta.

“O histórico de Natascha?”

Sorrindo, fez que não com a cabeça. “O histórico completo de Natascha enche cinco pastas dessas. Isso é apenas um resumo atual: condição clínica, terapia, medicamentos, as anotações dos enfermeiros e o decorrer da doença nos últimos dois meses.”

Surpreso, Pulaski pegou o documento. “A que devo a honra?”

“Eu conheço o promotor público”, explicou. “Em menos de três horas, eu teria de entregá-la de qualquer maneira. Um breve telefonema acelerou as coisas.”

“A senhora é a primeira pessoa amigável e solícita que encontrei nesta clínica.”

“É o meu trabalho.” Sorriu, de uma maneira especial.

O sorriso também lhe lembrava a sua mulher.

“Posso perguntar por que a senhora escolheu essa profissão?”

“Naturalmente.”

Ela ficou um bom tempo sem falar, e ele já pensava que o assunto ficaria encerrado, mas, finalmente, ela respondeu.

“As crianças são o elo mais fraco da sociedade. Por isso, são muitas vezes vítimas de violência e abuso sexual.” *São sempre outros, os que vêm durante a noite*.

“A senhora tem filhos?”

Negou com a cabeça. “Somente meus pacientes. Trabalhei com Natascha por sete anos. Nos últimos tempos, tivemos um ótimo progresso. A composição de medicamentos estava perfeita, uma mistura leve de sedativos, neurolépticos e antidepressivos. Neste ponto, ela nunca teria pensado em suicídio.”

“Eu sei.”

Chegaram a uma fileira de bancos no final do caminho de cascalho, nos quais havia alguns pacientes, sentados com seus enfermeiros. Pulaski ouviu o taramelar de dados de jogo. Atrás dos bancos havia um prédio em forma de bangalô, com janelas largas, à sombra de uma grande árvore. A construção o fazia pensar em um jardim de infância. A psiquiatria pediátrica. Atrás das janelas, via-se um grupo de crianças sentadas em círculo e pintando.

“Por que Natascha estava aqui?”

“Bem, o senhor pode ler o porquê no dossiê. Em resumo, sua história começa assim: aos nove anos de idade, ela foi internada em uma clínica em Bremerhaven, onde a terapia teve início.”

A terapeuta lhe contou que Natascha fora estuprada inúmeras vezes. O culpado nunca fora descoberto. Por ser órfã de pai e mãe, sem parentes, o juizado de menores interveio. Devido ao pesado trauma sofrido pela menina, a instituição decidiu contra entregar a tutela a pais adotivos, e queria transferi-la a um orfanato, assim que a sua condição física o permitisse. Tanto a Cruz Vermelha como a Aldeias Infantis SOS dispuseram-se a cuidar dela, contudo,

diferentes laudos médicos impediram sua admissão. Ao final da guerra burocrática, que durou quase dezoito meses, o diagnóstico da doença de Natascha era definitivo: ela sofria de múltiplos transtornos de personalidade e precisava de psicoterapia, além de cuidados constantes devido às tentativas de suicídio. Havia somente duas instituições especializadas em casos como esse: uma clínica em Göttingen, que, na época, não tinha vagas, e Markkleeberg.

Passaram por um canteiro de rosas. A doutora Willhalm cortou uma flor e esfregou as pétalas entre os dedos, absorta em pensamentos. “Eu trabalhei com Natascha desde a sua internação”, disse, cheirando as rosas.

“A senhora chegou a descobrir o que se passou com ela aos nove anos de idade?”

Willhalm negou novamente. “Preparar as meninas para que possam lidar com o cotidiano é muitas vezes mais difícil que trabalhar o passado. Natascha fez três tentativas de suicídio, mas a última foi há anos.”

Pulaski lembrou-se das longas cicatrizes nos pulsos da garota.

“Em seus melhores dias, tinha um temperamento tão bom, tão ensolarado.” Willhalm sorria. “Por isso a chamamos assim.”

Pulaski interrogou com o olhar.

“Sommer[1], Natascha Sommer”, explicou.

“Esse não era seu nome verdadeiro?”

“Não.” Willhalm seguia sorrindo, como se lembrasse da menininha de antigamente. “Ela era chamda assim por causa das sardas[2] no nariz.”

“E qual era, então, o nome verdadeiro dela?”

A doutora parou abruptamente, e olhou de modo intenso para ele.

“O senhor não sabe?”

Pulaski negou.

“Eu lhe disse antes que ela era órfã. Até hoje, não conhecemos sua origem, nem sua verdadeira identidade.”

Os pensamentos de Pulaski se atropelavam. Os traços do leste europeu. “Quando foi socorrida na clínica de Bremerhaven, ela já falava alemão?”

Willhalm olhou-o com tristeza. “Natascha não disse uma só palavra até a sua morte.”

No caminho de volta para o sanatório, Pulaski tirou uma cópia da carta de despedida de Natascha do bolso do paletó. Até agora, não havia mostrado a carta a ninguém, além dos seus colegas. Mas algo lhe dizia que podia confiar em Sônia Willhalm.

“O que acha disto?”

A terapeuta sacou um estojo da bolsa, e colocou seus óculos de leitura. Com muita atenção, estudou o bilhete. “Esta é a letra de Natascha.”

“Eu sei”, respondeu Pulaski.

A doutora abanou a cabeça. “Não, o senhor não faz ideia do que eu estou falando. Quero dizer que isto foi escrito por Natascha mesmo, e não por uma de suas outras personalidades.”

“Continue”, disse Pulaski.

Ela tirou os óculos. “As interrupções ficaram mais raras nos últimos anos. É difícil constatar isso em uma paciente muda, mas posso afirmar que ela se encontrou. Ela conseguiu afirmar a sua

personalidade. Por isso eu fiquei tão surpresa esta manhã, quando soube que ela havia se matado."

E ela estava certa, pensou Pulaski. "O que a senhora acha do indício de abuso sexual? Acha que continuou acontecendo no interior da clínica?"

Willhalm abanou a cabeça com veemência. "É exatamente isso que me deixa perplexa. Isso sem dúvida foi escrito por Natascha. Contudo, nem o conteúdo, nem o vocabulário combinam com ela. Ninguém nesta clínica teria feito qualquer mal a ela."

"Quanta certeza a senhora tem disso?"

"A mesma certeza que tenho de que o senhor me olha como se eu o lembrasse de alguém, que perdeu talvez recentemente. Sua esposa? Mas o senhor usa uma aliança."

Pulaski sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Quem gostava de ser analisado dessa maneira?

"Estou certa?", insistiu.

Afinal, Pulaski cedeu. "Karin tinha câncer. Mas a causa da morte foi uma dosagem errada da quimioterapia." Pulaski pigarreou. "Isso foi há cinco anos."

"Eu sinto muito."

"Obrigado, mas quem deveria sentir são os médicos que a trataram." Ele respirou fundo e esforçou-se para não seguir olhando para a doutora daquela maneira. "Mas que outro motivo levaria Natascha a escrever uma coisa dessas? Ela sofria com alucinações?"

Mais uma vez, a terapeuta negou com a cabeça. "Natascha não era esquizofrênica e não tinha alucinações. Suas vivências eram

reais. Entretanto, ela tinha a personalidade dividida. São duas doenças completamente diferentes.”

Pulaski não queria acreditar que ninguém nessa clínica poderia ter feito mal a essa menina muda e anônima, cuja origem ninguém conhecia. Por que então ela haveria escrito aquilo, pouco antes de tirar sua vida... ou antes que o assassino a visitasse em seu quarto?

Natascha queria divulgar a sua história, mas o matador tinha chegado antes. Sua única chance de deixar uma mensagem tinha sido esconder um bilhete em sua calcinha. Apenas algumas linhas, para mais o tempo não dava. Essa suposição era o alicerce de sua teoria de assassinato.

Ao chegarem à porta dos fundos do sanatório, seu celular tocou. O visor mostrava o número de Meike.

Talvez ela tivesse encontrado uma pista.

“Com licença...” Afastou-se. “O que você tem para mim?”

“A morta não era virgem.”

Como poderia — Natascha havia sido estuprada pela primeira vez aos nove anos de idade. “Isso eu já sei. O que mais?” Ele sabia que a carta de despedida lhe indicava o rumo certo.

“Fiz um teste de Papanicolau. Ela não foi violentada. Não há ferimentos na vagina, nem traços de esperma.”

Essa era exatamente a resposta que ele não queria ouvir.

“E, além disso”, a voz de Meike modificou-se, e ele suspeitou que sua teoria estava prestes a ruir como um castelo de cartas, “ela não fez sexo desprotegido há pelo menos oito semanas.”

1. *Sommer*: Verão, em alemão. (N.T.)

2. O termo alemão para sardas é *Sommersprossen*, e denota que as pintas são ocasionadas pela ação do sol na pele. (N.T.)

13

No final da tarde, Evelyn Meyers estava sentada no jardim do Andante, no centro de Viena, com o olhar perdido na estampa de flores da toalha de mesa. Num primeiro momento, não escutou a pergunta do garçom, depois lhe fez um sinal de que não queria nada. Hoje a salada de frutos do mar com camarões gigantes não lhe apetecia. Isso a fazia lembrar de Holobeck. Queria apenas ficar sentada ali e esperar. Seu amigo Patrick lhe havia prometido vir o mais rápido possível.

Pensou novamente em Peter Holobeck. O advogado gay, franzino, grisalho, irônico, mas afiado como um apresentador de programa de televisão. Ele lhe havia ensinado todos os macetes que um advogado precisava saber antes da primeira briga. Ela ainda não podia acreditar... Seu chefe, Krager, havia sido informado pela Kripo, antes ainda que a notícia desse no rádio. Supostamente, Holobeck havia sofrido um acidente, logo depois do seu telefonema e do toque da campainha, e estava morto. Mais que isso ela não sabia. A polícia havia decretado um embargo de divulgação e Krager fora chamado à sede da polícia federal, no distrito vienense de Alsergrund.

“Olá, minha adorável oncinha!”

Evelyn zangou-se. “Não me chame assim.”

“Ooohh.” Patrick fez uma careta. “O felino mostra suas presas!”

Olhando para ele, quase não podia acreditar que estava diante de um detetive particular. Antes um modelo para loção de barba.

Bronzeado, de jeans, camisa preta e justa, aberta até o peito.

Ele beijou-a no rosto, sentou-se e pediu uma Coca-Cola light. “Qual é a diferença entre um advogado e um vampiro?” Como sempre, ele não perdia uma piada.

“Por favor, Patrick”, interrompeu-o. “Não hoje, eu...”

“O vampiro suga sangue somente à noite.” Patrick sorria.

Ela o fitava seriamente.

Seu sorriso cessou. “O que aconteceu?”

Ela lhe contou da morte do pediatra, que havia se afogado no esgoto, do Porsche, da visita ao Entre-Nous e de como havia levado a viúva do médico a retirar a queixa. Então descreveu como havia descoberto a garota nas fotos da câmera do caixa eletrônico. Patrick sorriu. Afinal, fora ele quem lhe dera as fotos que conseguira por meio de seu contato na Kripo.

Contou-lhe também que suspeitava conhecer a garota de outro processo, e mencionou o caso do *airbag* do seu colega Holobeck, o estranho telefonema com ele e a notícia de sua morte.

Patrick escutava o tempo todo com atenção, sem interrompê-la. Quando ela terminou, ficou em silêncio por um bom tempo.

“Seu colega está morto. Eu sinto muito.”

Evelyn sabia que não era da boca para fora.

Ele conhecia Holobeck de antigamente, e sabia o quanto o colega significara para ela.

Patrick pegou sua mão. Dessa vez, ela não a tirou. “E você acredita que a menina da foto e a jovem do café em Bad Reichenhall sejam a mesma pessoa?”

“É uma intuição, há dias que tenho essa estranha sensação de *déjà-vu*, como se eu conhecesse a mulher. E o mais estranho é que Holobeck insistiu que os dois casos não tinham nada a ver um com o outro... e logo depois ele também estava morto.”

“Também estava morto...”, repetiu Patrick, pensativo. “Isso soa estranho, vindo de você.”

“Patrick, escute.” Ela aproximou-se dele. “O vereador Prange morre nos Alpes de Berchtesgaden, o pediatra Kieslinger morre afogado no esgoto — e, se eu estiver certa, a mesma garota aparece nos locais de ambos os acidentes. Holobeck defendia um dos casos perante juízo, e morre...”

Patrick ficara pálido. “Lynnie, não perca a cabeça!”

Ela debruçou-se para a frente. “Na minha profissão, assim como na sua, não existem coincidências. Nada acontece sem motivo.” Olhou-o longamente. “Você consegue descobrir as circunstâncias da morte de Holobeck?”

“Para quando você precisa disso? Eu...”

“Rápido.”

Patrick fez uma cara triste.

“Tem de ser justo agora? Eu estou com duas investigações rolando.”

“Por favor.”

“Como eu poderia resistir a esses lindos olhos castanhos?” Ele considerava. “Alt-Erlaa... O 23º distrito é da competência da delegacia da zona sul, do grupo de Berneker. Um osso duro de roer, mas eu o conheço. Provavelmente em um par de horas eu possa descobrir algo. Isso se...” Ele recostou-se na cadeira, passou os dedos pelos cabelos ondulados, que começavam a ficar grisalhos, e

olhou-a com aquele olhar que usava quando lhe fazia gracejos. Como se não bastasse, levantou a gola da camisa. Estava ridículo, mas ainda assim era muito atraente — como seu pai. Entretanto, os dois eram como cão e gato.

“Se o quê?”

“Se você finalmente aceitar jantar comigo à luz de velas.”

“Pensei que estivesse trabalhando em duas investigações ao mesmo tempo.”

“Mas não à noite...” Deu-lhe uma piscadela atrevida.

Ela gemeu. “Patrick, por favor. Como pode pensar nisso justo agora?”

“Eu sempre penso nisso quando te vejo.”

Oh, Deus. Igualzinho ao seu pai.

“Não! Esqueça! Mas trate de conseguir o relatório policial.”

“Como quiser.” Patrick abaixou a gola da camisa.

“E você arranje o dossiê do caso do *airbag*. Talvez não seja mais que um alarme falso, e a mulher do café ao final é uma velha gorda com paralisia facial.”

“Não será fácil. Krager mantém seu escritório trancado a sete chaves.”

Patrick sorriu, irônico. “Então você terá de cantar o meu pai.”

14

Após o encontro com Patrick, Evelyn passou em casa antes de ir para o escritório e deu comida aos gatos. Seu estômago roncava, mas fazia horas que perdera o apetite por completo. Ainda não podia acreditar que Holobeck estava morto.

A notícia havia se espalhado como um raio pelo escritório. Quase todos os colegas já haviam ido, cabisbaixos, e mais cedo que de costume. Evelyn estava sentada na cozinha com sua xícara de café. Frajola e Piu-Piu sorriam para ela. Acabe com eles, antes que eles acabem com você, pensou.

Para Holobeck, esse conselho vinha tarde demais.

Enquanto isso, seu café havia esfriado. Estava esperando que Krager voltasse da sede da polícia federal. Se ele descobrisse que ela havia se encontrado com seu filho e lhe contado detalhes sobre casos da empresa, a coisa ficaria feia para o seu lado. Isso se ele não a despedisse.

Krager e seu filho Patrick se amavam como dois rottweilers raivosos numa briga de cachorros. Antigamente havia sido diferente, mas, desde que Patrick deixara o escritório para ser detetive particular, evitavam-se como se ambos fossem portadores do vírus ebola. Um afirmava que o outro era um canalha mentiroso. Provavelmente, os dois estavam enganados — mas talvez não.

Evelyn ouviu o ruído metálico do elevador. Segundos depois, o retinir da chave na porta de entrada. Era Krager. O nó da sua gravata estava afrouxado e ele parecia estar com os nervos à flor da

pele. Lá fora começava a escurecer, e agora ele e Evelyn eram os únicos presentes.

Ele passou pela cozinha. “O que você faz aqui ainda?” Sem esperar pela resposta, seguiu até seu escritório. “Ontem a festa — 25 anos de Krager, Holobeck & Partner — e hoje isso! Vá para casa e descanse”, disse-lhe, por sobre o ombro.

Evelyn seguiu-o. “Eu queria lhe pedir...”

“Você quer saber o que a polícia disse?”, interrompeu-a. “Holobeck caiu da sacada. É tudo o que sei.”

Da sacada? Evelyn reteve-se por um momento. Sua cobertura ficava no 23º andar. “Suicídio?”, perguntou.

“Os policiais têm certeza de que foi um trágico acidente. Amanhã os jornais estarão cheios de notícias sobre o caso. Não posso lhe dizer mais que isso, Evelyn. Eu estou com a cabeça cheia de problemas.”

Ele abriu a porta da sua sala e entrou. As próximas semanas seriam marcadas pela burocracia — também, e principalmente, porque Holobeck não tinha parentes. Se havia um momento inoportuno para pedir-lhe algo, era agora. Mas ela não podia esperar.

Ela entrou em seu escritório. “Eu quero lhe pedir um favor.”

Krager levantou o olhar. “Quer entrar como sócia júnior?”

Evelyn engoliu em seco. Nem mesmo num momento como esse ele perdia seu humor negro. “Eu gostaria de receber acesso a um dossiê do Holobeck, Prange contra Austrobag GmbH[1].”

“O caso do *airbag*?” Krager franziu a testa. “Para quê? O caso está perdido. Você pediu autorização ao cliente?”

“Não, eu queria apenas...”

“O cliente pediu expressamente que o caso fosse tratado com sigilo. A ética me impede de lhe passar os documentos, mesmo que seja apenas por um segundo, e você sabe muito bem disso! Eu sinto muito.”

Por sorte ele não sabia que ela já havia falado sobre o caso com Holobeck, no Andante.

Teria subido pelas paredes, se soubesse.

Krager tirou alguns papéis do cofre. O olhar de Evelyn caiu sobre o registro comercial da empresa e uma pasta com contratos. “Tenho um encontro com os caras da imprensa, que querem publicar o obituário de Holobeck. Amanhã tenho de ir ao tabelião por causa do registro de óbito, depois à associação dos advogados para tratar da substituição dos casos em andamento. E ainda terei de organizar o enterro.” Krager soltou um suspiro. “Além disso, ainda preciso cuidar da mudança do registro comercial.”

Com essas palavras, empurrou-a para fora do escritório.

Por favor, não tranque a porta, pensou, em pé ao lado dele no corredor. “Se eu puder ajudar em alguma coisa...”

“Não é necessário, Evelyn. Obrigado.”

Ele trancou a porta e guardou a chave no bolso da calça.

Evelyn olhava fixamente pela janela da cozinha, escutando os estalos do elevador que levava Krager ao térreo. O trânsito noturno rolava pela cidade. As propagandas luminosas transformavam a escuridão em um mar de luzes. Seu reflexo na janela parecia cansado. Como dizia seu pai, não se preocupe, pois matutar demais dá rugas. Seu celular tocou, fazendo-a estremecer. Era Patrick.

“O que você descobriu?”, perguntou.

“Seu colega planou sacada abaixo.”

Quanta sensibilidade! “Isso eu já sei. Algum detalhe?”

“Nada por telefone.”

“De novo com a história do jantar à luz de velas?”

“Não, não é isso. Os papéis sobre os quais conversamos não estão à venda na banca de jornais. E não se fala sobre isso ao telefone.”

“Diga-me ao menos se foi acidente!”

Patrick suspirou. “Sim — mas, se a Kripo estiver enganada, seu colega foi morto de maneira tão refinada que certamente pareceu ter sido um acidente.” Ele fez uma pausa. “O que você descobriu sobre a garota do café de Bad Reichenhall?”

Evelyn olhou pelo corredor, em direção à porta trancada de Krager.

“Nada.”

“Como assim, nada?”, disparou Patrick. “Enquanto eu atravesso o céu e o inferno para descobrir como seu colega desceu pelo parapeito do prédio, você não foi capaz de arranjar uma reles pasta de documentos?”

“Eu teria de arrombar a porta do escritório do seu pai, e meu treinamento no acampamento Baader-Meinhof[2] já foi há muito tempo.”

Ele riu. “Ao menos você não perdeu o humor. Você ainda está no escritório?”

“Sim, mas não por muito tempo. Estou entre sair para dar uma corrida, ou ir para casa começar um novo livro.”

“Fique aí”, pediu Patrick. “Eu vou até você. Quero lhe mostrar o relatório policial desse suposto acidente — e eu ainda tenho uma chave do escritório do meu pai.”

1. GmbH: companhia limitada (Ltda.)

2. O *Rote Armee Fraktion – RAF* (Fração do Exército Vermelho), também conhecida como *Grupo Baader-Meinhof*, foi uma organização guerrilheira alemã e um dos mais proeminentes grupos extremistas da Europa pós-Segunda Guerra Mundial. Seus integrantes se autodescreviam como um movimento de guerrilha urbana comunista e anti-imperialista, engajado numa luta armada contra o que definiam como um “Estado fascista”.

15

O badalar abafado da Sino de Pedra soou pelo parque, vindo da capela. Os muros espessos da clínica faziam com que o som chegasse baixinho aos ouvidos de Walter Pulaski. Ele se encontrava no porão da unidade de psiquiatria. Disseram-lhe que ali, naquela sala sem janelas, encontraria o único aparelho de videocassete que tinham. Mas ele sabia que os médicos o haviam mandado para o porão a fim de se verem livres dele.

Contanto que pudesse dar uma olhada nos filmes das câmeras de vigilância, ele não se importava.

Há uma hora, havia telefonado à sua filha para dizer-lhe que chegaria mais tarde em casa. Agora já era noite, mas aqui embaixo, nesta sala cheirando a mofo, com os canos da calefação à vista, não fazia a mínima diferença. Pulaski trocou a fita. O sistema de segurança da clínica parecia tão antigo quanto o próprio prédio. Nenhum sistema digital de vigilância no servidor, com dúzias de discos rígidos, sensores de movimento e 48 horas de modo automático.

Aqui, os relógios ainda batiam de outro modo. As três câmeras montadas nos portões do sanatório filmavam apenas do pôr do sol até o amanhecer. O porteiro noturno trocava a fita de vídeo a cada quatro horas. Se não houvesse nada fora do comum, a fita era regravada depois de dois dias.

Contudo, dessa vez havia um acontecimento fora do comum. Alguém havia matado Natascha Sommer sorrateiramente com uma overdose de analgésico. Quanto a isso, Pulaski não tinha dúvidas,

mesmo que até agora não houvesse encontrado o motivo do assassinato. Fora ele, ninguém se importava se essa menina muda, cujo nome e identidade verdadeiros ninguém conhecia, havia se suicidado ou não. Sem um motivo, seria muito difícil justificar a alegação de assassinato perante o promotor público.

Quem iria querer apagar as luzes de uma garota que vivia discretamente em um hospício há dez anos? Até o momento, a carta de despedida de Natascha havia sido o indício mais forte. Mas, depois que o primeiro laudo médico não mostrara evidências de estupro, nem qualquer sinal de violência, o conteúdo da carta acabou sendo atribuído ao distúrbio psíquico da garota — e o indício mais importante de Pulaski foi por água abaixo.

Além disso, aquele idiota do promotor não havia transmitido seu requerimento de mandado de busca ao juiz, nem autorizado o acesso aos prontuários de pacientes, assim como o interrogatório deles. Evidentemente, ele via a coisa de maneira diferente de Pulaski. Ou os políticos temiam que fosse gerada publicidade negativa em demasia?

O policial queria ir ainda mais ao fundo da história. O motivo exato, ele não sabia. Talvez fossem os traços eslavos da menina, que possivelmente vinha da Ucrânia, o que o fazia pensar na origem de seus próprios pais — ou simplesmente o fato de a pequena e frágil Natascha ter apenas alguns anos a mais que sua filha.

Depois da morte de sua esposa, não havia sido fácil criar a filha sem ajuda de ninguém. Ainda mais com a sua profissão. Neste momento, a menina de doze anos devia estar sozinha em casa, mudando entre os canais da TV, esperando pelo pai, mesmo ele tendo insistido para que ela fosse dormir.

Absorto em seus pensamentos, abriu sua carteira e olhou a foto da filha. Se alguém a tivesse matado com um grama de Paracetamol, fazendo o crime parecer suicídio, toda a polícia de Leipzig estaria de pé — eu juro. No caso de Natascha, não havia

pressão da opinião pública. Pelo contrário. Queriam varrer a coisa para debaixo do tapete — e, como tantas vezes, os esforços para fechar o caso eram maiores do que para avançar as investigações. De fato, havia apenas duas pessoas que queriam ver o caso esclarecido: ele mesmo e Sônia Willhalm.

A terapeuta se encontrava um andar acima, tendo de submeter-se a uma advertência do médico-chefe por ter entregado o dossiê de Natascha ao inspetor sem o consentimento do diretor. Enquanto isso, ele seguiria em frente até que o promotor encerrasse o caso — o que poderia acontecer a qualquer momento.

Pulaski havia chegado ao final da fita sem encontrar nada suspeito. Colocou a fita seguinte no aparelho: o acesso de veículos na parte posterior da clínica, das duas às seis da madrugada. Modo de avanço rápido. A câmera oscilava automaticamente pelo terreno em semicírculo. O portão de ferro fechado, o muro alto, o caminho de cascalho, as tílias agitadas pelo vento, o gramado cintilando à luz prateada da lua. O costumeiro tremeluzir esbranquiçado nos cantos de cima e de baixo da tela. À parte disso, nenhum movimento.

A fumaça dos cigarros, a cintilação da tela e o lampejar do tubo de néon já faziam lacrimejar seus olhos. Então o toque do celular arrancou-o do seu estado de sonolência. Olhou para o visor e seu estômago contorceu-se. Horst Fux, seu chefe.

“Pulaski, você ainda está aí com os malucos?”

“Sim”, rosnou. Seria inútil tentar explicar ao seu chefe a diferença entre um hospício e uma clínica psiquiátrica especializada em transtornos múltiplos da personalidade.

Os números digitais corriam em avanço rápido pela tela. 03:15:47 horas. Os galhos da grande tília prateada balançavam de um lado para o outro. As listras brancas subiam e desciam aos solavancos.

“Acabo de sair de uma conversa interessante. Conferência telefônica.” A voz de Horst Fux soava metálica. Obviamente, ele havia ativado o viva-voz.

“O juiz de inquérito, os advogados da clínica, o prefeito, o diretor de investigações criminais e o promotor Kohler.”

Promotor Kohler! Ele odiava profundamente esse almofadinha. “E então?”

03:16:51 horas. Além do reluzir das listras brancas não se via movimento algum na tela.

“A equipe de preservação das pistas encontrou somente as impressões digitais da menina nas provas. Além disso, nada de estupro, nenhum sinal de violência...”

“Conte-me alguma novidade.” Pulaski bebericou seu café, há tempos frio.

03:18:31 horas. Apenas o vento.

“Alguma novidade?”, ladrou Fux. “Conte-me você algo novo! O que você estava pensando quando sugeriu ao promotor a abertura de todos os prontuários dos pacientes sem haver me consultado antes? O diretor médico da clínica e seu médico-chefe já se queixaram de você. Você espalha o caos na clínica como um vândalo...”

E desde quando os agentes da Kripo não espalhavam o caos como vândalos?

“... e coagiu a terapeuta da garota a lhe entregar o dossiê.”

“O quê?” Pulaski saltou da cadeira. Sônia Willhalm lhe havia dado o documento por livre e espontânea vontade. Que tipo de falcatrua era essa?

“De qualquer maneira, a opinião de Kohler sobre o estado das coisas é diferente da sua. O processo foi encerrado. Ele liberou o cadáver para o enterro. Junte suas coisas. O veredicto provisório e provavelmente definitivo dos médicos-legistas é: suicídio.”

Na pressa de agarrar o controle remoto, Pulaski derramou seu café sobre a mesa.

No momento em que a câmera se afastava do muro, ele viu algo se movendo no canto direito da tela.

“Você está me ouvindo?”, bradava Fux.

“O quê? Não entendi uma palavra...” Pulaski pausou a fita, rebobinou um pedaço e reiniciou.

Fux repetia suas palavras, dessa vez ainda mais irritado.

Pulaski escutava com um ouvido apenas. Seus olhos estavam fixos no monitor.

03:22:39 horas. Um vulto desajeitado saltava por cima do muro. Quando a câmera voltou ao mesmo lugar, ainda deu para ver a pessoa correndo pelo gramado, à sombra das tílias, até a porta traseira da clínica.

“Quê...?”, gritou Pulaski, arranhando o microfone do celular. “A ligação... eu não estou entendendo...” Com a outra mão, voltou a fita mais uma vez até a parte onde o vulto saltava o muro.

“A investigação acabou, o caso está encerrado!”, gritava Fux.

“Alô...?”

Fux esbravejava.

“A ligação...”, resmungou Pulaski. Segurou o celular a certa distância, esfregando o dedo pelo microfone. “Eu acho que...” E

interrompeu a ligação, desligando o aparelho em seguida. Fux, o promotor, os políticos e os advogados que fossem para o inferno.

Ele congelou a imagem no monitor. No canto da tela, uma pessoa esticava o corpo por cima do muro. Ao menos algo se via, à luz da lua: um homem mais velho, de cabelos grisalhos.

16

Dez horas da noite. Os corredores do escritório de advocacia Krager, Holobeck & Partner estavam escuros. Somente na cozinha havia uma luz fraca. Evelyn Meyers acabava de aumentar o volume do rádio. O noticiário noturno reportava o trágico acidente de Holobeck. O locutor dizia apenas que o advogado caíra da sacada do edifício e morrera imediatamente.

Enfadada, Evelyn desligou o aparelho. Será que nunca descobriria mais sobre o caso?

Finalmente escutou o ruído do elevador. As portas se abriram com um tinido. Pouco depois, ouviu a chave na fechadura. Patrick meteu a cabeça pelo vão da porta entreaberta e espiou cuidadosamente antes de entrar.

Evelyn acendeu a luz da antessala. “Pode entrar, seu medroso, estou sozinha.”

Ele fechou a porta atrás de si. “Você sabe que vai perder o emprego se meu pai nos apanhar, não sabe?”

“Ele tem outras preocupações no momento.”

Patrick beijou-a no rosto. Ele ainda tinha um cheiro suave da loção pós-barba, mesmo depois de um dia cheio — um dos detalhes que a agradavam nele.

“Como vão suas investigações?”

“Bem. Uma das mulheres está em casa com suas crianças, a outra pediu uma pizza e alugou dois filmes na locadora... *Alucinações do Passado* e *A Hora do Pesadelo*. Essa seguramente vai passar a noite sozinha embaixo do cobertor.”

Patrick seguiu-a até o escritório. Ele usava a mesma roupa daquela tarde quando se encontraram no Andante: calça jeans e a camisa preta.

Havia uma caneta presa no bolso da camisa. Além disso, segurava uma pasta na mão.

“O relatório da polícia?”, perguntou Evelyn.

“O estado provisório da investigação”, corrigiu ele. “Meu informante na equipe de Bernecker me cobrou 150 euros por ele.”

“Eu te reponho o dinheiro.”

“Não precisa”, respondeu. “Você me deve um jantar.”

“À luz de velas, eu sei”, suspirou. “Mas somente se a informação valer a pena.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Bernecker e seus colegas não descobriram muita coisa, mas é o suficiente para fechar o caso com a observação ‘acidente’.”

“Então vamos lá.”

Ele espalhou a papelada sobre a escrivaninha: o relatório da preservação de pistas e da análise do local do acontecimento, os protocolos dos relatos das testemunhas, um primeiro laudo médico e um bocado de esboços e fotos. Evelyn virou as fotos para baixo, sem olhá-las. Não precisava delas para imaginar o aspecto de Holobeck após uma queda do 23º andar.

Patrick debruçou-se sobre os papéis. “Ocorreu o seguinte...” Apesar de estarem sozinhos, ele cochichava. “Às três horas da

tarde, Holobeck está em pé na sacada. Primeiro, ele limpa com o aspirador de pó as duas gaiolas dos seus canários, que ficam penduradas ao ar livre por ganchos no teto. Depois, balança em uma cadeira de escritório com rodas travaveis. O sol está forte, e não há vento. Ele limpa as grades com um pano. Um dos canários escapa pela porta da gaiola, Holobeck tenta agarrá-lo, o freio defeituoso da cadeira se solta, a cadeira rola e ele começa a abanar os braços no ar. Tenta segurar-se na gaiola, arranca-a do gancho e cai com ela por sobre o parapeito. Ao chegar lá embaixo, dá com a cabeça na gaiola. Do seu rosto não sobra...”

“Obrigada, o resto eu posso imaginar”, interrompeu Evelyn.

Verificou os horários das últimas chamadas no menu do telefone do escritório. “Eu falei com ele às sete para as três, ou seja, minutos antes do acidente. Ele parecia muito estressado, aí a campainha tocou. Ele atendeu à porta e a ligação caiu.”

“Holobeck também”, disse Patrick.

Quanta sensibilidade!

“Se o que você diz estiver certo”, especulou Patrick, “o visitante devia estar dentro do apartamento e ter visto o que aconteceu.”

“Ou então o visitante foi a causa do acidente.” Evelyn massageou suas têmporas. “Eu preciso falar com a polícia.”

“Esqueça.” Patrick apanhou um papel de anotações na mesa. “Nem o porteiro, nem os vizinhos viram qualquer pessoa. Além disso, o apartamento de Holobeck estava trancado.”

Evelyn apontou para o visor do seu telefone. “Mas eu posso provar que falei com ele imediatamente antes da sua morte — e havia alguém à porta.”

“Celular ou fixo?”

“Celular.”

“Não foi encontrado nenhum celular no apartamento”, replicou Patrick.

Evelyn matutava. “Então o assassino o levou.”

“O assassino? Está tirando conclusões apressadas. Talvez...”

“Ou talvez não”, interrompeu Evelyn. “Nós vamos descobrir.”

Ela ligou a função viva-voz do telefone e digitou o número do celular de Holobeck. Enquanto o sinal de chamada soava do alto-falante, os dois se olhavam, tensos.

Finalmente, um estalo. Alguém atendera.

Escutaram a respiração trêmula de uma pessoa.

Patrick fez sinal afirmativo com a cabeça, mas antes que Evelyn pudesse dizer qualquer coisa ouviram a voz baixa de uma mulher.

“Alô? Aqui é a Lisa. Eu estava esper...” A mulher vacilou.

O coração de Evelyn batia até a garganta. Só teve tempo de identificar o sotaque do norte da alemanha e arriscar: “Quem está falando?”.

17

Pulaski arrastou-se para mais perto do monitor. Com os recursos técnicos de que dispunha nesse porão, não podia imprimir a imagem congelada, nem salvá-la como arquivo eletrônico. A imagem trêmula era tudo o que ele tinha: um homem velho, que havia invadido a clínica ilegalmente algumas horas antes da morte de Natascha.

Se o homem grisalho fosse o assassino da menina, ele havia seguido uma pista errada até o momento.

O assassino não fazia parte do quadro de funcionários do sanatório, mas havia vindo de fora. Haveria algo completamente diferente por trás da morte de Natascha, que ele não havia cogitado até agora?

Talvez não fosse a primeira vez que esse homem invadira o local...

Valia tentar. Pulaski olhou para o seu celular desligado. Provavelmente, Fux estava tentando falar com ele, com a jugular saltada e a cabeça pegando fogo. Não lhe restava muito tempo até que um carro dos seus colegas parasse na frente do portão para buscá-lo. Antes que eles chegassem, precisava descobrir mais coisas.

Ele ligou o celular. Três chamadas perdidas. Como era de se esperar, Fux era a insistência em pessoa. Antes que tocasse novamente, Pulaski discou o número da delegacia.

Atendeu Malte, um de seus colegas. Quando Pulaski falou, a voz do colega se tornou estridente. “Pulaski? O chefe está tentando te ligar há...”

“Escute!”, interrompeu. “Eu preciso de uma busca no sistema. É urgente.”

Malte calou-se por um momento. “Os berros do chefe estão sacudindo as paredes aqui.”

Pulaski podia ouvi-lo. “Esqueça-o por um minuto.” Seus olhos fixavam a imagem congelada do homem grisalho no monitor. “O promotor Kohler encerrou o meu caso. Ele está enganado! Há uma maneira de reativar as investigações...”

Ele escutava a respiração de Malte do outro lado da linha, e imaginava as pequenas engrenagens de seu cérebro rodando.

Clic, clac... clic, clac. Quando o assunto era dar o troco ao promotor, pelo menos com alguns dos colegas se podia contar.

“Qual é a busca?”

“No Registro Civil.”

“Não, merda, isso eu não faço”, rugiu Malte.

Maldição! Pulaski fechou os punhos com tanta força, que as juntas estalaram. Tinha de ser justo o moleque do Malte fazendo o turno da noite?

“Eu lhe dou minha senha e meu número de cadastro. Você abre um novo protocolo e entra no sistema do Registro Civil para uma busca simples.”

Malte calou-se. Clic... clac. “E se me pegarem?”

“Minha senha, meu cadastro”, respondeu Pulaski o mais calmo que pôde. Era tão difícil de entender?

“Espere um momento”, cochichou Malte afinal. “Vou passar a ligação para uma outra sala.”

Um minuto depois, a conversa havia terminado. Malte iria ligar assim que a busca no sistema fosse finalizada. Pulaski colocou o celular no modo silencioso.

Enquanto olhava a imagem na tela, raciocinava arduamente. Havia apenas uma pessoa dentro da clínica que estaria disposta a ajudá-lo: a terapeuta de Natascha.

Ele saiu do porão e subiu pelas escadas até o andar de cima. O chiado das solas de seus sapatos ecoava pelas paredes. O repouso noturno já havia começado. Somente a fraca luz de emergência iluminava os corredores. Ele tinha de encontrar Sônia Willhalm. Seu escritório estava trancado, assim como os do médico-chefe e do diretor. Na sala de repouso dos funcionários havia apenas duas enfermeiras do turno da noite, tomando chá e resolvendo palavras cruzadas.

Antes que Pulaski pudesse dirigir-se a elas, olhou casualmente para o estacionamento dos funcionários pela janela alta da escadaria. A porta de saída lateral acabara de se abrir. Sônia Willhalm, iluminada pela luz do poste, ia em direção ao seu carro. O ruído dos seus sapatos de salto alto entrava pela janela entreaberta.

“Podemos ajudá-lo?”, perguntou uma das enfermeiras. A outra riu baixinho.

“Não, obrigado.”

Pulaski correu para fora e alcançou a terapeuta, antes que ela fosse embora.

“Meu Deus, o senhor está ofegante.”

“Eu sei, eu... deveria parar de fumar.” Um acesso de tosse fez seus olhos lacrimejarem. Apoiando-se com a mão no carro, sacou seu *spray* do bolso e inalou fortemente.

“O senhor tem asma?”

Limpou as lágrimas dos olhos. “Eu preciso da sua ajuda... apenas um minuto”, arfou Pulaski.

Ela o olhou lastimosa. “Eu acho que já o ajudei demais. Recebi uma advertência do médico-chefe por lhe haver dado o histórico de Natascha sem o consentimento dele.”

“Eu pensei que você conhecesse o promotor Kohler e havia falado com ele sobre o assunto.”

Ela fez uma careta — como sua mulher, quando algo lhe era desagradável. Nesse momento, ele soube que a coisa havia sido diferente do que havia imaginado.

“Kohler”, ela respirou fundo, “é meu ex-marido.”

“Você e esse...” Ele hesitou.

“... Almofadinha?”, completou ela.

Um novo ataque de tosse outra vez o levou às lágrimas. Essa mulher era direta! Ele inalou novamente.

“Se quiser chamá-lo dessa maneira...”, grasnou ele.

“Espero que o senhor não se importe de eu chamá-lo assim. Mas parece que o senhor o conhece o suficiente, então não preciso fingir.”

“Certamente, não.” Pulaski respirou fundo. Pensou em seus colegas na delegacia. “Você não é a única que tem essa opinião.”

“Que bom.” Ela sorriu furtivamente. “Por se tratar de uma cliente minha, eu o informei por telefone que iria trabalhar junto com a Kripo e disponibilizar todos os documentos que estivessem ao meu alcance.” Ela sorriu. “É claro que ele não gostou.”

“Em todo caso, seu ex-marido a acobertou, afirmando que eu a havia compelido a me entregar os documentos.”

A doutora fechou a cara. “É bem o jeito dele.”

“Por sinal, ele encerrou o caso. Declaração oficial: suicídio.”

Sônia suspirou. “Eu já temia isso. Como posso ajudar?”

“Eu quero lhe mostrar uma imagem no vídeo da câmera de vigilância.”

Ao chegarem ao porão, a porta da sala de vídeo estava fechada. Pulaski sabia que a havia deixado aberta. Ele abriu a sala e entrou. A tela estava preta. Alguém havia tirado a fita do aparelho. Seu coração disparou. Olhou em volta, agitado. Todas as fitas haviam desaparecido, juntamente com a caixa que o porteiro lhe havia dado.

18

Pulaski suprimiu uma blasfêmia. Que desgraçado havia estado na sala durante a sua ausência?

Sônia Willhalm ficou parada na porta, desorientada, com a bolsa numa mão e a chave do carro na outra. “E agora como posso ajudá-lo?”

“Não pode.”

Nesse momento, o diretor Heinrich Wolf apareceu atrás da terapeuta.

“Onde estão as fitas?”, gritou Pulaski.

Wolf era a calma em pessoa. “O porteiro tomou conta delas.”

Esse médico estava louco? “São provas!”, soltou Pulaski.

“Provas de quê?”, perguntou Wolf. “Agora há pouco recebi uma ligação da sua repartição, dizendo que as investigações haviam sido encerradas.” Ele cruzou os braços atrás das costas. De seus olhos, por baixo das densas sobrancelhas, emanava o escárnio.

Um a zero para você, espertinho, pensou Pulaski. Mas ele ainda não estava fora da clínica, e até lá ele não desistiria. Como dizia sua filha, nunca jogaria a toalha.

Wolf apontou para cima com a cabeça. “Devo lhe pedir então para tirar suas coisas pessoais da sala de reuniões. Em quinze minutos ela deverá estar livre. Usaremos a sala amanhã, e eu

preciso preparar algumas coisas. O senhor conhece o caminho para fora. Boa noite.” E dirigindo-se à doutora Willhalm: “Até amanhã.”

Quando Wolf saiu da sala, o celular de Pulaski vibrou no bolso da calça. Ele atendeu, já imaginando o sermão do chefe. Porém, a voz que ouviu era de outra pessoa, que ele já havia esquecido.

“Terminei busca no Registro Civil. Chequei todos os atestados de óbito”, cochichou Malte.

Pulaski olhou rapidamente para a doutora Willhalm, ainda parada à porta, indecisa. Com um gesto, sinalizou a ela que esperasse. “E então?”

“Na psiquiatria de Markkleeberg houve apenas um caso de morte nos últimos cinco anos. Um paciente chamado Martin Horner, de dezenove anos. Ele morreu de parada cardíaca. Morte natural, não houve investigação policial.”

A boca de Pulaski secou de repente. “Quando foi isso?”

“Você não vai acreditar... há três dias.”

“O senhor ouviu. A investigação terminou, eu não posso mais ajudá-lo”, disse Sônia Willhalm.

Pulaski e a terapeuta haviam subido a escada para fora do porão, e se encontravam no grande saguão, em frente à saída lateral. Atrás da porta de vidro, via-se o estacionamento dos funcionários. O carro da doutora era um dos dois últimos no terreno.

Pulaski segurou-a pelo braço e levou-a até um canto. “Quero pedir-lhe um último favor...”, sussurrou. “Eu preciso do prontuário de Martin Horner.”

Ela abanou a cabeça. “Martin está morto.”

“Por isso mesmo.”

Ela fez uma careta, insegura. “Isso significaria ir contra a instrução do meu chefe e quebrar o sigilo médico. Se vier à tona, perderei meu emprego.”

Ele pensou no telefonema com seu chefe, que ele havia cortado, e na busca que Malte havia feito com o seu cadastro.

“O meu eu já perdi”, respondeu ele. “A única maneira de recuperá-lo é reativando este caso. E a chave para isso provavelmente se encontra no histórico de Martin.”

Ela olhou, indecisa, pelo vidro, para o seu carro.

“Pense em Natascha”, insistiu.

“Meu ex-marido encerrou o caso.”

“Seu ex-marido está enganado”, replicou. “Em um dos vídeos da câmera de segurança existe uma imagem do assassino, que será apagada dentro de poucas horas. Para que eu possa colocar as mãos na fita, o caso precisa ser reativado.”

“Como poderei lhe entregar o prontuário?”

“Eu estarei na sala de reuniões por mais uns dez minutos, juntando minhas coisas.”

Ela assentiu com a cabeça. “Passarei uma cópia por baixo da porta.”

Walter Pulaski esperou por quinze minutos na sala de reuniões. A mesa estava vazia, sua maleta esperava ao lado da cadeira. Havia mais um único cigarro dentro do maço. Ele havia fumado um maço e meio hoje. O fumo ainda o levaria à sepultura.

Mais cinco minutos se passaram, e o último cigarro virou uma bituca amassada no cinzeiro.

Ele já havia olhado para o relógio umas cem vezes. Sônia Willhalm não viria.

Possivelmente não havia conseguido a informação.

Mais provável, entretanto, era que ela havia ficado com receio. Perder um emprego aos 45 anos não era mole. Com um pouco de sorte, Fux apenas o suspenderia amanhã.

Finalmente, ouviu passos no corredor. A pessoa ficou parada diante da porta. Pulaski levantou-se.

Alguém girou a maçaneta e a porta se abriu, mas não foi a doutora Willhalm que entrou na sala. “O senhor está pronto?”

O diretor Wolf olhou pela sala e levantou as sobrancelhas, arrogante.

Então já era, pensou Pulaski. Ele pegou sua maleta e jogou o paletó por cima do ombro. “Pronto.”

“Eu o acompanharei até a saída.”

Claro. No caminho, ele ainda poderia aprontar alguma.

Enquanto seguia o diretor pelo saguão, em direção à saída, deu uma olhada pela porta de vidro da saída lateral. O estacionamento estava vazio. O carro da doutora havia sumido. A espera tinha sido em vão. Havia se enganado com respeito à terapeuta... E ele teria colocado sua mão no fogo achando que ela o ajudaria.

Wolf despediu-se brevemente.

Nas entrelinhas, Pulaski entendeu algo como e-não-quero-vê-lo-aqui-nunca-mais. Sem problemas! Se não tivesse um ótimo motivo, a entrada do sanatório ficaria fechada para ele para sempre.

“Boa noite.”

Pulaski não respondeu. Atrás dele, a porta bateu. Ele foi até o seu carro. À luz da lua, viu uma folha no para-brisas. A umidade da noite havia molhado levemente o papel. Cuidadosamente, tirou a folha presa pelo do limpador de para-brisas, sentou-se no carro e examinou o documento à luz amarelada da iluminação interna.

Seu pulso aumentou ao ler o nome Martin Horner. Então ele não havia se enganado a respeito de Sônia Willhalm! Segurava nas mãos uma cópia do cadastro do paciente morto. Apressado, passou os olhos pelo texto. O que lia povocava-lhe um nó na garganta. Coincidências como essa não existiam!

Rapidamente, procurou na maleta a cópia do histórico médico de Natascha, que havia guardado para fazer seu relatório.

Colocou as duas folhas lado a lado sobre o volante, e comparou os dados.

Martin Horner, que havia morrido há três dias de insuficiência cardíaca, tinha dezenove anos, assim como Natascha. Martin também havia sofrido abuso sexual aos nove anos de idade, e o culpado também não tinha sido preso. Mas isso ainda não era tudo. Martin e Natascha eram órfãos e viviam nesta clínica desde o tratamento inicial. E havia mais um ponto em comum! A garganta de Pulaski se estreitava. Com os dedos trêmulos, tateou por seu inalador.

O tratamento inicial de Martin Horner após o abuso ocorreu no dia 17 de agosto. O de Natascha havia sido dois dias mais tarde, em 19 de agosto. Ambos no mesmo ano: 1998. E ambos haviam sido atendidos pelo mesmo médico no hospital de Bremerhaven.

19

“Com quem estou falando?” Evelyn mal havia repetido a pergunta quando a mulher do outro lado cortou a ligação. Apressadamente, Evelyn ligou de novo, mas dessa vez ninguém atendeu. Depois do quinto toque, a chamada caiu na caixa postal de Holobeck.

“Merda!” Evelyn desligou.

“Eu imagino que você não tenha reconhecido a voz”, presumiu Patrick.

“Nem ideia.” Evelyn pensava. “Devemos procurar os documentos do caso do *airbag* no escritório do seu pai. Possivelmente, encontraremos uma pista.”

Imediatamente Patrick levantou-se e apanhou o molho de chaves no bolso da calça. “Tadáá!” Fez-lhe um sinal afirmativo com a cabeça. “Vamos arrombar.”

No escritório de Krager havia dúzias de armários revestidos de mogno. Atrás de uma divisória de madeira de teca, de cujas prateleiras pendiam plantas trepadeiras, havia outra área com armários abertos, repletos de pastas de documentos.

Patrick olhava à volta. “Não mudou muita coisa desde a última vez que eu estive aqui.”

Evelyn apontou a escrivaninha. “É mesmo. Ele apenas tirou a sua foto do porta-retratos.”

“Eu notei. A morena ali é a terceira ou a quarta mulher dele? Caramba, ela é mais nova que eu. O velho Pit-bull não brinca em serviço.” Patrick passou a mão em uma cômoda e olhou as pontas de seus dedos. Nada de poeira. “Limpo como sempre. A diferença é que agora há o dobro da quantidade de pastas empilhadas.”

“O que você esperava? Nós trabalhamos com dedicação. Ontem à noite foi a festa de 25 anos”, explicou ela.

“Eu sei, mas não fui convidado.”

“Se tivesse seguido na carreira de advogado, e não se tornado...”, passou a imitar a voz sonora de Krager, “um pequeno e seboso detetive particular, então...”

“... então você não teria acesso a tantas informações”, interrompeu Patrick.

“Verdade.” Evelyn abriu uma gaveta e começou a procurar. “Por que seu pai não pediu a sua chave do escritório de volta? Ele não esqueceria algo assim.”

“Ele não esqueceu.”

Evelyn levantou o olhar.

“Mandei fazer uma cópia, antes de devolver a original.

Evelyn deteve-se. “Você realmente é um pequeno e seboso vigarista.”

“E justamente você diz isso, uma mulher que chama seus gatos de Bonnie e Clyde.” Ele sorria. “E mesmo se fosse, ao contrário de você, eu ao menos posso escolher os meus casos.”

“Isso não me incomoda”, disse Evelyn, mesmo sabendo que era mentira.

“Quem acredita...” Patrick abriu todos os armários. “Nós dois sabemos que este emprego a deixa infeliz.”

Ele soprou a poeira das pastas. “Você é uma advogada brilhante demais para permitir de bom grado que meu pai a desgaste com seus casos milionários.”

“E qual seria a alternativa?”

“Não faça perguntas idiotas! Para que você estudou direito e participou de todos os seminários adicionais em direito penal? Você ainda tem aquele famoso frio na barriga quando encontra alguém e sente que algo está errado?”

“Não”, mentiu ela.

“Que pena”, suspirou Patrick. “Sua intuição sempre foi um radar para detectar mentirosos e impostores.”

Evelyn pensou em Holobeck. Foi justamente quando falou ao telefone com ele que ela havia sentido aquilo pela última vez. Que sensação mais estranha. Ele havia sido seu mentor por quase dez anos, seu colega mais próximo, e ela havia confidenciado a ele todos os seus medos e dúvidas.

“Lynnie, você tem um ótimo conhecimento do ser humano. Você deveria abrir seu próprio escritório e tornar-se independente como defensora penal.”

“Eu ainda não estou preparada.”

“Besteira”, retorquiu ele. “Você tem 32 anos. Quanto tempo ainda vai querer esperar? E para quem você quer provar algo aqui? Depois do acidente dos teus pais, não há ninguém que...”

“Eu não estou pronta!”

“Ora, tudo bem.” Ele levantou as mãos, defendendo-se. “A oncinha mostra suas garras.”

Em silêncio, seguiram vasculhando gaveta após gaveta, sem encontrar nada.

“Você sabe a diferença entre um advogado e um balde cheio de bosta de cavalo?”, perguntou Patrick, quebrando o silêncio.

“Sim, o balde... muito engraçado! Você já encontrou alguma coisa?”

“Não. O que estamos procurando, afinal?”

Evelyn soltou um gemido. Perguntava-se como Patrick e sua secretária podiam sobreviver nos negócios, do jeito que ele às vezes se fazia de idiota.

De repente, ele veio até ela, abanando uma pasta na frente do seu nariz. “Procuramos algo assim: Gabriele Prange contra Austrobag GmbH?”

O caso do *airbag*! Em vez de arrancar a pasta das mãos de Patrick, ela o olhou de cima a baixo. “Qual é a diferença entre um cachorro morto na rua e um detetive particular morto?”

Ele a olhou com os olhos arregalados. “Não faço ideia.”

“Na frente do cachorro há marcas de frenagem.” Ela pegou a pasta da sua mão e ordenou os documentos sobre a mesa de Krager.

“Sinceramente, você precisa aperfeiçoar essa piada. Mas pelo menos reencontrou o seu senso de humor.”

“Vem, me ajuda aqui. Procuramos por uma descrição daquela mulher do café.”

Como ela já havia visto a metade dos papéis no almoço de negócios com Holobeck, logo encontrou os relatórios de algumas declarações de testemunhas. Uma garçonete, um senhor de idade e

um jornaleiro tinham visto, independentemente um do outro, como uma mulher jovem havia entrado no carro com o vereador Prange após a visita ao café, e como haviam ido de Bad Reichenhall em direção à estrada dos Alpes. Não havia retrato falado, somente uma descrição da mulher.

“Alta, magra, quase frágil, semblante pálido, entre dezoito e vinte anos de idade”, leu Patrick. “Tinha longos cabelos louros. Que gracinha!”

“Aqui!” Evelyn sentiu um calafrio descendo-lhe pelas costas. Até que enfim havia encontrado. “A jovem vestia um vestido de verão azul-claro com alças finas.” Ela quase que sussurrou as últimas duas palavras.

“É ela?”, perguntou Patrick.

“Decida você mesmo.” Evelyn pegou a foto impressa do bolso do seu blazer e desdobrou o papel. No detalhe aumentado, via-se uma garota embaixo de um poste de luz.

“Caramba!”, soltou Patrick. “Isso é sinistro.”

O sentimento que a atormentava há dias não a havia enganado, afinal.

Evelyn deu um salto ao ouvir o ruído de uma chave na porta de entrada. “Justo agora”, cochichou.

Patrick já guardava os documentos na pasta, enquanto Evelyn correu até a porta, para apagar a luz do escritório de Krager.

“Não estou vendo nada”, chiou Patrick.

“Fique quieto”, sussurrou ela. “Talvez seja apenas a faxineira que esqueceu alguma coisa.”

Evelyn foi tateando as paredes e fechando as gavetas o mais silenciosamente possível. Atrás dela, Patrick guardava os papéis.

De repente, ele congelou. Havia passos no corredor.

Evelyn prendeu a respiração. Essa não era a faxineira — eram passos de um homem grande e pesado. E aproximavam-se do escritório no qual se encontravam...

A porta se abriu. A luz se acendeu. Um homem de terno estava parado nela. Seu olhar oscilava entre Patrick e Evelyn. Seus olhos relampejavam de raiva.

A boca de Evelyn secou.

“Olá, pai”, murmurou Patrick.

Duas semanas antes…

Ela abriu caminho por entre as pessoas, sentindo o olhar dos homens em seu corpo, mas ignorando os comentários por trás das suas costas. Alguns passos a mais, e as vozes já sumiam em meio ao tilintar dos copos e toques do piano. Os sons sutis da futilidade...

Algumas mesas adiante, tudo igual: cheiro de suor, fumaça de charutos e uma mescla adocicada de perfume e loção pós-barba. Bate-papo por toda parte, palavras vazias, pessoas vazias. Parecia que falavam apenas para agradar a si mesmos, ou aos outros.

Então finalmente o viu. Ele parecia mais velho que na foto, que ela havia encontrado — e mais gordo. A camisa esticava-se como um balão cheio sobre a sua barriga, a gravata balançava curta demais sobre a curvatura, o nó tão apertado quanto o cinto das suas calças. Suor na testa, na nuca e nas faces. À luz dos spots *no teto, ele brilhava como um porco. Ele era tão gordo, que, mesmo se quisesse, não poderia fechar os botões do paletó. Cheio de gestos, conversava com alguns outros homens. Não se via mulher alguma por perto... Seria fácil — ao menos mais fácil que nos dias anteriores.*

Dirigiu-se diretamente até ele. Ainda não sabia o que diria. Algo inteligente seria puro desperdício. Então, quando parou ao seu lado — com seus sapatos de salto era quase uma cabeça mais alta que ele —, disse algo sem importância.

“O senhor sabe onde ficam os banheiros?”

Por um momento, os homens se entreolharam daquele jeito que diz tudo. Comedidamente — com um princípio de sorriso no canto da boca.

Como ela ignorava os outros diligentemente, olhando somente para ele, foi o primeiro a abrir a boca.

“Uma jovem donzela aflita...”, sorriu. “Siga-me, ao meu lado estará segura, eu lhe abrirei caminho.”

Que tremendo idiota!

Sem vergonha, enganchou-se no seu braço e seguiu-o até os banheiros. Ele bufava como um cavalo. Ela literalmente sentia o suor através da manga do seu paletó. Por baixo das roupas, ele devia feder como um animal. O pensamento lhe dava náuseas.

“O senhor poderia segurar isto para mim?” Ela depositou sua bolsinha nas mãos dele, e, sem esperar resposta, desapareceu para dentro do banheiro.

Na cabine, contou vagarosamente até dez, respirando profundamente e tentando suprimir o cheiro dele.

Em seguida voltou para o corredor, onde ele a esperava como um cachorrinho.

“Você é da Alemanha mesmo?”, perguntou ele.

Que espirituoso!

“Estou sedenta como um camelo”, disse, em lugar de uma resposta.

Ele olhou à volta, procurando por um garçom. “Eu poderia...”

“O champanhe daqui tem o mesmo gosto que a água no balde de gelo”, interrompeu ela, antes que ele viesse com ideias idiotas. “E esse empurra-empurra está me dando nos nervos.”

“Eu também não gosto desses eventos beneficentes.” Ele hesitou.

“Conheço um lugar onde estaríamos mais tranquilos.”

Estaríamos? Era a esperança que falava por sua boca? Às vezes ela se admirava, duvidando que houvesse mesmo algo dentro da cabeça dos homens.

O que estaria ele pensando? Que ela iria mesmo a um bar com alguém como ele?

“Onde?”, perguntou.

“Aqui perto.”

Ela deu-lhe uma piscadela. “Estaremos entre-nous[1]*?”*

Ele pensou por um momento. “Se preferir, podemos ir ao Entre-Nous. Fica um pouco mais longe, mas...”

“Ah, oui*.” Era perfeito! Ela sorriu. “Vou avisar os meus pais.”*

Nesse momento, o queixo dele caiu.

Ela riu alto e tapou a boca com as mãos.

“Brincadeira. Meu acompanhante me deu cano. Vamos!”

O Entre-Nous cumpria o que prometia. Um bar pequeno, escuro e fuleiro, no qual ao menos se podia estar a sós. Principalmente o nicho no final do balcão. Por sorte, o garçom não a reconheceu quando passou por ele.

Depois de algumas taças de champanhe, que custariam uma nota para o seu acompanhante, ele finalmente começou a boliná-la. Normalmente, ela deixaria uma das alcinhas do seu vestido descer do seu ombro, por acaso, para dar ao seu interlocutor uma vista

melhor do seu decote. Mas desta vez não seria necessário. Se pudesse, ele já teria saltado sobre ela como um garanhão já no caminho de carro até o bar. Por pouco conseguiu convencê-lo a pagar-lhe uma bebida antes de voltar ao carro e arrancar-lhe a roupa. Na casa dele não seria possível — sua velha estava lá, esperando que ele voltasse do evento.

Quando finalmente ele havia bebido o suficiente, ela debruçou-se por sobre a mesa e sussurrou-lhe no ouvido. "Você está pronto?"

"Há horas."

"Está com tesão?"

"E como!"

"Eu quero por trás — agora!"

Ele se levantou tão subitamente que os copos dançaram sobre a mesa, e começou a mexer na braguilha da calça.

Ela já temia que o idiota começasse a despir-se no meio do bar, mas ele estava apenas sacando sua carteira. Com pressa, jogou uma cédula na mesa e puxou-a para fora da boate.

Fora fazia frio. Ela sentiu seus mamilos retesarem-se e os pelos de seus braçosse se arrepiaram. Enquanto ele procurava a chave do carro nos bolsos, seus olhos não desgrudavam dos seios dela.

"Garota, eu estou tão excitado quanto você."

Que tremendo imbecil!

Ele tropeçou em direção ao carro, mas ela se pôs em seu caminho. Sem que ela tivesse tempo para reagir, as mãos dele já estavam na sua bunda, apalpando-a. Ela tirou a chave do carro da mão dele e desvencilhou-se. Ele cambaleou atrás dela.

"Nós não vamos andar de carro neste estado, vamos?"

Ele sorria. “Eu não dirijo mais para lugar nenhum.”

Ela desviava-se dele.

“Opa...” Com um movimento rápido, ela saltou a barreira da obra.

Ele apontou por cima do ombro. “O carro está do outro lado.”

Ela ria. “Pensei que tínhamos vindo naquele Porsche...” Apontou para um outro carro, movendo sua mão de modo que a chave escorregasse por entre seus dedos e caísse no bueiro.

Perplexo, ele olhava para o buraco no chão. “Sua puta idiota!”, gritou, depois de um tempo.

Desajeitado, ele passou pela cerca e cambaleou para a beirada do buraco. “Você vai buscar!”

“Eu não vou arruinar meu vestido!”

“Merda”, esbravejou ele. “Vai demorar horas até que os bombeiros cheguem.”

“Mas não é fundo.”

Ele olhou para dentro do fosso.

Quando voltou-se para ela, pelo canto dos olhos, viu um biquinho.

“Então não vamos mais transar?” Ela suspirou, enquanto acariciava o púbis provocadoramente.

“Que merda”, praguejou ele, deixando-se cair de joelhos.

Quando se inclinou para a frente, ela se pôs atrás dele.

“É fundo pra caramba, eu não sei se...”

Não pôde terminar a frase.

1. Trocadilho com a expressão *entre nous*, do francês, entre nós, e o nome do bar.

20

Quarta-feira, 16 de setembro

Eram apenas nove horas da manhã, mas o telefone de Walter Pulaski tocava sem parar há duas horas, a cada cinco minutos.

O prontuário de Martin Horner continha vários detalhes explosivos — e ninguém havia contado com isso, muito menos o promotor público. O paciente, que havia morrido há três dias de insuficiência cardíaca, parecia ter um passado em comum com Natascha Sommer. Esses fatos haviam sacudido definitivamente o promotor Kohler. Após um caloroso debate matinal com Pulaski e Fux, o chefe da delegacia, Kohler decidira que a coleta de provas seria reaberta. O serviço policial de emergência continuaria com as investigações.

Pulaski queria finalmente beber seu café forte — que, como de hábito, já havia esfriado sem que houvesse podido tocá-lo —, quando o telefone tocou novamente.

Encaixou o fone entre a bochecha e o ombro, clicando seguidamente a sua caneta. “Pulaski.”

“Alô, meu querido.” Meike, do departamento de medicina legal. Sua voz rouca denunciava que havia passado a noite trabalhando.

“Como vai?”

Pulaski girou-se na cadeira em direção à janela. “Bem, obrigado. No momento, as coisas estão bastante agitadas por aqui. O que há de novo?”

“Eu também vou bem, obrigada por perguntar.”

“Diga logo”, grunhiu ele. “Estou mesmo sem tempo para conversas pessoais.”

Ela suspirou. “Primeiramente, tenho de mandar a amostra de tecido da menina para a análise de DNA no laboratório.”

Pulaski sabia que podiam se passar semanas até que saísse o resultado definitivo da autópsia de Natascha. Mas certamente não fora por isso que Meike ligara. “Algum resultado provisório?”

“Sua moreninha da psiquiatria não estava grávida.”

Pulaski massageou sua nuca. Mais um revés!

“Mas eu descobri algo interessante. Essa Natália...”

“Natascha!”, corrigiu-a.

“Ela primeiro tomou a garrafa de gim de estômago vazio, e somente depois recebeu a injeção.”

Recebeu a injeção? “Isso significa que ela já estava alcoolizada quando recebeu o analgésico”, deduziu Pulaski.

“A menina estava tão bêbada que não teria acertado nem o próprio braço, muito menos a veia.”

“E ainda o braço esquerdo, sendo canhota”, completou Pulaski. Ele pensava na imagem congelada do homem grisalho, que saltara o muro do sanatório às três da manhã. “Você sabe quando exatamente Natascha morreu?”

“A julgar pela temperatura do fígado, entre 4h30 e 5h00 da manhã. Ainda tenho de esperar pelos resultados do laboratório, mas eu suponho que o seguinte deva ter se passado...”

Pulaski ouviu como ela folheava alguns papéis.

“O Paracetamol é metabolizado no fígado. Em caso de overdose, as substâncias não podem mais ser neutralizadas e passam a atacar as células hepáticas. Em combinação com álcool, ocorre uma acidificação do metabolismo...”

“Em termos claros, por favor. Eu não sou médico.”

“É claro... ela teve uma insuficiência hepática e morreu pelo subsequente coma cerebral.”

“Isso indica que o assassino seria um médico?”

“Não necessariamente. Ele somente teria de ter visto o histórico dela para saber que ela era anoréxica e tinha o fígado debilitado. O resto ele poderia pesquisar na Wikipédia.”

Certamente não era tão simples assim, pensou Pulaski. Ele viu a tecla da segunda linha piscando no telefone.

“Obrigado, Meike, eu preciso...”

“Há mais uma coisa”, interrompeu ela.

“Diga rápido!” Ele olhava a tecla que piscava.

“Nenhum sinal de luta, nada que indicasse violência externa, nenhum traço de pele ou sangue de um terceiro embaixo das unhas. Primeiro, eu pensei que a garota conhecesse seu assassino e por isso não tivesse resistido, mas depois encontrei o verdadeiro motivo.”

Pulaski fitava a luz no telefone. “Qual?”

“Duas pequenas picadas nos ombros, através do tecido da camisola. Eu notei que os músculos dos braços estavam demasiadamente frouxos. O exame toxicológico ainda não saiu, mas eu suspeito que ela tenha recebido uma dose intramuscular de Botox.”

“Veneno de cobra?”

“Algo parecido. É um agente comumente usado contra cãibras. Ele bloqueia os impulsos nervosos, de maneira que os músculos não possam contrair-se como de costume. Em doses altas, age como um veneno paralisante de efeito imediato.”

“O assassino sedou-a primeiro, embebedou-a depois, e por fim lhe aplicou as injeções”, recapitulou Pulaski. “Obrigado, você é um amor!” Ele desligou e atendeu a chamada na outra linha.

Era Biber, o especialista grafotécnico do comissariado.

“Eu comparei a letra da carta de despedida com a do diário e com as outras encontradas nos documentos da clínica.”

Pulaski pegou a xícara de café. “Elas são da mesma pessoa?”

“Eu sugiro que você venha ver pessoalmente.”

Pulaski abaixou a xícara, sem haver bebido.

“Biber, esta é uma pergunta simples! A letra é da mesma pessoa ou não?”

“Sim e não... é melhor você vir até aqui.”

21

O escritório de Biber ficava duas salas adiante, no mesmo corredor. Pulaski olhava fixamente para o monitor. Biber havia escaneado os diversos documentos. Linhas verdes ligavam os pontos marcantes das letras escritas à mão.

“Alguns rabiscos das sessões de terapia conferem totalmente com a letra do diário.”

Biber passou adiante. “Mas outras anotações definitivamente foram escritas por outras pessoas, apesar da declaração do médico-chefe de que sejam de Natascha.”

Pulaski pensou nas palavras da doutora Sônia Willhalm. *Não, o senhor não faz ideia do que eu estou falando. Quero dizer que isto foi escrito por Natascha mesmo, e não por uma de suas outras personalidades*.

Natascha sofria de transtornos múltiplos da personalidade. As consequências dessa doença deviam levar qualquer especialista em caligrafia à loucura.

“E a carta de despedida?”

“Esta, por sua vez, corresponde em oitenta por cento com o diário.” Biber clicou na próxima imagem.

Linhas verdes conectavam as palavras.

Eu tento sempre ser boa, mas por dentro sou má, suja... uma puta.

“As divergências devem-se ao fato de a escrita ser descuidada e frouxa, como se a menina estivesse sob influência de álcool.”

... Ou de uma dose de Botox no ombro, pensou Pulaski.

Sua investigação havia ido pelo caminho errado até agora. Natascha não havia escrito a carta antes de encontrar o seu assassino. Ele a havia paralisado com Botox, depois a tinha embebedado, e então a obrigado a escrever essa carta. Ele queria despistar os investigadores, dando-lhes um motivo para o suicídio, que devia ser procurado no interior do sanatório. Para Pulaski, isso era mais uma confirmação de que o assassino havia vindo de fora, e não tinha nada a ver com o pessoal da clínica de psiquiatria.

“Bom trabalho, Biber. Eu preciso de um relatório sobre isto o quanto antes.” Pulaski deixou o escritório. Finalmente algo começava a se mover nesse caso. Mesmo assim, ele precisava conseguir, com urgência, uma xícara de café quente, um sanduíche de queijo e um cigarro. Seu estômago roncava como um esquadrão inteiro de cães policiais.

No caminho para a cozinha, escutou alguém chamando seu nome pelo corredor.

Malte, do serviço de reconhecimento, rolou com a cadeira para fora da sua sala e acenava para que Pulaski viesse até ele. “Venha cá, tenho algo para lhe mostrar.”

“Urgente?”

“Você vai se admirar.”

Café e cigarro teriam de esperar, por enquanto.

As fitas de vídeo das câmeras de vigilância do sanatório, que os policiais haviam confiscado uma hora atrás, empilhavam-se sobre a escrivaninha de Malte.

O colega balançava uma folha impressa na mão. “Você tinha razão. O lado posterior da clínica. 3h22. Esse cara não usou o caminho usual.”

Malte entregou-lhe o papel.

“Nada mal”, disse Pulaski.

“Clareada e tratada com diversas retículas e filtros. Melhor que isso não fica.”

Pulaski observou os contornos do perfil que o computador havia composto. Seria o suficiente para iniciar uma busca. O homem grisalho devia ter uns sessenta anos, e seus traços eram estreitos, quase caveirosos.

“Pulaski!”, berrou alguém pelo corredor. “O telefone da sua sala está me deixando maluco. Se você não for atender, eu vou arrancá-lo da tomada!”

Pulaski deixou-se cair na cadeira e pescou o fone do gancho. Uma chamada externa, de um número desconhecido.

“Sim?”, grunhiu, derramando o café frio num vaso de planta.

“Bom dia, senhor comissário.”

Ele relaxou-se de repente, e um sorriso passou por seu rosto. Sônia Willhalm.

“Bom dia. Eu queria lhe telefonar, mas no momento as coisas estão uma loucura aqui.”

“O senhor recebeu meu recado ontem à noite?”

Ele lembrou-se da cópia da folha do histórico de Martin Horner no para-brisa do seu carro. “Sim, muito obrigado. É por isso que aqui está uma loucura. O promotor reabriu o processo de produção de provas.”

“Eu sei. Ele me ligou esta manhã, querendo saber como o senhor conseguiu o prontuário de Martin.”

O promotor poderia ter-lhe perguntado diretamente, em vez de molestar sua ex-mulher com isso.

“E o que lhe disse?”

“A verdade”, respondeu a terapeuta. “O documento encontrava-se por engano na pilha de dossiês de pacientes que Hanna levou para o senhor na sala de reuniões. Ela deve ter se esquecido de separar a folha de cadastro do morto.”

Pulaski podia vê-la sorrindo do outro lado da linha. “Muito elegante.”

“Obrigada.” A terapeuta riu. “No momento, tudo vai muito bem, não? Depois da autópsia de Martin, provavelmente saberemos ainda mais, já que seu enterro foi ontem, e...”

Autópsia? Pulaski não escutava mais. A voz da doutora soava como se estivesse perdida em algum lugar do éter. Ele olhava para a montanha de documentos sobre a sua mesa de trabalho. Por cima de tudo, estava o formulário de requerimento de exumação do cadáver de Martin Horner, que ele não terminara de preencher. Ele pretendia enviá-lo por fax à procuradoria de Leipzig, assim que houvesse terminado o relatório provisório para Kohler.

“Que autópsia?”, interrompeu a fala da terapeuta.

“Como?” Ela fez uma pausa. “O senhor pediu que o corpo de Martin fosse exumado... ou não?”

Pulaski fitava o formulário, preenchido pela metade.

O que estava se passando aqui?

“A exumação já está acontecendo?”, perguntou.

“No cemitério do bosque, perto do sanatório.”

Havia algo de errado...

“Eu ainda não comi nada e preciso urgentemente de um café forte.” Pulaski pigarreou. “A senhora não gostaria de me encontrar lá?”

22

O pequeno e idílico cemitério do bosque na Rua Koburger ficava perto do Lago Cospuden. A última viagem de Martin Horner, do seu quarto na clínica psiquiátrica até a sua singela cova, havia levado poucos minutos com o carro fúnebre.

Pulaski estacionou seu Skoda na frente da entrada do cemitério. Sônia Willhalm já o esperava diante do portão. Usava o cabelo preso, da mesma maneira que ontem, os mesmos colares de bijuteria por cima da blusa e uma saia justa. Tinha um corpo escultural para a sua idade.

Quando chegou até ela, a doutora entregou-lhe um copo de isopor com café preto e um sanduíche de queijo embrulhado em celofane.

“Vegetariano, certo?”

Pulaski pegou ambos, agradecido. “Por favor, lembre-me de que eu lhe devo um jantar.”

“Cuidado com o que promete. Eu lhe cobrarei.”

“Eu espero que sim.”

Ela sorriu.

Quando havia sido a última vez que flertara com uma mulher? Meu Deus, fazia anos. E agora tinha de ser justamente na frente de um cemitério. A visão dos túmulos enfileirados, das velas, coroas de flores e lápides de mármore faziam-no lembrar-se do enterro de

Karin. Uma vez ao mês, ele visitava seu túmulo, geralmente quando sua filha estava na escola ou na casa de amigos. Não queria que ela soubesse como ele sentia falta da sua mãe e o quanto sofria.

Passaram pela guarita. Muitos arbustos e fileiras de plantas acompanhavam as beiras dos caminhos de cascalho. O sol brilhava pela folhagem densa das árvores, que emolduravam o cemitério. Como ontem, a terapeuta colheu uma flor e rolou as pétalas entre os dedos, pensativa.

Pulaski mostrou-lhe a foto impressa do homem grisalho.

“Este é o muro dos fundos do sanatório, estou certa?”, Sônia perguntou.

“Sim. Conhece este homem?”

Ela balançou a cabeça. “Eu deveria conhecê-lo?”

Ele lhe contou que, há dez anos, Martin Horner e Natascha Sommer foram internados no hospital de clínicas de Bremerhaven, num período de poucos dias, e tratados pelo mesmo médico. Ele ainda não havia visto o histórico completo de Martin. O formulário que libertaria o médico-chefe Steidl do dever de sigilo e daria a Pulaski o direito de acesso ao prontuário estava em sua escrivaninha, na delegacia. Faltavam as assinaturas de Fux e do promotor público.

“Martin e Natascha se conheciam de antigamente?”, ele perguntou.

“Enquanto Natascha esteve em terapia comigo, não falou uma palavra sequer. Ela vivia recolhida e quase não tinha contato com os outros pacientes. Eu nunca imaginei uma possível conexão com Martin. Afinal de contas, foram dezoito meses de burocracia para que fosse transferida à psiquiatria de Markkleeberg. Talvez seja mera coincidência que ambos tiveram seu tratamento inicial há dez anos em Bremerhaven.”

“Pode ser, mas também seria coincidência que os dois morressem, num espaço de poucos dias, dez anos depois?”

Sônia calou-se. Passaram por uma fonte, com uma dúzia de regadores de latão. Ao longe, ouvia-se o som de uma pá cavando a terra. Logo escutariam a lâmina batendo na tampa do caixão.

Pulaski mordeu o sanduíche e tomou um gole de café. “Por que Martin foi para a clínica?”

Ela deu de ombros. “Por que alguém vai para o sanatório? Uma vítima, quebrada pela violência que sofreu.”

“Seu histórico diz que ele também foi violentado quando criança.”

“Quem cuidava de Martin era uma colega. Até onde eu sei, também não conhecemos os detalhes que levaram ao seu trauma. Por razão dos acontecimentos na sua infância, ele havia desenvolvido uma amnésia dissociativa localizada.”

Obviamente ela havia percebido o olhar de Pulaski, pois logo seguiu em frente. “Isso significa que ele não podia se lembrar dos ataques sexuais. O que sabemos é que ele, assim como Natascha, sofria de um transtorno de identidade.”

“Personalidade múltipla?”

“Este é o termo antigo. A terapia para este tipo de pacientes é mais difícil que para outros. Essas crianças passaram por todo martírio, castigo e abuso sexual que somente uma mente doente e perversa poderia imaginar.”

“O que pode ter acontecido a Martin?”

Mais uma vez, ela levantou os ombros. “Um pai estuprador, uma mãe sádica, uma organização de pornografia... Não sabemos. Mas devem ter sido coisas tão terríveis e fora da experiência humana normal que outras crianças teriam morrido. Algumas, no entanto,

como Martin e Natascha, tinham a capacidade de suprimir a experiência e enterrar os acontecimentos em seu interior, como se nunca tivessem existido. A violência despedaça a personalidade e a alma, por assim dizer, se teletransporta."

"E isso acontece simplesmente assim?" Pulaski estalou os dedos com um gesto de efeito.

"É claro que não. Crianças violentadas primeiro suprimem a experiência para o subconsciente. Persistindo a violência, elas se distanciam, observando o abuso de uma perspectiva de espectador. Somente no último estágio a alma se despedaça, dando origem a quatro, cinco ou mais personalidades parciais, que se separam. Essas novas pessoas literalmente nascem para suportar os abusos no lugar da vítima, porque são mais capazes de aguentá-los."

"Soa como uma estratégia de sobrevivência." Pulaski jogou o copo vazio em uma lixeira. "É normal que esses jovens tenham de passar dez anos ou mais em tratamento psiquiátrico?"

"Não somente em tratamento", corrigiu Sônia. "Alguns precisam permanecer vivendo na clínica. Oficialmente não são chamados de pacientes ou clientes, mas de moradores. Eles não estão aptos a serem liberados para viver em comunidades, nem sob a tutela de assistentes sociais."

"O que aconteceria se fossem para um lar assistencial?"

"Alguns se tornam agressivos, outros sofrem de medos permanentes, alergias, compulsões, depressões, distúrbios alimentares e do sono, problemas cardiovasculares e digestórios, ou síndrome de *borderline*[1]. A lista é interminável..." Ela deu de ombros. "Alguns são anoréxicos, como Natascha, e carregam cicatrizes de várias tentativas de suicídio. Não conseguem viver a sua vida, pois seguem esquecendo o que ocorreu há uma hora, um dia, uma semana. Por acharem que os tormentos aconteceram a

outra pessoa e por apagarem a lembrança, não aprendem a lidar com eles... O senhor me olha como se não entendesse.”

“É mesmo difícil de entender.”

Ela abriu os braços. “Imagine uma pessoa com transtorno de personalidade como um apartamento de vários cômodos. Cada personalidade parcial acredita que o apartamento tem somente um quarto. Ela não conhece os outros, nem sabe que existem.”

Um calafrio desceu pela nuca de Pulaski. “Isso é medonho.”

Enfim, alcançaram o túmulo do qual vinha o som das pás.

Dois homens em camisas de lenhador e calças de trabalho amarelas estavam dentro da cova, passando cordas por debaixo do caixão.

“Enterrar ontem, desenterrar hoje”, resmungou um deles.

“Os homens lá de cima não sabem o que querem”, mugiu o outro.

“Silêncio! Continuem trabalhando!”

A voz pertencia a um homem jovem e alto, de terno escuro, parado à sombra das árvores, olhando os coveiros trabalharem. Ao notar a presença de Pulaski e Sônia, desprendeu-se de sua postura rígida e pôs-se a andar em direção a eles.

“Maldição”, chiou Pulaski. “Eu conheço esse aí.”

“Alguém que o senhor mandou para o xilindró?”, sussurrou ela.

“Quem dera”, respondeu Pulaski. “A partir de agora, parece que estamos fora da jogada.” Nesse momento, seu celular tocou. Era Malte. “Pulaski, cadê você?”

“No cemitério, em Markkleeberg.”

“Cavando sua própria cova?” Malte soltou uma gargalhada, mas logo ficou sério outra vez. “Você deveria vir voando para cá. Eles assumiram as investigações e levaram todas as provas.”

“Eu acabo de descobrir.” Não precisou perguntar a quem Malte se referia. Pulaski guardou o celular no bolso.

O homem de terno escuro estava parado à sua frente. Óculos com aros de aço, Rolex, gola engomada e gravata de seda com prendedor prateado de correntinha.

“Departamento estadual de investigações criminais”, disse o jovem, que, pela idade, poderia ser filho de Pulaski. “Eu espero que vocês possam se identificar.”

1. *Borderline*: Fronteira, ou limite, em inglês. Síndrome de *borderline*: transtorno de personalidade limítrofe. (N.T.)

23

Pulaski sabia que o nome do rapaz era Klaus Winteregger. Era o comissário mais jovem do LKA em Dresden. Seus colegas já estiveram envolvidos com ele algumas vezes.

Winteregger verificou a identificação de Pulaski e balançou a cabeça. “Comissário Pulaski”, disse com a entonação de quem se referia a uma doença constrangedora.

O fato de Pulaski ser inspetor-chefe foi diligentemente ignorado por Winteregger. Pessoas arrogantes como ele acreditavam ser melhores que os outros, por terem cursado faculdade e possuírem um escritório na capital. Aos olhos deles, os integrantes do setor de emergências eram a ralé — nada mais que serventes prestativos, cujas competências não vão além de assegurar o local do crime, interrogar testemunhas, colher impressões digitais e deixar tudo arrumadinho para que o pessoal do LKA não precisasse sujar as mãos.

E, de fato, o trabalho de Pulaski era assim mesmo: ontem um assalto na área residencial, hoje um caso de vandalismo na estação ferroviária, amanhã uma vítima das drogas no parque da cidade ou um cadáver na bacia artificial do Rio Elster. Na maioria das vezes, ele não acompanhava o desenrolar dos casos, pois já estava inspecionando o próximo local. Mas não havia sido sempre assim. Ele solicitara sua transferência para o serviço de emergência de Leipzig cinco anos antes. Ainda mantinha contato com seus ex-colegas, os veteranos do LKA, mas é claro que esse jovem arrogante nem suspeitava disso.

“Eu já telefonei para a sua delegacia”, disse Winteregger, enquanto seu olhar voltava seguidamente para os coveiros, ajustando os óculos no nariz, balançando o Rolex no pulso. Que rapaz nervoso! Certamente era sua primeira exumação. O cara usava até abotoaduras de prata. Pulaski não podia nem olhar.

“O senhor está me ouvindo?”

“É claro.” Pulaski balançou o maço de cigarros até que um se apresentasse e o acendeu. Karin tinha razão: seus preconceitos ficavam piores com o tempo. Se continuasse assim, o melhor seria trancar-se em casa e evitar qualquer contato com estranhos.

“Eu disse que o promotor Kohler transferiu as investigações para o LKA. Nós assumiremos a coordenação deste caso, e a delegacia de homicídios de Leipzig nos prestará assistência.”

Prestar assistência! Como ele adorava ouvir isso. Fux, Biber, Malte e os outros também não iriam gostar.

“Ainda é cedo para isso, as análises estão em andamento.” Fazia sentido discutir essas questões com um otário desses?

Winteregger sorriu. “Eu sei como o senhor trabalha, colega.” Ele lançou um olhar para a terapeuta, que se mantinha calada ao lado deles. Um olhar de pena. “A partir de agora, ninguém mais será coagido. A coisa agora vai ser feita corretamente.”

Pulaski sentia sua jugular inchando ao tamanho de um oleoduto. Então era aí que estava o xis da questão! Corretamente. Kohler ficara incomodado porque ele havia investigado à sua maneira e trazido esse material constrangedor à luz do dia, quando o caso já estava praticamente encerrado. Contudo, se Pulaski mantivesse a razão, ele havia descoberto um assassinato ardiloso — talvez até dois. Isso não justificava os seus métodos?

Mas por que se preocupar? A partir de agora, os bundas-moles do LKA assumiriam as investigações.

“Com qual colega o senhor trabalhará neste caso?”, perguntou Pulaski.

Winteregger olhava para a sepultura. Os trabalhadores erguiam o caixão para fora do buraco. “O senhor não o conhece.”

Garoto, você se espantaria se soubesse quanta gente eu conheço, pensou Pulaski.

“Um colega experiente.” Winteregger voltou a encarar Pulaski. “Lars Goteinik. Como eu disse, o senhor não o conhece.”

Goteinik! E como conhecia Goteinik. Pulaski olhou para o relógio. Onze horas da manhã. Mais tardar em uma hora, Goteinik estaria completamente bêbado. O único motivo pelo qual não sofria um acidente de trânsito por embriaguez era porque seu carro estava no ferro-velho e ele não tinha mais habilitação para dirigir. No passado, fora considerado um ótimo investigador. Os dois tinham até mesmo sido amigos e haviam investigado juntos muitos casos de homicídio.

Há cinco anos, quando Karin morrera em decorrência da quimioterapia, a mulher de Goteinik sofrera um acidente letal. A probabilidade de alguém escorregar no gelo em frente à própria casa, uma semana antes das Festas, bater com a cabeça na sarjeta, entrar em coma e morrer na véspera do Natal de hemorragia cerebral era incrivelmente pequena. Ainda assim, havia acontecido.

Goteinik e Pulaski perderam suas parceiras quase ao mesmo tempo. Mas isso não os havia unido — pelo contrário. Goteinik havia começado a beber, e Pulaski talvez tivesse tido um destino similar se não fosse pela sua filha, que na ocasião tinha sete anos de idade. De repente, precisava criá-la sozinho, além de fazer compras no supermercado depois do seu trabalho no LKA, cozinhar, passar roupa, limpar a casa e ajudar Jasmim com a lição de casa. E sentia tanta falta de Karin! Depois de meio ano, seus nervos estavam em frangalhos. Ele sumiu de Dresden, queria apagar todas as

memórias, procurou um apartamento em Leipzig, sua cidade natal, e pediu transferência para o setor de emergências por causa dos horários regulares.

Degradado da agência estatal de investigações criminais para a polícia de Leipzig.

Não conhecia ninguém que faria isso voluntariamente na sua idade. Mas sua filha tinha prioridade. Ele devia isso a Karin.

“... os documentos!”

Winteregger cutucou-o no ombro.

Pulaski estremeceu. Havia divagado outra vez...

Precisava dormir urgentemente. “Quais documentos?”

Winteregger revirou os olhos. “Eu quero ver as fitas de vídeo, declarações das testemunhas, cadastros de pacientes e o relatório provisório da autópsia sobre a minha mesa em uma hora. E fique por perto nas próximas 24 horas. Talvez eu tenha mais algumas perguntas.”

Certamente, pensou Pulaski. Porque você não tem nem ideia desse caso.

Apagou o cigarro no chão, com o pé. “Descubra de onde veio a garrafa de gim.”

Winteregger fechou a cara. “Mais algum conselho?”

“Sim. Esqueça o interrogatório dos funcionários. O assassino não está dentro do sanatório, ele veio de fora.”

“Talvez o senhor tenha também seu nome, endereço e número do telefone?”

Que cínico! Pulaski ignorou-o. “A carta de despedida foi escrita por Natascha, mas foi obrigada a escrevê-la pelo assassino.”

Sônia Willhalm olhou-o com os olhos arregalados. Isso era novo para ela também.

“É uma pista falsa”, explicou Pulaski.

“E qual é a pista certa?”

Outra vez o tom cínico. Será que valia a pena continuar?

“Natascha e Martin tinham um passado em comum”, tentou Pulaski novamente. “Procure em Bremerhaven. Vai encontrar respostas lá.”

Winteregger sorriu incrédulo. “É claro. O senhor já resolveu o caso há tempo com seus métodos.”

Era inútil! O LKA havia posto os dois melhores investigadores para o caso em um time: um alcoólatra amargurado, que começava o dia com uma garrafa, e um jovem arrogante, recém-saído da universidade de Rothenburg[1], que passaria mal assim que visse um cadáver pela primeira vez. Pulaski sabia desde já que as investigações não dariam em nada, e, quando chegassem as eleições estaduais, ninguém mais falaria no assunto.

“Em todo caso, obrigado pelos valiosos conselhos.” Winteregger dirigiu-se aos dois coveiros. “Levem o caixão para a saída dos fundos. Há um carro lá, que levará o defunto para o departamento de medicina legal.”

Pulaski deixou o cemitério sem mais palavras. Tinha uma hora para entregar os documentos do caso. A partir de agora, o Gordo e o Magro estavam no comando.

Sônia Willhalm seguiu-o até o carro. “Natascha foi obrigada a escrever aquelas linhas?”

“Pode apostar que sim”, respondeu Pulaski. “O que nos diz que o assassino conhece bem o passado dela... Desculpe-me, por favor.”

Pulaski pegou o celular e discou o número de Malte, que atendeu depois do segundo toque.

“Escute!”, disse Pulaski, interrompendo a torrente de palavras do colega. “Antes de entregar a caixa com os documentos do caso para os caras do LKA, copie todos os dossiês de pacientes.”

“Você perdeu a cabeça! São setenta pastas!”, gemeu Malte.

“Apenas copie! Não tenho a intenção de entregar o caso assim de mão beijada.”

1. A cidade de Rothenburg abriga a *Hochschule der Sächsischen Polizei* (FH), uma escola superior da polícia.

24

Onze horas da manhã. Finalmente o telefone de Evelyn Meyers tocava. Uma chamada interna. O *display* mostrava o número da secretária de Krager. Havia chegado a hora. O coração de Evelyn batia até a garganta quando atendeu.

“O chefe está pronto, pode vir.”

Nada mais. A secretária parecia saber do que se tratava. O Pit-bull havia chamado!

Evelyn deixou seu escritório e dirigiu-se ao outro lado da firma. Ao chegar à porta de Krager, verificou sua blusa, seu blazer e ajeitou sua saia. Havia prendido os longos cabelos em uma trança — como sempre fazia quando ia para uma negociação. E esse seria um processo e tanto!

Ela bateu na porta e entrou. Krager estava recostado em sua cadeira e telefonava. Como de costume, vestia um terno Armani. Ela nunca o havia visto com outra grife. Provavelmente, usava também aos domingos em seu apartamento.

Sua aparência a fazia lembrar-se de Patrick. Em especial, do queixo angulado e dos olhos azuis, penetrantes. Era a cara do pai. Mas, afora a maneira inequívoca de flertar com uma mulher, não podiam ser mais diferentes. Krager certamente tocaria no assunto.

Quando ela parou à sua frente, ele desligou o telefone. “Sente-se, Evelyn.”

Ela sentou-se sem cruzar as pernas como fazia sempre, mas permaneceu na beirada da cadeira.

Krager espreguiçou-se, relaxadamente. “Evelyn, há quanto tempo nos conhecemos?”

Uma pergunta retórica. Ela não respondeu.

“Você fez estágio aqui, quando ainda estudava no Instituto de Direito. Já naquela época, você era uma garota bonita e inteligente, que sabia que iria longe. Apesar do trágico acidente de seus pais, terminou a faculdade aos 23 anos como uma das melhores da classe e seguiu sua carreira trabalhando por cinco anos, em paralelo à sua formação de escriturária jurídica. Holobeck sempre teve orgulho de você — até o final.”

Ele lançou um breve olhar para o lado. Na escrivaninha, estava o formulário de óbito de Peter Holobeck e, ao lado dele, provavelmente o primeiro esboço do seu obituário, escrito à mão.

“Aos 28 anos, a habilitação como advogada”, seguiu Krager. “A entrada na ordem dos advogados e, a partir de então, trabalha para mim.” Ele tirou um charuto da caixa, girou-o entre os dedos e cheirou-o, sem, contudo, acendê-lo. Ele nunca fumaria na presença dela. Uma das características dele que a agradavam.

“Você sabe que já faz um ano que eu gostaria de tê-la como sócia júnior desta firma.”

Como poderia esquecer? Krager e Holobeck a convidaram para almoçar e lhe ofereceram a sociedade. Ela havia recusado, obrigando Krager a dissimular o constrangimento com um gracejo. Mais tarde, havia lhe confidenciado que pensava em deixar o direito civil para dedicar-se à defesa penal.

Krager aprumou-se e apoiou os cotovelos na mesa. O tom da sua voz modificou-se. Tornou-se pragmático, perdendo qualquer traço de charme e amabilidade. “Ontem à noite você invadiu meu

escritório, revirou-o e acessou documentos ilegalmente, apesar de, poucas horas antes, eu lhe haver dito explicitamente, que a cliente ordenara sigilo com respeito às circunstâncias da morte de seu marido."

O caso do *airbag*!

"Eu..."

Ele cortou suas palavras com um gesto rápido da mão.

"Mas isso não é tudo. Como eu tive de constatar, meu filho conseguiu ilicitamente documentos da Kripo sobre a morte do meu sócio, incluindo até mesmo fotos do cadáver."

Profundamente envergonhada, fechou os olhos por um momento.

"Eu..."

"Evelyn", interrompeu Krager. "Eu não me importo que você se encontre com meu filho fora do horário de trabalho. Você conhece minha opinião sobre ele, mas, se quiser manter contato com um detetive particular seboso, que não tem muito respeito para com a lei, a decisão é sua."

Sua voz ficou mais baixa. "Ele poderia ter sido um bom advogado", disse, mais para si mesmo que para Evelyn. Então, bateu com o dedo na mesa.

"Entretanto, na nossa profissão, não há espaço para esse tipo de comportamento! Evelyn, você sabe tão bem quanto eu que o nosso trabalho nem sempre é justo. A verdade é questão de interpretação, e o cliente sempre receberá um veredicto do tribunal, mas nem sempre receberá justiça. Mas, pelo amor de Deus, não deixe que meu filho a envolva em manobras ilegais. Afinal, você é uma mulher sensata."

Sensata! Por isso mesmo é que ela via as conexões, que outros preferiam ignorar. “Eu...”

“Eu ainda não terminei!” Krager inclinou-se mais para a frente e abaixou a voz. “Normalmente eu teria de denunciar o ocorrido à ordem dos advogados. No caso de uma audiência disciplinar, você poderia ser proibida de exercer a profissão. Seu sonho do direito penal estaria perdido para sempre.” Ele recostou-se para trás. Sua cadeira rangeu. “Contudo, eu estou convencido de que nada parecido irá voltar a acontecer. Por isso, não farei a denúncia.”

Que sermão! Evelyn calou-se. Não era do seu feitio, mas não voltaria a interrompê-lo. Depois de um tempo de silêncio, Krager pediu-lhe, com um gesto, que falasse.

Evelyn deveria agradecer-lhe por deixá-la sair ilesa dessa, mas sentia a necessidade urgente de explicar-lhe as circunstâncias. Apenas não sabia por onde começar, pois demasiados pensamentos passavam por sua cabeça. A foto da menina de vestido de alcinhas, a descrição da mulher no café em Bad Reichenhall e os dois acidentes, que provavelmente não eram acidentes. O estranho telefonema com Holobeck e sua morte misteriosa.

Ela mordeu o lábio. “O senhor não quer saber o que eu estava procurando no seu escritório?”

“Você não quer saber por que eu voltei ao escritório no meio da noite?”, contra-atacou ele.

“É claro que sim.” Ela havia quebrado a cabeça por causa disso.

“Andando na rua, a caminho casa, notei por acaso que havia luz na janela da minha sala. Primeiro pensei em ladrões, mas o alarme silencioso do meu celular não havia disparado, então decidi investigar.” Ele respirou fundo. “Se pudesse escolher, preferiria os ladrões.”

“O senhor quer saber o que eu procurava?”

“Não.”

A resposta veio como um disparo.

Mesmo assim, ela precisava falar. “Tanto no local da morte do pediatra Rudolf Kieslinger, como perto do local onde o vereador Heinz Prange...”

“Evelyn, você não entende? Eu não estou interessado! Os dois processos foram encerrados. Aprenda a distanciar-se das coisas! Holobeck perdeu o caso contra a Austrobag e você conseguiu que a viúva do pediatra retirasse a queixa. São histórias do passado.”

“Mas Holobeck...”

“Mas Holobeck!” Krager levantou a voz. “Ele morreu em um acidente terrível! A Kripo passou a noite toda interrogando testemunhas. O apartamento estava trancado. O idiota estava limpando a gaiola dos passarinhos em cima de uma cadeira com rodas e caiu da sacada. Isso já é trágico o suficiente!”

Ele tirou uma pasta da gaveta e jogou-a sobre a mesa. “Você deve assumir um novo caso para tirar esses pensamentos da cabeça. Eu já lhe havia falado de um caso bastante lucrativo que eu gostaria de passar-lhe.”

Ó céus, os casos lucrativos do Krager. O que seria desta vez?

Krager passou-lhe a pasta por sobre a mesa. Ela olhou para a capa. Angelika Bäumler contra Matthias Windbichler. Uma ação judicial privada!

Ela conhecia o segundo nome. O economista Windbichler era o diretor de um banco que eles representavam.

“Eu sei que este tipo de caso não é a sua especialidade, mas desta vez é algo diferente. O diretor Windbichler é um dos nossos

clientes. Ele me pediu para assumir o caso de seu filho, Matthias.”

A voz de Krager voltou ao seu tom pragmático. Ele podia mudar de uma conversa emocional para um tema de negócios em poucos segundos, sem desperdiçar um pensamento sequer com a discussão anterior.

Evelyn não era capaz disso. Na sua cabeça, os pensamentos continuavam a dançar. Por isso, entendeu apenas a metade, quando Krager lhe contou que Matthias e sua namorada Angelika tinham tido uma briga feia na casa de seus pais. A garota declarara que a discussão acabara em violência física e que seu namorado a havia espancado. Ele, por sua vez, dissera que ela mesma caíra contra a mesa com tampo de vidro e que ela mesma havia causado os outros ferimentos dias depois. Não havia sido feita ocorrência policial, mas, duas semanas mais tarde, a menina entrara na justiça pedindo indenização.

Contrariada, Evelyn abriu a pasta e estremeceu. Uma foto colorida, tirada no hospital, estava por cima dos papéis. Instintivamente, prendeu a respiração. A moça tinha escoriações no rosto, o lábio ensanguentado e hematomas embaixo dos olhos inchados, que brilhavam em tons azuis e esverdeados. Ela mesma teria causado esses ferimentos?

Krager rolava o charuto pelos dedos. “Tire o garoto dessa.”

Tirá-lo dessa?

Ela fixava os arranhões no rosto da garota, que não tinha mais de dezessete anos. Ninguém podia fazer isso a si próprio!

Os hematomas, o lábio ensanguentado, os arranhões e as escoriações. Provavelmente, ela havia cerrado os olhos e levantado os braços para defender-se dos golpes...

... mas ainda assim sentira as dores nos pulsos, quando seus braços foram torcidos para trás. As cordas apertavam cada vez

mais, e cortavam a pele até que os dedos ficaram amortecidos. Sentia os golpes na nuca, e o saco de juta por cima da cabeça...

Evelyn respirava com dificuldade. Seu coração disparou. Limpou o suor frio da testa, e percebeu que seus dedos trêmulos estavam gelados. “Eu não posso”, sussurrou.

Krager lhe deu um copo de água, que ela ignorou.

“Eu sei o que está sentindo, Evelyn.” Ele fechou a pasta. “Mas como quer se tornar defensora penal e representar supostos criminosos perante juízo, sem haver superado seu próprio passado?”

Advogados de defesa podem escolher os seus casos, respondeu em pensamento. Ela tinha princípios, e nunca iria a tribunal para defender um estuprador ou um abusador de crianças.

Krager olhava-a com pena. “Eu sinto ter de repetir, mas você precisa aprender a esquecer o passado!”

Esquecer? Como ela poderia? Sonhava quase todas as noites com o homem que lhe havia feito isso quando tinha dez anos de idade. Nada estava encerrado — nem de longe!

25

Enquanto folheava a pasta em seu escritório e lia o relatório do médico, Evelyn sentia seu estômago contorcer-se. Tinha tanta resistência interna contra o caso que sentia náuseas de verdade.

Krager teria razão, no fim das contas? Ela teria de vencer o seu passado? Mas como? Aquele homem não tinha somente arruinado a sua vida, mas também a sua família. Mais uma vez, flagrou seus pensamentos rodeando o passado...

... a cabana de caçadores na floresta. A escada infindável, que descia para o porão. A sala escura com a lâmpada suja, o odor das paredes úmidas, a corda, a argola de metal no chão... e os gemidos que vinham da sala ao lado.

O toque do telefone arrancou-a de seus pensamentos. Atendeu a ligação.

“Olá, minha oncinha. Qual é a diferença entre um advogado e um tubarão?”

Ela riu, aliviada.

Do outro lado da linha, Patrick murmurava, confuso:

“Mas eu ainda nem te contei o final da piada.”

“Não é preciso.” Ela seguia rindo. “É bom ouvir a tua voz, porque...” Ela calou-se, pois ouvira vozes no corredor.

“Espere um momento.” Evelyn levantou-se para fechar a porta da sala. Ninguém precisava saber sobre o que falavam.

Deixou-se cair na cadeira, descalçou os sapatos e colocou as pernas sobre a mesa. Então contou-lhe do sermão que seu pai lhe havia dado, que os paralelos entre os casos do *airbag* e do bueiro não lhe despertaram o mínimo interesse, e do novo caso que ele queria que ela assumisse.

Depois de uns quinze minutos falando de suas frustrações, sem que Patrick a interrompesse uma única vez, ela fez uma pausa.

“Por que você ligou, afinal?”

“Esqueci. Faz tanto tempo.”

Ele era tão infantil! Ela não teve como não sorrir.

De repente, ele ficou sério. “Eu estive bisbilhotando um pouco as vidas de Rudolf Kieslinger e Heinz Prange...”

“Eu pensei que você estivesse sem tempo”, interrompeu-o.

“Oncinha”, suspirou ele, “eu tenho todo o tempo do mundo. A partir de agora, eu sou todo seu.”

Ele havia enlouquecido? “E os seus casos? A mulher com a pizza e os filmes de terror?”

“Tive de passá-los para um colega.”

Estava perplexa. “Você nunca entregou um caso.”

“Desta vez, sim... Fazer o quê! Você vai descobrir mesmo.” Ele respirou profundamente. “Depois que você foi embora ontem à noite, eu tive uma briga feia com o meu velho. Ele, o pai tirano — eu, o filho desnaturado. Falamos sobre minha mãe, e tudo veio à tona. A velha história de relacionamento. Ele não disse nada?”

“Nem uma palavra.”

“Típico! Enfim, saí correndo do escritório, com a pressão a trezentos, corri para a rua, não vi o carro vindo e fui atropelado.”

Evelyn deu um salto. “Você está ferido?”

“Ferido? Eu quase morri!”

É claro! Sempre exagerando. Ela afundou de volta na cadeira. “E como está agora?”

“Uma leve concussão cerebral, nada grave. Mas torci a perna. Os ligamentos laterais do joelho esquerdo estão rompidos. Em uma hora, o joelho ficou do tamanho de uma bola de futebol. No hospital, tiraram o sangue do hematoma com uma seringa.”

“Está exagerando, não?”

“Nem um pouco!” Ele parecia estar falando sério. “Depois do raio X e da tomografia computadorizada, me engessaram do calcanhar até o quadril. Cheguei em casa às quatro da manhã. Agora venho tentando andar com as muletas.”

“Eu sinto muito.” Sentia-se culpada. Afinal, fora ela que o havia levado àquela situação. “Você precisa de alguma coisa? Quer que eu vá visitá-lo?”

“Não é preciso. Estou tomando analgésicos, e tenho tudo sob controle. E, afinal, posso esquecer os casos de espionagem e ter mais tempo livre do que gostaria. Quer saber o que descobri?”

Ela podia imaginá-lo sentado em seu escritório, com a perna apoiada para cima, o computador e o telefone a seu lado, enquanto escrevia em seu caderno de anotações e atormentava a secretária para que lhe trouxesse café constantemente. “Diga.”

“O pediatra e o vereador não levavam uma vida tão exemplar assim.”

“Eles se conheciam?”

“Não, mas tinham um passado similar.”

Também haviam encontrado um final parecido, pensou Evelyn. O pediatra afogou-se em um bueiro aberto, o vereador foi nocauteado por um rádio arremessado por um *airbag*. Duas maneiras nada elegantes de morrer.

“Eu me deparei com três pontos interessantes...” Evelyn ouviu o ruído dos papéis que Patrick folheava. “Primeiro: Rudolf Kieslinger e Heinz Prange sofreram várias denúncias relacionadas a pornografia infantil na internet, cujos processos não foram adiante. Aparentemente, não havia provas suficientes e cada caso foi encerrado pelo promotor depois de poucas semanas.”

Pornografia infantil! Sentiu um aperto na garganta. A coisa tomava um rumo que não lhe apetecia nada.

“Segundo: de acordo com os extratos bancários dos dois, não pergunte como os consegui, desde 1998 ambos depositavam mil euros por trimestre em uma conta bancária anônima. Pode ter certeza de que esses valores não eram doações voluntárias a orfanatos.”

“Taxas para associações duvidosas?”

“Possivelmente. Ou, talvez, tenham sido chantageados. Mas o melhor ainda está por vir: a conta anônima é a mesma. Infelizmente, não é possível saber quem é o titular.”

O rosto de Evelyn empalideceu. “Eu sabia que, à parte da menina de vestido de alcinhas, tinha de haver uma conexão entre os dois!”

“Eu ainda não terminei”, interrompeu Patrick.

Instintivamente, ao escutar passos no corredor, Evelyn tirou as pernas de cima da mesa.

“O terceiro ponto é o mais interessante. Eu pesquisei, onde Kieslinger e Prange se encontravam no verão de 1998, quando os pagamentos começaram...”

Uma sombra apareceu atrás da porta de vidro fosco.

“... e descobri mais um ponto em comum.”

Após bater na porta, Krager entrou.

Evelyn afastou o fone do ouvido.

Krager depositou um cartão de visita em cima da escrivaninha. “Aqui está o número de telefone de Matthias Windbichler. A propósito, o advogado da demandante é, mais uma vez, o doutor Jordan. Você já teve o prazer de conhecê-lo.”

Evelyn ouvia os murmúrios de Patrick, e colocou o fone no gancho. Ignorou completamente o cartão de visita. “Eu sei que o senhor não quer ouvir, mas Rudolf Kieslinger e Heinz Prange tinham um passado em comum”, disse, com frieza
na voz.

O rosto de Krager ficou vermelho, mas ela prosseguiu. Ele não poderia ser tão cabeça-dura a ponto de não escutar... Contou-lhe dos depósitos em conta anônima, da foto da garota de cabelos longos e finos e vestidinho de verão. Ao chegar ao telefonema com Holobeck, Krager explodiu.

“Evelyn!”, bradou. “Nós não somos a polícia, somos advogados!” Pegou a pasta de Angelika Bäumler contra Matthias Windbichler e bateu com ela na mesa. “Este é o seu caso, e nenhum outro! Eu lhe dei uma chance, mas você não me deixa opção.” Ele respirou fundo para acalmar-se. “Vou suspendê-la pelo resto da semana. Pode

fazer o que quiser. Esclareça o que precisa esclarecer, mas volte com a cabeça limpa.”

Férias? Parecia uma palavra estrangeira. Ela nem se lembrava mais o que isso significava. Suas últimas férias haviam sido há anos. Uma viagem ao Caribe, com amigos. Seria impossível conseguir um voo de última hora para o sul. Ficar em casa não era uma alternativa — as paredes a sufocariam. “O senhor não pode estar falando sério.”

“E como estou!” Krager pegou a pasta da mesa. “Deixe seu escritório em ordem e a sua vida também. Na próxima segunda-feira, quando sua mente estiver livre outra vez, veremos como continuar.”

Ele saiu da sala, batendo a porta com tanta força que o vidro vibrou. Ela nunca o havia visto tão furioso. Evidentemente, a morte de Holobeck, combinada com a sua atitude nos últimos dias, haviam sido demais para ele. E tudo isso logo depois da festa de 25 anos. Depois de toda ascensão, vinha a inevitável queda. Além disso, seu comportamento certamente não era o que se esperava de uma sócia em potencial.

Evelyn olhou fixamente para o telefone. Nenhum dos botões piscava. Apesar de todos os problemas, uma pergunta não queria calar: qual seria o terceiro ponto, que Patrick descobrira acerca dos dois homens?

26

No final da tarde, Walter Pulaski deixava o pavilhão da estação ferroviária no centro de Leipzig. O horário de pico acabara de começar. Os bondes passavam por ele rangendo, um a cada minuto, e os carros rolavam pela avenida como um grosso rio de lava. Há poucos minutos, embalara-se com a música da galeria de lojas na estação; agora o barulho do trânsito o massacrava.

Uma filial de uma rede de vestuário havia sido assaltada, e o chefe da delegacia, Fux, havia decidido que um integrante do setor de emergências deveria averiguar o caso. Os ladrões haviam esvaziado o caixa, levando oitocentos euros em dinheiro, depois agredido uma cliente e roubado a sua bolsa, e por fim arremessado um manequim na vitrine. O programa completo: danos materiais, assalto, lesão corporal e, provavelmente, porte de arma ilegal. Pulaski havia interrogado testemunhas, tirado fotos e anotado os danos causados. Para sua sorte, os autores do crime não haviam deixado a estação imediatamente e resolveram atacar também uma banca de revistas, para limpar mais um caixa. Nisso, derrubaram um suporte de jornais, destruindo alguns mostruários.

Pulaski perguntava-se como alguém podia ser tão estúpido a ponto de repetir a mesma ação criminosa ao mesmo tempo, no mesmo local.

Depois de passar meia hora no escritório da administração da estação, conseguira uma foto nítida da câmera de vigilância ao lado da banca. Com isso, o caso estaria encerrado. A busca não deveria demorar nem 24 horas, ao final das quais os dois jovens estariam

sentados com Horst Fux na sala de interrogatórios da delegacia na Dimitroffstrasse. Isso era ridículo, mas quando o assunto era criminalidade juvenil, Fux fazia questão de cuidar do caso pessoalmente, mesmo que estivesse com trabalho até o pescoço. Queria sempre dar aos rapazes um bom conselho para a vida. Fux não conseguia escapar do seu papel de mentor social. Por vezes, tratava melhor os criminosos que seus colaboradores.

Pulaski protegeu os olhos com a mão contra o sol do entardecer. Levou sua maleta até o carro, que estava parado em frente à zona de pedestres. Ainda lhe restava um pouco de tempo antes que tivesse de voltar à delegacia. Poderia ter passeado pelas lojas, como tantas vezes fazia, ou telefonado para sua filha, ou ainda feito as compras para o jantar. Também poderia ter marcado um encontro rápido com Jasmim em uma sorveteria para aproveitar um dos últimos dias de verão. As aulas tinham acabado de começar, e sua filha ainda andava bastante entediada. Desde que Karin não havia voltado mais do hospital, há cinco anos, a pequena era muito apegada a ele. Sempre que seu horário de trabalho permitia, costumava telefonar para ela, e ela vinha encontrá-lo com sua bicicleta, que já era pequena demais. Mas talvez ela o fazia apenas por pensar que ele se sentia só. Fosse como fosse, dessa vez ele não tinha tempo para quebrar a cabeça com isso. Tinha outra coisa para resolver.

Andou até o seu carro, jogou a maleta no banco traseiro, tirou o crachá da polícia do console e sentou-se atrás do volante. Acendeu um cigarro e pousou sobre as pernas o pesado monte de documentos que Malte havia copiado. Setenta prontuários de pacientes! Todos da psiquiatria de Markkleeberg. Ele já havia olhado a papelada ontem à noite, na sala de reuniões do sanatório, mas agora buscava por algo diferente: conexões.

Haveria entre os pacientes mais algum órfão que sofrera abuso e que viera do hospital de Bremerhaven para a clínica psiquiátrica de Markkleeberg? E haveria isso se passado dez anos atrás? Depois

de meia hora, colocou a última folha de lado. Nada! Embora tivesse encontrado um ou outro acontecimento, não havia nenhuma ata cujos dados relevantes pudessem dar alguma pista. Somente as de Martin e Natascha. Seria, então, coincidência? Ele não queria acreditar. Tinha essa sensação na barriga que raramente o havia enganado. A autópsia do corpo de Martin Horner mostraria se o menino havia mesmo morrido por causas naturais ou não. Mas Pulaski não queria esperar tanto. Ele sentia que havia algo a mais por trás da fachada desse caso. E queria demolir essa fachada para que os segredos viessem à tona.

Seus pensamentos voavam.

Duas crianças mortas em poucos dias.

Insuficiência cardíaca e suicídio.

O homem grisalho.

A carta de despedida falsificada.

A pista que indicava para Bremerhaven.

Ele suspeitava que Goteinik, seu ex-colega do LKA, e o jovem arrogante não dariam atenção a essa pista vaga. E, de alguma maneira, Pulaski sentia que o grisalho atacaria novamente — ou talvez já houvesse atacado antes? Esse pensamento fez com que se levantasse. Entretanto, não haviam outros casos de morte na psiquiatria de Markkleeberg. Então lembrou-se de algo que Sônia Willhalm lhe havia dito ontem durante o passeio pelo parque.

Só existiam duas instituições especializadas em casos como esses: uma clínica em Göttingen e Markkleeberg.

Göttingen! A cidade ficava a apenas 230 quilômetros de Leipzig. Três horas de carro. Uma outra clínica especializada em personalidades múltiplas. Ele precisava descobrir se ali também haviam ocorrido mortes entre os pacientes. Caso contrário...

... Talvez estivessem ainda por vir.

27

Na cozinha de seu apartamento, Evelyn retirou as pizzas das caixas, colocou-as em pratos e serviu duas taças de champanhe. Escutou o ranger do sofá vindo da sala. Deu uma olhada pelo canto da porta. Patrick procurava ajeitar-se da melhor maneira possível, com um pé no chão e a perna engessada sobre duas almofadas. Clyde ronronava, preguiçoso como sempre, deitado ao lado do seu pé, enquanto Bonnie trepava por cima dele, pisoteando sua barriga com as patas dianteiras, como se procurasse um lugar confortável para deitar-se.

“Qual é, então, esse interessantíssimo terceiro ponto em comum que você descobriu sobre o pediatra e o vereador?”, perguntou Evelyn.

Após ter organizado as pilhas de documentos em seu escritório e deixado uma breve notícia de ausência em sua conta de e-mail — de férias até sexta-feira — havia ido para casa, furiosa.

Ainda no carro, ligara para Patrick, para contar-lhe que Krager a havia suspendido pelo resto da semana. Obviamente, Patrick havia aproveitado a deixa para falar mal do seu pai. Ele disse que pegaria um táxi e iria para a sua casa, e realmente apareceu, meia hora mais tarde, de muletas, diante da sua porta — acompanhado pelo taxista, que segurava nas mãos uma garrafa de champanhe, um buquê de rosas e duas caixas de pizza. Depois de receber uma gorda gorjeta, saíra sorrindo. Deve ter pensado que festejariam uma reconciliação, ou que teriam uma noite romântica.

Evelyn não tinha apetite, muito menos para pizza fria, mas assim era Patrick. Impossível dissuadi-lo de algo que houvesse posto na cabeça. Nesse meio-tempo, havia anoitecido, algumas velas iluminavam a sala e a música de Enya preenchia a atmosfera. *Shepherd Moons*. Patrick havia insistido em arrumar a sala desse jeito para distraí-la de seus pensamentos. Ela sabia bem que tipo de pensamentos ele tinha — e isso ela não queria, com ou sem o gesso. Pelo menos por agora.

“Qual é o terceiro ponto?”, perguntou, enquanto levava a bandeja com as pizzas e os copos para a sala.

“Mais um momento de paciência, veranista!” Patrick tentava levantar-se, enquanto Bonnie lhe tocava o rosto com o focinho. Evelyn pôs o prato no colo dele e entregou-lhe os talheres.

Rapidamente, ele cortou um pedaço da pizza. “Minha cabeça ainda está doendo, mas estou com uma fome de leão”, murmurou ele, com a boca cheia.

“Nota-se.”

Ele sorriu. “Se a montanha não vai ao profeta, então o profeta vai à montanha.”

Mais uma alusão ao jantar à luz de velas, que, até agora, ela lhe havia negado. Teria sido sensato transferir o jantar para a sua casa?

Evelyn colocou seu prato de lado. Sem perder tempo, Bonnie e Clyde atacaram o presunto.

“Tem alguém com muita fome aqui.” Patrick pegou o copo de champanhe.

Ela sentou-se ao seu lado, de pernas cruzadas, e brindou com ele. “Sou toda ouvidos.”

“De acordo com os extratos bancários, os depósitos de Kieslinger e Prange na conta anônima começaram há exatamente dez anos”, disse Patrick, enquanto mastigava. “Eu sei apenas que é uma conta no Volksbank de Hamburgo. No verão de 1998, o vereador Prange fez uma viagem de avião extraoficial para Hamburgo, e...”

“Como você sabe disso?”, interrompeu Evelyn. “Nenhuma companhia aérea mantém suas listas de passageiros por tanto tempo.”

“Elementar, meu caro Watson!” Patrick sorria. “Prange alugou um carro na agência da Sixt no aeroporto, e foi fotografado por um radar quando dirigia a 180 quilômetros por hora a caminho de Bremerhaven. Como se não bastasse, devolveu o carro com um amassado na lateral. Além de uma denúncia gorda por fuga após acidente de trânsito e excesso de velocidade, houve também o caso do seguro. Prange ficou vários meses sem habilitação.” Patrick fez uma pausa. “Em todo caso, ele parecia estar com muita pressa, provavelmente porque o avião havia pousado com atraso.”

Evelyn estava impressionada, mas nunca confessaria isso a Patrick. “E o que mais?” Ela bebericou seu champanhe.

Patrick enfiou um pedaço de pizza na boca. “Ao mesmo tempo, Kieslinger esteve em um congresso de medicina em Bremerhaven.”

“Os dois se encontraram lá?”

Ele negou com a cabeça. “Prange era político, e não médico — não tinha nada que fazer ali. Mas o interessante é: Kieslinger também não estava lá. A coordenação do congresso havia reservado um quarto para ele no hotel, mas ele não apareceu por mais de uma semana, nem no hotel, nem no congresso.”

“Onde ele esteve?”

“Este é o ponto crucial.” Patrick inclinou-se para a frente.

“Azeitonas?”

“Não. Continue!”

“Para descobrir isso, eu peguei um táxi hoje de manhã e fiz uma visita à viúva de Kieslinger.”

“O quê?” Evelyn deu um salto. “Em vez de descansar, você foi falar com aquela velha bruxa?”

Ainda via claramente a imagem da mulher com o penteado exagerado e o batom grosso demais manchando a dentadura. “Por que ela falaria com alguém como você?”

“Alguém como eu?”, repetiu Patrick. “Em primeiro lugar”, ele jogou seus cabelos para o lado, com um movimento enérgico da cabeça, “eu sou um cara jovem e charmoso, adorado por senhoras de idade, e segundo porque eu sou um repórter que está escrevendo uma série de artigos sobre médicos famosos.”

“E ela não estranhou a sua perna engessada?”

“Repórteres estão sempre em serviço!”

Ela deu um soco na perna boa dele. “Seu canalha, não tem vergonha de mentir assim para uma velha senhora?” Krager tinha razão em afirmar que seu filho era um detetive seboso, que não tinha compromisso com a verdade.

“Então, o que foi que ela disse?”

Patrick olhou para o lado, ofendido.

“Vai, diga logo! Caramba, você é pior que mulher!”

“Detetives particulares também têm sentimentos.”

“Tá, tá, fala logo!”

Ele a olhou de lado. “No começo, ela estava muito mal-humorada e não quis me receber.”

“Isso eu posso imaginar. Depois do encontro comigo, o advogado dela retirou a queixa contra a empreiteira, fazendo-a perder alguns milhões em indenizações.”

“Imaginei algo parecido.” disse Patrick, sorrindo.

“Continuando, então: tomamos café, sentados no jardim de inverno, enquanto conversávamos sobre o marido dela. Disse-me que, em suas viagens para o norte, ele sempre levava tampões de ouvidos, adesivos de escopolamina e comprimidos de meclizina... remédios específicos contra enjoo relacionado a movimento.” Ele a olhava, esperando que a ficha caísse.

“E?”

“Watson, estou decepcionado.” Patrick abriu os braços, inconformado: “Para que alguém precisa de tampões de ouvidos e medicamentos como esses?”.

“Contra enjoos em alto-mar e ruído de turbinas?”

“E o que há em Bremerhaven?”, continuou.

“Navios?”

“Nada mal! Kieslinger obviamente era um fanático por navios, pois em sua casa há várias fotos dele de boné e cachecol encostado na amurada de um iate. Sua viúva contou-me que ele adorava viagens de negócios para o norte, porque poderia visitar os portos e clubes de iatismo. Ela, por sua vez, odeia a água.”

A voz de Patrick tornou-se enigmática. “No dia em que Prange foi para Bremerhaven com o carro alugado e Kieslinger não apareceu em seu hotel, vários pequenos navios de passageiros saíram do

porto, mas apenas um deles voltou no dia exato do término do congresso.”

“Prange e Kieslinger embarcaram em um cruzeiro?”

“Com o Friedberg, que pertence a um certo Edward Hockinson, um armador rico e excêntrico”, complementou Patrick, finalizando a sua história.

“Uau!”, exclamou Evelyn. Ela sabia que era o trabalho de Patrick descobrir tais coisas, mas com isso não havia contado. As pistas indicavam para o norte da Alemanha: a conta anônima, que recebera depósitos por dez anos, e a viagem dos dois homens a Bremerhaven. Ela se perguntava o que tudo isso teria a ver com a garota de vestido azul. Naquela época, ela não devia ter mais de dez anos. “Você tem o número de telefone desse Hockinson?”

Patrick olhava-a, incrédulo. “Desculpe não ter tido tempo para descobrir. Passei horas falando com Uwe, um colega na Alemanha, com o Volksbank, a Kripo de Hamburgo, a associação dos médicos de Viena, e, por fim, com o hotel Columbus em Bremerhaven. Acho que um gentil obrigada seria apropriado!”

“Obrigada, meu herói”, disse ela, sorrindo, e deu-lhe um beijo na bochecha. “Mas diga-me: por que você investiu tanto esforço nesta história? Certamente não foi para não ter de ficar o dia inteiro parado no escritório com sua perna engessada.”

Ele desviou o olhar. “Porque eu sou o único que acredita nessa sua ideia maluca.”

Ela sentiu suas faces ficando vermelhas. Rapidamente, pegou o celular. “Vamos descobrir o endereço de Hockinson.”

Enquanto Patrick observava os gatos, que acabavam de comer a última fatia de presunto da pizza, ela discava o número internacional de auxílio à lista. Alguns minutos depois, ela escrevia o número de Edward Hockinson num guardanapo.

Patrick olhava para os algarismos. “Este não é o código de área de Bremerhaven”, murmurou.

“Exato”, respondeu Evelyn. Depois de passar o dia telefonando para a Alemanha, ele devia conhecer de cor todos os prefixos do norte do país. “O número é de Cuxhaven.” Ligou o viva-voz do seu celular e teclou o número.

Ela sabia que Cuxhaven também ficava no Mar do Norte, a poucos quilômetros de Bremerhaven. Como “Edward Hockinson” não era exatamente um nome muito comum, estava segura de haver encontrado o certo. Pôs o celular sobre a mesa. Patrick sentou-se, com dificuldade, numa posição mais ereta, e aproximou-se. Ansiosos, escutavam o sinal de chamada.

“O que você vai dizer, quando ele atender?”, sussurrou ele.

O coração de Evelyn batia forte. “Não tenho ideia.”

Finalmente, alguém atendeu. Uma voz grave de homem, com sotaque do norte da Alemanha.

“Aqui é Edward Hockinson...”

28

Ao anoitecer, Pulaski estava sentado em seu escritório, olhando fixamente para o monitor. O tempo passava devagar como nunca.

Horst Fux, o gigante de bigode, passou pela sua sala e enfiou a cabeça para dentro. “O relatório da estação de trens está pronto?”

“Estou trabalhando nele”, mentiu Pulaski. O relatório estava pronto há meia hora, na gaveta da escrivaninha. Pelo canto do olho, observava o monitor.

Busca concluída em 96%.

“Apresse-se, quero que as fotos dos dois jovens saiam hoje ainda para a busca.”

“Sim, claro.”

Busca concluída em 97%.

Fux já estava indo, quando Pulaski o chamou de volta.

“Alguma novidade de Goteinik e Winteregger?”

“Esse caso não é mais seu.”

“Isso não é novidade!”

Fux virou-se e apoiou a mão no canto superior da porta. Nas suas axilas, viam-se grandes manchas de suor. Ele já estava em serviço desde as sete da manhã, e certamente ficaria até a meia-

noite. Assim era o trabalho de um chefe de delegacia. “Até onde eu sei, estão interrogando os médicos e enfermeiros da psiquiatria.”

“Idiotas!”, Pulaski suspirou. “Estão perdendo tempo.”

“Pode ser. Mas o caso não é mais seu.”

“Eles estão cometendo um grande erro.”

“Não seria a primeira vez”, Fux deu de ombros. “O que lhe importa?”

“Há muito mais por trás desse caso”, respondeu Pulaski. “Eu sinto isso.”

“O famoso sexto sentido de Pulaski!” Do jeito que disse, soava como deboche. Contudo, de repente Fux o olhou com as sobrancelhas cerradas. “Eu sei que você não gosta de ouvir isto, mas, se tivesse ficado no LKA, poderia estar liderando as investigações. Você foi um dos grandes lá, mas agora está fora do jogo, pelo menos aos olhos deles.”

Sim, maldição, outra vez a velha história. Ele não tinha nada contra os rapazes do LKA, mas tinham de ser justamente esses dois fracassados? Como todos os outros, ele havia fingido não ver quando provas desapareciam ou quando algo era varrido para debaixo do tapete. Mas dessa vez ele não queria permitir isso. Eram vidas de adolescentes que estavam em jogo. O que poderiam fazer contra ele, se prosseguisse com as investigações por conta própria? Transferi-lo? Para onde? Ele já estava no setor de emergências e passava os dias escrevendo relatórios. Pior não poderia ficar. Pulaski olhou para o monitor.

Busca concluída em 99%.

“Você tem razão.”

“Lembre-se do relatório!” Fux acenou-lhe com a cabeça e desapareceu.

Nesse instante, um apito soou do monitor.

Busca concluída. Um item encontrado.

Ele havia feito um cadastro novo para entrar no sistema do Registro Civil, e havia efetuado uma busca por casos de óbito nos últimos três meses na clínica de psiquiatria de Göttingen. Um acerto! O atestado de óbito havia sido expedido há uma semana. Apesar do calor no escritório, Pulaski sentia os dedos gelados e rígidos no teclado. O paciente — um certo Sebastian Semmelschläger — havia cometido suicídio. A data de nascimento revelava que tinha dezenove anos. Como Natascha e Martin. Mais não daria para descobrir com um computador e os seus direitos.

Pulaski pegou o telefone e ligou para o departamento de investigações criminais da Saxônia. É claro que não falaria com Goteinik, nem com Winteregger. Era muito cedo para isso. Mas havia muitos outros em Dresden que ele ainda conhecia de seus dias como comissário-chefe, e que lhe deviam favores.

Enquanto esperava pelo retorno de Dresden, tomou um café na cozinha e fumou um cigarro. Havia dado uma grande volta para não passar diante do escritório de Fux. Estava escuro na cozinha. Pulaski apoiou a testa na janela e olhou para a rua, lá embaixo. A iluminação acabara de acender-se e as pessoas apressavam-se para levar suas compras para casa. Ele chegaria mais tarde em casa do que havia planejado — assim como ontem. No fundo, Fux tinha razão. Que importância tinha esse caso para ele? Melhor seria ir para casa, enquanto a noite estava agradável. Ele havia prometido a Jasmim que esta semana iria com ela de bicicleta para o parque, levando ainda o cachorro do vizinho, onde poderiam jogar *frisbee*. Mas não seria hoje. Ele precisava ir ao fundo dessa última coisa. Mesmo que fosse somente para ter a consciência tranquila.

Finalmente, seu celular tocou. Apagou o cigarro. Contudo, não era um número de Dresden, mas sim o de Meike. Ligava do departamento de patologia.

“Olá, meu querido. Como vai?”

“Ainda em serviço?”, perguntou. “Você não tem nada para fazer em casa?”

“Você sabe, cortar cadáveres é o meu *hobby* preferido. Onde você está?”

“Na delegacia.”

Ela riu. “E justo você, que mora no escritório, reclama de mim.” Fez uma pausa. “Quanto tempo pretende ficar aí?”

“No máximo quinze minutos”, disse ele. “Tomara!”

“Vamos sair para beber algo?”

Fazia tempo que ela não perguntava, e ele esperava que Meike tivesse desistido. Da clínica da universidade até a Dimitroffstrasse eram apenas quinze minutos a pé.

Uma visita a um bar depois do trabalho seria algo natural. Mesmo assim, ele havia saído com ela algumas poucas vezes. Nunca a sós, sempre com outros colegas. Quando ela perguntava, ele quase sempre pensava em Karin. Acreditava que ela tivesse aprovado que ele se encontrasse com outras mulheres depois que ela se foi. Afinal, não poderia ficar em casa para sempre, olhando para as suas fotos, que escondia da filha em uma gaveta. Porém, dessa vez não foi Karin que passou pelo seu pensamento, mas Sônia Willhalm. Desde ontem, quando vira a terapeuta pela primeira vez, não conseguia tirá-la da cabeça. Mantenha distância da ex-mulher do promotor Kohler, disse a si mesmo — e, ainda assim, seus pensamentos estavam com ela o tempo todo. Seria esse mais um motivo pelo qual ele queria seguir acompanhando a investigação

das mortes de Natascha Sommer e Martin Horner? Para não cortar a conexão com ela? Seus sentimentos confusos e motivos ambíguos seriam um prato cheio para um psiquiatra.

“Não, hoje não”, disse, finalmente. “Quero ficar em casa com a minha filha.”

“Ah, sim, claro.” Meike parecia suspeitar que sua resposta não correspondia bem à verdade. Mas que diferença fazia? Nunca houvera nada entre eles.

“A propósito, hoje apareceu um segundo paciente da psiquiatria na minha mesa.”

Sua atenção voltara. “Martin Horner?”

“Você está bem informado. Os caras do LKA acertaram em cheio.”

Os caras do LKA acertaram em cheio? Não me faça rir, pensou Pulaski.

“Ele não morreu de parada cardíaca?”

“Ainda não posso afirmar com certeza. Em todo caso, o relatório médico diz que ele sofria de insuficiência cardíaca, e tomava medicamentos regularmente para acelerar os batimentos do coração”, respondeu a médica-legista. “Mais interessante para você é que eu encontrei picadas de injeção nos ombros dele.”

“Assim como em Natascha.”

“Obviamente, o patologista não se deu conta disso, ao fazer a autópsia. Normalmente, eu também não notaria, mas estava procurando por similaridades.”

“Botox?”

“Possivelmente.”

Ele já suspeitava... “Martin não morreu de causas naturais.”

“O famoso diagnóstico à distância do doutor Pulaski”, zombou Meike. “Por que o caso lhe interessa tanto?”

“Por favor, simplesmente me mantenha informado.”

Depois do telefonema, Pulaski voltou ao seu escritório. Dez minutos mais tarde, veio a esperada ligação de Dresden — de Philip Koch, o responsável pelo processamento de dados e serviço de informações. Fora ele que lhe apresentara a Karin em uma festa e havia sido seu padrinho de casamento.

A voz de Philip soava adormecida como sempre, como se tivesse tomado uma caixa inteira de soníferos. “O paciente Sebastian Semmelschläger cometeu suicídio na psiquiatria de Göttingen. Não vejo detalhes, você teria de falar com o médico-chefe, mas ele não vai lhe dizer nada.”

“Eu sei, Philip. Além disso, eu já havia descoberto isso sozinho”, interrompeu Pulaski.

“Como está indo a vida aí em Leipzig?”

“Melhor impossível, obrigado.” Nada de bate-papo, agora! “O que descobriu sobre o hospital de Bremerhaven?”

Philip batia os dedos no teclado. “Você tinha razão. O menino foi tratado lá, em agosto de 1998, e de lá foi transferido para Göttingen.”

Um calafrio tomou conta de Pulaski. “A outra busca!”, insistiu. “Houve mais alguém?”

“No verão de 1998, mais uma criança foi atendida pelo mesmo médico, e também foi transferida para o setor de psiquiatria de Göttingen.”

Na mosca! O coração de Pulaski dava sobressaltos. “Qual é o nome do médico?”

“Não posso lhe dizer, é confidencial.”

Pulaski tentava permanecer calmo. “E o nome da criança?” Agarrou a caneta.

“Lesja...” Philip vacilava. “Prokopow...”

“Prokopowytsch”, ajudou Pulaski. Um nome ucraniano.

Quatro crianças da mesma idade que foram atendidas ao mesmo tempo em Bremerhaven. Provavelmente, havia sido o mesmo médico em todos os casos. Duas das crianças haviam ido para Markkleeberg e duas, para Göttingen — e agora três delas estavam mortas.

“A garota ainda está lá?”

“Eu sou adivinho?”, grunhiu Philip.

“Obrigado, você me ajudou muito.”

“Tudo bem, mas você sabe que esses pedidos de informação normalmente...”

“Obrigado, Philip.” Pulaski desligou o telefone, pegou o relatório na gaveta e saiu da sala. Chegando ao escritório de Fux, jogou a pasta da investigação do assalto na estação central sobre a mesa.

“Fotos para a busca, declarações de testemunhas, relação dos danos causados... a mesma merda de sempre.”

Fux levantou uma sobrancelha, e fez de conta que não ouvira o seu comentário.

“Posso tirar o dia livre amanhã?”, perguntou Pulaski.

Fux não levantou o olhar, continuando a folhear a pasta.

“Para quê?”

“Preciso descansar.”

Fux soltou uma risada rouca. “E quem não precisa?” Depois olhou para o relógio na parede. “Meio tarde para isso, não acha? As férias acabaram, os últimos dias do verão estão aí, e todo mundo quer ter um dia livre.”

Pulaski não respondeu. Esperava que Fux não perguntasse o motivo. Ele já passava tempo de menos com sua filha, então que ela ao menos não fosse o objeto de uma mentira de emergência. Nesse sentido, sua consciência pesada era tão precisa como um relógio suíço.

Fux fechou a pasta. “O relatório está bom. Por mim, tudo bem. Fale com Malte para que ele assuma o seu turno.” Ele abriu a gaveta, pegou um formulário e entregou-o a Pulaski. Olhava-o, como se soubesse o que passava por sua cabeça. Mesmo assim, a pergunta seguinte pareceu casual. “Um dia de folga. O que pretende fazer?”

Pulaski assinou o formulário. “Um passeio no campo.”

“Que bom.” Fux abaixou a voz. “Ligue, caso entre em apuros.”

Apuros? Pulaski parou por um momento.

Ele apenas iria para Göttingen. Como entraria em apuros?

29

Enya havia parado de tocar há tempo, e lá fora era noite escura. Evelyn não estava em clima de romantismo, e não queria mais velas. Em vez disso, havia acendido a luz da sala. Enquanto Patrick e ela esvaziavam meia garrafa de champanhe, haviam passado por todas as combinações possíveis do caso. Sem perceber, havia começado a falar de um caso, e, quando afinal ela se dera conta, já estava profundamente afundada nas mais absurdas suposições.

Por volta das dez da noite, apertou novamente a tecla de repetição de chamada do seu celular. Mais uma vez, ouviram a sonora voz de homem com o sotaque nortenho. “Aqui quem fala é Edward Hockinson...”

A secretária eletrônica repetia o mesmo recado, que já haviam escutado uma dúzia de vezes essa noite.

“... estou em viagem de negócios e voltarei na quarta-feira à noite. Caso queira deixar um recado, retornarei a chamada assim que possível.”

Era quarta-feira à noite, e mesmo assim ele não atendia. Evelyn não havia deixado recado. O que poderia dizer? Meu nome é Evelyn Meyers, sou uma advogada de Viena, por favor, retorne a ligação. Ela não sabia nem mesmo o que diria se Hockinson finalmente atendesse. Era difícil falar sobre esse tipo de coisa por telefone. Como será que ele reagiria quando lhe perguntasse se havia recebido durante dez anos pagamentos trimestrais de Rudolf Kieslinger e Heinz Prange, e se sabia algo sobre as circunstâncias das mortes dos dois senhores? Se poderia enviar-lhe uma foto por

fax, e se conhecia a jovem mulher de cabelos compridos e vestidinho azul?

Quanto mais pensava, mais absurdo lhe parecia. Finalmente, levantou-se e andou irritada pela sala. “Vou falar com a polícia.”

Patrick soltou um suspiro. “Lynnie, já falamos sobre isso mil vezes! Ainda é muito cedo. O que os policiais poderiam fazer? Com esses indícios vagos, irão jogá-la para fora da delegacia.”

“Então precisamos descobrir mais.”

Ele a mirava, com tristeza no olhar.

“Mas alguma coisa eu tenho de fazer!”

“Vamos ligar para Hockinson de novo amanhã”, sugeriu.

“E o que devo dizer a ele? Que gostaria de agendar uma viagem com o Friedberg?”

Patrick não respondeu. A situação obviamente era tão frustrante para ele quanto para ela. Muito a contragosto, Evelyn tinha de admitir que não estavam saindo do lugar. Além disso, as conexões eram difusas demais. Mais uma vez, pensou nas denúncias de pornografia infantil.

Justamente pornografia infantil! Talvez fosse melhor enfiar a cabeça na areia e esquecer a coisa toda. Por outro lado, as palavras de Krager ecoavam na sua cabeça. Você precisa aprender a encerrar o passado. Deixe sua vida em ordem! Ela olhava para o seu reflexo no vidro da janela. Ele tinha razão. Por quanto tempo ela iria continuar fugindo? Havia somente uma saída. Ela teria de enfrentar o tema.

“Todas as pistas indicam para o norte da Alemanha”, cogitou, enquanto escrevia uma mensagem no celular.

“Que tremenda constatação!”, comentou Patrick.

Ela terminou de escrever e olhou para ele, desafiadora. “Lembre-se da voz jovem de mulher que ouvimos quando ligamos para o celular de Holobeck. O sotaque do norte da Alemanha.”

“Ah, o celular”, murmurou Patrick, como se fosse um detalhe sem importância. “Eu falei sobre isso com Bernecker, da delegacia do distrito policial da zona sul. A Kripo conseguiu rastrear o celular de Holobeck e, depois de uma longa procura, o encontraram em uma lixeira na estação ferroviária oeste. O aparelho ainda estava ligado e acessando a rede pela antena de telefonia da estação.”

“E é só agora que você me diz isso?”

“Não tem importância alguma, já que não foram encontradas impressões digitais no aparelho.”

“Mas com isso sabemos que alguém levou o celular do apartamento de Holobeck em Alt-Erlaa, logo após a sua morte, que essa pessoa atendeu a minha ligação poucas horas depois e em seguida jogou o telefone na lixeira da estação.”

“Infelizmente, isso não nos leva adiante.”

“A mulher deve ter embarcado de lá, diretamente para Hamburgo.”

Patrick suspirou. “Não há como dissuadi-la de que essa mulher, que disse apenas ‘Alô? Aqui é a Lisa. Eu estava esper...’ tenha algo a ver com o acidente de Holobeck.”

“Isso mesmo”, confirmou ela. “E é exatamente o que eu vou descobrir. Ao menos não ficarei parada, esperando até que alguém resolva me jogar da sacada de um prédio.”

Ela foi até o quarto, abriu o guarda-roupas e jogou uma mala e uma bolsa de viagem em cima da cama. Ao abrir a fechadura da pequena mala de bordo com rodinhas, sentiu o cheiro familiar de

roupas e artigos de toucador. Sua última viagem de negócios não foi há muito tempo. O passaporte ainda estava no bolso lateral da mala, junto com um pacote fechado de toalhinhas refrescantes e um exemplar do jornal *Die Presse* distribuído aos passageiros no avião.

Abriu as gavetas e meteu calcinhas, uma calça jeans, um suéter e um pulôver na mala. Escutou como Patrick vinha mancando com as muletas pelo corredor. Ao virar-se, ele já estava parado à porta.

“Espero que você não pretenda fazer o que parece.”

Ela lançou-lhe um olhar triste. Ele procurava apoiar-se nas muletas para liberar a perna engessada. De certa forma, ele parecia encabulado, como se não ousasse entrar no seu quarto. A cama não estava feita, e via-se seu pijama amassado embaixo do travesseiro. Ao lado do abajur, empilhavam-se alguns romances de Mary Higgins Clark.

“Seu pai me deu férias e me aconselhou a finalmente encarar o meu passado.” Enfiou algumas meias, livros e um despertador de viagem na bolsa. “Decidi lhe dar ouvidos.”

“Lynnie, você não pode estar falando sério!”

“Estou sim, nunca algo me pareceu tão claro como parece agora.”

Bonnie e Clyde passaram voando pelo meio das pernas de Patrick e saltaram para cima da cama. Ronronando, meteram-se embaixo do cobertor.

“Eu preciso descobrir o que há por trás disso tudo”, disse Evelyn. “Para Holobeck e para mim. Se eu não fizer isso, as lembranças da sua morte e dos dois casos não resolvidos me levarão à loucura.”

“Eu entendo, apenas dê-me mais alguns dias para descobrir mais sobre Hockinson e aquela viagem de navio”, disse Patrick. “Assim que tenhamos provas concretas, iremos até a polícia e

apresentaremos o caso. Aí eles serão obrigados a fazer algo. Vamos começar amanhã cedo...”

“Nós já especulamos o bastante. Se e como esse Edward Hockinson está envolvido na história não podemos descobrir por telefone. Quando eu estiver cara a cara com ele, saberei mais que com qualquer telefonema.”

“Você está agindo precipitadamente. Deixe-me...”

“Você já fez o bastante”, interrompeu ela. “Agora é a minha vez, e eu tenho até segunda-feira de manhã. Depois disso, seu pai quer me ver de volta no escritório.”

Ela passou por Patrick para pegar sua *nécessaire* no banheiro. Quando finalmente fechou a mala, Patrick balançou a cabeça, incrédulo.

“Você nem sabe se tem voo.”

Nesse instante, seu celular apitou. A mensagem vinha do serviço de informações do aeroporto de Schwechat[1]. O próximo voo direto de Viena para Hamburgo saía às 6h25. Um avião da Air Berlin.

“Chegarei a Hamburgo amanhã cedo, às 7h50”, disse ela.

“Ao menos permita que eu te acompanhe.”

Ela olhou para a sua perna engessada. “Alugarei um carro na agência da Sixt, com o qual irei para Cuxhaven.”

“Cuidado para não ser pega pelo radar a 180, como Prange.”

Isso era típico de Patrick — quando não via saída, tentava ser engraçado. No próximo momento, entretanto, ele já estava sério outra vez.

“Lynnie, como posso dissuadi-la desta viagem?”

“Fique disponível no celular, dia e noite”, respondeu ela.

1. O aeroporto internacional de Viena fica localizado no município de Schwechat, nas cercanias da capital.

Dois meses antes…

Ela havia abordado o homem no café e se sentado à sua mesa. Foi mais fácil do que ela havia pensado. Ele era político, um cara esperto, sorrateiro e ardiloso — ela, por sua vez, era apenas loura. Uma arma imbatível. Contou-lhe da república estudantil onde morava, que não tinha mais dinheiro e que precisava urgentemente ir até Ramsau. Disse-lhe que havia perdido o último ônibus e, por raiva, jogado a passagem no lixo. Durante toda a conversa, os olhos dele não descolaram de seus seios. Suas pernas cruzadas, a pele macia de suas coxas e seus belos quadris mal tinham-no interessado. Nem mesmo quando ela pegou sua bolsa de viagem, fazendo seu vestido mover-se de propósito para dar-lhe uma visão mais ampla. Mas todo homem tinha seu calcanhar de Aquiles — este também. Os pequenos botões de flor do seu vestidinho azul o haviam hipnotizado.

Meia hora depois, ela estava sentada no banco de couro da sua Mercedes.

"O senhor não está com calor?", perguntou ela, enquanto apertava o cinto de segurança.

Obediente como um cachorrinho, ele apertou um botão no console. Com um estalo, o teto soltou-se e dobrou-se para trás. Então ele deu a partida.

Iam pela estrada dos Alpes, em direção a Ramsau. Um pequeno desvio, nada de mais. Na realidade, ele ia para Berchtesgaden. Ao menos era o que havia dito.

As curvas solitárias da estrada eram perfeitas. Ela teria apenas de esperar o momento oportuno.

Durante a viagem, ela sacou da bolsa o seu aparelho de fita cassete a pilha. Um brinquedo de criança, colorido, adornado com as orelhas da Minnie.

“O carro tem rádio.” Ele já ia apertar o botão no meio do display*, mas ela foi mais rápida. A fita tocava* Summer in the City*.*

“Você é daqui?”, perguntou ele.

Em vez de responder, ela começou a cantar e a mover seu corpo no ritmo da música. Quando o couro do assento começou a ranger, ela cantou mais alto. O vento lhe bagunçava os cabelos. Ela sentia o cheiro do bosque de pinheiros e da terra fresca, e deixava o sol beijar o seu rosto.

Em uma longa curva, sombreada pelas árvores, ela segurou a mão dele. “Pare, eu preciso fazer xixi.”

Ele guiou o carro por um desnível na pista e parou na beira da estrada. Ela saltou para fora, correu sobre as folhas secas até uma árvore, levantou o vestido até os quadris e agachou-se. A alcinha do vestido escorregou do seu ombro.

“Ali à frente há um arbusto!”, disse ele.

“Tarde demais.” Ela olhou para o lado. Do carro vinha o som de Summer in the City*. Ela sabia que ele podia vê-la e que estava olhando.*

Quando terminou, passou delicadamente a mão na vagina e depois cheirou-a. Ao mesmo tempo, olhou para ele pelo canto do olho e percebeu que ele desviara o olhar rapidamente.

Ela sabia que ele estava no papo. Ao voltar para dentro do carro, viu o seu rosto enrubescido.

“Você está de pau duro?”, disse ela, sem papas na língua.

“Eu...” Ele sentia falta de ar.

“Eu aposto que está.” Com um salto, ela jogou-se no colo dele.

“Minha nossa, que tronco!”, soltou ela, ao sentir sua ereção.

“Mas o que você está pensando...” Com uma olhada rápida no retrovisor, ele tentou empurrá-la para o lado.

“Saia de cima de mim... que merda é essa?”

Ela tampou a boca e o nariz dele com a mão ainda impregnada pelo odor da urina. Às vezes, isso funcionava como afrodisíaco. Sentiu, então, um aperto forte nas nádegas. Mexeu o quadril sensualmente em resposta.

“Pelo amor de Deus”, gemeu ele. Sua mão então deslizou suavemente sob o vestido dela. Seus olhos se arregalaram. “Você está sem calcinha!”

“Eu não uso”, sussurrou ela.

Apressado, ele começou a abrir o zíper da sua calça. Agora já não lhe importava que outro carro passasse por ali, ou que vissem a garota sentada no colo do senhor político, dentro de um conversível. Desesperado, tentava sacar seu pênis ereto para fora das calças.

Já havia demorado demais. O arfar dele lhe dava náuseas. Com um olhar, certificou-se de que pela estrada montanhosa não vinha nenhum carro. Tateou em busca do rádio, que estava atrás dela, no console. O aparelho já tocava a próxima canção.

“Cacete, escorrega mais para lá”, bufou ele.

Ela agarrou o toca-fitas e, com a quina do aparelho, golpeou-o bem na testa, com toda a sua força.

Knocking on Heaven's Door *calou. Os olhos do político se apagaram. Lentamente, sua cabeça apoiou-se no encosto do assento. Havia sido mais fácil que o esperado.*

Ela soltou o freio de mão, colocou o toca-fitas com as orelhas da Minnie no colo do homem, pegou sua bolsa do banco do passageiro e saiu do carro.

Quando bateu a porta, a Mercedes já deslizava silenciosamente. Não precisou nem empurrar. Por precaução, afastou-se da estrada. Ainda não havia nenhum outro veículo à vista.

A Mercedes saiu do asfalto e rolou pelo chão repleto de folhas dos pinheiros em direção ao abismo.

Ainda pôde ver o airbag *se abrindo quando o para-lama passou raspando em uma rocha. Depois, o carro despencou pelo canto do precipício.*

Ela não sabia de que altura o carro caíra, mas não podia ser muito grande. O impacto veio logo depois da queda.

A fita!, disparou em sua cabeça.

Tinha ficado dentro do aparelho. Deveria ir buscá-la? Indecisa, olhou à volta. Era arriscado demais. Alguém poderia vê-la. Mas, por outro lado...

Nesse momento, o ruído de motores surgia ao longe, por cima do morro.

Algumas motos pesadas vinham subindo a estrada, em comboio.

Esqueça a fita, pensou.

Rapidamente, tirou seus sapatos de salto alto e correu pela picada para dentro da floresta. Algumas centenas de metros além, seu carro a esperava, estacionado em uma clareira...

30

Quinta-feira, 18 de setembro...

O avião da Air Berlin aterrissou em Hamburgo dez minutos antes do planejado.

Evelyn não viu muita coisa do aeroporto. Pouco depois da sua chegada, já corria pelo estacionamento em direção ao seu carro de aluguel, um Audi com ar-condicionado, CD *player* e GPS. O funcionário da Sixt contorcera o canto da boca, com estranhamento, quando ela disse que não sabia quanto tempo ficaria com o carro, nem onde o devolveria. Depois que todos os papéis estavam assinados, ele finalmente lhe deu as chaves.

Enquanto Evelyn dirigia para fora do estacionamento, o GPS calculava duas rotas para Cuxhaven. A mais curta, pelo sul, passava pelo centro de Hamburgo e por Bremen, e levaria duas horas. A outra, pelo norte, acompanhava o Rio Elba e demoraria uma hora a mais. Como o noticiário havia relatado congestionamentos quilométricos entre Hamburgo e Bremen, decidiu-se pelo caminho ao longo do rio. Durante a viagem, preferiu escutar o CD da Enya, que trouxera no bolso lateral da sua bolsa, em vez das estações de rádio alemãs. A música a fazia lembrar da noite anterior e das conversas com Patrick. Ele certamente estaria sentado em sua agência de investigações, com a perna engessada apoiada para o alto, quebrando a cabeça sobre se ela estaria bem.

Contudo, ainda era cedo para telefonar. Ele a bombardearia com bons conselhos, alertaria sobre isso e aquilo e, se pudesse, a guiaria de volta para o aeroporto. Além disso, ele ainda tinha de descobrir algo para ela.

Surpreendentemente, havia pouquíssimo trânsito na estrada federal que passava por Uetersen e Elmshorn. Ao chegar perto da metade da viagem, o caminho calculado pelo GPS desembocava em Glückstadt, à beira do Elba. Ao ver o largo rio correndo pelo campo, soube porque não havia pontes. Comparado a ele, o Danúbio de Viena parecia um córrego estreito. A impressão geral era de que as dimensões do norte da Alemanha eram diferentes do resto do mundo. As cidades se esticavam longamente, os rios eram mais largos, a paisagem, ampla, e as poucas pessoas que encontrara até agora emanavam uma calma inabalável. Ela até já havia se acostumado ao obrigatório "*Moin*, *moin*"[1], que ouvia sempre que perguntava por uma balsa.

Meia hora depois, embarcava seu carro no *ferry boat*. Enquanto o barco zarpava, aos solavancos, em direção a Wischhafen, Evelyn escorou-se na amurada do convés superior e entregou-se ao vento. As rajadas faziam esvoaçar seus cabelos, induzindo a sensação de maresia — apesar do mar ainda estar longe. Por sorte, havia se decidido contra usar blazer e calça social, de modo que vestia tênis, jeans e o pulôver azul de gola alta que havia sido da sua mãe e que aquecia mesmo a temperaturas negativas. A travessia levava pouco mais de vinte minutos. O *ferry* cortava a névoa densa que pairava sobre a água. Um vento gelado soprava. Ao som dos apitos dos navios, Evelyn telefonou primeiro para Conny, a menina de dez anos filha da vizinha, para pedir-lhe que desse comida a Bonnie e Clyde em sua ausência. Depois, ligou para Patrick.

Saudou-o com um casual "*Moin*". "Como vão a perna e o cérebro?"

“Nada que um pacote de Parkemed e uma bolsa de gelo na nuca não resolvam. Onde você está?”

“No *ferry* para Wischhafen.”

“Wischhafen?”, repetiu ele, e calou-se por um momento, como se precisasse digerir a informação. “Por que não foi por Bremen?”

Espertinho, pensou ela. “Este caminho é mais romântico”, brincou ela. “Pescadores nos cais, ovelhas nos pastos, névoa sobre a água. O que pode ser mais belo que começar o dia assim?” Secretamente, pensava se não teria sido mais rápido se tivesse arriscado pegar o congestionamento.

“Não se esqueça de dizer *Moin* em intervalos regulares”, disse ele.

Um pescador de touca de lã e camisa de lenhador passou ao lado de Evelyn. “Por quê?”, perguntou. “Para que pensem que estou tirando sarro da cara deles?”

“Para não encontrar com um frísio oriental[2] no meio da neblina.”

“Ah, você está tão engraçado hoje.” Evelyn revirou os olhos. Tinha sido um erro ligar para ele — porém, necessário. “Você conseguiu o endereço?”

“É claro que sim. Pode me chamar de Sherlock! Mansão com jardim, nas cercanias do parque municipal, onde o Elba deságua no Mar do Norte.”

Patrick passou-lhe o nome da rua e o número da casa. Ela anotou mentalmente.

“Obrigada. Eu volto a ligar assim que souber mais sobre o armador.” E desligou sem esperar pela resposta.

Por volta do meio-dia, Evelyn chegou a Cuxhaven. O sol havia terminado de dissolver a névoa por completo. De repente, cansou-se de ouvir Enya. Ela baixou o vidro do carro e escutou os grasnados das gaivotas que voavam ao longo do dique. Em alguns pontos, conseguia ouvir as ondas batendo contra os muros dos cais. Aqui realmente havia cheiro de mar e de peixe. O ar fresco do Mar do Norte era maravilhoso. Evelyn amava restaurantes de frutos do mar — e as redes balançando ao vento e os barcos pesqueiros ancorados nas poitas combinavam bem com a idílica cidadezinha.

O Elba ficava cada vez mais largo, e logo ela pôde ver o mar aberto. Então apareceram as primeiras árvores do parque que Patrick havia descrito. Mansões, prédios de apartamentos e casas de veraneio enfileiravam-se. Em algum lugar por aqui devia estar a propriedade de Hockinson. Evelyn dirigiu pelas ruelas até que finalmente encontrou a casa com o número correto. Uma cerca de ferro fundido demarcava o limite do terreno. Passou ao longo dela devagar, até parar a alguns metros da entrada. O grande portão estava aberto. Havia uma van da empresa Sicuro parada na entrada. A julgar pelo logotipo, devia ser uma empresa de sistemas de segurança.

Evelyn saiu do carro, espremeu-se para passar ao lado do veículo e entrou na propriedade. Um largo caminho de cascalho levava até o prédio. Na rampa de subida para a casa, havia uma moto estacionada, de pintura metálica na cor preta. A chave estava no contato, o capacete pendurado no guidão. Atrás dela, a mansão. Evelyn olhava para a casa, boquiaberta. Patrick normalmente não se enganava. Ela verificou novamente o número no portão.

“Deveria ter me tornado armadora”, murmurou.

À primeira vista, a mansão de dois andares em estilo *Jugendstil*[3], com seu grande terraço, as duas sacadas e a torre com telhado esverdeado de cobre, parecia um castelo de conto de fadas. Bonitas

venezianas, floreiras nas janelas e videiras que subiam pela armação de madeira até a calha de chuva adornavam a casa.

Contudo, a impressão de conto de fadas se esvaneceu quando viu as câmeras fixadas embaixo do beiral do telhado, direcionadas para o jardim. Alguns trabalhadores, de macacões verdes, andavam pelo gramado, enrolando uma bobina de cabos. Evelyn ouviu os brados de uma voz grossa de homem vindos do jardim. Dois trabalhadores discutiam sob um pavilhão, que ficava à sombra de um grande pinheiro.

Atrás da cabana do jardim havia um laguinho com lírios-d'água, em cuja beira cresciam caniços verdes.

Os trabalhadores ignoraram a presença de Evelyn, que chegou sem ser percebida ao terraço. Entre duas cadeiras de vime e uma mesa, sobre a qual o vento sacudia um plano de obra segurado por um martelo, ela deteve-se e olhou à volta. Daqui dava para ver o mar. As gaivotas voavam em círculos sobre a praia. O barulho das ondas chegava até a casa.

Evelyn bateu na porta de vidro.

"Olá?"

Ela olhou para dentro da casa, e bateu mais uma vez no vidro. Finalmente, escutou movimentos. Uma mulher, com botas negras de equitação, desceu a escada enquanto telefonava e parou no meio da sala. Quando avistou Evelyn, desligou o celular e saiu até o terraço.

"A senhora é da firma Sicuro?"

"Não, meu nome é Evelyn Meyers. Eu..."

"A senhora é da Áustria?" A mulher deu um passo para trás e observou Evelyn com um olhar crítico, digno de uma sogra. Ela devia ter seus quarenta e poucos anos, mas com a blusinha e a

calça justa de equitação, exibia uma silhueta invejável. Tinha os cabelos escuros presos para trás. Entretanto, suas sobrancelhas pareciam artificiais — consistiam apenas em dois finos arcos — e os longos cílios certamente eram postiços.

“De Viena. Sou advogada”, disse Evelyn.

“Viena, o imperador, o palácio de Schönbrunn, a roda-gigante...” Sua fala soava um pouco como chacota. “Como posso ajudar a nobre senhorita advogada?”

“Esta é a casa de Hockinson?”, perguntou Evelyn.

“Sim.”

“Do armador Hockinson?”

A mulher olhava-a com curiosidade. “Até onde eu sei, a senhora não tem hora marcada. O que a traz de tão longe para cá?”

Evelyn perguntava-se quem ela seria. A esposa de Hockinson a caminho da aula de equitação enquanto seu marido dirigia seus barcos a partir do escritório? E de quem seria a moto parada na rampa de entrada?

“Eu gostaria de falar com o senhor Hockinson.”

A mulher sorriu. Evelyn conhecia essa expressão, que misturava lástima com uma suave pitada de malícia. “A senhora chegou com alguns dias de atraso, queridinha.”

Queridinha?

“Mas o recado na caixa postal dizia que...”

“Ah, esqueça a caixa postal!” A mulher apoiou a mão no quadril. “Eu já devia tê-la desligado. Mas não tenho tempo para nada. Há dias que estou às voltas com esse maldito alarme. Os trabalhadores

não conseguem acertar a configuração. A senhora já viu um sistema de vigilância funcionar corretamente?”

“Não, eu...”

“De qualquer maneira, não lhe recomendo a Sicuro. É melhor arranjar um cachorro. A não ser que queira um alarme cujo sensor de movimento confunda uma folha saindo do aparelho de fax com um assaltante.” Ela olhou em volta do terraço, procurando pelos homens da empresa de segurança, que por sua vez andavam pelo terreno com a bobina de cabos.

Parecia que iriam enrolar toda a volta da casa, até o pavilhão de madeira.

“O que era mesmo que a senhora queria?”

A conversa da mulher estava deixando Evelyn irritada. “Eu gostaria de falar com o senhor Hockinson.”

“Ah, certo.” Ela pôs as mãos na cabeça, como se sofresse de uma enxaqueca forte. “Meu pai morreu semana passada.”

1. *Moin, moin*: saudação típica da região norte da Alemanha. Expressão derivada das formas regionais de *Guten Morgen* (“Bom dia”). Dependendo da região, *Moin, moin* ou simplesmente *Moin* pode ser dito a qualquer hora do dia, e não somente na parte da manhã.

2. Os habitantes da Frísia Oriental, região no extremo norte da Alemanha, são alvo de piadas de maneira similar aos portugueses no Brasil.

3. *Jugendstil*: vertente alemã do que é comumente chamado de *art nouveau*, estilo estético popular na Europa entre o final do século XIX e início do século XX. Esteve presente principalmente na arquitetura e no *design*, mas também influenciou as artes plásticas.

31

O jardim de inverno da mansão de Hockinson tinha vista direta para o mar. A praia estendia-se por trás da cerca viva, com cadeiras e guarda-sóis fechados. Por causa do vento forte, havia apenas alguns casais caminhando pela orla. Algumas pipas dançavam no céu e, de vez em quando, via-se um cachorro correndo atrás de uma bola.

Greta Hockinson voltou da cozinha, carregando uma bandeja com xícaras e um bule de chá. “Evelyn... Eu posso chamá-la assim?” Não esperou pela resposta e virou-se para a janela. “Parece o Paraíso, mas não se engane. O baixio[1] é úmido e lodoso. Água salgada por toda parte. O vento sopra constantemente. Ou a gente se acostuma, ou acaba enlouquecendo. Sem falar na gritaria das gaivotas.”

Após ter depositado a bandeja sobre a mesa de vime, sentou-se em uma cadeira ao lado de Evelyn, cruzou as longas pernas e deixou a bota de equitação balançar. “O que o meu pai tinha a ver com uma advogada vienense? E não me diga que há um testamento em Viena e que ele tinha duas filhas ilegítimas. Essa é a última coisa da qual estou precisando.”

Apesar da situação constrangedora, Evelyn não pôde suprimir um sorriso. Greta Hockinson era uma figura. Entretanto, sentiu aquela estranha sensação na barriga assim que viu as mãos irrequietas da mulher.

“É sobre um cruzeiro de navio que seu pai organizou há alguns anos”, começou Evelyn. “Dois dos nossos clientes participaram dele. Heinz Prange e Rudolf Kieslinger.” Ela observava Greta, mas seu rosto não mostrava reação alguma.

“Kieslinger era um pediatra aposentado de Viena, e Prange um vereador de Munique.”

“É mesmo?”

“Ambos morreram no decorrer dos últimos dois meses, em acidentes misteriosos.”

Nenhuma reação. A perna de Greta Hockinson balançava para cima e para baixo. “O que você quer dizer com misteriosos?”

Evelyn contou-lhe o que sabia sobre os dois casos, sem, contudo, mencionar a presença da moça de vestidinho azul perto dos locais de ambos os acidentes.

Greta contorceu a face. “Parece-me que os dois senhores beberam demais.”

“Possivelmente. Fato é que eles se conheceram a bordo do navio do seu pai, o Friedberg...”

A perna de Greta parou no meio do movimento.

“O iate partiu de Bremerhaven na ocasião, e voltou para lá depois de nove dias.” Evelyn encheu sua xícara de chá. “Você conhece o barco?”

“O Friedberg...?” Greta batia as unhas contra os dentes da frente, absorta em pensamentos. Depois de um tempo, levantou-se. “Veja bem, meu pai tinha, na época, vários iates e navios de passageiros que ele alugava para agências de viagens. O maior deles devia ter mais de cinquenta cabines. É possível que algum desses navios se

chamasse Friedberg. Eu nunca me envolvi nos negócios do meu pai, e ele mesmo retirou-se do ramo há anos."

Porque podia viver muito bem do dinheiro de extorsão, adicionou Evelyn em pensamento.

"Em que está pensando agora?", perguntou Greta.

Evelyn procurou dissimular.

"Hockinson não é um nome tipicamente alemão."

"Muitos soldados das tropas de ocupação americanas ficaram por aqui depois da guerra. Meu avô era natural de Illinois, e minha avó, de Hamburgo."

Evelyn voltou-se para as molduras sobre a cômoda. Uma das fotos mostrava Greta Hockinson com um relho e capacete de hipismo, junto a um belo cavalo negro. Ao lado, um senhor bem-apessoado de suíças grisalhas. "Este é o seu pai?"

Greta levantou-se e alcançou a foto para Evelyn. "O mar sempre o atraiu. Ele amava faróis, passeios de carro pelas estradas costeiras e velejar por vários dias para Föhr, Sylt e as Ilhas Frísias orientais. Eu nunca me fascinei por essas coisas. Eu tenho um haras ao sul de Cuxhaven, meu mundo são os cavalos, e não o mar."

Evelyn devolveu-lhe a foto. "Seu pai era um homem atraente."

Ela sorriu. "Não se preocupe, ele sabia que não era feio, e também tinha charme. Suas namoradas eram, muitas vezes, mais jovens que eu." Um traço de repugnância ressoou na sua voz.

Evelyn havia escutado o mesmo repúdio na voz de Patrick quando falava de seu pai. Provavelmente, a mãe de Greta não era mais viva — e, caso não tivesse irmãos, seria a herdeira única da

mansão e dos outros bens que Hockinson houvesse deixado. “Posso perguntar como ele morreu?”

“Por idiotice...” Greta andou até a porta de vidro e olhou para a praia. Assim ficou por um bom tempo. “Não é nenhum segredo. Esteve em todos os jornais”, disse, finalmente. “Morreu por conta de um capricho. Ele gostava de sair de carro nos fins de semana, descendo a estrada costeira para Bremerhaven, às vezes indo até Wilhelmshaven ou até a fronteira holandesa. Costumava chamar isso de viagem de negócios. Geralmente, encontrava-se com amigos. Iam a cassinos ou boates, passavam as noites em motéis caros e conversavam sobre o mercado financeiro. Depois que vendera seus navios, meu pai investia seu dinheiro em ações — um dos seus carros-chefe.”

Greta passava os dedos pelas folhas de uma planta, perdida em pensamentos. “Mas, na última sexta-feira, ele não foi muito longe. Há uma falésia íngreme na estrada costeira, na região de Wursten, perto do farol. Ele ia com seu conversível e usava um longo cachecol, bordado de pérolas, que o vento agitava para fora do carro. De alguma forma, o cachecol deve ter se enroscado na suspensão traseira...”

Evelyn prendeu a respiração, mesmo sabendo como a história terminava.

“Meu pai morreu estrangulado. Ele caiu com o carro no precipício e quebrou o pescoço no impacto.”

“Que horrível... meus sinceros pêsames.”

“Obrigada.” Greta soltou-se da vista do mar e voltou a sentar-se. Até agora, não havia tocado o seu chá. “Estranho nesta história é que meu pai não possuía nenhum cachecol de seda. Nunca na vida ele teria usado um negócio horrível daqueles, nem mesmo bêbado em uma boate.”

“E onde ele o arrumou?”

Greta voltou a bater com as unhas contra os dentes. “Você vê, eu também estive me perguntando. Eu conheço um ex-advogado que por sua vez tem uma boa relação com o promotor público. Resumindo: a Kripo começou a investigar. Eu realmente não esperava muita coisa, mas os policiais descobriram que o cachecol havia sido comprado um dia antes, em uma butique em Cuxhaven.”

“Quem o comprou?” Uma terrível suspeita tomou conta de Evelyn. Sentiu um arrepio involuntário.

“A dona da loja lembrou-se da cliente”, contou Greta. “Fizeram um retrato falado que foi publicado nos jornais locais.”

Evelyn já não escutava mais. Seus pensamentos atropelavam-se. No primeiro momento hesitou, mas depois procurou a foto da câmera de vigilância do caixa eletrônico que fora tirada na noite da morte de Rudolf Kieslinger e que levava em sua bolsa. Entregou a impressão a Greta, que passou um longo tempo olhando para a imagem da jovem mulher de vestido azul de alcinhas.

“Onde você conseguiu esta foto?”

“Você conhece essa mulher?”, replicou Evelyn.

Em vez de responder, Greta levantou-se e foi até a cômoda, revirou uma gaveta e sacou de dentro dela um calhamaço de documentos. Evelyn reconheceu, entre outros, o cabeçalho de uma carta de um escritório de advocacia. Por fim, Greta deu-lhe uma folha de papel. “Este é o retrato falado da mulher que comprou o cachecol.”

A respiração de Evelyn parou. Os longos cabelos lhe eram familiares, assim como os traços estreitos e frágeis e o olhar sonhador que se perdia, distante.

A menina do vestidinho azul.

1. O Mar Frísio (*Wattensee*, em alemão) é muito pouco profundo. Durante a maré baixa, apresenta extensas planícies lodosas, interrompidas por canais de drenagem, que evacuam a água. (N.T.)

32

O olhar de Evelyn alternava entre o retrato falado e a foto impressa. A semelhança entre as duas era tão óbvia que não restavam dúvidas: tratava-se da mesma pessoa.

“O que significa isso?”, perguntou Greta.

“Se eu soubesse...” Evelyn havia esperado encontrar respostas em sua viagem à Alemanha. Em vez disso, encontrara mais perguntas.

“Essa moça foi vista com o vereador Prange pouco antes da sua morte. E também esteve presente no local da morte de Kieslinger.” Evelyn percebeu que tinha dificuldade para evitar o termo local do crime.

“Você acha que essa mulher tem algo a ver com as mortes dos dois homens?”

“É o que parece.”

“Você já foi até a polícia?”, perguntou Greta.

Outra vez aquele formigamento quente na barriga. O que estava errado aqui? Evelyn negou, balançando a cabeça.

“Não haveria mesmo dado em nada”, suspirou Greta. “A Kripo vem publicando este retrato há dias em todos os meios de comunicação, mas até agora não apareceu um indício sequer; como se essa pessoa não existisse. Eu até já pensei que fosse uma alucinação da vendedora da butique, contudo...”

“Esta foto é a prova de que a mulher existe.”

“Mas ninguém a conhece”, murmurou Greta.

“Em todo caso, fica a pergunta: qual é o segredo que unia Prange, Kieslinger e o seu pai?” Evelyn deixou que as palavras se assentassem na consciência de Greta antes de prosseguir. “O que foi que se passou naquele barco?”

Ela não sabia se podia confiar em Greta. Seria ela tão ignorante quanto Evelyn ou sabia qual era a conexão? Por segurança, omitiu o fato de alguém com uma conta anônima em Hamburgo haver chantageado os dois homens desde aquele cruzeiro.

“Como era mesmo o nome do navio? O Friedberg?” Greta raciocinava. “Meu Deus, é impossível reconstruir o que se passou há dez anos. Talvez existam documentos no escritório do meu pai, mas eu já não entrava naquela sala quando era criança, e ainda menos depois da morte dele.”

Por um momento, seu olhar percorreu o corredor escuro. “Aquele ex-advogado que conhece o promotor era um amigo íntimo do meu pai. Ele está aposentado desde que sofreu um acidente a cavalo, mas ainda cuida das questões financeiras e da herança. Sem a ajuda dele, eu estaria completamente perdida. Eu estou sem cabeça para toda essa burocracia. Há dois meses, a casa foi assaltada e levaram todas as joias da família. Meu pai quis instalar um sistema de alarme, mas até hoje esse maldito negócio não funciona. Há algo de errado com a fiação. Além disso, a temporada de hipismo está começando, de modo que o haras demanda muita atenção... E, agora, um dia antes do enterro do meu pai, você aparece e me mostra essa foto.” Novamente, ela levou suas mãos às têmporas.

Nesse momento, um dos trabalhadores entrou no jardim de inverno, segurando na mão um minúsculo controle remoto. “Terminamos.”

Greta levantou-se. “Desculpe-me, mas já sei o resultado: teste número 24, sem sucesso”, disse, lançando um olhar de desconfiança ao técnico.

Evelyn levantou-se também.

“Você está em algum hotel aqui perto?”, perguntou Greta.

“Na realidade, eu pretendia voltar hoje ainda para Viena.”

“Deixe o seu número de telefone. Eu ligarei assim que houver descoberto algo; e obrigada pelo trabalho de vir até aqui.” Greta estendeu-lhe a mão, e desapareceu no jardim com o técnico.

Evelyn seguiu-a com o olhar, enquanto Greta acompanhava o homem para o pavilhão. Finalmente, tirou um cartão de visita da sua bolsa e deixou-o ao lado do retrato falado, sobre a mesa de vime. Então, pegou a foto da câmera de segurança e meteu-a na bolsa. Greta tentaria realmente descobrir mais sobre o caso? Evelyn não tinha certeza. Duas coisas a deixavam em dúvida. Em primeiro lugar, ela não havia pedido uma cópia da foto do caixa eletrônico — se ela estivesse em seu lugar, ficaria excitadíssima por segurar nas mãos uma foto real da misteriosa mulher.

A segunda coisa era que Evelyn não havia mencionado, em momento algum, que o cruzeiro com o Friedberg ocorrera dez anos atrás.

33

Pulaski chegou a Göttingen por volta do meio-dia. A clínica psiquiátrica de Herberhausen ficava nos arredores da cidade. Sônia Willhalm havia descrito o caminho a ele. A manhã passara voando.

Após ter levado sua filha para a escola, havia ido até o café Lütgenstein, na zona sul de Leipzig, para encontrar-se com a terapeuta. Ele não acreditara realmente que ela aceitaria seu convite para o café da manhã, já que, ao telefone, havia mencionado apenas que precisava discutir um assunto com ela. Aparentemente, ela desejava tanto quanto ele que o assassino de Natascha fosse preso. Quando Pulaski chegou, Sônia já estava sentada e bebericava um *cappuccino*.

Enquanto tomava um café, fumava um cigarro e tossia como se fosse expelir a sua alma, contou-lhe sobre suas investigações e sobre os seus planos. Sônia escutou atentamente, e, enquanto ele falava, tirou o cigarro da sua mão e apagou-o no cinzeiro, como que para dar o exemplo. Ele permitiu, com um sorriso. Por fim, ela contou-lhe que havia estudado em Göttingen e que conhecia o médico-chefe da psiquiatria infantil. Entretanto, devido à obrigação do sigilo médico, ele não lhe daria informação alguma. De qualquer forma, Pulaski queria arriscar. Sônia prometeu-lhe que ligaria para o médico para falar sobre sua visita. Mais que isso ela não poderia fazer — afinal, Pulaski não trabalhava mais no caso e oficialmente estava de férias.

Às nove horas, ele a levou de carro até o trabalho no sanatório de Markkleeberg, e seguiu viagem para Göttingen.

A cancela abriu-se e o porteiro fez sinal para que Pulaski ao volante do seu velho Skoda passasse. O asfalto ainda molhado e as poças d'água à beira da estrada evidenciavam a chuva que caíra na parte da manhã.

O terreno era surpreendentemente grande — assim como Sônia Willhalm o havia descrito. A área da clínica de psiquiatria assemelhava-se a um parque gigantesco, com edifícios isolados — os chamados pavilhões históricos. Pulaski conduziu seu carro vagarosamente pelo caminho de asfalto rachado, que atravessava um labirinto de alamedas, cercas vivas e canteiros de rosas. Se não soubesse que esses prédios antigos de três andares alojavam pacientes muito doentes, pensaria encontrar-se no parque de uma clínica de repouso dos tempos do imperador. Mas o que se passava atrás desses muros devia ser bem diferente de uma temporada num spa.

As placas indicaram-lhe o caminho para a área da psiquiatria infantil denominada Transtornos Dissociativos da Personalidade. Era aqui que Sebastian Semmelschläger havia estado alojado até ter tirado a própria vida, há uma semana — e aqui vivia Lesja Prokopowytsch.

Pulaski dirigiu até o estacionamento de visitantes, ao lado do pavilhão 27b. Havia chegado cedo demais. O doutor Pinsger o receberia somente às 13 horas. Então, permaneceu sentado no carro e pegou seu livro no banco do passageiro. *Numa Fria*. Contos de Charles Bukowski. Ele havia marcado a página em algum ponto no meio da sexta história. Era até onde havia conseguido ler essa manhã, durante a parada que fez numa lanchonete de beira de estrada. O texto tratava de bares, bebidas, louras solitárias, que fumam cigarrilhas, e bêbados, que pedem moedas para a máquina de *jukebox*. Nada de mais. Histórias que ele via nas ruas diariamente. Por que alguém leria essa porcaria deprimente? E por que justamente Natascha Sommer a leria, antes do cara grisalho embebedá-la com gim e aplicar-lhe a overdose de analgésico?

Natascha havia passado por dificuldades suficientes na infância. Será que a menina, que nunca falara uma palavra, queria descobrir mais sobre a vida real? Sobre como os homens pensavam e por que faziam certas coisas às mulheres? Conhecer o que se passava nessas mentes doentias? Nesse caso, Bukowski lhe daria respostas. “O ser humano é a escória do universo”, dizia, em um dos primeiros contos. Talvez Bukowski não houvesse sido um poeta — isso era algo que Pulaski não tinha capacidade para julgar —, mas esse homem não deixava de ter razão no que escrevera. Por outro lado, havia coisas que tornavam a vida suportável, sobre as quais Bukowski não perdia uma palavra.

Pulaski havia encontrado o pequeno volume em seu apartamento, dentro de uma das muitas caixas fechadas que continham os pertences pessoais de Karin. Na noite passada, ele havia aberto todas elas. Ela havia sido editora de livros infantis. Antes do câncer começar a roê-la por dentro, lia ao menos dois livros por semana. Geralmente à noite, quando Pulaski fazia seu trabalho noturno no LKA, em Dresden. Apesar de nunca ter se interessado por literatura, alguns nomes lhe haviam ficado na memória. Salinger, Hemingway, Faulkner ou Burroughs. Ele mesmo não conhecia nada disso. Havia começado a ler algo de Boris Pasternak, mas deixara o livro de lado depois de vinte páginas. No seu mundo, não havia espaço para a poesia — ainda menos depois da morte de Karin. Agora eram somente a sua filha, os burocratas incapazes e o assassino que matava crianças sorrateiramente a lembrar-lhe de que precisava seguir funcionando.

Ao virar a página, foi assolado por um desconforto interior. Em vez de terminar de ler o conto, desceu do carro e entrou no pavilhão. Faltava pouco para as 13 horas. O doutor Pinsger já o esperava. Tinha por volta de sessenta anos, era baixo e, contando com o jaleco, não devia pesar mais que um saco de batatas molhado.

Pulaski esperava encontrar uma pessoa normal, mas Pinsger não lhe faria esse favor. Com meia careca emoldurada por uma guirlanda de cabelos brancos desgrenhados e olhos enormes atrás de grossas lentes, parecia uma galinha assustada.

O doutor Pinsger estendeu a mão a Pulaski e levou-o até o saguão, onde o ar estava carregado com cheiro de carne assada e peixe frito. Atrás de uma porta de vidro, ouvia-se o tilintar de pratos e talheres.

“Estamos na pausa do almoço”, explicou Pinsger. “O que posso fazer pelo senhor?”

Pulaski pendurou seu sobretudo no cabideiro. Pelo canto do olho, notou que o médico fitava sua arma no coldre de ombro, que ficara exposta por um momento, quando sua jaqueta se abriu. Pinsger pigarreou. “A doutora Willhalm mencionou, ao telefone, que o senhor é investigador da Kripo em Leipzig, e que está interessado em Lesja e Sebastian.”

“Está correto.” Pulaski fechou os botões da jaqueta para que ninguém mais pudesse ver a arma. Havia vestido o coldre essa manhã por puro hábito. Estava tão envolvido na investigação desse caso que não conseguia ver esse dia como parte das suas férias. Por isso era importante lembrar-se de que estava aqui como visitante fora de serviço, principalmente por encontrar-se tão longe da sua jurisdição.

“Eu poderia ver a declaração do promotor que me libera do sigilo médico?”

Pulaski respirou fundo. Ele sabia que não seria fácil. “Eu estou de férias e vim por motivos pessoais”, confessou.

“A sua delegacia sabe do nosso encontro?”, perguntou o médico.

“Não.”

O médico mordeu o lábio inferior. Devia achar que tudo isso não passava de uma piada de mal gosto. “O senhor conhece um dos dois jovens pessoalmente?”

“Não.”

“Então diga-me, senhor Pulaski.” O médico abaixou a voz. “O senhor veio para cá, fora do seu expediente, como visitante privado, para informar-se sobre pacientes que o senhor não conhece. Para que, então, precisa da arma?”

O rumo que a conversa tomava não lhe agradava em nada. Devia ter deixado a Walther PK no porta-luvas, assim evitaria as perguntas desse gnomo.

“Se preferir, posso deixar a arma no carro.”

Pinsger balançou a cabeça. “Não será necessário. Creio que a nossa conversa tenha terminado. Caso queira saber algo sobre nossos pacientes, eu sugiro que fale com sua delegacia em Leipzig, ou entre em contato com a polícia de Göttingen. Além disso, sem ordem do promotor, não posso mesmo lhe dizer coisa alguma.”

O sangue de Pulaski começou a ferver. “Eu levei três horas para chegar até aqui!”

“Mesmo que tivesse levado dez horas. Eu sinto muito, mas a doutora Sônia Willhalm não disse que se tratava de uma questão pessoal. E ainda por cima o senhor entra na clínica com uma arma de fogo.”

Que merda! Pulaski queria subir as paredes.

“Vá, por favor!”

Pinsger não lhe deixava outra opção. Como última alternativa, Pulaski deu um passo em direção ao médico, baixou a cabeça e cochichou:

“Escute com atenção. Eu sei que Sebastian Semmelschläger cometeu suicídio. Mas eu duvido que ele o tenha feito voluntariamente. A meu ver, o senhor tem um problema de segurança sério na sua clínica.”

A cabeça de Pinsger ficou vermelha. Tentou afastar-se, mas Pulaski o segurou pela gola do casaco.

“Mais um minuto, doutor”, rugiu. “De onde eu venho, dois jovens foram assassinados na semana passada em uma clínica psiquiátrica. Muito provavelmente, Sebastian os conhecia, pois todos eles foram tratados na mesma clínica em Bremerhaven, há dez anos. Na época, havia lá uma quarta criança: Lesja Prokopowytsch. Eu acho que ela corre sério risco de vida, e o senhor deveria me levar até ela o mais rápido possível para descobrirmos o que aconteceu há dez anos, antes que o matador ataque novamente e o senhor tenha de tirá-la daqui dentro de um caixão.”

Pulaski soltou o médico, que primeiro respirou com dificuldade, e logo pôs-se a pensar. Provavelmente, visualizava os policiais fechando o saco mortuário por cima do rosto de Lesja.

“A coisa fica entre nós?”, sussurrou.

“É claro.”

Pinsger mostrou a escada. “Lesja está lá em cima, em seu quarto. Siga-me.”

34

Os passos de Pulaski ecoavam pela escadaria. As paredes azulejadas, a balaustrada de ferro fundido e as altas janelas com grades o faziam pensar em uma penitenciária. A beleza externa das casas contrastava com a desolação interior.

“O que o senhor pode me dizer sobre o menino?”, perguntou Pulaski.

“Sebastian morava neste pavilhão, assim como Lesja. Sua terapia estava tendo sucesso. No próximo mês, ele iria para um lar assistencial. Ele já havia feito amigos e até mesmo tido uma oferta de emprego. Por isso, ninguém entendeu, quando ele...”

“Como foi que ele se matou?”, perguntou Pulaski.

O médico apontou para cima, para o teto do terceiro andar, ao final da escadaria. “Ali em cima há uma escada retrátil, que leva para o sótão. Sebastian subiu e jogou-se do telhado.”

“Houve testemunhas?”

“Aconteceu durante a noite.”

Assim como o assassinato de Natascha Sommer, pensou Pulaski.

Haviam chegado ao primeiro andar.

“Lesja também sofre de transtorno dissociativo da personalidade?”

Surpreso, Pinsger levantou as sobrancelhas. “O senhor conhece esse termo?”

“Sônia Willhalm me contou algo.”

“Uma mulher íntegra.” Pinsger sorriu. “Terapeuta de corpo e alma, uma das melhores que tivemos.”

Certamente, pensou Pulaski. “E Lesja?”

“Na próxima semana, ela será transferida para a psiquiatria de adultos. É uma paciente difícil que precisa de uma terapia delicada. Não existe um eu completo. Procuramos ajudá-la a integrar as personalidades parciais.”

“Como funciona isso?”

“Com métodos de hipnoterapia. Imagine as identidades fragmentadas como peças de um quebra-cabeça, que precisamos encaixar em correlação umas com as outras e integrá-las para que formem um todo.”

Chegaram ao segundo andar. O médico já se dirigia para o próximo lance de escadas quando Pulaski parou, ofegante, e aplicou-se uma dose do seu inalador.

“O senhor precisa de ajuda?”

Ele negou com a cabeça. “Continue falando.”

“No decorrer da terapia, Lesja conseguiu unir algumas das personalidades parciais. Agora ela sabe que não é louca e descobriu que a sua psique é composta de diversas personalidades diferentes. Estamos estruturando o caos para que ela possa organizar a sua vida. Por fim, ela tem de aprender a compartilhar seu corpo com outros. Saber que seu corpo é habitado por outra pessoa quando tem um branco não é algo agradável.”

Pulaski podia imaginar. “Ela ficará curada algum dia?”

Pinsger sorriu com indulgência. “Curada é um conceito amplo. Nós já conseguimos fundir algumas das suas personalidades parciais. Isso é um grande avanço.”

Ao alcançarem o terceiro andar, o médico dirigiu-se para um longo corredor escuro, em cujo final havia uma janela.

“O senhor conseguiu descobrir alguma coisa sobre o que aconteceu a ela há dez anos?”

“Trazer esse trauma à consciência das outras personalidades é o aspecto mais difícil, pois muitas das partes de Lesja não sabem nem mesmo por que ela está aqui. Além disso, a personalidade que vivenciou o trauma tornou-se acessível há poucos meses apenas.”

“E ela se lembra de algo?”

O médico parou diante da porta de número 311.

Sem querer, ele baixou o volume da voz. “Lesja foi violentada muitas vezes quando criança. Um dos homens deu-lhe um bicho de pelúcia felpudo que ela podia levar para a cama. Um coelho amarelo com longas orelhas. Ela o chamava de Elvira. Certa noite, quando o homem voltou a visitá-la, ele abriu a barriga do bicho com uma faca e ameaçou fazer o mesmo a ela se algum dia falasse sobre o ocorrido.”

Pulaski sentiu o céu da boca secar. “Que filho da puta!”

“Não diga uma palavra sobre isso”, sussurrou o médico. “Aliás, é melhor deixar que somente eu fale.” Ele bateu na porta e forçou a maçaneta para baixo.

Pulaski quis seguir o doutor para dentro do quarto, mas o médico se deteve ainda no meio do movimento, estarrecido. Havia apenas

uma cama, um armário, uma mesa e uma pia. E tudo estava coberto de sangue.

35

Evelyn estava sentada em seu carro de aluguel, que seguia parado ao lado da entrada da mansão, e pensava sobre Greta Hockinson. O que essa mulher estava escondendo? E por que razão? Contudo, ela sabia que quebrar a cabeça com isso não levaria a nada. Por fim, pegou o celular e ligou para o escritório de Patrick.

“Olá, minha oncinha”, atendeu ele prontamente, como se estivesse esperando sua ligação ao lado do telefone. “O que descobriu sobre o velho marinheiro?”

“Ele está morto...”

“Não me diga que você...?”

“É claro que não.” Contou como conhecera Greta, o acidente de carro de Hockinson, o retrato falado e a conversa no jardim de inverno.

“Caramba, minha amiga — quantos cadáveres no seu caminho”, murmurou Patrick, depois que Evelyn terminara. “E você tem certeza absoluta de que não mencionou, em nenhum momento, que o cruzeiro do Friedberg com Prange e Kieslinger aconteceu há dez anos?”

“Patrick, eu sou advogada. Você acha que eu esqueço o que eu digo?”

“É, faz sentido.” Ele parecia estar raciocinando. Para surpresa de Evelyn, não arrematou com uma piada de advogado.

“Consideremos então que Greta, além de trabalhar com cavalos, saiba mais sobre os negócios de seu pai do que admite. Imagino que você tenha levado o retrato falado?”

“Não.”

“Que m... pena!”, disse Patrick.

“Eu acho que é chegada a hora de informar a polícia.”

“E o que você acha que eles fariam?”, replicou ele. “A foto da câmera de vigilância do caixa eletrônico, as declarações das testemunhas de um caso encerrado que meu pai mantém a sete chaves e uma conta anônima em Hamburgo. Isso não é o suficiente.”

Evelyn baixou a cabeça e olhou para o jardim, pelo vidro lateral. Atrás da cerca de ferro, viu Greta saindo do pavilhão, gesticulando furiosamente. Dois dos técnicos a seguiam. “Pelo menos sabemos ao certo que Edward Hockinson está envolvido na coisa, e que a jovem mulher de vestido azul também tem algo a ver com a sua morte.”

“Digo isso a contragosto...” Patrick respirou profunda e ruidosamente. “Mas precisaríamos do retrato falado, ou pelo menos de mais algumas provas.”

“Isso é fácil dizer. Devo espancar a Greta para que me dê mais informações?”

“Melhor ainda seriam extratos bancários ou alguma confirmação de reserva para aquela viagem de navio.”

Greta e os dois técnicos desceram a escada externa ao lado da casa que levava para um porão. O jardim ficara completamente deserto.

“Até mais tarde.” Evelyn cortou a ligação, jogou o celular no assento do passageiro, pegou a foto e desceu do carro.

Com o coração batendo forte, olhava à sua volta no jardim de inverno. A porta estava apenas encostada. Greta e os técnicos da Sicuro ainda estavam no porão.

Sem respirar, Evelyn foi até a mesa de vime, sobre a qual estava o retrato. Enquanto olhava pelas janelas para o jardim, dobrou a folha e meteu-a no bolso da sua calça jeans. Havia pensado na desculpa que daria, caso Greta a flagrasse: diria que esquecera a sua foto em cima da mesa e que voltara para apanhá-la.

No fundo havia terminado, mas ficou parada, indecisa, entre os móveis de vime, olhando em direção à cômoda. Se abrisse a gaveta, caracterizaria invasão. Depois que seu chefe Krager havia flagrado a ela e a Patrick revirando seu escritório durante a noite, ela havia jurado manter-se longe de coisas ilícitas.

Entretanto, sabia que Greta estava escondendo alguma coisa. Talvez ela até conhecesse a garota do vestido de alcinhas. O suor lhe corria pela testa quando foi até a cômoda e abriu a gaveta. No meio do jardim de inverno, sentia-se como se fosse servida em uma bandeja. Seria fácil observá-la desde o jardim. Revirou os documentos apressadamente, mas não encontrou nada relevante. Apenas contratos, títulos de crédito, extratos bancários, uma relação de bens, cartas de um escritório de advocacia e instruções para o funeral e o inventário.

Evelyn sentia um mal-estar no estômago por intrometer-se na vida privada dessa mulher. Por outro lado, Greta havia mentido.

De repente, escutou a porta do porão bater. Automaticamente, acocorou-se. O que ela estava fazendo? Havia enlouquecido? Esse era o momento de sair para o jardim e dizer sorrindo, que havia esquecido a foto sobre a mesa. Em vez disso, estava agachada ao lado da cômoda, prendendo a respiração e olhando por entre os

móveis. Esticou a mão cuidadosamente e fechou a gaveta. Agora ouvia vozes, vindas do terraço. Evelyn lembrou-se das palavras de Patrick. Uma confirmação de reserva da viagem! Se tal documento existisse, devia estar no escritório de Edward Hockinson. Dirigiu seu olhar para o corredor escuro. Segundo Greta, ela nunca havia posto os pés naquele quarto. Provavelmente, era mais uma mentira. Talvez pretendesse destruir todos os documentos relacionados àquele cruzeiro assim que tivesse a oportunidade. Mas, caso Greta houvesse falado a verdade, o escritório seria a última sala à qual ela iria. Evelyn escutou passos na escada de pedra, vindos em direção ao terraço. Ainda abaixada, moveu-se vagarosamente pela sala. Ao chegar à sombra de uma enorme prateleira, levantou-se e entrou de costas no corredor.

“Chame-me somente quando os sensores de movimento estiverem configurados corretamente!”, bradou Greta, em direção ao jardim. Ela passou pelo terraço, entrou no jardim de inverno e bateu a porta. “Idiotas!”

Greta jogou-se em uma das cadeiras de vime e Evelyn desapareceu no corredor. A primeira porta estava aberta e dava para a cozinha; a segunda estava identificada com um símbolo de lavabo. Evelyn abriu a terceira porta o mais silenciosamente possível, mas era apenas o banheiro. Atrás da última porta do corredor encontrou uma ampla sala de trabalho. As lamelas das duas venezianas estavam entreabertas, deixando passar feixes de luz que arrancavam da escuridão dúzias de estantes de livros abarrotadas e bancadas de trabalho. Evelyn fechou a porta atrás de si, recostou-se na madeira e soltou a respiração, já presa havia muito. O quarto cheirava a papel velho e a tabaco.

Seus joelhos tremiam. Como sairia daqui sem ser vista?

36

O tapete macio abafava o som dos seus passos. Evelyn sentou-se cautelosamente em uma poltrona de couro, com largos apoios de braço. Tudo havia sido tão rápido. Ontem à tarde, nem tinha ideia de quem era Edward Hockinson — e agora estava sentada à sua escrivaninha. Ela escutava, prendendo a respiração. Nenhum ruído pela casa. Com todo o cuidado, tentou abrir as gavetas. Trancadas. Não encontrou chave alguma naquela bagunça, que consistia em papéis, lápis, canetas-tinteiros e latas de tabaco — e lhe faltava a coragem para abrir as gavetas à força. Já seria grave o suficiente se fosse surpreendida ali. Dessa vez, não teria desculpa alguma.

Deixou o olhar vagar pela sala. Aparentemente, Hockinson não era somente um velejador apaixonado, mas também atirador esportivo. Em suas paredes havia aljavas, flechas e vários arcos. Alguns pareciam os longos arcos japoneses que Evelyn conhecia de ilustrações, outros eram como as armas dos nativos africanos. Havia também arcos esportivos, com rolamentos e cordas muito tesas. Havia até, dentro de uma vitrine, uma besta moderna de caça, de fibra de vidro, acompanhada de um jogo de setas com aspecto perigoso.

Na prateleira, acima dos arcos, enfileiravam-se os volumes da enciclopédia *Brockhaus*, encadernados em couro, assim como edições de obras de Goethe, Shakespeare e Soljenitzen. A música não parecia fazer parte dos interesses de Hockinson, pois à parte de alguns discos de Benny Goodman, havia apenas livros na sala. A grande estante na parede oposta estava abarrotada de pastas de arquivo. Evelyn inspecionava as etiquetas. Correspondência,

contratos, faturas, extratos de contas, apólices de seguros — tudo organizado minuciosamente por anos.

Após passar algum tempo estudando os contratos, cartas e apólices do ano de 1998, na penumbra do escritório, Evelyn encontrara algumas referências ao navio chamado Friedberg. Contudo, esses documentos não a levariam adiante. A embarcação de luxo tinha um comprimento de 65 metros e oferecia alojamento a apenas treze passageiros. As suítes eram de um tamanho considerável. Havia quatro deques, e o convés principal, acessível somente por elevador, ficava quinze metros acima da linha-d'água. O barco dispunha de saunas seca e a vapor, piscina, salas de repouso, um salão de beleza, salas de massagem, um salão de vídeo e academia com esteiras e aparelhos de remo. Um dos prospectos dizia que o Friedberg tinha até adega e plataforma para helicóptero. A bordo desse megaiate, o passageiro devia sentir-se como o rei da Pérsia num palácio flutuante.

Entretanto, Evelyn não encontrou nenhuma lista de preços. Nessa categoria, as taxas eram informadas somente sob consulta. E pessoas como Prange ou Kieslinger não precisavam preocupar-se com dinheiro. Encontrou uma foto em um panfleto — o navio parecia um foguete. Com seus três geradores a diesel, alcançava uma velocidade de dezoito nós por hora. Com isso, poderia ir bem longe em nove dias.

Frustrada, Evelyn colocou a pasta de volta no lugar e pegou uma outra com a etiqueta "Extratos bancários julho-setembro 1998". Partículas de poeira levantaram-se, dançando nos raios de luz que formavam um leque pelas lamelas da veneziana. Por cima dos extratos havia um envelope cinzento. Evelyn abriu-o e tirou uma folha de papel amarelada. À primeira vista, parecia ser uma lista de endereços. Contudo, uma olhada mais atenta revelou assinaturas apagadas pelo tempo. Evelyn sentiu sua boca secar ao ler Rudolf Kieslinger. Abaixo do endereço em Viena, estava a sua assinatura.

Essa lista continha uma dúzia de nomes, com seus respectivos endereços. Uma lista de passageiros! O nome de Heinz Prange, com seu endereço em Munique, também estava ali. Suas mãos tremiam. Patrick tinha razão. Os dois homens haviam se encontrado nessa viagem no navio de luxo.

Os demais nomes não lhe diziam nada. Notou apenas que não havia nenhuma mulher entre eles. Os passageiros chamavam-se Rene Manzon, Mark Pelling, Kurt Hanson, Richard Ruschko, Martin Ritter, Thomas Eberhardt, Georg Pallock e...

Incrédula, leu novamente o próximo nome. Que coincidência! Ela conhecia alguém que também se chamava assim. Então leu o endereço, e, de repente, tudo à sua volta começou a girar. Era como se caísse de costas em um buraco, e tudo ficou negro. Um endereço vienense. O condomínio futurístico. Uma cobertura no 23º andar. Isso era impossível.

Como esse endereço havia vindo parar aqui neste papel? De novo, e de novo, Evelyn leu o nome do homem que ontem supostamente caíra por acidente da sacada de seu apartamento: seu colega advogado Peter Holobeck.

37

Lençóis, travesseiros e o piso de madeira. Havia sangue por toda parte. Uma jovem mulher de rosto pálido jazia imóvel na cama. Parecia que flutuava em um mar de pétalas escuras de rosas. Em uma de suas mãos, via-se a lâmina de barbear, com a qual havia cortado os pulsos. O sangue reluzia e ainda pulsava das feridas. Os cortes não tinham mais que alguns minutos.

O doutor Pinsger olhava pelo quarto, incrédulo, tentando recuperar a respiração. Pulaski empurrou-o para o lado. A janela estava escancarada, a cortina balançava ao vento e a porta bateu atrás deles.

“Entrou algum estranho na casa?”, gritou Pulaski.

“Não.”

Pulaski agarrou o médico pelo braço e olhou-o nos olhos.

“Escute com atenção! Chame uma ambulância. A garota precisa de uma transfusão. Mas não saia do lado dela. Entendeu?”

“É claro.”

O velho médico correu até a cama. Enquanto dobrava o lençol para fazer um torniquete, sacou seu celular do bolso do jaleco.

Enquanto isso, Pulaski saltou a janela. Não havia grades. Abaixo do batente, passava uma ponte de ferro com parapeito, que terminava em uma escada de incêndio espiralada. O olhar de Pulaski corria pelo parque. Nada além de árvores, arbustos e

canteiros de rosas, até onde a vista alcançava. E então viu um homem grisalho, de sobretudo escuro, correndo em direção ao bosque.

“Parado aí!”, berrou Pulaski.

Maldição. O homem corria como uma lebre. Pulaski jogou as pernas para fora da janela e saltou sobre a ponte. A estrutura chiava e balançava perigosamente abaixo dele. Ele correu para a escada de incêndio, descendo-a andar por andar, quase tropeçando nos próprios pés.

Ofegante, chegou até o caminho de cascalho. Seu olhar buscou o final do parque. Uns duzentos metros o separavam da entrada da floresta, na qual o grisalho acabara de desaparecer. Por um momento, cogitou se deveria correr para o estacionamento, do outro lado do prédio, onde estava o seu carro. Mas lembrou-se de que a chave estava no bolso do seu sobretudo, no saguão.

“Merda!”

Pulaski começou a correr em direção ao bosque. Depois de poucos metros, seus pulmões queimavam como fogo. Suas vias respiratórias não colaboravam. Sua garganta estreitava-se mais e mais. Ele tinha de pegar aquele canalha! Dessa vez ele estava tão próximo que não o deixaria escapar. Ele lutava para seguir respirando. Em segundos, sua camisa estava molhada de suor. Ainda correndo, pegou o *spray* do bolso e inalou fortemente. Mesmo que tivesse de esvaziar o frasco, não iria parar.

Quando alcançou a floresta, encostou-se em uma árvore para recuperar o fôlego. Havia somente uma picada estreita através do parque. Uma placa de madeira indicava que o caminho levava para a capela e a saída. O cretino queria escapar pelo portão oeste! Pulaski pôs-se em movimento.

Em frente, siga em frente, dizia a si mesmo. Aquele velho não poderia estar em melhor forma que ele. Pulaski enxugava o suor da

sua testa. Ele tropeçava sobre poças de lama e raízes molhadas, metia-se pelo meio do mato e voltava à picada. Finalmente, chegou à capela, que ficava em uma minúscula clareira, à sombra de árvores enormes. Uma porta de madeira rangia. Pulaski virou-se, sacando a Walther do coldre em meio ao movimento. Destravou-a e engatilhou-a. Cautelosamente, de arma em punho, deu a volta na capela. Ao ver duas jovens mulheres, vestidas com as roupas beges do sanatório, abaixou a pistola. Elas seguravam cigarros e isqueiro nas mãos e o olhavam assustadas, como se ele as tivesse flagrado fazendo algo proibido.

“Nós queríamos apenas...”

“Viram um homem grisalho de sobretudo passar por aqui?”

Uma das mulheres indicou em direção ao portão oeste.

“Obrigado. Permaneçam dentro da capela até eu voltar”, ordenou e seguiu correndo.

A cada passo que dava, sua garganta se estreitava. A vontade de tossir arranhava-lhe os pulmões. Tinha de respirar com toda a força para captar um pouco de oxigênio. Seu coração parecia uma turbina sobrecarregada. Quando entraria em colapso? Se não tivesse discutido tanto com o doutor Pinsger, mas ido diretamente ao quarto de Lesja!

Pulaski seguia adiante, tropeçando. Quando o caminho fez a volta em uma densa cerca viva, finalmente avistou o homem à sua frente. Um cara grande e forte, vestindo um sobretudo do cor escura, acolchoado. Estava no máximo a uns 150 metros. A alameda levava diretamente a um muro que delimitava a propriedade. O pesado portão duplo de madeira da saída ocidental estava entreaberto.

“Parado...” Mais que isso não saiu da sua boca. O resto foi sufocado pelos chiados da sua garganta. Usou novamente o

inalador, mas a pressão sobre seus pulmões não se aliviou. Sem rodeios, deu um tiro para cima. Mas o desgraçado não parou.

“Polícia!”, gritou Pulaski, dando outro disparo de alerta.

O homem seguia correndo diretamente para a saída. Faltavam poucos metros, e ele passaria pela brecha do portão. Pulaski não sabia o que havia do outro lado do muro.

“Maldito canalha”, bufou. Segurou a arma com as duas mãos, mirou nas pernas do homem e puxou o gatilho. Errou o primeiro tiro, mas o segundo pegou. O homem caiu estirado no chão, a poucos metros do portão. Contudo, logo levantou-se para continuar, mancando.

“Isso não pode ser verdade!”

Pulaski mirou outra vez, mas um acesso de tosse impediu-o. Seus olhos se encheram de lágrimas. As pernas, as pernas! Mire nas malditas pernas! Mesmo com a vista embaçada, levantou a arma e disparou. Mas a bala errou o alvo. O homem havia passado pelo portão.

Tossindo e com dores no peito, como se alguém perfurasse seu peito com uma lança, Pulaski cambaleou em direção ao portão. Cada passo o fazia sentir dores insuportáveis. Ao chegar ao local onde havia acertado a perna do fugitivo, abaixou-se à procura de pistas. Logo encontrou os rastros de sangue sobre as pedras e as folhas secas. Com certa satisfação, acocorou-se e mergulhou a ponta do dedo em uma gota, esfregando o líquido entre os dedos.

“Eu espero que você se lembre de mim por muito tempo, e que sinta muita dor, seu desgraçado”, murmurou.

Nesse momento, escutou o barulho de um motor, à distância. Com a arma em punho, seguiu o rastro de sangue até o portão. A fechadura havia sido arrombada por fora com um pé de cabra. A chapa de latão entortada pendia para o lado, e havia estilhaços de

madeira pelo chão. Cuidadosamente, olhou em volta do portão. Ao lado do muro, uma estrada desolada subia o morro. Atrás dela, somente campos e bosques. Nem sinal do homem, ou de algum veículo. Pulaski continuou seguindo o rastro de sangue, até o final abrupto, poucos metros à frente. Aqui o estranho havia estacionado seu veículo de fuga. Havia pegadas e marcas de pneus na terra úmida.

Ofegante, Pulaski deixou-se cair na grama molhada, apoiando as costas no muro do sanatório. Procurou seu *spray* no bolso, agitou-o e quis inalar, mas estava vazio. Exausto, deixou o braço pender. Não entre em pânico! Ele respirava profunda e lentamente. Precisava evitar que os músculos convulsionassem.

Com os olhos ardentes, olhou para o alto do muro. Aqui não havia câmeras de vigilância, como em Markkleeberg. Mesmo assim, Pulaski sorriu. O homem que havia cortado os pulsos de Lesja estava praticamente acabado. Não tinha apenas o molde da sola de seus sapatos e as marcas dos pneus do seu carro. Nas gotas de sangue, tinha também seu DNA.

38

Ainda sentado na grama, Pulaski pegou o celular e discou o número do escritório de Horst Fux. Depois do quinto toque, a ligação foi transferida para outro aparelho. Malte respondeu.

“Olá, turista, tudo em ordem?”, atendeu o colega, que obviamente havia reconhecido o número.

“Escute, eu preciso falar com Fux. É urgente!”

“Você está ofegante. O que anda fazendo? Você está...?”

“É urgente! Vá buscá-lo!”

“Ele está em uma reunião. O que acha que devo fazer? Simplesmente invadir a sala de reuniões?”

“Sim! E depressa!”

Pulaski ouviu como Malte deixara o fone cair sobre a mesa e saíra.

A fogueira no peito de Pulaski ainda ardia. Sentia um gosto asqueroso na boca e cuspiu na grama várias vezes. Finalmente, ouviu passos.

“Pulaski, é melhor que seja realmente importante. O promotor me espera na sala ao lado, e nós...”

“Você confia em mim?”

“O que quer dizer com isso? Caramba, sim, confio.”

“Muito bem, então escute. Você precisa me ajudar e rápido. Entre em contato com os colegas de Göttingen. Precisamos de barreiras nas estradas num raio de quinze quilômetros em torno da clínica psiquiátrica de Herberhausen, na zona leste da cidade. O fugitivo é o homem grisalho que atacou no sanatório de
Markkleeberg e para o qual já expedimos o mandado de busca.”

“Göttingen?”, bradou Fux. “Que raios você está fazendo em Göttingen?”

“Escute-me, caramba! Precisamos das barreiras e a Kripo local deve contatar todos os médicos e hospitais da região. O suspeito tem um ferimento de bala na perna direita.”

“Mas quem...?”

“Eu acertei o cara na panturrilha.”

“Você levou sua arma de serviço?”, gritou Fux. “Eu não acredito. Eu sabia que você ia aprontar alguma.”

Pulaski ouviu que Fux bateu com a mão na mesa.

“Horst... Alô?”

“Sim!”

“Precisamos também de uma equipe de preservação de pistas na entrada leste do sanatório. Temos pegadas, marcas de pneus e rastros de sangue do suspeito.”

Fux suspirou. “Tudo bem, eu cuidarei de tudo. Mantenha-se acessível.” E desligou.

Nesse momento, um helicóptero passou voando baixo por cima de Pulaski. Um bom sinal, significava que Lesja estava viva e que a levariam para o hospital. Com as pernas bambas, levantou-se,

escorou-se no muro e pegou o caminho de volta para a clínica. Ao longe, viu que o helicóptero descia por trás das árvores.

Ao passar pela capela, na pequena clareira, Pulaski a encontrou vazia. As mulheres obviamente haviam corrido apavoradas de volta para o sanatório quando escutaram os primeiros disparos. Certamente, a notícia do tiroteio se espalharia como fogo em palha pela psiquiatria.

Ao sair do bosque para o gramado, Pulaski ainda viu os paramédicos levantarem a maca para dentro do helicóptero, que, mal fechadas as portas, levantou voo com o ruído característico da hélice. Os galhos das árvores próximas dobraram-se e as folhas secas levantaram-se sobre o gramado. Segundos depois, o helicóptero desapareceu, na mesma direção da qual viera.

Somente quando o doutor Pinsger veio correndo em sua direção, olhando-o de cima a baixo com desconfiança, notou que sua camisa pendia para fora das calças.

“Eu escutei tiros. O senhor está ferido?”

“Não, eu estou bem.” Pulaski enfiou a camisa para dentro da calça. “Como está Lesja?”

“Ela perdeu muito sangue. Seu sistema circulatório colapsou. Ela entrou em choque e desmaiou.”

“Ela chegou a dizer alguma coisa?”

O médico negou, abanando a cabeça. “Ela corre grave risco de morte. Talvez não sobreviva.”

Pulaski sentiu vontade de gritar. Ele não imaginara que sua menção sobre o caixão, com a qual havia ameaçado o médico, pudesse tornar-se realidade tão prontamente.

Enquanto isso, mais e mais curiosos juntavam-se em frente ao edifício.

Pulaski apontou para o bosque. “O portão oriental foi arrombado.”

“Eu cuidarei disso”, murmurou o médico. “Além do mais, tenho de notificar a polícia.”

“Eu já fiz isso.”

O doutor Pinsger ajeitou seus óculos. Por um momento, as lentes embaçaram. “Caso Lesja sobreviva”, disse, constrangido, “devo isso ao senhor.”

“E se não...” Pulaski tinha uma sensação estranha, de algo pesado no estômago. Lesja era sua única testemunha, a última sobrevivente de quatro adolescentes que poderia lhe dizer algo sobre o que havia se passado há dez anos em Bremerhaven. A pequena tinha de sobreviver, caso contrário, tudo teria sido em vão.

“Posso ajudar de alguma forma?” A voz de Pinsger era de preocupação. Pulaski sacou seu inalador do bolso. “Meu *spray* para asma acabou.”

O médico olhou a marca. “Foster, novo no mercado. Eu lhe arranjarei outro frasco.”

“Obrigado; e será que o senhor não teria também um café forte e duas Aspirinas?”

“Dor de cabeça?”

“Ainda não.” Pulaski olhava para a entrada principal. “Mas, daqui a pouco, terei.”

Pinsger virou-se. Acabavam de entrar dois Audis pretos, que subiam em direção à clínica.

Dependendo de quem Horst Fux havia avisado, seriam os colegas da Kripo de Göttingen ou o departamento de investigações criminais da Baixa Saxônia.

A festa estava apenas começando.

39

Evelyn não tinha tempo para pensar em como o nome e a assinatura de Holobeck haviam ido parar na lista de participantes daquele cruzeiro. Através da porta fechada do escritório de Hockinson, ouviu passos — e, logo, a voz de Greta. A mulher andava pelo corredor. Aparentemente, falava ao celular, pois não se ouvia outra voz.

Evelyn dobrou a lista apressadamente, meteu-a no bolso da calça e recolocou a pasta na estante.

“Não, eu não vou mais lhe incomodar.” A voz de Greta vinha diretamente de trás da porta.

Quando a maçaneta abaixou, o coração de Evelyn quase saiu pela boca. Com um salto, atravessou a sala e encostou-se na parede, ao lado da entrada. A porta abriu. Evelyn estava atrás dela, prendendo a respiração.

“Meu pai está morto, mas isso não é tudo. Até agora, mais dois outros passageiros morreram.” Greta entrou na sala. “Alguém está tentando descobrir algo... Não se preocupe, eu não voltarei a ligar. Apenas tome cuidado.”

Greta estava prestes a ir até a escrivaninha, quando um chamado ecoou pela casa. Evelyn reconheceu a voz do técnico.

“O que foi agora?” Irritada, Greta jogou o celular na mesa e virou-se. “Não aguento mais esses idiotas”, murmurou para
si mesma.

Evelyn prendia a respiração.

Greta saiu para o corredor.

“Está tudo pronto”, soou a voz do homem, vinda do jardim de inverno.

“Se não funcionar desta vez, eu juro por Deus que botarei vocês e suas coisas para fora.” Greta bateu a porta atrás de si e marchou com passos pesados pelo corredor. Lentamente,
Evelyn saiu de seu esconderijo. Quantos segundos teria para sair da casa?

Seu olhar encontrou o celular. O visor ainda brilhava na penumbra do quarto. Ela aproximou-se e olhou para o mostrador digital. A última chamada não havia durado nem vinte segundos. Com quem Greta tinha falado?

Evelyn entrou no menu e procurou os números discados. Smolle... era a última chamada.

Rapidamente, pegou um lápis na mesa, anotou o número em um pedeço de papel, guardou-o no bolso e saiu da função de menu. Era hora de desaparecer. Andou até a porta, quando ouviu passos novamente, que vinham em direção ao escritório. Havia perdido a chance de fugir... Olhou apressadamente pela sala. Havia somente uma saída. Correu até a janela e abriu-a. O vento invadiu o quarto, fazendo as venezianas baterem. No mesmo instante, o alarme disparou. Evelyn congelou.

“Maldita merda!”, gritou Greta no corredor.

“É só um alarme falso. Resolveremos isso imediatamente!”

Evelyn sentou-se no parapeito da janela e jogou as pernas para fora. Um metro e meio abaixo dela, a ribanceira descia íngreme até o gramado. Sem pensar muito, saltou.

Suas pernas escorregaram com o impacto, e ela desceu a ribanceira rolando, até parar junto a um arbusto. Levantou-se, ofegante. Enquanto Greta e os homens da Sicuro estivessem ocupados, procurando pela causa do alarme falso, talvez tivesse uma chance de escapar sem ser notada.

Correu abaixada por trás da cerca viva até o caminho de cascalho e disparou, com o coração a mil, em direção ao portão de ferro. Seu carro estava logo ao lado da entrada. Nos últimos metros, sacou a chave eletrônica do bolso, abriu a porta e jogou-se no assento, atrás do volante.

Ainda arfando, apoiou a cabeça no encosto. Certamente a queda lhe causaria alguns hematomas. Inclinou-se sobre o banco do passageiro e olhou pelo vidro. Até onde podia reconhecer, não havia ninguém no jardim, nem olhando pela janela da mansão. Com sorte, sua fuga não seria notada... a não ser pelo fato de a janela do escritório ter ficado aberta.

Sacou o bilhete com o número de telefone do bolso e pegou seu celular no assento do passageiro. Depois de ocultar seu próprio número, discou. Tensa, pressionava o celular contra o ouvido. Depois do segundo toque, uma voz rouca e arrastada de homem atendeu.

“Alô.”

O pulso de Evelyn disparou. Obviamente, não iria responder. Em câmera lenta, abaixou a mão e desligou o aparelho. Smolle era um homem idoso. Evelyn limpou o suor da testa, deu a partida e desceu a rua, até sair do raio de visão da casa. Então entrou em uma ruela lateral e, de lá, passando pelo parque e pelo bairro de mansões, voltou para o dique pelo qual havia vindo.

Suas mãos ainda tremiam. Agora não prestava atenção às gaivotas, aos veleiros e aos restaurantes pitorescos que havia visto na ida. Pensamentos demais corriam por sua cabeça. Em princípio,

havia descoberto mais do que esperava. E, com um pouco de sorte, Greta nem mesmo notaria a falta do retrato e da lista de passageiros. Com isso, tinha conseguido mais uma peça do quebra-cabeça que Patrick poderia analisar. Quando parou em uma passagem de pedestres, para que uma vovó pudesse passar com seus netinhos, seu celular tocou.

Patrick era um chato. Não podia esperar nem uma hora sem notícias.

Ela atendeu. “Patrick, você é um chato!”

Houve um estalo na linha. Ninguém respondeu.

“Patrick?”, perguntou.

Nada.

“Quem fala?”, perguntou, mesmo já sabendo quem era.

“Queridinha, por que invadiu o escritório do meu pai?”

A velha já havia atravessado a rua há tempo. Atrás de Evelyn, os outros carros buzinavam. Como num transe, engatou a marcha e pôs-se a andar.

“Você tem sorte de a câmera de segurança ainda não estar funcionando. Caso contrário, eu a teria capturado em vídeo. Então...” Greta repetiu a pergunta com uma calma assustadora.

Evelyn queria arrancar os cabelos de raiva por ter deixado seu cartão de visita em cima da mesa. Por outro lado, havia chegado a hora de terminar a brincadeira de esconde-esconde com Greta. “O que aconteceu no Friedberg há dez anos?”, perguntou.

“Por que você assaltou a minha casa?”

Evelyn segurou o volante com tanta força que seus dedos ficaram brancos. Desse jeito, não iriam a parte alguma.

“Uma de nós deveria chamar a Kripo”, sugeriu. “Então poderemos esclarecer as questões do assalto e do Friedberg.”

Um empate clássico.

Greta Hockinson desligou.

40

Na pequena agência dos correios, na periferia de Cuxhaven, havia apenas um funcionário, um jovem de óculos estilo John Lennon. Duas páginas de fax para a Áustria custavam cinco euros. Evelyn deu-lhe dez e dirigiu-se para o nicho do aparelho. Discou o código internacional da Áustria, seguido do número de fax do escritório de Patrick. Antes de inserir a lista de passageiros na máquina, passou os olhos pelos nomes mais uma vez.

Smolle...

Ela não sabia nem mesmo se era um nome ou sobrenome. Procurava, agitada, por um Smolle, mas nenhum dos passageiros tinha um nome nem de longe parecido. Para quem Greta havia telefonado? Quem seria o homem de voz rouca?

O último nome da lista estava riscado. Mesmo virando a folha em todas as direções, até mesmo contra a luz, o nome do último passageiro estava ilegível. Teria sido Smolle?

Mais uma vez, seu olhar encontrou o nome e o endereço de Holobeck. E, mais uma vez, sentiu uma pontada no peito. Conhecia Holobeck desde seus tempos como estagiária na firma de Krager. Ele havia lhe ensinado todos os truques que um advogado precisa conhecer. Afora suas escapadas para a Tailândia, Holobeck não tirava férias. O cruzeiro com o Friedberg teria algo a ver com a sua homossexualidade? Evelyn leu os nomes de novo. Somente homens! Sua garganta ficara áspera como uma lixa. Lembrou-se do formigamento quente no estômago que sentira da última vez que

falara com ele. Sempre que essa sensação aparecia, alguma coisa estava errada — isso para ela era certo como a morte.

Caso Holobeck tivesse mesmo estado naquele navio, ele devia ter conhecido Rudolf Kieslinger e também Heinz Prange. Isso esclareceria por que ele contrariara os princípios do escritório, defendendo uma pessoa física contra uma empresa. O caso do *airbag*! Provavelmente, Holobeck não tivera contato somente com Prange, mas também com a sua viúva, à qual estaria fazendo um favor pessoal. Por que ocultaria de Evelyn as verdadeiras relações entre os fatos? Lembrava-se claramente das palavras do colega no seu último telefonema: Evelyn, fique fora disso. Os dois casos não têm conexão.

Não só tinham, como Holobeck estava metido bem no meio. Por um momento, Evelyn imaginou uma cena horrível: a garota de vestidinho azul empurrando Holobeck da sacada. Enxotou o pensamento, colocou o retrato falado no aparelho de fax e apertou enviar.

Enquanto a folha passava, ligou para o celular de Patrick.

“Escute aqui, nunca mais desligue o telefone assim quando eu estiver falando com você”, xingou ele. “Passei por um medo terrível!”

Uma cliente com uma sacola cheia de cartas entrou na filial do correio.

“Não exagere”, ela sussurrou. “Estou lhe mandando um fax.”

“Não me diga que é da casa de Hockinson?”

“Não se preocupe, estou no correio. Primeiro você receberá um retrato falado da nossa loura...”

“Mata Hari, você não roubou o retrato, roubou?”

Evelyn não respondeu à pergunta. Calada, colocou a lista de passageiros no aparelho. “E, depois, uma lista de passageiros do Friedberg. Você ficará surpreso ao ver o nome que se encontra nel...”

Ela se deteve no meio da frase. A máquina puxava a folha para dentro com o verso para cima. Por um momento, o nome de Smolle passou por ela, como um fantasma.

“O quê?”, disse Patrick. “Qual lista?”

“Um momento.” Evelyn esperou a folha sair pelo outro lado do aparelho. Aqui estava ele, preto no branco: Paul Smolle. Ele era o capitão do Friedberg.

41

Depois de esperar pelo comprovante do fax e rasgá-lo, Evelyn voltou para o seu carro.

Enquanto dirigia ao longo do Elba, de volta para a balsa de Wischhafen, falava com Patrick pelo viva-voz. Seria uma longa conversa, já que havia muito o que explicar, sobretudo como havia conseguido os dois documentos que lhe havia enviado por fax.

“Muito esperto da sua parte deixar seu cartão de visita na mansão, para o caso de Greta querer processá-la por assalto”, provocou ele.

Sabichão! Ela sabia muito bem que havia sido uma falha.

“Mas tudo vai ficar bem, oncinha. Finalmente temos algo nas mãos. A lista está legível, menos o último nome, que foi riscado. Dá para reconhecer algo no original?”

“Sem chance.”

“Talvez se dermos o original à Kripo, eles possam fazer alguma coisa. Vou pegar um táxi até a delegacia e...”

Essa ideia fazia o estômago de Evelyn contorcer-se.

“Antes de dar a lista à polícia, eu quero que *você* tente descobrir mais sobre esses homens.”

“Por que tão hesitante, de repente? Ontem você não podia ver a hora de ir à... ai, caramba!”, exclamou.

Havia encontrado, finalmente.

“Nosso amigo Holobeck também está aqui.”

“É por isso que não quero que você entregue a lista para a polícia imediatamente.”

“Meu Deus!”

Evelyn podia ouvir como os pensamentos de Patrick se atropelavam.

“Você sabe o que isso significa?”

“Sei”, respondeu, baixinho. “Por favor, descubra quem são os outros. Veja se eles eram gays e se também foram chantageados.”

“Sim, sim, eu sei o que fazer.”

É claro que sabia. Afinal, ganhava a vida com isso.

Ela reduziu a velocidade e deu a volta em uma manada de ovelhas. “Mas, primeiro, quero pedir-lhe um outro favor. Um certo Paul Smolle era o capitão do Friedberg.” Ela soletrou o nome. “Descubra onde ele mora e avise-me assim que souber. É urgente.”

“Pode deixar, mas talvez ele nem esteja mais vivo.”

“Está sim”, contrapôs ela. “Telefonei para ele há meia hora.”

Pouco antes das três da tarde, Evelyn estava de pé na amurada da balsa, que abria caminho pelas águas do Elba. Ainda havia focos de neblina sobre a água. Parecia que aqui era sempre assim.

Finalmente, a terra firme se aproximava. Pouco a pouco, a casa da administração da balsa e, depois, o cais de Glückstadt apareceram em meio à bruma.

Evelyn havia comprado um refrigerante, um cachorro-quente e uma barra de chocolate antes da partida. Até o momento em que mordeu o sanduíche, não havia se dado conta da fome que tinha.

Havia desenrolado a gola do seu pulôver norueguês até as orelhas. O frio aumentava e um vento gelado soprava do norte. Além disso, os acontecimentos das últimas horas faziam-na tremer por dentro. Ela mordeu o chocolate. Se fosse verdade que acalmava os nervos, era exatamente do que ela precisava.

Após deixar a balsa com seu carro de aluguel, Evelyn parou em um estacionamento ao lado da rodovia federal. O GPS indicava o caminho de Glückstadt até o aeroporto de Hamburgo. Quase uma hora de viagem. Se quisesse voltar para casa hoje, agora seria a hora de fazer a reserva por telefone.

Por outro lado, talvez não fosse tão inteligente pegar um voo a partir de Hamburgo. Greta Hockinson sabia dos seus planos. Talvez a estivesse esperando no aeroporto. Uma ideia paranoica, mas não podia imaginar do que essa mulher seria capaz — assim como se enganara com seu colega Holobeck. Não estava segura de que entre eles não havia segredos. Mais uma vez, ela entendeu que não se pode olhar para dentro das pessoas, e que esse era um motivo a mais para confiar em sua intuição.

Indecisa, olhava para o celular. Voar para casa ou ficar? Na verdade, já havia tomado a decisão.

Quando o celular tocou, ela estremeceu. O número de Patrick apareceu no visor.

“Alô.”

“Você parece tensa.”

Nada escapava ao senhor detetive. “Descobriu algo?”

“O capitão Paul Smolle nasceu em 1944. Seu pai morreu na guerra, sua mãe se mandou logo após o seu nascimento. É um cara durão. Tem a patente mais alta de comandante de embarcação, mas também várias denúncias por embriaguez. Há dez anos não comanda mais nenhum navio. Mais detalhes meu colega Uwe não conseguiu descobrir.”

“E o endereço?”

“Você não vai acreditar... Ele mora em um *trailer*, que mandou transformar em bangalô.”

“Parece pobre.”

“Pelo menos ele não é o nosso chantagista.”

“Onde está o *trailer*?”

“Na costa de Wenningstedt, em Sylt[1].”

Isso não soava nada bem. Evelyn inseriu os dados no GPS. Havia somente uma rota para Sylt, e eram seis horas de viagem, incluindo o transporte de trem por cima do dique.

“Quando você volta para casa?”, perguntou Patrick, depois que Evelyn ficou um tempo sem dizer nada.

“Você conhece o paradeiro *exato* do *trailer* de Smolle?”

“Merda, eu sabia!”, esbravejou Patrick. “Sylt fica na fronteira com a Dinamarca. A viagem para lá é uma odisseia.”

“Seis horas”, respondeu ela.

“Evelyn, isso é loucura. Você tem de voltar.”

Por quê? Por que ele queria?

“Estou atolada nesta história até o pescoço. Tenho de ir em frente”, respondeu, com firmeza. “Preciso solucionar este caso.”

Ela olhava para a placa de trânsito do outro lado da rua. Uma seta indicava para Hamburgo, e outra para Flensburg, ao norte. Deixou seu olhar seguir a estrada. Nuvens pesadas se anunciavam. Caso decidisse fazer uma visita a Smolle, entraria diretamente na tempestade.

“Se eu sair agora, às nove estou lá.”

“Não antes das dez”, corrigiu Patrick. “Onde você pretende dormir?”

“Em Sylt certamente haverá algum hotel.”

1. Sylt é a maior das Ilhas Frísias.

42

Pulaski estava parado no gramado, em frente ao pavilhão, com um copo de café quente na mão.

O terreno da clínica psiquiátrica estava cheio de policiais que tinham dificuldades em conter os pacientes curiosos.

Pelo que Pulaski podia deduzir dos códigos que ouvia dos rádios, haviam realmente posto barreiras nas estradas. Contudo, parecia que o suspeito não aparecera até então. E isso não iria mudar. Havia passado tempo demais.

Horst Fux devia ter causado um agito considerável na Kripo de Göttingen, pois Pulaski nunca havia visto tantos policiais em uma única cena de crime. No mínimo dois investigadores interrogavam os funcionários, outros três entrevistavam os pacientes.

Mas ninguém parecia conhecer o grisalho de sobretudo acolchoado, e ninguém o havia visto entrar no recinto. Enquanto uma equipe de preservação de pistas vasculhava o bosque, o caminho para a capela e o portão oriental, um segundo grupo cuidava do quarto de Lesja. Ficara evidente que o grisalho entrara pela porta principal e subira pela escadaria até o quarto. Provavelmente, havia ouvido os passos de Pulaski e do doutor Pinsger na escada e fugido apressadamente pela janela.

Pulaski terminou seu cigarro e procurava por uma lixeira para o copo de café vazio, quando foi abordado por dois homens de terno. Não era preciso ser muito esperto para ver nas suas faces que eles teriam o maior prazer em passá-lo pelo

moedor de carne. Ambos tinham mais de quarenta, e as feições de seus rostos eram duras e angulosas. Os traços de um deles, de olhos pequenos e vermelhos, sardas e cabelos ruivos, contava a história de uma vida difícil. Em contraste, ao outro, que era careca, deviam faltar alguns músculos no rosto, pois parecia que não ria há décadas. Mas Pulaski não tinha mesmo intenção de se casar com algum dos dois.

“Foi o senhor que atirou?”, perguntou o ruivo.

Calado, Pulaski entregou-lhe a arma. O ruivo tirou o pente da pistola e contou as balas restantes. Então, pegou o *walkie-talkie.* “Devem ser cinco cartuchos.” Evidentemente, falava com a equipe de preservação de pistas no portão leste.

“Os médicos e hospitais da região foram notificados?”, perguntou Pulaski.

O careca sorriu torto. “Fazemos este trabalho há vinte anos”, disse, e enfiou um chiclete na boca. “Ouvimos dizer que este caso sobrepõe-se a investigações correntes em Leipzig. Quem está trabalhando no caso?”

Pulaski pensou no gordo e no magro. “Klaus Winteregger e Lars Goteinik, do LKA de Dresden”, respondeu. Um alcoólatra amargurado e um jovem babaca, recém-saído da escola, adicionou em pensamento.

O careca arqueou as sobrancelhas. “E quem é o senhor?”

Pulaski disse-lhe seu nome e identidade de serviço. “Eu sou do setor de emergências criminais de Leipzig.”

“Do setor de emergências?”, repetiu o homem. Soava como se estivesse falando sobre herpes ou sífilis. “O senhor está bem longe de casa. Não se sente mais à vontade na Saxônia?” Imediatamente, o tom da conversa, que já não era muito amigável, piorou.

“Os colegas sabem o que o senhor está fazendo aqui?”, intrometeu-se o ruivo na conversa.

“O que o senhor acha? Que eu estaria aqui se soubessem? Os caras do LKA estão com as bundas coladas nas suas cadeiras, enquanto o assassino continua matando.”

Os dois policiais entreolharam-se.

“Vamos com calma, Dirty Harry.” O careca colocou a mão no ombro de Pulaski — um gesto do qual que ele não gostava nada, nada. “Eu penso que nossos colegas em Dresden sabem o que fazem melhor que o senhor, meu velho.”

Pulaski ficou calado. Esses idiotas não tinham a mínima noção. Se continuasse assim, ficariam importunando-se mutuamente durante horas, enquanto o grisalho desapareceria para sempre.

Duas horas depois, Pulaski havia feito sua declaração. Agora tinha de esperar até que o careca e o ruivo, que ainda não se haviam apresentado, devolvessem sua pistola. Enquanto isso, telefonava para sua delegacia em Leipzig, sentado no refeitório vazio do pavilhão. O humor de Fux não era nada bom.

“Esta é exatamente a razão pela qual o promotor Kohler tirou o caso das suas mãos e passou as investigações para o LKA!”, berrou Fux. “Porque você não consegue jogar de acordo com as regras!”

“As regras! Que besteira”, retrucou Pulaski. “Aqui não se trata de cumprir os procedimentos burocráticos para que os moinhos rodem ainda mais devagar. Trata-se de prender um assassino, e evitar que ele siga matando adolescentes.”

“Ai, meu Deus”, suspirou Fux. “É inútil discutir com você sobre isso. E eu pensava que você havia pedido transferência para o setor de emergências para poder ficar tranquilo em Leipzig, e ter mais tempo para a sua filha.”

Jasmim!

Pulaski olhou para o relógio. Cinco e pouco. Ela já havia voltado da escola há tempo. Tinha de ligar para ela, urgente.

“É verdade”, murmurou. “Mas você não fica enjoado, ao ver as investigações desses diletantes afundando na areia?”

“Esses *diletantes*, como você chama seus antigos colegas do LKA, descobriram algo hoje.”

“É mesmo?”

“A garrafa de Cadenheads Old Raj Gin, que Natascha bebeu, veio do escritório do diretor médico.”

Pulaski lembrava-se muito bem do dr. Heinrich Wolf, o velho urso. Que o homem bebesse não o surpreendia. “Que enorme descoberta! Mais alguma coisa?”

“Há novidades da medicina legal também.”

“Isso era de se esperar. Meike é a melhor.”

“O resultado provisório da autópsia do menino está pronto. Martin Horner realmente morreu de parada cardíaca, porém, causada por uma overdose do seu medicamento.”

“Detalhes?”, perguntou Pulaski.

Ouviu como Fux folheava os papéis.

“Os comprimidos de *digitalis*[1] deveriam fortalecer seus batimentos cardíacos, mas a alta dosagem causou uma arritmia no coração, distúrbios graves no ritmo cardíaco, bloqueio auriculoventricular, e, finalmente, a parada cardíaca...” Fux terminou de ler o relatório e fez uma pausa. “Não foi uma morte agradável.”

“Será que os meninos do LKA entenderam agora que estão lidando com um assassinato duplo?”

“Ao menos não podem mais excluir essa possibilidade. Tanto no sangue de Natascha como no de Martin havia traços de Botox. Os policiais interrogaram o pessoal da clínica de
Markkleeberg, mas não levou a nada.”

“Isso eu poderia ter-lhes dito logo. Os médicos e enfermeiros acreditavam que Martin havia se matado, e quiseram proteger a reputação da clínica, ocultando o suicídio.”

“Parece que sim. O diretor médico está em maus lençóis.”

O ruivo e o careca entraram pela porta do refeitório e olharam à volta. Aparentemente, andavam sempre em dupla.

Pulaski interrompeu seu chefe. “Tenho de desligar. Os superdotados da Baixa Saxônia estão chegando.”

“Esses também já me ligaram hoje.”

“Isso não me surpreende.”

Fux pigarreou. “Comporte-se...”

Pulaski não ouviu o resto da frase. Ele já havia interrompido a ligação.

“O senhor trouxe um pente de reserva?”, perguntou o ruivo.

“Não”, mentiu Pulaski, pois já desconfiava por onde iria o assunto.

“Aqui está a sua arma.” O ruivo entregou-lhe a Walther.

Pulaski pegou-a e percebeu pelo peso que algo estava faltando. Deixou o pente deslizar para fora. “E as balas?”

“Ficam conosco.”

“Que merda é essa?” Eles não podiam simplesmente apreender suas balas de serviço.

“Falamos com o seu superior.” O ruivo deixou as palavras fazerem efeito por um momento antes de prosseguir. “Para alguém do setor de emergências de Leipzig que tira um dia de férias, o senhor é bastante arrogante em sair atirando com a arma de serviço. Devia ter informado a sua delegacia e pedido permissão para agir em outro estado.”

Espertalhão! Pulaski esperava. O que mais iriam inventar? Em todo caso, ele sabia que não podiam tirar-lhe a pistola ou as balas alegando que seriam provas. De férias ou não — ele havia impedido uma tentativa de assassinato e atirado no suspeito. É claro que ele sabia que a coisa teria consequências consideráveis, mas isso era problema entre as delegacias. Pulaski não dava a mínima. A única que lhe importava era Lesja. Enquanto os seus assim chamados colegas varriam a sujeira de um canto para o outro até as mais altas hierarquias, ele esperava que a menina sobrevivesse.

“Seu chefe disse que devemos tirar-lhe as balas e mandá-lo para casa.”

“Enquanto não puder recarregar, o senhor não representa perigo”, adicionou o careca.

Pulaski sabia que era pura perseguição. Recolocou o pente vazio dentro da pistola e guardou-a no coldre. “Vocês acharam os cinco projéteis?”

“O senhor acha que lhe devolveríamos a arma se não tivéssemos achado?” Mais o ruivo não entregou.

Nenhuma informação para um velho! Como eram incapazes esses dois! Ao menos agora Pulaski sabia que acertara apenas de raspão. O grisalho iria mancar um pouco, mas não apareceria em um consultório médico.

“Tome.” O careca com as feições congeladas segurava um relatório de três páginas bem embaixo do seu nariz. Provavelmente, passara a última hora digitando-o com dois dedos em uma máquina de escrever portátil. Ao que parecia, os policiais da Baixa Saxônia não possuíam laptops.

“Leia e assine. O médico-chefe quer vê-lo em seu escritório. Depois, faça um grande favor a nós e a si mesmo e desapareça da cidade.”

Sem problemas. Como já foi dito, Pulaski não tinha intenção de casar-se com um dos dois. Ele olhou o relatório. Nome, identidade de serviço, local, data, hora, número de série da pistola, suas declarações e ações — a merda de sempre. Ele assinou, abotoou a jaqueta e levantou-se. Passou pelos dois policiais sem despedir-se e pôs-se à procura do escritório de Pinsger.

Nuvens escuras desciam do norte. O médico-chefe estava parado na janela e seu aspecto era desolador. Pulaski raramente havia visto tanto sofrimento na cara de um homem. Era o remorso que o atormentava? Ou era a infindável espiral de pensamentos que assolava as pessoas que poderiam ter evitado uma tragédia se tivessem reagido antes?

Pinsger olhou Pulaski com tristeza nos olhos. “Se eu o tivesse escutado antes, teríamos chegado a tempo ao quarto.”

Pulaski conhecia bem demais esse tipo de argumento. “E se a minha avó tivesse barba, ela seria o meu avô.”

Primeiro, Pinsger pareceu não entender, mas depois sorriu. “O senhor tem razão.”

“Vamos pegar o desgraçado”, assegurou-lhe Pulaski. “É somente uma questão de tempo. Já sabemos bastante sobre ele.” Pensou na foto da câmera de segurança da clínica de Markkleeberg e nas

pegadas que o homem deixara no portão oriental. “Como está Lesja?”

Exausto, Pinsger levantou os ombros. “Seu estado é crítico. Ela teve uma reação alérgica à transfusão e seus pulmões colapsaram. Os médicos têm de mantê-la em coma induzido.”

O doutor fitou-o longamente, e, de repente, sorriu.

“No começo, pensei que o senhor fosse um cara rude e antipático, mas me enganei. Os investigadores da Kripo que viraram o lugar de pernas para o ar são horríveis. Sutis como elefantes.”

“O senhor vê, sempre pode ficar pior.” Pulaski sorria. “Os colegas disseram que o senhor queria falar comigo.”

“Ah, sim.” Pinsger foi até a escrivaninha, abriu a gaveta e tirou dela um tubo cinzento de alumínio. “O seu remédio.”

Agradecido, Pulaski pegou o refil do inalador. Apesar do tumulto no sanatório, Pinsger não havia esquecido.

Pulaski notou que havia um dossiê em cima da mesa. Ele conhecia esse tipo de formulário. Era a folha de registro de um prontuário médico. Aproximou-se e pensou reconhecer nela o nome de Lesja Prokopowytsch.

“O que pretende fazer agora?”, perguntou o médico.

“Voltarei ao meu trabalho amanhã cedo. Isso me deixa algumas horas para ocupar-me do caso.”

“Posso ajudá-lo em algo?”

Pulaski olhou para a ata. “Qual é o nome do médico que atendeu Lesja e Sebastian em 1998 em Bremerhaven, antes de serem transferidos para cá?”

Pinsger suspirou. “Isso é tudo?”

“Sim.”

O doutor olhou para o documento, depois guardou-o na gaveta. “Eu sinto muito, mas isso eu não posso lhe dizer. O sigilo médico não permite, já que o senhor não trabalha oficialmente no caso.”

Pulaski havia escutado essas palavras muitas vezes desde ontem.

“Eu sei.”

O pequeno médico com os grandes óculos e o olhar de galinha assustada aproximou-se, e estendeu-lhe a mão em despedida. “Eu espero que o senhor compreenda. Se eu lhe dissesse que o nome do médico é Vobelski, eu estaria infringindo a lei.”

Pulaski sorriu. “O senhor também não é tão antipático assim.”

Ao entrar no seu carro, Pulaski revirou o porta-luvas, apressado, até encontrar as cópias do prontuário de Natascha e da folha de cadastro de Martin que Sônia Willhalm havia afixado no seu para-brisa naquela noite.

Depois do abuso, Martin Horner fora internado em 17 de agosto de 1998, Natascha Sommer dois dias depois, ambos na UTI do hospital de clínicas de Bremerhaven. Aqui também o médico havia sido o mesmo: Dr. Konrad Vobelski.

O homem se lembraria, depois de tanto tempo, o que havia passado com essas crianças? Ele ainda trabalharia em Bremerhaven? A viagem de carro até lá levaria três horas.

Pulaski deu a partida e pegou o celular.

1. *Digitalis*: gênero de plantas que produzem glicosídeos empregados na terapia sintomática de insuficiência cardíaca. Em doses elevadas, agem como veneno.

43

As tempestades do final do verão sempre emanavam uma atmosfera peculiar, que não se sentia em outras ocasiões. Quando o vento e a chuva batiam nas janelas, os relâmpagos arrancavam a paisagem da escuridão e o estrondo dos trovões rolava das montanhas como uma avalanche, Evelyn, quando criança, enrolava-se em um cobertor e punha-se à janela com uma xícara de chocolate quente nas mãos. Gostava de contar os segundos entre o raio e o trovão e ficava animada quando a tempestade se aproximava. Seu pai muitas vezes correra pela ventania, arrastando a sua bicicleta e os brinquedos da sua irmã para o galpão, enquanto sua mãe subia para o sótão e pegava velas e mantas para o caso de acabar a luz outra vez. Quando isso acontecia, a família ficava mais junta do que nunca. Alguns aromas ainda estavam vívidos na memória de Evelyn — o chocolate quente na sua xícara de criança, a torta de maçãs da vovó, as roupas molhadas do seu pai quando atravessava a sala a caminho do banheiro para enxugar-se. Algumas lembranças da infância eram bastante persistentes. Talvez fosse por esse motivo que adorava as tempestades.

Entretanto, a ventania que a surpreendeu enquanto dirigia não tinha nada das tempestades de verão da sua infância. Não se enxergava dez metros adiante, e o ruído monótono dos limpadores de para-brisa começava a irritá-la. A bem da verdade, era loucura. Ela poderia agora estar sentada em um avião para Viena, com uma comissária de bordo servindo-lhe uma massa em um pratinho de alumínio, com molhos, talheres, sal e pimenta — tudo hermeticamente embrulhado em plástico. Daria tudo agora para

poder recostar-se no assento, envolver-se em uma coberta e fechar os olhos! Mas ela tinha de encontrar esse tal de Smolle...

Na tentativa de animar-se, começou a arquitetar planos. Quando a expedição à Alemanha chegasse ao final e ela tivesse esclarecido os casos do *airbag* e do bueiro, tiraria férias *de verdade*. Um cruzeiro pelo Caribe, ou, pelo menos, uma semana em um spa para livrar a cabeça.

Ela olhou para o relógio. Ainda não era tarde para ligar para Conny, a filha da vizinha que cuidava dos gatos na sua ausência.

“Olá, Conny.”

“Ah, é você, Evelyn.” A menina fez uma pausa. “Não reconheci a sua voz.”

“É mesmo...” Evelyn lembrou-se de que havia ocultado seu número e esquecido de retornar à configuração normal do celular.

“Onde você está?”

“Ainda na Alemanha. Acho que minha visita aqui vai se estender um pouco mais.”

“Sem problemas. Bonnie e Clyde estão bem. Sempre que eu entro no seu apartamento, encontro os dois deitados no sofá, sem mover um bigode. Acho que nem perceberam que você está fora.”

“Sim, provavelmente.” Evelyn sorriu. Os dois sabiam muito bem que a sua *abridora de latas* estava fora. Assim que voltasse, a ignorariam generosamente, e Bonnie certamente faria xixi em seus sapatos em sinal de protesto. Mas os dois eram tudo para ela.

“Ah sim”, disse Conny. “Havia uma encomenda da livraria virtual na frente da sua porta. Eu guardei-a embaixo da minha cama. Posso abrir?”

Evelyn riu. A menina era tão curiosa quanto a mãe. Uma vez por semana, Evelyn corria com Tânia no parque, e, às vezes, enquanto Conny fazia a lição de casa nas tardes de sábado, ia com a vizinha a um café, para saber do seu trabalho como enfermeira e ouvir histórias de gente casada.

“Posso?”, insistiu Conny.

“Se quiser. Mas espero que não se decepcione. São apenas romances criminais de Martha Grimes, Stieg Larsson e Mary Higgins Clark.”

“Não conheço.”

“E o que você gosta de ler?”

“Thomas Brezina[1]”, respondeu Conny, sem titubear.

Conversaram mais um pouco, até que Evelyn ouviu a voz de Tânia ao fundo, chamando Conny para escovar os dentes.

Despediram-se. “Durma bem.”

Quando, em algum lugar entre duas pequenas cidades, o ponteiro do combustível entrou no vermelho, parou em um posto de gasolina, comprou um sanduíche de atum, uma lata de refrigerante e um café expresso.

Não podia nem pensar em dormir.

Enquanto comia, contando os segundos entre raio e trovão, deixou o rádio desligado. Os intervalos ficavam menores.

Não queria mais ouvir música, muito menos o tagarelar de algum locutor de notícias. À luz dos relâmpagos, via rebanhos de ovelhas espremendo-se sob os telhados das manjedouras, ciclistas que passavam, cobrindo as cabeças com jornais, e fardos de feno sendo carregados pelo vento. Niebüll era o nome do último município

grande no seu caminho. Ela dirigiu vagarosamente pela rodovia federal até avistar a estação ferroviária.

A área de embarque de automóveis ficava logo atrás dela. O próximo trem para Sylt sairia em vinte minutos. Ela comprou a passagem e dirigiu o carro de aluguel pela rampa para o trem. Era uma sensação estranha, estar sentada dentro do carro, na parte superior de um vagão de dois andares. Não havia nada que segurasse o carro além do freio de estacionamento — apenas a primeira marcha engatada.

Quando o trem partiu, Evelyn sentiu alguns solavancos, mas acostumou-se rapidamente. Era até excitante, voar pela tempestade e pela paisagem noturna nessa posição elevada. Sentiu-se um pouco insegura somente quando o trem deixou a terra firme, passando em alta velocidade por cima do dique de Hindenburg, que não era mais largo que duas vias de trilhos. Daqui podia olhar longe para o mar aberto de ambos os lados, e ver os lampejos dos faróis através da chuva, na costa. Durante a travessia, o termômetro na cabine indicava uma queda rápida. Afinal, estava na fronteira com a Dinamarca. Enfiou as mãos pelas mangas do pulôver e aninhou-se no assento, fitando a escuridão lá fora.

O trajeto levou pouco mais de meia hora, até que o trem parou na estação de Westerland. Dali em diante, o GPS do seu carro a guiava para o norte. Os faróis dos carros iluminavam partes da paisagem. À direita, estendiam-se brejos monótonos, à esquerda, as intermináveis dunas e o mar. Inúmeros pontões de madeira adentravam no Mar do Norte. O vento jogava as ondas em grandes arcos por cima dos cais.

Patrick, como sempre, tinha razão. Pouco antes das dez horas, ela chegou a Wenningstedt. Deixou o carro rolar em velocidade baixa pela minúscula vila, passando por uma capela, alguns sítios e casas de veraneio. Afinal, chegou ao *camping*. No final do terreno, a poucos metros da praia, uma cabana torta erguia-se das dunas. Devia ser essa.

Ela estacionou o carro à beira da estrada, deixou as lanternas acesas, pegou o celular, a carteira e correu pela praia de areia, embaixo de chuva. Rajadas de um vento salgado batiam-lhe no rosto. Cheirava a algas e a peixe.

Evelyn deu uma volta no bangalô. Quase não se reconhecia que era uma moradia num *trailer*. Faltavam as rodas — os eixos ficavam apoiados em vigas de madeira enterradas na areia. Smolle havia construído uma cabana de tábuas de madeira em volta do *trailer*, coberta com telhas, como extensão da sua morada. Do telhado despontava o cano de exaustão do fogão, que lançava nuvens de fumaça clara, dispersadas pelo vento em todas as direções.

Por trás das janelas do *trailer* via-se luz de velas. Aparentemente, Paul Smolle vivia sem eletricidade e passava o outono e o inverno, já próximo, com fogareiro a gás e fogão a lenha.

Evelyn chegou à porta de entrada totalmente encharcada. A porta da construção de madeira batia com o vento. Entrou no vestíbulo e secou o rosto com as mãos. Encontrava-se parada sob uma lona de plástico molhada. A água gotejava por entre as tábuas do telhado. Em um canto, avistou um botijão de propano, flanqueado por várias caixas de garrafas de vinho e aguardente vazias, lenha e muitas latas de conservas. Sobre uma privada portátil, empilhavam-se rolos e mais rolos de papel higiênico, embrulhados em um saco de *nylon*.

Nem mesmo em sonho haveria imaginado que sua viagem a trouxesse a um lugar como este. Havia chegado ao último canto da civilização. Pior que isso não podia ficar. Seu moderno carro de aluguel à beira da estrada parecia totalmente fora de lugar, como se estivesse perdido, vindo de outra dimensão.

Ela bateu na porta de lata amassada. Além do cadeado aberto batendo contra o ferrolho, nada se movia.

“Senhor Smolle?” Bateu mais uma vez contra a porta.

O rugir do trovão interrompeu-a. As palavras que havia pensado em dizer — *sou advogada e venho de Viena* — pareciam tão irreais que não conseguiu pronunciá-las. “Senhor Smolle?”

Cuidadosamente, abriu a porta, deu um passo sobre o degrau e espiou pelo canto, para dentro do *trailer*. O ar quente aqueceu o seu rosto. Cheirava a óleo e a pinho. Pedaços de lenha estalavam no forno.

No meio da sala, havia um homem de aspecto rude, sentado sobre um banco. Vestia uma calça de trabalho e uma camiseta manchada. Não demonstrou surpresa ao avistar Evelyn. Seu olhar permaneceu impávido, triste e cinzento — tão cinzento como a corda em volta do seu pescoço, que pendia de um gancho no teto, ao lado do tubo de exaustão do forno.

1. Thomas Brezina: autor austríaco de livros infantojuvenis. Alguns dos seus 436 livros foram traduzidos a 35 idiomas, inclusive ao português, com publicação no Brasil.

44

Subitamente, Evelyn viu-se em outro tempo. Atirada de volta para dentro de um buraco, que parecia estar já tão longe, mas que nunca deixara de existir. Ouvia sua própria voz — o soluçar de uma garotinha de dez anos — sentia a corda apertada em volta do pescoço e o saco de juta fedido que envolvia seu rosto como a noite. A cada respiração...

... os fiapos de pano entravam mais profundamente em sua boca, ameaçando asfixiá-la. Então sentiu dedos carnudos apalpando seu corpo. Primeiro em torno do pescoço e descendo ao longo das costas, depois pelas pernas e finalmente entre as pernas. Ela queria imaginar que fosse um inseto de muitos membros andando pela sua pele, apenas um inseto, nada mais que um bichinho infecto que ela poderia esmagar, se quisesse, mas não conseguia. O inseto tinha dedos ásperos e fedia a álcool e cigarros. Ouvia o homem ofegar, sentia seu hálito podre. De repente, ele soltou-a, como se quisesse guardá-la para mais tarde. Ela queria que ele ficasse, preferia nunca deixá-lo ir. Que ele tocasse o seu corpo o quanto quisesse... fizesse com ela o que quisesse. Ela permitiria, sem dar um pio. Tudo seria melhor do que suportar os gemidos indefesos da sua irmãzinha.

“Desapareça daqui!”

Evelyn deu um salto.

O homem passou o antebraço pela barba. A baba lhe escorria da boca. “Vá, por favor.” Sua voz falhou.

Ela pensou ter visto o despontar de uma lágrima em seus olhos. Mas, em vez de ir, entrou no *trailer* e fechou a porta atrás de si.

“O que você quer aqui?”

Ela esfregava seus braços. “Estou tremendo de frio. O senhor não teria uma xícara de chá?”

“Quem diabos é você?”

“Eu o entendo bem”, disse Evelyn. “Aos dez anos quis tirar minha vida pela primeira vez.”

Quinze minutos mais tarde, estavam sentados no sofá, bebendo chá com rum. Smolle havia fechado a cortina que separava a cozinha da sala para que a corda que pendia ao lado do cano exaustor saísse do campo de visão de Evelyn. Mas a cortina não podia mudar o fato de a ameaça ainda estar presente. Esse tipo de plano não desaparecia da mente de uma pessoa assim, de um segundo para o outro.

Apesar de Smolle, com sua barba desgrenhada, as tatuagens desvanecidas nos braços e a voz grave, parecer um velho e rude lobo do mar, no fundo era uma alma boa. Evelyn não precisou de nem um minuto para ter certeza disso. Uma olhada nos seus olhos bastou. Já a maneira como preparou o seu chá, deu-lhe um cobertor e uma toalha para que secasse seus cabelos, provava que ele não podia ser uma pessoa má. Quando lhe perguntou por que não trabalhava mais como capitão, ele foi diretamente ao ponto.

“A última viagem já faz dez anos ou mais. Demiti-me. Quis trabalhar em outro navio, como capitão ou imediato, mas a temporada havia acabado. Eu teria me contentado com um posto de timoneiro ou maquinista, mas os últimos navios estavam com a tripulação completa.”

Perdido em pensamentos, tilintava com a colher contra a xícara.

Evelyn notou uma cicatriz feia no lado interno de seu antebraço esquerdo, como se ele tivesse removido uma tatuagem, queimando-a com uma chama de gás. Talvez a imagem lhe trouxesse lembranças dolorosas.

“A temporada seguinte começaria somente dali a meio ano. O inverno estava me deixando louco. Os acontecimentos não me davam sossego e comecei a beber de verdade.” Ele deu de ombros. “Na primavera, não encontrei mais trabalho. Eu não queria admitir, mas em poucos meses eu havia me tornado um alcoólatra completo.”

Suas mãos tremiam, ao levar a xícara de chá para os lábios.

Pela janela, Evelyn viu como uma sequência de vários relâmpagos clareou a praia. As ondas quebravam altas e o vento varria a chuva por sobre as dunas. O trovão que se ouviu logo depois agitou as chamas das velas que estavam enfileiradas sobre o balcão da cozinha. Smolle seguiu com sua história.

“Havia me acostumado a beber uma garrafa de vinho quando saía à tarde para passear com o cachorro. Depois, já levava uma garrafa para o almoço, e também de manhã, quando ia à praia com o cão. Quando dei por mim, bebia sentado em meu *trailer*. O cachorro um dia se foi, mas o vinho ficou. E a aguardente também.”

Por vezes, Smolle murmurava ou engolia as palavras, mas Evelyn conseguia deduzir o que faltava.

“Primeiro, perdi a carteira de motorista. Depois o carro. Agora, também o dinheiro. Não consigo nem mesmo um bico como estivador no porto. Dez anos são um longo tempo. Não aguento mais. Você entende?”

Ela afirmou com a cabeça.

“Eu acho que não.” Smolle despejou rum na xícara, e esvaziou-a de um gole.

“O que aconteceu na sua última viagem?”, perguntou ela.

Ele soltou uma risada amarga. “É por isso que está aqui? É claro que sim.” Ele olhou para o teto. “Se *Ele* não quisesse que você soubesse, teria chegado um minuto mais tarde. Eu teria levado o segredo comigo.”

“O que aconteceu no Friedberg?”

Ele estremeceu ao ouvir o nome. Involuntariamente, olhou para o antebraço queimado, como se dali emanassem as lembranças que havia tentado apagar em vão.

“Este nome. Todo o álcool não foi suficiente para esquecê-lo. Afoguei meu juízo, mas os pensamentos ficaram, como um resquício podre na língua.”

“Quais pensamentos?”

Smolle calou.

“Os nomes Kieslinger, Prange, Holobeck, Manzon, Pelling, Hanson, Ruschko, Ritter, Eberhardt, Pallock ou Hockinson lhe dizem algo?”

“Hockinson...”, sussurrou ele, e levantou o olhar brevemente. “Você quer mesmo saber?”

Ela afirmou, balançando a cabeça.

“Tudo mesmo?”

Evelyn afirmou novamente.

“Eu tinha antecedentes criminais e, às vezes, bebia demais, mas Hockinson deu-me uma chance. Então, eu navegava para ele.

Provavelmente ele não encontraria outro capitão para esse navio.”

Smolle levantou os ombros. “Aquele verão mudou tudo.”

Ele esvaziou a garrafa de rum de um trago, e olhou pelo gargalo. “Já vi muitas coisas terríveis na minha vida”, começou ele, “mas o que vi em agosto de 1998 foi o pior. O Friedberg...”

... era um navio das almas mortas. Em pé no convés, de onde ele dirigia o iate, sentia-se como o barqueiro que atravessava os mortos pelo rio, para o reino de Hades[1]. Por fora, o Friedberg parecia um palácio suntuoso. Branco radiante, de formas aerodinâmicas. Por dentro, igualmente, com maçanetas douradas, espelhos de mármore e camas luxuosas com lençóis de seda. Mas, por baixo da fachada, o navio era sombrio como o diabo, negro como piche quente gotejando no sol do meio-dia, soltando bolhas fedorentas. Se algum dia ele navegou um navio sem alma, esse navio foi o Friedberg.

Em agosto, saíram pela última vez para um cruzeiro de nove dias. Havia treze cabines de luxo, para treze passageiros. Uma viagem com o Friedberg custava aos clientes mais do que ele podia imaginar. Mas, pelo aspecto dos convidados, dinheiro era a última coisa com a qual se preocupavam.

Havia bastante álcool a bordo — tudo do melhor! As marcas mais caras de uísque e de conhaque. Champanhe e charutos finos. Em uma viagem como essa, também entravam drogas na jogada. Havia de tudo. As mais leves, como ecstasy ou maconha, também outras drogas sintéticas, e, é claro, as coisas mais pesadas... o catálogo completo, para todos os gostos. Hockinson cuidava para que nada faltasse a seus convidados. Afinal, ele era famoso, em certos meios, pelos seus cruzeiros exclusivos.

E havia os outros passageiros — a mercadoria.

Eles os mantinham no deque inferior, amontoados em cubículos sem janelas. Mal estavam em alto-mar, os jogos começavam. O comissário de bordo levava as mercadorias da escuridão para cima, cada uma com um saco sobre a cabeça. Viam somente uma cabine, nada mais. Algumas talvez nem soubessem que viviam em um navio. Afinal, ainda eram crianças. Havia até mesmo um casal de irmãos. O menino tinha oito, a menina, no máximo, dez. Smolle nunca soube de onde essas crianças vinham. De certa forma, ele não queria mesmo saber. Algumas nem mesmo falavam alemão. Talvez fossem órfãs, ou crianças de rua, dos quais ninguém sentiria falta. Ele nunca perguntara a Hockinson. Sabia que não receberia resposta. Oficialmente, ele não sabia de nada do que se passava a bordo, mas essas coisas nunca passavam despercebidas. Uma olhada para as cabines bastava. Os quartos eram mais bem equipados que qualquer bordel de luxo que havia visto até então — e ele havia estado em alguns. Havia câmeras, correias de couro e ferramentas de metal. Além disso, as salas eram isoladas acusticamente.

Às vezes, a coisa saía dos eixos. Para tais casos, havia um médico a bordo, que havia perdido sua licença, e que remendava os pequenos para que pudessem ficar em pé. Não podiam ficar fora de serviço por muito tempo. Depois, eram levados de volta para baixo.

Os chuveiros do deque inferior funcionavam apenas com água morna. Afinal, eram câmaras construídas posteriormente no salão de carga, ao lado da ruidosa sala das máquinas. Alguns beliches, um armário e um banheiro para todos. A calefação era fraca demais para o tamanho do recinto. Em alguns dias, o frio lá embaixo era tanto que a respiração ficava visível.

Smolle levava às crianças agasalhos, cobertores, comida quente, bules cheios de chá, comprimidos de vitaminas e, para algumas, até antibióticos. Às vezes, olhava-as nos olhos. Essa visão ele nunca esqueceria. Eles não sabiam quem os havia trazido ali, nem onde estavam, nem o que lhes aconteceria. Não sabiam nem mesmo por

quanto tempo teriam de aguentar. Cada viagem durava nove dias, mas a temporada já vinha desde maio. E, nessa última viagem, finalmente aconteceu.

Houve uma festa no salão principal. Hockinson não tinha mais nada sob controle. Tudo estava à deriva. As crianças gritavam. Smolle podia ouvir o medo dois deques acima, na sala de comando. Então, um menino morreu. Se foram as drogas, a violência ou os estupros, que nessa noite não paravam, ninguém podia dizer ao certo.

O nome do menino era Manuel. Era um garoto de oito anos. Smolle lembrava-se do seu rosto.

Hockinson e seus clientes declararam que fora um acidente. O defunto foi enterrado dois dias depois, em algum lugar nas dunas.

Hockinson e os outros tentaram convencer a irmã de Manuel, de dez anos, que ela era a culpada da morte do menino. Depois disso, as crianças foram drogadas e soltas na costa, entregues a si mesmas, enquanto o Friedberg voltava ao porto de Bremerhaven... com um timoneiro ao leme que via apenas a imagem do menino morto à sua frente.

Smolle tinha os olhos cheios de lágrimas.

“O nome da menina era Lisa.” Ele escondeu o rosto nas mãos. “Eu a vejo quase todas as noites, sentada em um canto, seminua, com a cabeça do irmão nos braços, passando-lhe os dedos pelos cabelos, colados na testa pelo suor, enquanto os outros olham, parados à volta...”

O homem calou-se. O vento fazia a chuva golpear com força o *trailer*. Um frio incrível tomou conta de Evelyn. Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Ele falava de assassinato, abuso de crianças e cruzeiros organizados durante vários meses. Pensou nas

denúncias contra Prange e Kieslinger por pornografia infantil na internet — e, de repente, tudo começou a fazer sentido. Sentiu vontade de vomitar. Holobeck, seu mentor e colega, tão seguro de si, também havia estado a bordo. Sua preferência homossexual nunca havia sido um problema para ela. Até hoje.

Eram apenas crianças.

O estômago de Evelyn encolheu-se ao tamanho de uma noz. Não conseguia respirar. Nervosa, alargou a gola do seu pulôver.

“O senhor tem um trago para mim?”, grasnou ela.

Smolle buscou uma nova garrafa de rum e encheu a xícara de Evelyn. “Posso imaginar o que está sentindo.”

“Não, não pode.” Vorazmente, esvaziou seu copo. O rum esquentou-a. Aos poucos, o nó no seu estômago dissolvia-se, ela pôde respirar e voltar a pensar com clareza.

Crianças. Eram sempre as crianças. As que menos podiam se defender. Talvez fosse por isso que eram sempre elas as vítimas da violência.

Evelyn obrigou-se a mudar o rumo dos seus pensamentos.

“Essa Lisa deve ter hoje em torno de vinte anos, não é?”, perguntou Evelyn. “O senhor sabe onde ela está?”

Smolle encheu sua xícara. “Até onde eu sei, ela tinha ido parar em um sanatório em Hamburgo... A clínica psiquiátrica infantil de Ochsenzoll... mas ela não está mais lá.”

Evelyn ficou de orelhas em pé. “Como o senhor sabe?”

Smolle olhou-a triste. “Porque ela esteve aqui.”

1. Hades, na mitologia grega, é o deus do mundo inferior e dos mortos. A passagem era feita pelo barqueiro Caronte; para seu pagamento, os gregos colocavam uma moeda na boca do falecido.

45

O hospital de clínicas de Bremerhaven era um prédio colossal, que no final dos anos 1970 certamente fora um dos hospitais mais modernos do país. Hoje, com o pavilhão médico, o centro de reabilitação e as clínicas anexas, o edifício continuava sendo impressionante.

Pulaski chegara por volta das nove horas da noite.

Construída em meio a um terreno enorme, delimitado por árvores e um lago, a clínica destacava-se solitária no meio da noite. Os andares iluminados pareciam luzes de natal. Em contraste, uma gigantesca parede de nuvens escuras surgia ao norte, formando uma tempestade.

Pulaski deixou o carro no estacionamento de visitantes, que estava quase vazio. O vento varria as folhas secas pelo caminho. O ar já cheirava a chuva, quando chegou à entrada principal. Dessa vez, havia deixado a arma de serviço no carro, por precaução. Havia aprendido que médicos reagiam mal assim que viam a coronha de uma pistola por baixo de uma jaqueta.

O doutor Vobelski, que antes fora cirurgião na UTI, havia mudado sua especialidade e, como Pulaski descobrira durante a viagem em um telefonema para Malte, era agora o médico-chefe da clínica. A recepcionista atrás da vitrine no saguão, que já esperava a visita, mandou Pulaski para o sétimo andar. Por sorte, Vobelski estava no turno da noite. Entretanto, havia saído para um compromisso externo urgente e não voltaria antes das 23 horas.

Enquanto subia pelo elevador, Pulaski teve o estranho pensamento de que Vobelski poderia ser o homem que procuravam, o grisalho de sobretudo escuro com a perna ferida. Chegando ao sétimo andar, dirigiu-se diretamente para o organograma na parede. A clínica médica era composta dos departamentos de cardiologia, oncologia, diabetologia, gastroenterologia, assim como a unidade de tratamento intensivo. Havia uma foto de cada médico, enfermeiro e auxiliar. Acima de todas, estava o retrato do doutor Vobelski. Tinha por volta de sessenta anos — e era grisalho. Pulaski estudou a foto, literalmente focando os olhos do médico. Durante a perseguição, havia visto o suspeito somente por trás, mas ele conhecia os contornos do perfil que Malte havia reconstruído a partir das imagens da câmera de vigilância de Markkleeberg. Seria esse o homem? Ele mancaria quando chegasse?

Pulaski deixou a imagem de lado. Em duas horas saberia. Nesse meio-tempo, tirava um café atrás do outro da máquina, apesar desse lixo de cappuccino instantâneo com aromatizantes causar-lhe dor no estômago. Por outro lado, não havia comido quase nada hoje e sua barriga roncava como a de um lobo esfomeado.

Sentou-se em um sofá ao lado do balcão de informações, entre duas palmeiras de plástico, que quase batiam no teto, e ligou para a sua filha. Desde que saíra de Göttingen, Jasmim sabia que ele não voltaria mais hoje. Ela pernoitaria na casa de uma amiga, que também a levaria para a escola amanhã. Pulaski queria somente certificar-se de que ela estava bem, e não se remoía de raiva dele.

“Não se preocupe, papai”, cochichou ela. “Você vai pegar o cara que matou a russa?”

“Com certeza.”

“Ok. Eu notei que você abriu as caixas da mamãe.”

“Eu estava procurando um certo livro.”

“Você lendo um livro?”

“Eu tentei.”

“Nossa!” Ela riu baixinho. “Eu guardei as caixas.”

“Obrigado.”

“Podemos ir com Rex ao parque no fim de semana?”

Sentiu novamente aquele peso na consciência, que sempre vinha quando adiava um compromisso com a filha...

“Prometido.”

“De verdade?”

“Verdade verdadeira.” Pulaski pensou no cachorro do vizinho.

Rex adorava correr atrás de um *frisbee*.

Pulaski olhou a tela do celular. O indicador da bateria acabara de perder mais uma barra. “Eu preciso desligar. Boa noite, minha querida.” Ele esperou até que ela mandasse um beijo pelo telefone e então desligou.

Dessa vez ele queria cumprir a sua promessa. Mas, ao olhar pela janela, duvidou que fosse possível. A frente de nuvens negras chegava cada vez mais perto. Ao longe viam-se os primeiros relâmpagos. Ainda não se ouvia nada, mas o trovão não tardaria em chegar. Em pouco tempo, as primeiras gotas estouraram contra o vidro.

Um silêncio misterioso espalhou-se pelo corredor. Vez por outra, ouvia-se o barulho da porta de um elevador nos andares inferiores e o chiado das solas dos sapatos no piso de cerâmica.

Pulaski enfiou o celular no bolso. Havia se esquecido de trazer o carregador. Havia planejado uma ida rápida a Göttingen, nada mais.

E agora estava aqui, sentado ao lado do Mar do Norte, esperando um dilúvio derramar-se sobre a cidade.

Pulaski levantou-se, assustado. Havia cochilado. O relógio na parede marcava 23h05. A campainha do elevador o despertara.

Um homem alto, de bigode, grisalho e com uma pasta embaixo do braço vinha em sua direção. Evidentemente, vinha de fora, pois seu sobretudo estava encharcado. O próximo olhar de Pulaski foi para as suas pernas. Ele não mancava. Além disso, seu cabelo era denso demais.

Pulaski levantou-se. “Doutor Vobelski?”

O médico afirmou com a cabeça e estendeu-lhe a mão. “Já fui informado de que queria falar comigo, mas não pude vir antes. Um colega pediu minha ajuda para uma operação complicada. Acidente de carro. Venha comigo.” Ele saiu marchando na frente. “Qual é o assunto?”

Pulaski seguiu-o pelo corredor, em direção ao escritório. Enquanto contava a história das quatro crianças que Vobelski atendera há dez anos, o médico tirou seu sobretudo, vestiu um jaleco branco, ligou a máquina de café e secou seu cabelo com uma toalha.

Quando Pulaski terminou, a sala cheirava a café fresco.

“O senhor aceita uma xícara?”

Pulaski recusou. “Acabo de esvaziar a máquina no corredor.”

Vobelski deu-lhe uma piscadela marota. “Não se preocupe, a UTI fica logo aqui ao lado.” Sorrindo, sentou-se em uma cadeira, mexeu seu café e olhou pela janela. De repente, ficou sério. “Eu me lembro das crianças. Não é todo dia que aparecem quatro menores entupidos até as orelhas de LSD e com os corpos cobertos de feridas horríveis. Nunca tivemos tantos policiais na casa como

nessa ocasião. Também foi meu último mês na unidade de tratamento intensivo. Uma despedida violenta, que fica na memória. Depois disso, tirei duas semanas de férias antes de me mudar para o departamento de medicina interna." O médico lançou um olhar investigador a Pulaski. "E foi por isso que o senhor veio de Leipzig até aqui?"

"Depois do seu tratamento inicial, duas das crianças foram transferidas para a psiquiatria de Markkleeberg, perto de Leipzig. As outras duas foram para o sanatório de Herberhausen, em Göttingen."

"Eu sei. Ao voltar das férias, tive de escrever laudos para algumas delas. Uma das meninas era um caso bem complicado, pois não falava uma palavra e ninguém sabia de onde ela viera. Foi horrível..."

"Natascha Sommer", interrompeu Pulaski. "Assim a chamavam. Provavelmente, era da Ucrânia. Até hoje, não sabemos quem ela realmente era."

"Era?" O médico levantou o olhar. "Como ela está?"

"Ela e outros dois dos jovens estão mortos. A quarta pessoa está em sério perigo de morte."

"Meu Deus!" Vobelski pareceu realmente chocado. "O caso será reativado?"

"Eu estou tentando. Por isso estou aqui. De quanto o senhor se lembra?"

O médico recostou-se na cadeira e fechou os olhos. "Meu Deus, faz tanto tempo... as crianças foram encontradas em espaços de poucos dias, ao longo de uma extensão de vários quilômetros, em diversas aldeias costeiras do Mar do Norte. Uma delas foi trazida até aqui por um pescador, em uma caminhonete quase caindo aos pedaços. Estavam nuas, esfomeadas, entupidas de drogas e seus

corpos exibiam as marcas de abusos terríveis. Alguém as havia molestado de tal jeito que estavam à beira da morte.”

Vobelski abriu os olhos. “Eu havia ouvido falar de casos similares, mas somente nas regiões costeiras da França e da Grécia. Isso havia sido alguns anos antes. Contudo, nenhum dos casos foi esclarecido.”

Pulaski baixou os ombros. “A Kripo não encontrou nada?”

“Pelo que eu sei, ninguém descobriu como as crianças haviam ido parar na praia. A Kripo passou meses vasculhando as aldeias costeiras.” Vobelski tomou um gole de café. “Eu me lembro apenas de que quase todas as crianças haviam ficado órfãs praticamente ao mesmo tempo, e, logo depois, desaparecido da face da Terra... De repente, surgiram todas ali na praia. Totalmente desorientadas, mentalmente alienadas e mais mortas que vivas. Ao menos foi isso que deu nos jornais.”

“Mais alguma coisa?”

“Eu temo que não.” O médico balançou a cabeça. “Os jornais continuaram escrevendo sobre o assunto durante algumas semanas, sempre com a mesma manchete: *Os quatro órfãos e a criança de rua desconhecida...*”

“Um momento!” Pulaski levantou-se da cadeira. “O que foi que o senhor disse?”

Vobelski ergueu-se também. “É mesmo, eu me lembro agora. Não eram apenas quatro.”

O pulso de Pulaski acelerou-se. “Havia uma quinta criança?”

46

“Ela esteve aqui?”, repetiu Evelyn. Sem perceber, agarrou-se no apoio de braço do sofá. Teve a súbita impressão de não estar mais em um *trailer* enferrujado, mas sim na cozinha de um navio. Tudo ao seu redor girava.

“Há dois meses”, respondeu Smolle.

“Qual era a aparência dela?”

Um sorriso melancólico passou pelo rosto do ex-capitão. “Bonita. Um rosto gracioso, índole jovial, como se nunca houvesse passado por nada de mal.”

Evelyn abriu sua bolsa apressadamente e sacou o retrato falado e a foto da câmera do caixa eletrônico.

“É ela?”

Smolle pegou a foto, segurou-a com alguma distância à frente dos olhos e olhou a menina do vestido azul. “Sem dúvida.”

“Em *ambos* os retratos?”

Smolle olhou o retrato falado e afirmou. “Esta é Lisa.”

Finalmente, o rosto tinha um nome! “O que ela queria do senhor?”

“Você não pode imaginar?” O lábio inferior do velho marinheiro tremia. “Uma noite, ela bateu na porta do *trailer*. Não vestia quase

nada e estava totalmente encharcada. Chovia, como hoje. Dei-lhe comida e bebida. Ela ficou sentada, envolta em uma coberta — como você — pálida como a espuma do mar. Parecia incrivelmente magra e frágil, mas tinha uma personalidade avassaladora. De fato, o olhar dela me dava calafrios. Ela sabia o meu nome, e eu logo suspeitei que não tinha vindo bater à minha porta por acaso."

Um relâmpago desceu sobre o mar. Evelyn literalmente sentia a eletricidade no ar. Smolle também olhava pela janela. "Quando ela viu meu antebraço queimado, estremeceu por um momento. Então eu soube de onde a conhecia. No mesmo instante o jogo de esconde-esconde havia terminado. Ela disse apenas: 'Friedberg'. E fez somente uma pergunta: 'Quem organizou o cruzeiro?'.

"Hockinson", soltou Evelyn.

Smolle anuiu. "Edward Hockinson. No momento seguinte ela havia desaparecido pela porta. Eu corri atrás, mas a perdi na chuva... desde então, não a vi nem ouvi falar dela." Smolle olhava Evelyn com atenção. "O que está pensando?"

Ela balançou a cabeça. "Nada importante." O caso do *airbag* passara por sua cabeça. Pensava em Prange. Ele morrera há dois meses nos Alpes de Berchtesgaden. Provavelmente, Smolle havia dado o pontapé inicial naquela noite. Mas por que agora? Dez anos depois?

"Está se sentindo bem?" A voz dele soava preocupada.

"Eu estava preparada para muita coisa, mas não para isso."

Smolle baixou a voz. "Faz dez anos, e eu não falei com uma alma viva sobre esses acontecimentos. Durante meses, procurei nos jornais por uma notícia específica, mas as dunas não revelaram o segredo do menino até hoje. Eu teria deposto, se a polícia houvesse me perguntado sobre o ocorrido. Mas essa oportunidade nunca surgiu. Havia somente notícias sobre a menina. Foi parar no

sanatório, e logo seu rastro se perdeu, como a areia nas dunas.” Ele pigarreou. “Obrigado por escutar.”

Soava como se ele tivesse acabado de contar a história da sua vida. Por fim, levantou-se, abriu a cortina que dava para a sala e foi até o fogão a lenha. A madeira havia queimado, a brasa estava quase se apagado. Ele abriu a porta do forno e reabasteceu-o com lenha fresca. Então voltou a sentar-se no sofá, ao lado de Evelyn. “Por que você quis se suicidar aos dez anos?”

Evelyn não escutou a pergunta de imediato. Seus pensamentos ainda giravam em torno do que Smolle lhe contara. Ao dar-se conta, estremeceu de repente.

“Como?”

Em vez de repetir a pergunta, ele, suavemente, quase carinhosamente, pegou a sua mão. Ela permitiu, sem contrair-se nem mesmo quando ele levantou a manga do seu pulôver, expondo a cicatriz no seu pulso. Ela passava na transversal pelo braço, e já quase não se via. Na época, ela não sabia nada sobre o assunto. Se tivesse passado o caco de vidro ao longo da veia, provavelmente não estaria aqui agora.

“Você passou por algo parecido?”, presumiu Smolle.

Ela negou com a cabeça — um pouco forte demais. Fazia sentido mentir?

“Posso ver no seu olhar.” Ele soltou o seu braço. “Não precisa falar sobre isso, se não quiser.”

Talvez ela até quisesse. “Minha irmã de oito anos foi arrastada por um homem, na minha frente, para dentro de um furgão.” Ela via o grandalhão na sua frente, como se tivesse sido ontem. “No estacionamento da escola, e ninguém viu nada. Ele segurava o braço dela e disse que a machucaria se eu não entrasse no carro também. Se eu tivesse fugido, talvez tudo tivesse sido diferente.

Mas eu tive muito medo pela minha irmã.” Evelyn mordeu o lábio inferior para suprimir uma lágrima. Sentiu a mão de Smolle no seu ombro.

“Então eu entrei no furgão. Ele bateu a porta, amarrou nossas pernas e os braços atrás das costas. Depois, amordaçou-a com fita adesiva. Não havia fita suficiente para mim, por isso ele passou um saco fedorento pela minha cabeça. Não dei um pio. Somente quando ele ligou o motor é que eu chamei por socorro. Gritei o quanto pude, mas a música no carro abafava tudo. Havia tanta gente no estacionamento. Até hoje não sei como ninguém percebeu nada.”

Evelyn limpou as lágrimas das faces. O rugido de um trovão deu-lhe um arrepio interno. O vento chicoteava a chuva contra o vidro, sem pausa. Havia sido na mesma época do ano... Início das aulas... Também havia uma tempestade vindo. Foi naquele dia que sentiu pela primeira vez o formigamento quente no estômago — como uma convulsão na qual as entranhas se contraíam. Ela já havia entregue o bastante do seu passado. Não contaria nada a Smolle sobre a cabana de caçadores na floresta e o porão úmido. O único que conhecia os detalhes era Patrick.

Nesse instante, o toque do celular arrancou-a de seus pensamentos. Com os dedos trêmulos, agarrou o aparelho. Os algarismos na tela estavam desfocados perante os seus olhos. Esfregou-os, secando as lágrimas. Eram 23h56. O número de Patrick piscava. Por que ele ligaria tão tarde?

“Alô.”

“Ei, eu te acordei?”, murmurou ele. Parecia que o seu humor estava melhor que o dela.

“Não, tudo bem.” Pelo canto do olho, viu que Smolle se levantara e caminhava até o forno.

“Você não parece bem.”

“Não se preocupe. O que há?” Ela pigarreou.

“A lista que você me mandou por fax.”

A lista de passageiros da pasta de Hockinson. Parecia que passara uma eternidade desde a sua visita àquele escritório.

“O que há com ela?”

A dobradiça da porta do fogão rangeu. Ouviu como Smolle mexia a brasa com um gancho. A corrente de ar atiçou o fogo, e a lenha começou a crepitar.

“Eu verifiquei alguns dos nomes. Esses caras são médicos, políticos, altos funcionários públicos e advogados. Este material é explosivo...”

Súbito, um solavanco sacudiu o *trailer*. O teto vibrou e as xícaras de chá dançaram sobre a mesa. O coração de Evelyn chegou até a garganta.

“Evelyn... Evelyn?”

Ela deixara o celular cair. Estava em algum lugar no chão, ao lado dos armários da cozinha. A voz de Patrick soava lá longe.

Agitada, olhou à volta. Então ouviu o estalar da corda.

Ela não notou que Smolle fechara a cortina. Atrás dela, delineava-se uma sombra, que balançava de um lado para o outro. Por baixo da cortina, viu os joelhos de Smolle, roçando o chão.

47

Pulaski e o médico-chefe já estavam vasculhando a terceira sala do porão. Após terem revirado os documentos da UTI, tentaram os do departamento cirúrgico. Nesse arquivo, como nos anteriores, viram-se rodeados de dúzias de caixas. Do teto, pendia uma lâmpada nua, tão empoeirada que deixava passar pouca luz. Era quase como no arquivo da delegacia de Leipzig. Não surpreendia que esse fora o último lugar onde Vobelski escolhera procurar.

Pulaski admirava a paciência do doutor, cujo *pager* tocava sem parar. A cada toque, ligava imediatamente do celular, e, calmo e sereno, explicava ao seu pessoal que estava ocupado no momento.

“Ali no alto”, disse ele, depois de mais uma chamada. Ficou nas pontas dos pés e pegou uma caixa na estante. “Finalmente, aqui está — agosto de 1998.”

Ele baixou a caixa ao chão. “No ano seguinte, todos os dados foram inseridos em um novo sistema computadorizado — imediatamente antes da virada do milênio. O senhor pode imaginar? Foi uma loucura! Nada funcionava. Depois disso, ninguém mais se deu ao trabalho de digitalizar os velhos dados. Está na hora de arquivar esta bagunça toda.”

Vobelski destampou a caixa e começou a folhear os documentos. Finalmente, sacou uma pasta, da qual soprou a poeira. “Lesja Prokopowytsch”, leu ele.

Pulaski relaxou os ombros tensos. “Encontramos.”

Logo acharam as atas de Martin Horner, Sebastian Semmelschläger e da garota desconhecida com sardas no rosto, que, dezoito meses depois do seu tratamento inicial, os terapeutas de Markkleeberg chamariam de Natascha Sommer.

“Aqui está o prontuário da quinta criança.” Vobelski tirou mais uma pasta da caixa. “É claro, agora eu me recordo. Uma menina terna, frágil, com longos cabelos louros, como os de um anjo.”

Pulaski limpou a poeira da capa. Lá dizia *Lisa Gurdijew*.

Se as recordações do médico estivessem corretas, Lisa era uma das quatro crianças órfãs.

Vobelski passava o dedo pelas linhas do relatório médico. “Por um triz ela não morreu de overdose de heroína. Por sorte, havia um toxicologista de plantão naquela noite, que lhe injetou uma medicação para eliminar o veneno do seu corpo.”

Pulaski contemplou a foto da menina de dez anos. Ela apresentava grandes hematomas sob os olhos, nas bochechas e no pescoço. “Posso ficar com a foto?”

Vobelski contorceu o rosto em uma careta infeliz.

“O senhor sabe, sem mandado de busca e desobrigação do sigilo médico, eu nem poderia estar aqui embaixo com o senhor.”

“Eu sei e aprecio muito.” Pulaski pigarreou. “Contudo, se a menina ainda estiver viva, é provável que esteja em sério perigo. O senhor poderia ao menos descobrir para onde ela foi levada após o seu tratamento?”

“Isso eu posso fazer.” O médico encontrou uma carta de recomendação, anexada ao documento de transferência. “Ela foi para a clínica psiquiátrica de Ochsenzoll. Os colegas em Hamburgo certamente poderão ajudá-lo.”

“Qual é a probabilidade de ela ainda estar lá?”

O médico deu de ombros. “Depende da gravidade do trauma e da eficácia da terapia.”

Pulaski olhou para o relógio. Agora não conseguiria falar com ninguém no sanatório — eram quase três da manhã. Mas, se saísse agora, chegaria lá antes do amanhecer.

Se Lisa ainda estivesse vivendo em Hamburgo, ele teria de encontrá-la a tempo, antes que o grisalho pusesse as mãos nela.

48

O salão de espera da estação de trens de Westerland consistia em nada mais que o piso branco azulejado e os bancos de plástico duro. O recinto fedia a urina. O tubo de néon piscando no teto irradiava a mesma frieza que Evelyn sentia por dentro. Estava sentada em um banco, com as pernas encolhidas e as mãos escondidas nas mangas. O pulôver azul de estilo norueguês, que havia sido da sua mãe, exalava o cheiro da água do mar. Sua respiração era visível, mas ela não a notava. Seus olhos ardiam das muitas lágrimas que havia derramado nas últimas horas, como se sua retina tivesse entrado em contato com sabão.

Eram três da manhã. Lá fora estava escuro como breu. Vez por outra, um relâmpago distante iluminava a paisagem. O trovão já quase não se ouvia. Em vez disso, uma leve dor de cabeça começou a se manifestar, ameaçando crescer. Seu olhar oscilava entre a porta do banheiro e a janela encardida do salão. Seu carro de aluguel estava no estacionamento, na chuva. Ficar sentada dentro do Audi certamente seria mais confortável, mas há horas tinha a permanente sensação de ter de vomitar a qualquer momento. Mas era apenas o ácido do estômago que lhe subia. A essa altura, havia se acostumado ao sabor ácido na boca. Teria de aguentar apenas mais duas horas. Às cinco sairia o primeiro trem de transporte de veículos da ilha para a terra firme. Alugaria um quarto em Niebüll, tomaria um banho e tentaria comer um *croissant*, ou ao menos beber uma xícara de chá.

Havia deixado o romance de Mary Higgins Clark no banco ao seu lado. Tentara ler os primeiros capítulos para distrair-se.

Normalmente, isso funcionava, mas agora não. Ela não fazia nem ideia de que se tratava o livro, e desistira depois de vinte páginas. O rosto de Smolle seguia voltando à sua mente, lembrando-a das tentativas inúteis de soltar a corda do gancho no teto, ao lado do cano exaustor do forno. Finalmente, agarrou o celular, e, em uma reação impensada, correu para fora do *trailer* e disparou com seu carro pela estrada costeira até chegar a Westerland. Mal se lembrava de como havia chegado até ali. As últimas horas pareciam apagadas da consciência. Sabia somente que tinha falado com Patrick durante a viagem e então havia começado a passar mal. Pouco depois, estava tropeçando para dentro do salão de espera com sua bolsa de viagem na mão.

Às quatro horas da manhã, começaram a despontar as primeiras listras claras no horizonte. A chuva havia parado, mas Evelyn ainda sentia frio até os ossos. Primeiro, nem ouviu o toque do celular. Finalmente, com os dedos rígidos, pegou o aparelho e atendeu a ligação.

“Como vai, oncinha?”

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Continue falando, pensou. Nunca imaginou que ouvir a voz de Patrick iria fazer-lhe tão bem. Fazia-a lembrar de seu escritório na empresa de Krager, de seu chefe, o Pit-bull, de seu apartamento em Viena, seus dois gatos, sua vizinha Tânia e a filha dela, Conny. Daria tudo para estar agora em seu sofá, na frente da televisão, dando um abraço apertado em Bonnie e Clyde! Se pudesse escutar o ronronar e acariciar seus pelos densos!

“Lynnie, você está me ouvindo?”

“Sim”, murmurou, perdida em pensamentos. Tinha de conseguir um pacote de Aspirinas. “Por favor, conte-me uma piada de advogado!”

Patrick ficou em silêncio. “Agora não me lembro de nenhuma.” Sua voz denunciava o sono.

“Tudo bem. Sinto muito mesmo por mantê-lo acordado a noite toda.”

“Você havia pedido que eu ficasse disponível dia e noite.”

Ela podia vê-lo sorrir. Mas, na sua imaginação, era um sorriso triste. “O que há de novo?”, perguntou ela.

“Eu falei com a Kripo em Flensburg. Disse o que sabia aos policiais do turno noturno, e dei-lhes os seus dados. Provavelmente, a ambulância está a caminho da cabana de Smolle, para soltá-lo da corda. Ao raiar do dia, a polícia chegará de helicóptero a Wenningstedt para avaliar a situação. Eles ligarão para você ao longo do dia. Você poderá fazer a sua declaração na delegacia em Flensburg.”

“Obrigada, Patrick.”

“Sem problemas. Eu, no seu lugar, teria reagido da mesma forma e dado o fora.”

Ela sabia que era mentira. Mas não tinha importância. Ele estava tentando ser agradável.

“Quer saber o que mais eu descobri ontem, depois que você me enviou a lista por fax?”, perguntou ele depois de um tempo.

Será que as suas pesquisas ainda importavam? Ela não havia podido evitar que um homem se enforcasse.

“Evelyn?”

“Sim.” Ela tentava lembrar-se. “Você disse algo sobre material explosivo.”

“Exato. A lista com os nomes. Os clientes de Hockinson eram todos médicos, políticos, industriais ou advogados”, lembrou-a.

Evelyn começou a passar mal, ao pensar nas coisas que aconteceram a bordo daquele navio. Ainda não havia falado uma palavra disso a Patrick, nem sabia se poderia falar algum dia. Enquanto pensava, a voz de Patrick afundava, distante, em seu subconsciente, até que, subitamente, sua atenção retornou. “O quê?”

“Dois dos homens morreram de causas naturais ao longo do tempo”, repetiu Patrick. “Os demais, um após outro, foram vítimas de acidentes misteriosos nos últimos dois meses.”

“Assim como Prange, Kieslinger, Hockinson e Holobeck?”

“Lynnie, eu cheguei à conclusão de que estamos lidando com assassinatos disfarçados de acidentes. Mas por que agora, dez anos depois? O que se está tentando encobrir com essas mortes?”

“Esses porcos estupraram crianças”, interrompeu Evelyn.

Ela ouviu como ele respirava profundamente. “Eu já desconfiava de algo assim. Afinal, Prange e Kieslinger não foram acusados de pornografia infantil por acaso. Mas quem é a garota do vestido de alcinhas?”

“Uma das crianças”, disse Evelyn. “Seu nome é Lisa. O irmão dela, Manuel, morreu naquele cruzeiro.”

“Uau.” Patrick fez uma pausa. “Aos poucos, tudo começa a fazer sentido. A propósito, todos esses velhos safados da lista foram chantageados. Os pagamentos entravam todos naquela mesma conta anônima do Volksbank de Hamburgo. Provavelmente, a morte de Manuel era o motivo da pressão.”

“Mas quem mataria pessoas que estão dispostas a pagar?”, interrompeu ela.

“O assassino e o chantagista não têm de ser a mesma pessoa”, sugeriu Patrick.

Evelyn teve um estalo. “Como você conseguiu descobrir tanta coisa em tão pouco tempo?”

“Não vou mentir para você. Falei com a Kripo de Viena. Eles estão verificando os dados e depois entrarão em contato com o BKA[1] na Alemanha.”

“Eu havia dito para não levar a lista para a polícia.”

“Lynnie!”, interrompeu ele. “Eu sei que você não quer sujar a reputação de Holobeck, mas há muito neste caso que não diz mais respeito apenas a ele. Estamos falando de uma dúzia de homens influentes que foram chantageados durante dez anos e que morreram nos últimos dois meses... todos, menos um.”

“Um?”

“Além da pessoa cujo nome está riscado na lista, somente um dos passageiros ainda continua vivo.”

Ela estava perplexa. “E a polícia lhe contou isso tudo assim, sem mais nem menos?”

“Digamos que Bernecker, do distrito policial da zona sul, devia-me um favor.”

Evelyn não queria saber muito sobre esses contatos.

“Quem é o último sobrevivente?”, perguntou, como que casualmente. Ao mesmo tempo, sacou a lista da sua bolsa e começou a ler os nomes.

Heinz Prange

Rene Manzon

Mark Pelling

Kurt Hanson

Richard Ruschko

Martin Ritter

Rudolf Kieslinger

Thomas Eberhardt

Georg Pallock

Edward Hockinson

Peter Holobeck

Alfons Bolten

XxXxXxXxXxXxXx

“Quem?”, repetiu Evelyn. Talvez o endereço na lista ainda fosse o atual.

“Se eu disser, você vai para lá. Não posso permitir isso.”

“Patrick, *por favor*”, defendeu-se ela, percebendo que não havia sido muito convincente.

“Lynnie! É melhor que você não saiba. A coisa está ficando quente demais. Além disso, a polícia federal alemã tomará conta disso.”

“Mas quando? Até lá, talvez ele já esteja morto, e é nossa única testemunha.”

“É um risco que estou disposto a correr. Prefiro que *ele* esteja morto, e não você.”

Não fazia sentido continuar discutindo. Patrick havia sido contrário à sua viagem para a Alemanha desde o começo. “Muito bem”, concordou ela. “Obrigada por tudo. Vou tentar dormir um pouco.”

“Faça isso, assim estará disposta para fazer sua declaração na delegacia, em Flensburg. Ligue-me logo depois para contar como foi. Eu também vou tirar um cochilo, foi uma noite turbulenta. Tchau e beijo.” Ele desligou.

“Um beijo”, sussurrou ela, e guardou o celular.

Apesar da dor de cabeça, não pretendia dormir. Também não pretendia ir a Flensburg para depor. Não ainda.

Não tinha importância que Patrick não lhe houvesse revelado o nome do estuprador de crianças ainda vivo. Seu objetivo era outro. Lembrou-se do que Smolle dissera. *Até onde eu sei, ela tinha ido parar em um sanatório em Hamburgo... A clínica psiquiátrica infantil de Ochsenzoll... mas ela não está mais lá.*

Mas ela *esteve* lá!, pensou Evelyn. E essa era a sua única pista para Lisa.

1. BKA: *Bundeskriminalamt*, departamento federal de investigações criminais.

49

A viagem foi mais cansativa do que o imaginado. A luz dos faróis não dava mais de dez metros de visibilidade. Chovia a cântaros. Os limpadores do para-brisa trabalhavam a toda força, e, mesmo assim, o vidro parecia um mar de gotas de chuva, como Pulaski nunca havia visto antes.

Mesmo na *Autobahn*[1] não podia ir a mais de setenta quilômetros por hora. Parecia que o centro da tempestade o acompanhava, não importa para onde ou o quão longe fosse. Além disso, a água na pista esguichava pelos vidros laterais em intervalos regulares.

O doutor Vobelski havia anotado o número de telefone da psiquiatria de Ochsenzoll em um papel de recados autoadesivo, que agora estava colado no volante do carro. Pulaski seguia tentando, mas ninguém atendia. Uma gravação repetia assiduamente que todas as linhas estavam ocupadas, e que ele era o próximo da fila de espera.

Ele não podia esperar, pois a bateria do seu celular estava prestes a acabar. Então, tentava novamente a cada dez minutos.

Para evitar que seus olhos se fechassem, abriu um vão na janela. O estrondo da tempestade, o ar fresco e os respingos de chuva o mantinham desperto.

Quando as primeiras faixas claras apareceram no horizonte, finalmente alguém atendeu. O som da voz tinha o doce sabor de ambrosia. Para poupar a bateria, Pulaski foi direto ao assunto.

“Aqui fala Walter Pulaski da polícia criminal de Leipzig. Eu preciso de informação urgente sobre uma de suas pacientes. Seu nome é Lisa Gurdijew. Ela ainda se encontra em tratamento, ou, se não, sabe me dizer onde ela está?”

O longo silêncio do outro lado da linha roía os nervos de Pulaski.

“Quem o senhor disse que é?”

“Oh, Deus...” Devia ser uma daquelas assistentes louras, que, a essa hora, não conseguia abrir os olhos. “Kripo Leipzig! Há uma paciente chamada Lisa Gurdijew em tratamento nessa clínica?”

“Um momento... pode soletrar o nome?”

“G, U, R, D...”

“Não, eu quero saber o *seu* nome!”

“Merda!” Pulaski bateu no volante com sua mão livre. “Diga-me de uma vez se há uma Lisa Gurdijew nesse sanatório ou passe-me para o seu superior!”, rugiu ele.

“Tá, tá...”, murmurou ela.

Pulaski escutou o som do teclado do computador.

“Lisa Gurdijew está aqui há dez anos. Ela é uma moradora do nosso departamento de psiquiatria residencial. Não posso lhe dizer mais que isso ao telefone.”

“Ela está viva?”

“Como?”

“Se ela está viva?”

“É claro que sim.”

Pelo reflexo no para-brisa, Pulaski viu o visor do celular se apagando, ao mesmo tempo que soou o sinal de aviso.

“Minha bateria está acabando. Providencie para que ela receba proteção policial imediatamente. Ligue para a...”

A linha havia caído. Pulaski reteve uma injúria entre os dentes. Furioso, jogou o celular no assento do passageiro.

Ao passar pela saída de Rotenburg, checou os dados no painel do carro. Havia passado da metade do caminho. Faltavam somente noventa quilômetros, aí chegaria a Hamburgo e mandaria a telefonista para o inferno!

1. *Autobahn*: autoestradas federais alemãs. O que diferencia as *Autobahn* das autoestradas de outros países é que, além de trechos considerados perigosos, regiões montanhosas, estradas sinuosas ou perto de regiões urbanas com trânsito intenso, não há limite de velocidade.

No dia anterior…

Ela ficou parada à porta, escutando, antes de apertar a campainha. Havia uma placa na entrada com o nome dele em letras grandes. Ela o havia observado. Há dias. Ela sabia que ele estava em casa.

Tocou mais uma vez, até que, finalmente, a porta do apartamento se abriu. Ele parecia diferente de uma hora atrás, quando descera do carro, do outro lado da rua.

Agora, visto assim de perto, parecia mais velho e franzino, com as leves cicatrizes de acne no rosto e o cabelo louro penteado para o lado, como um playboy *que já vira anos melhores. Vestia calça jeans e camisa polo. O andar afeminado ela já havia notado antes. Faltavam somente o cachecol e a loção pós-barba correspondentes.*

Ele olhava-a sem entender. Seu olhar não percorreu o seu corpo, nem mesmo involuntariamente, nem por um momento. Irritado, ele a encarou. "Você...?"

Nesse segundo, ela soube que ele era gay. Seu instinto lhe dizia que desta vez a sua estratégia habitual não funcionaria. Não com ele. Seu plano não daria certo. Além disso, ele segurava um celular na mão. Impossível ver o visor, mas certamente ela o havia interrompido em meio a uma ligação. Você tem de improvisar, pensou. Sem vacilar, arrancou-lhe o telefone da mão, interrompeu a ligação e bateu o aparelho com toda a força contra a cabeça dele.

Ele recuou, cambaleando. Ela, de imediato, atacou novamente, dando-lhe um golpe com o canto do celular na cara, antes que ele

pudesse proteger-se com as mãos, mandando-o ao chão, à sua frente, com um gemido. Seus olhos reviravam-se, como se estivesse prestes a desmaiar, e ela meteu um pontapé na porta, fechando-a atrás de si com um estrondo.

Ela desviara o olhar por menos de um segundo, e ele já tentava se levantar.

"Você esteve na Alemanha...", arfou ele, passando as costas da mão sobre o nariz e a face, deixando um rastro vermelho. "Você matou Prange!"

Por um breve momento, ela congelou. Como ele poderia saber?

"Estava trabalhando no caso. Você foi vista por testemunhas. Eu suspeitava que você apareceria por aqui cedo ou tarde."

Seu coração disparou. "Chega de conversa!" Ela pegou impulso e socou o celular contra o nariz do homem. Ele estremeceu e deixou a cabeça cair. Gemendo, tateou a ferida com a mão. "Você não vai se safar com isso, eu..."

"Calado!" Ela armou um novo golpe e ele estrebuchou. O sangue já lhe escorria do nariz para a camisa. Ela tinha de fazer alguma coisa, antes que pingasse no piso de madeira, mesmo que já não pudesse mais fazer parecer um acidente. A não ser que...

Ela meteu o celular no bolso da calça jeans, e olhou rapidamente à volta. A sacada! Prontamente, agarrou o homem por trás, por baixo dos braços, e arrastou-o pela sala, até a porta aberta da sacada. Ele pendia como um saco molhado em seus braços. A força que teve para arrastá-lo surpreendeu-a.

Pouco antes de chegar à porta, ele começou a se debater, mas no momento seguinte já estavam ao ar livre. O vento fresco passava por seus cabelos. O sol da tarde, já baixo, entrava ofuscante pela área. Com um esforço tremendo, içou o homem e empurrou-o

contra o parapeito. Vigésimo terceiro andar. Ele virou-se, em pânico. Suas pálpebras tremiam. Por um momento, seus joelhos cederam, mas logo ele se recompôs. Suas mãos batiam loucamente e tentavam agarrar-se a qualquer objeto que fosse.

Por um triz ele teria acertado o rosto dela com um cabo de vassoura. O idiota desgraçado recusava-se a encarar o seu destino. Ela avançou com fúria, arrancou-lhe a vassoura e a empurrou contra ele, de modo que o homem se inclinasse de costas sobre o parapeito. Com uma das mãos, agarrou-se no parapeito, com a outra, na gaiola de passarinhos, que pendia do gancho no teto. O periquito gritava e batia as asas em pânico, soltando penas por entre as grades.

"Não faça isso...", gritava ele.

Ela empurrou o cabo de vassoura com força contra a garganta dele, tirando-lhe o equilíbrio. Seguiu empurrando-o para fora, até que seus pés descolaram do chão. Em seu desespero, ele se agarrava à gaiola. A portinhola se abriu e o pássaro ganhou liberdade. Então, o gancho soltou-se do teto. A resistência do homem quebrou-se. Como em câmera lenta, caiu por cima do parapeito.

Até então, sempre havia sido um triunfo ver os homens morrerem, sentir seu último alento, ver suas pupilas quebrarem e o peito estarrecer, para nunca mais mover-se. Mas desta vez foi diferente.

O último olhar em seus olhos não lhe deu satisfação. A expressão do rosto dele revelou tantos sentimentos... remorso, vergonha, desamparo e uma súplica por perdão, que por um instante ela chegou a tentar segurá-lo pela camisa polo. O pano escorregou por seus dedos sem força, e então as pernas do homem passaram ao lado da sua cabeça. A gaiola, que ele segurava nas mãos ao cair, bateu ruidosamente contra o parapeito.

Ela não olhou para baixo. Deixou a vassoura cair, cambaleando de costas da sacada para o apartamento. Quanto tempo lhe restava? Apressada, olhou à volta. Avistou a cadeira de rodinhas em um nicho, atrás da escrivaninha com o PC. Ela rolou a cadeira até a sacada e empurrou-a com o pé contra a porta de vidro, que rompeu-se em estilhaços. Depois, foi buscar o aspirador de pó e conectou o cabo à tomada. Para garantir, ligou-o. O ruído do aparelho abafou os gritos das pessoas que soavam da rua até o 23º andar. Era hora de ir.

Ao chegar à porta, reteve-se. Sacou o celular manchado de sangue do seu bolso e examinou-o. A tela estava trincada e havia cabelos louros colados entre as teclas. Sentiu ânsia de vômito.

Não podia deixar o aparelho ali — e era tarde demais para jogá-lo sacada abaixo. Perdida em seus pensamentos, voltou a guardá-lo no bolso. Limpou os dedos melados na calça e pegou a chave reserva do apartamento no porta-chaves. O único que poderia notar a sua falta estava estatelado no asfalto, 23 andares abaixo.

Sorrateiramente, ela saiu do apartamento e trancou a porta. Não havia ninguém no corredor. Ouviu um murmúrio discreto na escadaria, passos e, em algum lugar, o ranger da porta de um elevador.

Enfiou a chave no bolso e sumiu pela porta de incêndio para a escadaria.

Horas mais tarde, estava na estação oeste de Viena e ia pela escada rolante com sua bolsa de viagem em direção às plataformas de embarque. Era noite. Tudo estava feito. Não tinha mais nada a fazer nesta cidade.

O homem que lhe vendera a passagem disse-lhe que fosse à plataforma onze. O trem noturno já esperava e partiria em dez minutos. Ela dirigiu-se para a parte dianteira do trem, no primeiro vagão, onde estavam os compartimentos reservados com camas.

Uma cama em um dos beliches era sua. Após ter arrumado a sua bolsa, daria uma olhada no vagão-restaurante e compraria um sanduíche e uma lata de refrigerante — ou, se não houvesse ninguém olhando, talvez até roubaria. Ela tinha dinheiro suficiente, mas o impulso de roubar estava dentro dela. Era a sua segunda natureza. Um pão e uma garrafa de água seriam o bastante. Seu estômago roncava, mas mais que isso não desceria. Morta de sono, afundaria em seu travesseiro e sonharia — o mesmo sonho de sempre —, enquanto o vagão correria pelos trilhos com seu ruído monótono e entorpecente.

O anúncio de que o trem sairia pontualmente soou dos alto-falantes pela plataforma.

Através da grande janela de vidro, via a cidade estendendo-se abaixo dela como um enorme tapete escuro. Os muros cinzentos das casas, os adornos de estuque e gesso nas janelas, as telhas vermelhas, calhas de chuva enferrujadas e chaminés pretejadas pela fuligem. Alguns letreiros de néon mergulhavam as ruas em uma mescla de cores intensas. Um bonde passava ao largo, jogando faíscas do fio condutor para dentro da noite.

Havia sido como da última vez, quando visitara o evento beneficente. Muita coisa nesta cidade parecia-lhe familiar, como se houvesse passado alguns anos ali. Será que havia mesmo? Ela não tinha certeza.

Talvez outra pessoa houvesse estado ali e lhe contado. Mas quem? Ela não conhecia ninguém. De repente, pensou na menina. Deveria contar-lhe o que acontecera nesta cidade?

O toque de um celular arrancou-a dos pensamentos. Era o seu telefone, que vibrava no bolso da calça. Talvez fosse ela. Apressadamente, soltou sua bolsa no chão, sacou o celular do bolso e atendeu.

“Alô? Aqui é a Lisa. Eu estava esperando a sua liga...” Ela se deteve. Era uma voz estranha. No momento seguinte, lembrou-se de quem era o celular que segurava contra o ouvido.

Vagarosamente, deixou o braço descer e olhou enojada para o vermelho-escuro do visor. Não havia mais traços dos cabelos melecados de sangue. Será que os havia imaginado quando estava no apartamento, ou os cabelos tinham ficado no interior do seu bolso?

Sentiu ânsia de vômito. Enojada, interrompeu a ligação, limpou o celular com a manga do pulôver e deixou-o cair na lixeira, onde desapareceu em meio a uma pilha de papel de jornal.

Um novo anúncio dos alto-falantes trouxe-a de volta à realidade. O som estridente do apito ecoou em sua cabeça com ardência.

Estava parada em frente à porta do primeiro vagão. O trem já se punha em movimento. As engrenagens batiam, estridentes, umas contra as outras. Lentamente, as rodas começaram a rolar.

Então, ouviu o toque novamente, vindo da lixeira. Seria a menina, desta vez? Novamente, olhou para o trem, que estava prestes a partir da estação. Atrás dela, o telefone tocava; à sua frente, o vagão rolava. Respirava com dificuldade. Seu olhar oscilava, nervoso, para lá e para cá.

Por fim, pegou a bolsa e saltou sobre o estribo, estremecendo quando a velha porta dobrável se abriu. À sua frente estava o comissário de bordo, que lhe estendeu a mão para puxá-la para dentro.

Ele sorria. “Bem a tempo, senhorita.”

“Muito obrigada.”

“Qual é o destino da viagem?”

Ela meteu a mão no bolso para pegar a passagem. Ao lado do bilhete, sentiu um objeto pontiagudo. A chave do apartamento, lembrou-se. Ela a jogaria pela janela, no caminho — dentro de algum túnel onde ninguém a encontraria.

Absorta em pensamentos, entregou o bilhete ao comissário.

“Oh, para Cuxhaven”, disse ele. “Uma longa viagem.” Ele perfurou o bilhete e devolveu-o.

Ela dirigiu-se para o vagão-restaurante.

50

Sexta-feira, 19 de setembro

Evelyn passou por Niebüll e Flensburg sem hesitar. Sua cabeça estava ocupada com outras coisas, não iria parar para depor. Em vez disso, havia dirigido seu carro de aluguel diretamente para Hamburgo — com a imagem constante do rosto de Lisa perante os olhos.

Na primeira saída da periferia ao norte da cidade, encontrou um motel, no qual alugou um quarto. O proprietário não fez perguntas e deu-lhe um cartão magnético ao receber o dinheiro. Assim que entrou no quarto, tirou as roupas, engoliu dois comprimidos de analgésico, evitou olhar no espelho e entrou no *box* do chuveiro.

Pouco depois das nove horas, vestia jeans, camiseta e o pulôver norueguês azul, sentada na sala do café da manhã com um café forte e um pedaço de pão. Sua cabeça ainda vibrava por causa da noite sem dormir, mas logo os comprimidos fariam efeito — como sempre. Infelizmente, não havia um remédio contra as lembranças dos acontecimentos da noite passada. Pensava continuamente em Lisa, a garota que há dez anos fora internada na clínica psiquiátrica de Ochsenzoll.

No terminal de internet do motel, descobriu que a psiquiatria de Ochsenzoll fazia parte do complexo clínico Asklepios, que ficava em

um bairro perto dali. Evelyn imprimiu o mapa. Não pensava em dormir. Pegou a chave magnética do quarto — era hora de sair.

O caminho de carro não levou mais de vinte minutos. O terreno circular da clínica era arborizado, e consistia em diversos prédios avulsos, que davam a impressão de um condomínio autônomo. Era em uma dessas unidades que Lisa havia morado, e, com um pouco de sorte, Evelyn encontraria o médico que fora responsável por ela.

Deixou o carro no estacionamento para visitantes e andou até o prédio da administração. Algumas poças de lama e galhos quebrados davam testemunho da tempestade da última noite. Mas agora o céu estava aberto, prometendo um dia ao menos parcialmente ensolarado.

Diante da entrada principal e ao longo das alas laterais havia vários carros da polícia parados. Deles emanavam as vozes distorcidas dos rádios comunicadores. Policiais uniformizados andavam pelo terreno. Num primeiro momento, Evelyn pensou que ela, ou o suicídio de Smolle, pudesse ser a razão da presença deles, mas isso era impossível. A noite sem dormir manifestava-se na forma de pensamentos absurdos, paranoicos. Os policiais deviam estar patrulhando a área por outros motivos, um paciente foragido talvez.

Quando Evelyn entrou no prédio da administração, dois policiais saíram. Havia nervosismo no ar. Demasiadas pessoas, que não pareciam fazer parte do pessoal da casa, andavam apressadas pelos corredores, falando em seus celulares. Mas talvez fosse apenas a sua impressão, por estar ela mesma tão agitada por dentro, sem saber exatamente o que queria ali — e como explicar a alguém o que procurava exatamente.

O balcão de informações com a placa Departamento de Especialidades II — Transtornos da Personalidade / Trauma parecia promissor. Atrás de uma parede de acrílico escuro havia uma senhora com os cabelos tingidos de preto divididos ao meio e um

par de óculos cuja armação era tão grossa quanto as lentes. Enquanto telefonava, mastigava um lápis. Evelyn esperou o fim da ligação, folheando distraidamente uma brochura de informações. A clínica dispunha de quinhentos leitos, distribuídos por mais de cem unidades, pelas quais passavam oito mil pacientes por ano. *Oito mil!*

Havia um mapa que mostrava a grandeza do local. Desencorajada, deixou os ombros caírem. Pensara que seria muito mais fácil. Era improvável que conseguisse aqui a informação desejada, muito menos em meio à pressa que imperava nesta manhã.

“Olá, senhora!” A mulher dos óculos gigantescos bateu com o lápis contra o vidro.

Evelyn levantou o olhar.

“A senhora pode levar o panfleto, se quiser, ou então, diga-me o que quer. Senão...” A mulher mostrou com a cabeça o corredor. Evelyn virou-se. Atrás dela já havia duas outras mulheres na fila. Era um péssimo momento para pedir um favor a essa cópia de Nana Mouskouri[1].

Contudo, decidiu tentar mesmo assim. “Há dez anos, uma garota de dez anos de idade foi internada aqui. Eu gostaria de conversar com o médico que a atendeu.”

“Qual é o nome do médico?”

“Infelizmente eu não sei.”

Evelyn notou os traços do rosto da mulher atrás do vidro adormecerem. “O nome da paciente?”, perguntou vagarosamente.

“Eu conheço apenas o primeiro nome, mas...”

“A senhora conhece apenas o primeiro nome?”, repetiu a mulher, em tom presunçoso. “Eu sugiro que volte quando souber mais — a

próxima, por favor!”

Evelyn abaixou-se para falar diretamente pelo vão. “Veja bem, é importante. Eu vim de longe para...”

“Eu percebi pelo sotaque. Talvez na Áustria a senhora consiga informações sobre um paciente com base no primeiro nome, mas não aqui. A próxima, por favor!”

Como alguém podia ser tão arrogante? Evelyn nem pensava em sair do balcão. “Essa garota foi internada aqui há dez anos, depois de ser severamente maltratada.”

A mulher já não escutava mais. Pegou dissimuladamente o telefone e discou um ramal.

“O nome é Lisa, e ela tinha apenas dez anos na época...”

A mulher estava prestes a dizer algo à pessoa do outro lado da linha, quando, de súbito, deteve-se. Vagarosamente, recolocou o fone no gancho e fixou o olhar em Evelyn. “A senhora disse Lisa?”

Evelyn ficou tão perplexa quanto a mulher do balcão de informações. “Sim, esse é o nome dela.”

“Lisa Gurdijew?”

Evelyn ergueu os ombros. “Possivelmente.”

A sósia de Nana Mouskouri lançou-lhe um olhar enigmático, que Evelyn não conseguiu decifrar. Ao mesmo tempo, antes de pegar novamente o telefone, mostrou um sofá de canto na parede. “Aguarde ali.”

Enquanto esperava, sentada no sofá, entediada, Evelyn folheava as revistas de psicologia. O tempo pareceu passar tão lentamente como quando esperava o anúncio do veredicto na sala do tribunal. Para quem haveria ligado a mulher do balcão?

Havia um fluxo constante de visitantes, enfermeiros e pacientes com seus cuidadores. O movimento parecia maior que no salão de desembarque da estação oeste de Viena na hora do *rush*. Quando Evelyn já pensava ter sido esquecida, um homem de calças amassadas, sobretudo escuro e jaqueta entrou no recinto. Os traços do seu rosto e a camisa amassada denunciavam que o cinquentão tivera uma noite, no mínimo, tão horrível quanto Evelyn. Contudo, não parecia ser médico, nem enfermeiro, e muito menos visitante. Dirigiu-se diretamente para o balcão de informações. Quando a cópia de Nana Mouskouri o notou, apontou direto para o sofá de canto.

O coração de Evelyn bateu mais forte quando o homem virou-se sem comentário e veio em sua direção. No momento seguinte estava parado diante dela, inspecionando-a rapidamente com o olhar.

“Bom dia. A senhora se interessa por Lisa Gurdijew”, afirmou. “Posso perguntar por qual motivo?”

Seu rosto era anguloso e os cabelos curtos começavam a ficar grisalhos.

“Por que há tantos policiais na clínica?”

Ele estufou as bochechas. “Veja bem, talvez fosse melhor a senhora responder as minhas perguntas...”

“O senhor não parece vir desta região”, constatou Evelyn.

“Creio que a senhora também não.” Ele esfregou os olhos sonolentos. “Bem, para saciar sua curiosidade, eu venho de Leipzig... E tive uma noite horrível, então, por favor, não complique as coisas mais do que elas já estão complicadas.”

“A minha noite também não foi lá muito sossegada.”

“Ok.” O homem ajustava irritadamente o nó da sua gravata.

“Mais uma vez: por que a senhora se interessa por Lisa Gurdijew?”

“O senhor não quer me dizer o seu nome primeiro?”

O homem reteve-se e examinou-a com a vista. “Tem razão, desculpe-me. Eu poderia ser um louco foragido.” Ele sacou sua carteira de couro e abriu-a. Setor de emergências criminais, dizia o distintivo.

“Walter Pulaski”, apresentou-se.

1. Nana Mouskouri é uma cantora e política grega que fez sucesso nos países de língua alemã com a canção *Weiße Rosen aus Athen* (Rosas Brancas de Atenas), de 1961. Ela sempre usou óculos marcantes.

51

Então esse rosto amassado tinha um nome. Ele até lhe deu um cartão de visita da sua carteira. Inspetor-chefe de investigações criminais*,* estava escrito. Evelyn enfiou o cartão no bolso da calça jeans, levantou-se e estendeu a mão a Pulaski. Momentos depois, percebeu que atrás da aparência rude e dos modos grosseiros estava um policial nem tão durão assim. Esse Pulaski devia ser um tipo até engraçado — havia visto, por um momento, uma faísca de sarcasmo em seus olhos que a fez lembrar-se de Patrick.

“Evelyn Meyers”, disse ela, e deu-lhe seu cartão de visita. “Um café forte nos faria bem. Posso convidá-lo a uma xícara?”

“Uau!” Pulaski sorriu, tímido. “Eu nunca tive um encontro com uma”, ele olhou o logotipo no cartão, “advogada.” Sacou do bolso um exemplar do panfleto colorido que Evelyn havia visto no balcão de informações. O papel estava muito amassado, como se Pulaski estivesse andando com ele pelo terreno há dias.

“Ultimamente tenho visto muitas clínicas psiquiátricas por dentro, mas nada como esta”, murmurou, enquanto estudava o mapa. “Tudo meio confuso. Espero que, em algum lugar, haja uma cafeteria. Com um pouco de sorte, poderemos conversar tranquilamente.”

O café Alt Wien[1] localizava-se na casa número 17, e cumpria o que o nome prometia. O ar cheirava a café fresco, sonhos e torta vienense de maçã. Uma valsa suave soava dos alto-falantes, ao lado da vitrine de tortas. Pulaski conduziu Evelyn até um canto. “Deve sentir-se à vontade aqui, não?”

“É quase como em casa.” Ele não faz ideia, pensou ela. Os clichês vienenses estavam presentes no mundo todo, e mesmo em Viena eram cultivados. Por outro lado, as cadeiras e as mesas redondas de ferro, ao estilo imperial austro-húngaro, realmente faziam lembrar alguns cafés na Ringstrasse[2].

A essa hora, o café ainda estava vazio. Os poucos clientes estavam sentados perto das janelas, de onde podiam observar os policiais que andavam pelo parque.

Após pedirem suas bebidas, Pulaski tirou o sobretudo, seu inalador e um maço de Ernte 23 do bolso da jaqueta.

Sem querer, Evelyn arqueou as sobrancelhas.

“O que foi?”, perguntou Pulaski.

“Uma mistura mortal”, comentou ela.

“Não diga.” Pulaski tirou um cigarro do maço e rodou-o entre polegar e indicador.

“Como fogo e gasolina, como diz a minha filha.”

“Eu não me incomodo, mas se acendê-lo aqui as enfermeiras cairão sobre o senhor como hienas.”

Não havia cinzeiros em nenhuma das mesas.

Pulaski olhou para o balcão, onde o seu café estava sendo preparado.

“Você tem razão. Já estão olhando para cá com caras bravas.”

Com um suspiro, guardou o cigarro no maço. Pouco depois, o café foi servido. O cheiro do café preto fez Evelyn bocejar.

“Dormiu pouco?”, perguntou Pulaski.

“Não dormi”, corrigiu ela.

Ele concordou com a cabeça, indicando que lhe passara o mesmo. “Na realidade, eu não estou investigando este caso oficialmente, mas estou aqui apenas como...”, contorceu o rosto, “... consultor. Estou de férias e já deveria estar de volta à minha delegacia em Leipzig.”

“Qual caso?”, interrompeu Evelyn.

Ele a olhou longa e penetrantemente. “Façamos um negócio”, sugeriu ele. “Você me diz por que uma advogada vienense se interessa por Lisa Gurdijew e eu lhe contarei por que estou aqui.”

“Manda ver.”

Pulaski vacilou. “Não, não é assim que funciona.”

“Por que não? O acordo foi ideia sua, então eu lhe dou a preferência.”

“Podemos ser mais rigorosos e esclarecer o assunto na delegacia.”

“Na delegacia?” Ela sabia que ele estava blefando. “Muito bem, então nos vemos no nono distrito de Viena.” Sorrindo, pegou sua bolsa e levantou-se.

“Espere”, suspirou Pulaski. “Advogada... Está bem, eu lhe contarei o que posso sobre o caso.”

Por que não agora? Ela voltou a sentar-se.

Quando ele baixou a voz e inclinou-se para a frente, ela viu a correia do coldre de ombro por baixo da sua gola.

“Tudo começou com o suicídio de Natascha Sommer, de vinte anos, na psiquiatria de Markkleeberg...”

No decorrer dos minutos seguintes, Evelyn ficou sabendo dos assassinatos de Natascha Sommer, Martin Horner, Sebastian Semmelschläger, da tentativa de assassinato de Lesja Prokopowytsch, e que Pulaski caçava um homem grisalho que era o suposto autor dos crimes.

“Eu ainda não conheço todas as conexões, mas eu suspeito que Lisa também esteja em perigo”, concluiu, terminando
seu relato.

Evelyn olhava pela janela, pensativa. Lisa, em perigo? Que besteira! Antes, ela era um anjo da morte, que escolhia uma vítima atrás da outra da lista de Hockinson. O que esse inspetor de Leipzig lhe contara não combinava em nada com as suas próprias investigações.

“Eu temo que estamos trabalhando em dois casos distintos, que não têm nada a ver um com o outro”, disse, afinal.

“Vamos descobrir. Por que *você* está aqui?”

Evelyn mencionou os acidentes em que seu escritório estava trabalhando e descreveu como o pediatra Rudolf Kieslinger, seu colega Peter Holobeck e o vereador Heinz Prange haviam morrido. Depois, contou-lhe como o armador alemão Edward Hockinson fora estrangulado por um cachecol de seda, que se enrolara no eixo traseiro do seu conversível.

Pulaski não fazia anotações. Ele escutava com expressão impassível, mas, mesmo assim, suas feições revelavam que cada mínimo detalhe era armazenado na sua memória.

“Todos esses homens que agora estão mortos, tinham um passado em comum”, disse Evelyn. Somente quando ela contou do cruzeiro do Friedberg, do qual uma dúzia de homens havia participado, da chantagem, dos pagamentos na conta anônima e, finalmente, do irmão de Lisa e das outras crianças, Pulaski estreitou os olhos.

“E você realmente descobriu que Lisa Gurdijew e seu irmão estiveram naquele navio há dez anos?”, interrompeu ele.

Ela concordou com a cabeça.

“Então eram seis crianças. Maldição!”, soltou ele.

Pulaski levantou-se de um salto e passou a andar pela sala. “Uma viagem de navio, caramba!” Absorto em pensamentos, acendeu um cigarro e começou a fumar dentro do café. “O que disse o médico em Bremerhaven?”, murmurou entre dois tragos, como se procurasse lembrar-se. “Na França e na Grécia também foram achadas crianças, sempre em regiões costeiras. Um navio! Como ninguém pensou nisso?” Ele soltou uma risada. “A polícia vasculhou todas as aldeias da costa e nunca achou nada. É claro! O barco já estava longe.”

“De que você está falando?”

“Escute, senhor!”, chamou a mulher atrás do balcão. “É proibido fumar aqui!”

Pulaski ignorou-a. Ele voltou à mesa de Evelyn e baixou a voz. “Lisa e as outras quatro crianças foram drogadas e soltas em diferentes aldeias costeiras do Mar do Norte. Eram as crianças do cruzeiro. Agora, dez anos depois, estão sendo mortas uma após a outra. Lisa e Lesja são as únicas sobreviventes, que poderão depor sobre o que aconteceu. Mas alguém está tentando evitar isso, e apagar todas as pistas. Por isso mandei colocar Lisa sob proteção policial.”

“Proteção policial?”, ecoou Evelyn. Sua cabeça girava. “Você está enganado. É algo totalmente diferente. Lisa é uma assassina.”

“É proibido fumar!”, berrou uma voz.

A essa altura, os outros clientes não mais olhavam pela janela, mas sim para Evelyn e Pulaski.

“Você está enganada!”, insistiu Pulaski. “Lisa não é uma assassina. Pelo contrário. Se não a tivéssemos encontrado a tempo, provavelmente seria a vítima número cinco.”

“Ei, senhor!”, gritou uma mulher.

“Tá, já entendi!” Pulaski apagou o cigarro no pires da xícara de café. Continuava em pé diante de Evelyn e abaixou-se em direção a ela. “Tentamos interrogá-la”, cochichou ele. “Mas, até agora, não conseguimos que ela dissesse alguma coisa.”

“Ela está aqui?”, perguntou Evelyn. “E você falou com ela?”

Pulaski fez que sim com a cabeça, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

O coração de Evelyn pareceu parar por um instante. Mas, se ela estava ali... Esse homem não tinha ideia do que estava fazendo, pensou. “Você não imagina como essa mulher é perigosa.” Evelyn olhou à volta. Os clientes do café seguiam olhando em sua direção. Sua discussão parecia ser uma distração bem-vinda da rotina cinzenta da clínica. Apressada, Evelyn pegou a foto do caixa eletrônico e colocou-a sobre a mesa. “Esta é ela?”

“Onde você conseguiu essa foto?”

“É ela?”, repetiu Evelyn.

Pulaski confirmou.

“E esta?” Evelyn desdobrou o retrato falado.

“Sim! Onde você conseguiu essas imagens?”

Então a garota realmente se chamava Lisa Gurdijew. Nesse momento, Evelyn teve a sensação de ter passado uma eternidade

procurando a menina do vestido azul.

Ela inclinou-se para a frente e baixou a voz. “A foto foi tirada há quase duas semanas, no centro de Viena, e o retrato foi feito há poucos dias, com base na descrição de uma dona de butique em Cuxhaven.”

Pulaski pegou as folhas na mão. “Isso é impossível.”

“Não é, não”, contradisse Evelyn. “Essa mulher é uma assassina sofisticada. Ela foi vista nos locais onde Kieslinger, Prange e Hockinson morreram.”

“Então não pode ser tão sofisticada assim.” Pulaski puxava o nó da sua gravata. “Venha, vamos.” Ele marchou em direção à porta. Evelyn seguiu-o.

“Não vão pagar?”, gritou a mulher do balcão.

“Sim, sim!” Pulaski deixou uma cédula na mesa e empurrou Evelyn para fora. No mesmo momento, pegou seu *spray* para asma e inalou, apertando os papéis entre os dedos, até suas juntas ficarem brancas.

“Você tem de mandar prendê-la”, insistiu Evelyn.

“Você está enganada”, ele retrucou. “Essa mulher vive no departamento fechado de psiquiatria há dez anos, e não deixou a clínica uma única vez durante todo esse tempo.”

1. *Alt Wien*: Velha Viena, em alemão. Os cafés são estabelecimentos típicos da cultura vienense. (N.T.)

2. Ringstrasse: via circular no centro histórico de Viena e um dos seus principais cartões-postais.

52

Lisa estava internada na estação 46, uma unidade mista para jovens adultos, entre dezoito e trinta anos, concebida como intersecção entre a psiquiatria infantil e a de adultos.

Pulaski conhecia o caminho, pois — como acabava de explicar a Evelyn — viera diretamente de lá quando recebeu a ligação do balcão de informações.

Em frente ao prédio, estavam dois policiais em traje civil. Evelyn reconheceu-os pelas feições grosseiras, que não combinavam com o lugar, e pelos sobretudos bojudos na região do peito. Era tão óbvio como nos filmes. Ninguém poderia queixar-se quando os boatos se espalhassem pela clínica.

Enquanto Evelyn seguia o policial para dentro, deu uma olhada no mural, que exibia, entre outros papéis, uma planta completa do edifício com as rotas de fuga indicadas. A casa tinha uns vinte quartos de uma ou duas camas, diversas salas de terapia e de repouso, assim como uma área própria para psicólogos e assistentes sociais.

Ao chegarem ao andar superior, uma senhora de jaleco branco e cabelos grisalhos presos em um coque veio em sua direção. Os óculos de leitura balançavam, presos por uma correntinha, sobre os seus seios.

“Essa é a médica-chefe”, sussurrou Pulaski.

“Não parece ser um bom sinal.”

“Logo saberemos.”

A médica aprumou-se perante Pulaski. “O senhor outra vez! E eu pensei que meu dia pudesse finalmente começar, já que havia me livrado do senhor.”

Evelyn percebeu que Pulaski tinha algo na ponta da língua, mas preferiu não falar. Em vez disso, fez-se de lobo manso, que poderia morder a qualquer momento. “Lembrei-me de mais uma coisa que gostaria de falar com Lisa.”

Aparentemente, a única maneira de passar por essa eminência parda era com um sorriso no rosto.

“E quem o senhor trouxe desta vez?” A médica olhou Evelyn de cima a baixo, descaradamente.

O preconceito que descreve os psiquiatras como obsessivos compulsivos e introvertidos, que precisam de terapia mais que ninguém, não se aplicava a essa pessoa.

Evelyn conhecia esse tipo de mulher. Seu olhar era frio como gelo, calculista, e não tinha papas na língua.

A plaqueta no seu peito identificava-a como dra. Melanie Gessler, e, pelo visto, não fora com a cara de Pulaski.

“Evelyn Meyers”, apresentou-se e estendeu a mão à médica-chefe — que não retribuiu o gesto. Em vez disso, fechou as mãos em punhos e apoiou-os nos quadris.

Pulaski lançou um breve olhar a Evelyn. *Você havia esperado outra reação desse dragão?*

“A senhora Meyers é minha colega”, disse ele a Gessler. “Trabalhamos juntos neste caso.”

Colega? O coração de Evelyn se sobressaltou. O que esse homem estava dizendo? Assim que ela abrisse a boca, qualquer um

perceberia que ela entendia tanto do trabalho de um investigador como um vendedor de carros usados sobre direitos do consumidor.

Os traços da dra. Gessler endureciam a cada instante, ainda que isso parecesse impossível. “O investigador encarregado da Kripo de Hamburgo me disse que o senhor está aqui apenas como consultor, e que eu o mantivesse informado sobre cada um dos seus passos.”

“Faça isso”, respondeu Pulaski. “Mas, nesse meio-tempo, temos de falar com Lisa novamente.”

“O senhor já teve seus cinco minutos; do ponto de vista médico, não posso lhe permitir mais. Além disso, o senhor mesmo viu que a paciente não está em condições de conversar.”

“Acabamos de receber novas informações, que lançam mais luz sobre o passado de Lisa.”

A doutora soltou um gemido. “Oh, Deus, para o senhor, tudo parece tão simples.” Ela estalou os dedos. “Trabalhamos com ela há dez anos, e o senhor acha que pode vir aqui e colocar tudo de pernas para o ar. Parece-me que está confundindo nossa paciente com seus bandidos.”

“Cinco minutos”, pediu Pulaski. “Provavelmente, vidas dependem dessa conversa.”

“Provavelmente?”, repetiu a médica. “A única vida com a qual eu me importo é a de Lisa. Ela já teve de passar por muita coisa hoje. Eu sinto muito.” Ela abanou a cabeça.

Evelyn notou que o maxilar de Pulaski começou a remoer. Ela mesma já teria perdido a paciência e passado pela mulher, mas Pulaski fechou o punho por trás das costas.

A médica quis passar ao lado de Pulaski, mas este não lhe deu passagem. Em vez disso, segurou a foto da câmera do caixa eletrônico na frente do nariz da doutora.

“A senhora reconhece a Lisa?”, perguntou. “Esta foto foi tirada há quase duas semanas, no centro de Viena.”

A dra. Gessler observou a foto com olhar crítico.

“Uma semelhança acidental.”

“Essa pessoa é Lisa Gurdijew”, Pulaski contrapôs com firmeza. “Descobrimos algo sobre o seu passado e seguimos a sua pista de Viena a Cuxhaven.”

Evelyn prendeu a respiração. O investigador estava pisando em gelo fino. Ela mesma já não estava tão segura de que a mulher na foto e a paciente da clínica fossem a mesma pessoa.

A doutora devolveu a foto a Pulaski. “Viena? Cuxhaven? Isso é impossível.”

Pulaski ficou calado e Evelyn meteu-se na conversa.

“Lisa deve ter encontrado uma maneira de deixar a clínica por alguns dias.” Ela voltou-se para Pulaski. “Ela deve ter descoberto quem esteve a bordo do navio, para, em seus dias livres...”

“Nunca existiram *dias livres*!*”*, interrompeu Gessler. “Eu me responsabilizo por todos os psiquiatras, terapeutas e enfermeiros que em algum momento tenham trabalhado com Lisa. Durante os últimos dez anos, ela saiu da clínica umas poucas vezes, e sempre acompanhada.”

Pulaski balançou a foto, como se a imagem denunciasse uma mentira. “Então a senhora tem uma falha grave de segurança em seu departamento.” Ele deixou a constatação no ar, como uma ameaça.

Por um momento, a expressão no rosto de Gessler transformou-se em uma frente fria. “O senhor está se referindo à recente fuga de

um paciente psiquiátrico? Isso foi no Hospital St. Nikolaus, em Rheinberg, não aqui!”

“Não estou me referindo a nada”, contra-atacou Pulaski. “Mas a senhora sabe como são os jornalistas.”

O tiro acertou na mosca.

Gessler ergueu o queixo. “Cinco minutos, nem um segundo a mais! E, depois disso, o senhor, por favor, desapareça.”

53

O ambiente era mais ou menos do tamanho de um quarto de criança, e também mobiliado de acordo. Cheirava a chá de hortelã. Havia desenhos a lápis de cor colados com fita nas paredes, pilhas de livros infantis sobre a mesa e bichos de pelúcia enfileirados no batente da janela. Evelyn reconheceu o Ursinho Pooh, Roger Rabbit e o ratinho detetive Basílio. Cada bicho tinha ventosas nas patas. Se não soubesse, pensaria estar no quarto de uma garotinha de dez anos. Entretanto, ao lado de *A Bruxinha Sabida*[1], de Otfried Preussler, estava um grosso manual de psicologia. Havia um marcador no meio do livro.

Lisa estava sentada na cama, de pernas cruzadas. Segurava um cubo mágico de Rubik com o lado azul já completo. Vestia um pijama de flanela azul e olhava a dra. Gessler com apatia. Evelyn permaneceu encostada na parede e olhava a menina sentada à sua frente. Não tinha dúvida de que se tratava da mesma moça da foto e do retrato falado. A mesma silhueta, o mesmo corte de cabelo, o mesmo semblante pálido e delgado. Até mesmo o olhar era idêntico. Por outro lado, parecia tão frágil em meio aos brinquedos, como uma criança de cristal, e nada sugeria a aura calculista e autoconfiante que o vestido azul de alcinhas lhe emprestara.

“Bom dia, Lisa”, disse a médica. Sua voz agora soava muito mais mansa que há um minuto. “Há mais uma visita para você. Não vai demorar. Tome seu tempo, e, por favor, responda às perguntas do senhor Pulaski.” A doutora dirigiu-se ao inspetor. “Ela sofre de distúrbio dissociativo da personalidade”, sussurrou. “Algumas partes da sua psique pararam no nível de uma criança de dez anos. Outras

são enérgicas e poderosas. Lisa pode ser uma pessoa bastante forte. Contudo, devido ao agito que o senhor causou, fomos obrigados a acalmá-la com dois miligramas de Haloperidol[2]. O senhor tem cinco minutos." Ela encostou-se no batente da janela e olhou para o relógio na parede.

"Posso sentar-me?" Sentou-se sobre a cama em seguida.

Lisa pareceu nem perceber e seguiu girando o cubo.

"Lisa, há pouco descobrimos que você tinha um irmão."

Ela seguiu girando.

"Você ainda se lembra do Manuel?"

De repente, parou o movimento. Lentamente, seu olhar moveu-se em direção ao policial.

"Sabemos também que você esteve com ele em um navio."

Lisa apertou os lábios e franziu a testa.

Evelyn notou o nervosismo crescente da dra. Gessler. Ela observava cada gesto da garota, sem, por enquanto, interferir.

"Eu prometo que vamos encontrar os homens que fizeram isso a você e ao seu irmão."

Agora Pulaski tinha toda a atenção de Lisa. Suas mãos soltaram-se do cubo. Ela olhava o investigador com olhos despertos.

"Há pouco, eu vi Lesja. Ela esteve com você no navio, não?"

A boca de Lisa abriu-se. Tinha os lábios ressecados. Ela queria dizer algo. Pulaski encorajava-a com o olhar.

"Qual navio?", sussurrou ela.

“Qual...?”, repetiu Pulaski, incrédulo. Lançou um olhar a Evelyn, pedindo socorro.

Os pensamentos de Evelyn rodopiavam. A jovem mulher estaria simulando?

Ela tinha de saber algo sobre o navio! Por outro lado, o olhar inocente parecia tão autêntico, como se Lisa realmente nunca houvesse ouvido falar do cruzeiro.

“Qual navio?” Desta vez, a pergunta de Pulaski era direcionada a Evelyn.

Ela dirigiu-se a Lisa. “O navio saiu do porto de Bremerhaven. Seu dono era um certo Edward Hockinson.”

Nenhuma reação no rosto de Lisa.

“A bordo estavam Heinz Prange, Rudolf Kieslinger, Peter Holobeck...” O pensamento em seu colega apertou-lhe a garganta por um instante, mas logo enumerou os outros nomes, que, a essa altura, sabia decor. Contudo, nenhum deles provocou o mínimo sinal de recordação no rosto de Lisa.

“O capitão do navio levava comida às cabines das crianças”, continuou Evelyn. Pelo canto do olho, percebeu como a dra. Gessler ficava inquieta. Sua testa estava cheia de rugas.
Obviamente, era a primeira vez que ouvia essa versão da história. Lentamente, meteu a mão no bolso do jaleco e tirou dele uma seringa.

“Continue”, cochichou Pulaski.

“O capitão tinha uma tatuagem no antebraço. Seu nome era Paul Smolle...”

Lisa arregalou os olhos e sua respiração acelerou-se.

“Pare!”, interrompeu a médica. “Já chega.” Por precaução, tirou a capa protetora da agulha.

“O nome do navio era Friedberg...”, arrematou Pulaski.

De súbito, Lisa gritou. A garota virou-se e arranhou o antebraço de Pulaski. O cubo mágico rolou para o chão. Ainda enquanto Pulaski tentava segurá-la e acalmá-la, a médica já aplicava a injeção no braço da menina, com algo que evidentemente era um calmante. Imediatamente, os dedos tensos de Lisa soltaram-se. Ela afundou no travesseiro atrás dela, fixou o olhar no teto e acalmou a respiração.

A médica tocou a testa da menina e checou seu pulso. “Saiam do quarto... Agora!”, disse, sem levantar o olhar.

Pulaski e Evelyn ficaram esperarando no corredor, depois de ele ter mandado o guarda diante da porta dar uma voltinha.

“Por que está me ajudando, afinal?”, perguntou Evelyn.

“Boa pergunta.” Pulaski olhou para o fim do corredor. “De um lado estão os assassinatos das crianças que foram abusadas; do outro, os acidentes bizarros com os passageiros que você me contou. O cruzeiro conecta os nossos casos. Agora, minhas investigações chegaram a um beco sem saída.” Olhou para ela. “Seguir a sua pista é a minha única chance de encontrar o grisalho assassino.”

Evelyn assentiu. O que o homem dizia fazia sentido.

Alguns minutos depois, a dra. Gessler saiu do quarto. Sua cara dava medo. “Vocês estão loucos?”, disse, atacando-os. “Eu achei que fossem perguntar-lhe sobre a foto, que supostamente a mostra em Viena. Em vez disso, colocaram em risco o resultado de anos de terapia com suas perguntas. Vocês fazem ideia de quantas sessões foram necessárias até que Lisa se desse conta do que lhe aconteceu no passado?”

Evelyn mordeu seu lábio inferior. Não haviam avançado um passo sequer com o interrogatório. Ao contrário, haviam conseguido somente atrair a ira da médica-chefe. Contudo, não desistiria tão facilmente. “Existem gravações em vídeo dessas sessões?”

1. A Bruxinha Sabida (*Die kleine Hexe*) é um livro infantil clássico de Otfried Preussler, do ano de 1957, traduzido a 47 línguas, inclusive ao português.

2. Fármaco utilizado como medicamento neuroléptico.

54

A sala de terapia era tão grande que havia espaço suficiente no centro para uma mesa redonda com sete cadeiras. Ao longo das paredes havia estantes com livros, um aparelho de televisão e lousas com caixas de giz. No canto dos brinquedos, havia blocos de montar, e uma enorme bola de borracha amarela. Pulaski havia fechado as venezianas da larga janela e inclinado as lamelas, de modo que os raios do sol do meio-dia adentrassem a sala apenas suavemente.

Depois de uma rápida conversa com a médica-chefe, o policial da Kripo de Hamburgo havia se juntado a Evelyn e Pulaski.

“Ele não se interessa pelos vídeos”, cochichou Pulaski para Evelyn, “quer somente nos vigiar.”

Evelyn desconhecia o nome do policial de Hamburgo.

O homem de trinta e poucos anos — para si, Pulaski referia-se a ele como “bunda-mole” — sentou-se em um canto, rabiscando algo em um bloco como se fosse importante.

Naturalmente, não haviam conseguido as gravações das sessões individuais de Lisa com seu terapeuta. Pulaski havia entrado num debate minucioso sobre o sigilo médico com a dra. Gessler e perdido.

Entretanto, a médica-chefe lhes havia permitido ao menos dar uma olhada nos vídeos das sessões matinais em grupo. Nessas sessões, que aconteciam às segundas-feiras, uma assistente social

falava com os residentes da unidade 46 sobre o seu bem-estar e suas necessidades. Os vídeos dos últimos dois anos abrangiam 93 sessões, de trinta minutos cada, gravados por uma câmera montada em um tripé, para que os respectivos terapeutas pudessem acompanhá-las. A dra. Gessler lhes concedera noventa minutos. Depois disso, a sala supostamente seria usada para uma sessão, mas Evelyn duvidava. Por um lado, Gessler estava disposta a cooperar — afinal, não queria arriscar nenhum escândalo na mídia acerca de uma eventual falha na segurança do seu departamento —, por outro, queria ver-se livre de Evelyn e Pulaski o quanto antes.

Com um rápido olhar para o relógio, Pulaski iniciou com as fitas mais antigas, escolhendo algumas aleatoriamente, e avançando com o controle remoto para as partes onde Lisa abria a boca, o que era raro.

Depois dos primeiros vídeos, Evelyn soube por que a doutora lhes havia dado as fitas tão prontamente: o material não dava muito pano para manga. As cenas eram todas parecidas. Lisa falava sobre como dormira, sobre seus sonhos, seus afazeres da semana que passara e o que lhe havia causado alegria ou tristeza. Às vezes, usava pantufas com seu pijama de flanela azul, outras, um vestido com bolinhas amarelas, ou ainda um agasalho cinza com capuz. Ao todo, Evelyn viu três assistentes sociais diferentes; todas falavam com a mesma voz suave e entorpecente, como se lhes houvessem ensinado a nunca dizer uma palavra em voz alta na presença de um paciente psiquiátrico.

A luz abafada da sala de terapia fazia Evelyn bocejar mais do que gostaria. A estafa da última noite era perceptível. De repente, despertou-se. Haviam chegado a uma cena do vídeo na qual os temperamentos se exaltavam. Em algum ponto durante uma sessão do verão passado, Lisa tivera um ataque. No meio de uma frase, o tom da sua voz e a expressão do seu rosto transformaram-se. Ela se lembrara de algo, e Evelyn sabia muito bem de que se tratava.

“A sala é apertada. Eu estou com fome, mas eles não me dão nada para comer. Para beber, há somente água morna. Basta ver o jarro, e me dá ânsia de vômito. À noite, o estampido ao lado da parede não me deixa dormir. E, quando consigo, tenho sempre o mesmo sonho.”

Evelyn olhava fixamente o monitor. Viu, no plano de fundo, a assistente social saltar da cadeira e correr para fora da sala.

Enquanto isso, Lisa seguia firme, falando como se estivesse sozinha na sala.

“Eles levam Manuel para cima. Os intervalos ficam cada vez menores. Sempre quando volta, chora como se sua alma quisesse sair do corpo. Mas, um dia, ele irá parar de chorar. Não se lembrará mais de nada. Seu olhar estarrecerá, e o pior: ele não falará mais comigo.”

A assistente social voltara com um médico.

Lisa seguia, em fúria. Sua voz aumentava.

“Por que você não fala mais comigo? O que há com você? O que te fizeram?”

O médico chegou ao lado de Lisa, na intenção de dar-lhe uma injeção, mas ela bateu forte em sua mão, afastando-a.

“Por que fizeram isso com você?”, gritou ela.

Os cabelos desgrenhados lhe cobriam a testa. Seu semblante irradiava a raiva que sentia.

A assistente social teve de segurá-la por trás, para que o médico pudesse aplicar-lhe a injeção.

“O que fizeram com você?”

... Ela sabia o que lhe haviam feito. Seus gritos e a voz do homem não deixavam dúvidas. Ela ouviu tudo. Ele fizera à sua irmã o mesmo que havia feito a ela. Mas Sandra era dois anos mais nova e não podia entender o que o homem queria. Seria esse o motivo por ele procurá-la mais frequentemente?

Quem dera não estivesse amordaçada! Poderia chamar por Sandra, dizer-lhe que estava perto e que, juntas, aguentariam. Diria a ela que fechasse os olhos quando ele viesse e que tudo ficaria bem... Mas nada ficava bem. Ela estava com a boca amordaçada por fita adesiva e presa a uma argola de metal no meio do piso do porão. Não podia nem mesmo chegar até a parede para dar-lhe sinais com batidas. E se conseguisse? O homem havia ameaçado matar Sandra se ela tentasse defender-se ou libertar-se.

Quando ele terminou com Sandra, veio à sala dela, somente para verificar as amarras e a mordaça, como fazia todas as noites, antes de sair com sua van.

Pouco depois, ela ouviu o barulho do motor. Assim que a luz dos faróis passara por sua janela, começou a esfolar a corda que prendia seus pulsos, passava pela argola de metal e desaparecia lá em cima, em algum lugar na escuridão. A argola saía de uma placa de metal com cantos afiados. Suas mãos sangravam, mas seguia esfregando sem parar. A ameaça voltava e voltava ao seu pensamento. Tinha de se apressar, e esfolava os pulsos com mais força na placa de metal, pois, às vezes, ele voltava no meio da noite.

Agora os gemidos da sua irmã na sala ao lado haviam calado. Horas deviam ter se passado. Finalmente, a corda cedeu. Seus ombros doíam. Imediatamente, com os dedos trêmulos, arrancou a fita colante que lhe tapava a boca e vomitou ao sentir o cheiro do sangue nos seus dedos.

À luz abafada, tateou até a porta. O trinco guinchou terrivelmente. Trancada. Por precaução, prendeu a respiração, e aguçou os ouvidos. Nada. Então, dirigiu-se à parede que a separava de sua irmã e bateu contra o muro. As pedras soavam ocas.

"Sandra?", sussurrou. Nenhuma resposta. Seguramente, ele também a havia amordaçado e amarrado suas mãos às costas. Ela tateou até o outro lado da sala, onde a luz da lua caía pela escotilha estreita. Não havia grades. Se empilhasse algumas das tábuas de madeira, chegaria até a janela, que tinha um trinco. Com um pouco de sorte, conseguiria espremer-se pela abertura. Ela olhou para fora. Não viu luzes de faróis. Tinha de apressar-se. Tomara que ele não voltasse justamente nesta noite.

Não acreditara que realmente tivesse a força para içar-se pela abertura da janela. Mas, de alguma forma, conseguiu, sem nem mesmo derrubar as tábuas. Sentiu seus cotovelos esfolarem-se contra o muro. Com um último esforço, empurrou seu tronco para fora e cravou as mãos na terra. Que cheiro delicioso tinha o chão da floresta! Espremeu-se para fora e tateou ao longo da parede da casa. Parou em frente à próxima janela do porão, acocorou-se na grama e procurou por uma pedra. Afinal, encontrou uma e arremessou-a contra o vidro. O quarto ou quinto golpe produziu uma rachadura. Apressada, continuou trabalhando até quebrar o vidro totalmente. Cautelosamente, abaixou-se para dentro da sala.

"Eu vou tirá-la daqui", falou, para dentro da escuridão. Enquanto procurava com os dedos pelo trinco da janela, as luzes de um carro vindo da floresta iluminaram o ambiebnte. Ela estarreceu-se. No momento seguinte, ouviu o ruído do motor. De novo, lembrou-se das palavras do homem. Iria matar a sua irmã se ela fugisse. Era mentira. Ele tinha de mentir para quebrar a sua vontade e dominá-la. Devia voltar para dentro da sala? Não. Tinha de sair dali! Quando ele percebesse que ela havia sumido, entraria em pânico e começaria a procurá-la. Era uma corrida. A sua corrida!

Sabia que teria de ganhá-la para salvar Sandra; e teria somente esta chance.

Ela libertou-se do estarrecimento.

“Eu preciso ir”, cochichou. “Mas eu vou tirá-la daqui. Confie em mim.”

Os pneus já rugiam sobre o cascalho do outro lado da casa. Ela levantou-se, deixou sua irmã sozinha com a fera e correu. A cabana ficava em algum lugar da floresta. Ela tropeçou por entre arbustos e por sobre raízes, correndo de uma árvore à outra, até avistar uma picada à luz da lua, seguindo então por ela.

Ele mentiu, ele mentiu, dizia para si mesma sem parar. Era como uma oração, que repetia, murmurando, enquanto os galhos lhe cortavam o rosto.

Ao nascer do dia, encontrou as casas de um povoado. Ela conhecia a região. A aldeia não ficava longe da sua casa. Quase congelada, faminta, imunda e com os joelhos tremendo, bateu em uma porta, até que alguém abriu. Do resto, lembrava-se apenas vagamente. Uma xícara de chá, uma manta quente, policiais, que lhe faziam perguntas e aos quais descrevera a cabana de caçadores e a van. Mesmo que lhe parecessem semanas, a polícia havia encontrado a cabana em poucas horas.

Tudo isso afundara na escuridão da lembrança — mas uma coisa ela sabia com certeza: o homem não havia mentido.

“Evelyn? Evelyn?”

Ela assustou-se.

A mão de Pulaski estava em seu ombro. “Você cochilou.”

Nesse tempo, ele havia tirado a gravata e a jaqueta. O primeiro botão da sua camisa estava aberto. As manchas de suor nas suas axilas não a incomodaram, mas a arma no coldre de ombro a irritava.

“Como você está?”

“Obrigada.” Evelyn olhou à volta. O policial de Hamburgo continuava sentado no canto, rabiscando em seu bloco. Pulaski havia parado a fita. Uma imagem congelada tremeluzia na tela.

“Quanto tempo em fiquei apagada?”, perguntou ela. Sua voz estava rouca.

Pulaski deu-lhe um copo de água. “Uns vinte minutos. Você teve um pesadelo. Foi ruim?”

“Nada grave.” Ela aprumou-se. “Descobriu algo?”

“Temo não ter boas notícias.”

“Teria sido bom demais para ser verdade.” Ela esfregou os olhos e tomou um gole.

“Se a data e a hora impressas nesta foto estiverem corretas”, Pulaski balançou a foto da câmera do caixa eletrônico, “ela foi tirada na noite de domingo, 31 de agosto.”

“Data e hora estão corretas”, disse Evelyn. Foi nessa noite que Rudolf Kieslinger caiu no bueiro e afogou-se.

“Supostamente, Lisa esteve em Viena nessa noite. Mas o vídeo da segunda-feira, 1º de setembro, prova”, Pulaski estendeu-lhe as fitas, “que Lisa participou da sessão em grupo em Hamburgo. Ela não poderia ter feito os quase mil quilômetros de carro a tempo.”

“E de avião?”

“Depois da meia-noite, não há voos de Viena a Hamburgo.”

Evelyn fitava a foto da garota loura de vestidinho azul. Quem seria ela? O retrato falado de Cuxhaven e a mulher nessa foto eram idênticos. Paul Smolle a havia identificado como sua visitante e ela lhe havia dito o seu nome: Lisa. Era para ir à loucura.

Evelyn dobrou a foto. “Então quer dizer que eu estou caçando um fantasma?”

“Não necessariamente.” Pulaski sorriu. “Por coincidência, descobri algo interessante nestas gravações.”

55

Pulaski revirava as fitas que havia marcado com adesivos e colocou uma delas no aparelho. “Esta é uma gravação mais antiga, do verão de 2006. Primeiro, eu não havia notado a jovem.” Ele ficou em pé ao lado do aparelho de televisão, e apontou com o dedo para uma mulher, de aparência discreta, sentada a três cadeiras de Lisa.

“Esta é Sybil”, explicou ele. “Eu acredito que ela seja uns dois anos mais velha que Lisa. Preste atenção à sua voz. Ela já vai falar...”

Ela esperou por um momento até que Sybil pediu a palavra.

“Ela tem sotaque austríaco”, constatou Evelyn.

“Pelo que pude deduzir pelos vídeos, ela é de Viena. Uma criança abandonada que cresceu no parque Prater[1], sem pais, em meio a ladrões e cafetões. Assim como muitos dos pacientes desta clínica, sofreu abuso quando criança. De alguma maneira, lutou pela vida, até vir parar na Alemanha quando adolescente.”

Evelyn lembrou-se do Prater vienense, do algodão-doce, da montanha-russa, da roda-gigante e do trem-fantasma com o monstro verde. Havia visitado o parque muitas vezes com seus pais, quando criança. “Por que está me contando isso?”

“Veja o que aconteceu meio ano depois.”

Pulaski trocou a fita.

Dessa vez, Sybil estava sentada ao lado de Lisa.

“Ela deixou o cabelo crescer.”

“Não somente isso. Note o seu sotaque.”

Evelyn inclinou-se em direção ao televisor. A qualidade do som era ruim, mas, apesar dos estalos, a pronúncia alemã de Sybil era evidente.

“Ela está incorporando o sotaque do norte da Alemanha de Lisa.”

“Escute com atenção. Ela imita até mesmo o modo de falar e a entonação.”

Evelyn sentiu um arrepio na nuca. “Isso é sinistro.”

Um rangido assustou-a. O policial de Hamburgo havia levantado da cadeira e olhava para o relógio de pulso. “O seu tempo acabou.”

Pulaski levantou a mão. “Mais um momento, por favor.”

“Eu disse que o tempo acabou.”

“Sim, caramba, somente mais esta fita.” Pulaski trocou as fitas, enquanto falava com Evelyn. “Aparentemente, não existem muitos relacionamentos nesta parte da clínica, mas Sybil fez amizade com Lisa. Os comentários das assistentes sociais indicam que Sybil é criativa, com inteligência acima da média, e que tem um grande talento para a organização.”

O policial estava ao lado de Pulaski. “E então?”

“Apenas mais uma sequência de vídeo, combinado? Depois, encerraremos, meu amigo.” Pulaski não esperou pela resposta, mas acionou o controle remoto do videocassete. Mais uma sessão apareceu na tela.

“Esta gravação é da primavera deste ano”, comentou Pulaski, e não precisou explicar nada mais. Evelyn notou à primeira vista que

Sybil usava as mesmas roupas que Lisa — jeans e um pulôver bege, com desenho de tranças. Tinham as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ambas usavam uma pulseirinha de amizade no pulso esquerdo e cruzavam as pernas do mesmo jeito. Pareciam-se a ponto de confundirem-se. Então, Sybil falou. Apenas algumas palavras com um sotaque duro, típico do norte da Alemanha — e Evelyn teve a sensação de já haver ouvido aquela voz.

“Volte essa parte!”, urgiu. “Eu acho que conheço...”

Subitamente, um relâmpago passou pelo monitor. No instante seguinte, a tela estava preta. O aparelho de videocassete fez um clique e o zumbido da fita parou.

O policial hamburguês segurava o cabo na mão, ao lado da tomada. “O show acabou, Sigmund Freud.”

“Maldito...” Mais que isso, Pulaski não teve tempo de dizer. No mesmo momento, a porta se abriu. A dra. Gessler entrou na sala de terapia, acompanhada de dois enfermeiros.

“Seu tempo acabou. Saiam, por favor.” Ela indicava para a porta. Evelyn sentiu sua garganta apertar. Essas pessoas não pensavam em nada além de seus rígidos cronogramas.

“Eu gostaria de esclarecer mais uma coisa apenas...”, disse Pulaski.

“Eu acredito”, interrompeu a médica. “O senhor gostaria de dirigir-se imediatamente à cafeteria e pagar o restante da sua conta. O senhor ficou devendo!” Ela lançou-lhe um olhar furioso.

“Mas que pedantismo”, murmurou Pulaski, olhando para a doutora como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir.

“É claro que eu assumirei essa conta”, interveio Evelyn. “Sem problema — já que a senhora deixou suas prioridades bem claras.”

A dra. Gessler ignorou o tom sarcástico de Evelyn. “Muito bem, então está resolvido.” Ela dirigiu-se novamente a Pulaski. “O senhor, com sua proteção policial, deixou a minha clínica de pernas para o ar. Vou ficar muito feliz de livrar-me finalmente do senhor e dos outros policiais.”

“Eu gostaria de falar com mais uma paciente.”

“É claro. Mais alguma coisa?” A médica riu. “Eu lhe estendo um dedo, e...” Incrédula, ela balançou a cabeça. “Enquanto o senhor assistia aos vídeos, falei com seu superior em Leipzig. Em primeiro lugar, o senhor me ocultou que está de férias desde ontem. E em segundo, ninguém na sua delegacia conhece uma colega de nome Evelyn Meyers. O que os jornalistas não diriam, se soubessem disso?”

Evelyn prendeu a respiração. Agora, tudo estava perdido. Como advogada, sabia muito bem das consequências que o seu comportamento poderia acarretar, já que ela mesma também estava de férias e não trabalhava oficialmente em caso nenhum.

Contudo, Pulaski ignorou as acusações. “Eu gostaria de trocar algumas palavras com Sybil.”

“Sybil?” A médica balançou a cabeça. “De jeito nenhum. Eu já tolerei a sua presença por tempo demais. Estes dois senhores os acompanharão para fora. Passe bem.”

Pulaski colocou a gravata no pescoço e pegou a jaqueta e o sobretudo. Sem despedir-se, seguiu os enfermeiros de jalecos brancos. Certamente, fervia de raiva por dentro. Ao menos era o que Evelyn sentia, e, para ele, não seria diferente. Tinha a impressão de estar lutando com Pulaski contra os moinhos da burocracia.

De repente, sorriu.

“Por que você está rindo?”, resmungou Pulaski, enquanto descia a escada em direção à saída.

“Tive de pensar em Don Quixote.”

“Em quem? Refere-se àquele velho magrelo do...?” Ele pensou por um momento. “Queria ter o seu senso de humor.”

“Eu não poderia culpá-lo por haver perdido o seu ao longo dos anos.”

Ele concordou com a cabeça. “Esta semana foi pior que as outras. Veja, há quatro dias eu venho lidando com médicos e psiquiatras. Comparados a eles, os burocratas do Ministério do Interior parecem um bando de *hippies*.”

“Não parece mesmo estar muito contente.”

“Contente?”, repetiu ele. “Eu vou vomitar se tiver de ouvir a merda sobre o sigilo médico mais uma vez.”

Evelyn olhou para os enfermeiros que iam à sua frente. Obviamente, Pulaski não dava a mínima para o que pensavam dele.

Ao chegarem à frente do edifício, um dos enfermeiros mostrou a saída e acrescentou: “A cafeteria fica ali adiante”.

“Obrigado, eu sei!”, chiou Pulaski.

O homem se foi, sem despedir-se.

Pulaski acendeu um cigarro. O segundo enfermeiro, um tipo jovem e anoréxico, com tantas espinhas na cara que mais parecia um estudante, ficou parado e também acendeu um cigarro. Já pela maneira como segurava o isqueiro Evelyn percebeu que não fumava muito. O jovem olhava de um lado para o outro, como se quisesse certificar-se de que não haviam sido seguidos.

Então, dirigiu-se a Pulaski. “O senhor quer falar com Sybil?”

“Você conhece a moça?”

Ele olhou novamente para os lados, e então falou com a voz baixa. “Eu tive algum contato com ela.”

Pulaski sorriu. “Você pode falar normalmente, não estamos no mercado negro.” Ele tossiu e logo apagou o cigarro no grande cinzeiro de pedra ao lado da entrada. “Você percebeu que, ao longo dos anos, Sybil identificou-se cada vez mais com Lisa?”

“Uma constatação interessante”, disse o menino, ainda com a voz baixa. “Uma das melhores estratégias de superação para a própria higiene psicológica é a ligação íntima à família, ou a uma amiga. Bem, não há famílias aqui. Mas notei que Sybil incorporou principalmente o potencial agressivo de Lisa.”

“Quem diabos é você? Jung?”

“Marty, um prestador de serviço civil[2].” Por um momento, olhou encabulado para o chão.

“Sinto muito”, grunhiu Pulaski.

“Tudo bem, estou acostumado a ser esculachado.” O menino tentou dar outro trago, o que lhe causou um acesso de tosse violento.

“Marty, você deveria parar com isso”, sugeriu Pulaski.

“Mas o senhor também fuma!”

“Acabo de parar.” Pulaski passou a mão pelo queixo, como se não soubesse o que pensar do menino.

Para Evelyn, ele parecia confiável. “Você conhece bem a Sybil?”, ela meteu-se na conversa.

“Ela me fascinava.” O rapaz sorriu. “Tinha uma memória incrível e uma enorme criatividade. Ambos são requisitos importantes para a sobrevivência em situações extremas.”

O garoto falava como se conhecesse o prontuário da moça de cor. Contudo, o que perturbava Evelyn era que se referia a Sybil no pretérito.

“Onde podemos encontrá-la?”, perguntou.

“Aqui, não mais.” O menino apagou o cigarro no cinzeiro, com um sorriso. “Ela foi transferida há quatro meses para um lar assistencial em Kiel.”

1. Prater: grande e famoso parque público em Leopoldstadt, o segundo distrito vienense.

2. *Zivildienst* (serviço civil), na Alemanha, Áustria e Suíça, é uma alternativa para os jovens convocados ao serviço militar. Essa opção é geralmente preferida por pessoas com objeção ao serviço militar. Os prestadores são tipicamente empregados no campo dos trabalhos sociais, como em hospitais, asilos e serviços médicos de emergência. (N.T.)

56

Pouco depois das 13h30, Evelyn estava sentada na cafeteria, com um almoço tardio. Aproveitara para pagar o resto da conta da manhã. Enquanto comia seu omelete com torrada, acompanhado de um café forte; Pulaski telefonava na frente do prédio. Ela emprestara-lhe seu celular, já que a bateria do dele havia acabado. A conversa já durava bastante tempo e ela acompanhava pela janela como ele andava de um lado ao outro, com a cara amarrada. Finalmente, ele voltou ao café e sentou-se à mesa. Sua gravata continuava pendurada no pescoço, desamarrada.

“Há alguns dias, eu conheci uma psicoterapeuta que trabalha em Markkleeberg”, explicou ele.

“Ela acompanhava Natascha, e, como eu, está interessada em que o assassino dos jovens seja preso. Eu acabo de falar com ela. Ela está me ajudando nas investigações.”

“Como ela se chama?”

Ele olhou pela janela. “Sônia Willhalm... É ex-esposa do promotor público encarregado do caso.”

Evelyn pressentiu algo. A maneira como ele falava o nome e o jeito depreciativo como se referia ao ex-marido dela, diziam tudo. “Parece que você está...” Na mesma hora, seu olhar encontrou a aliança na mão dele e um calor subiu-lhe à cabeça.

“Eu sinto muito.”

“Tudo bem. Não é como está pensando. Eu sou viúvo.”

“Sinto muito”, repetiu ela.

“Não precisa. Já faz muito tempo.” Absorto em pensamentos, ele girava o anel no dedo. “Você é casada?”

Ela abanou a cabeça negativamente.

“Mas existe um homem na sua vida?”, especulou ele.

Sem querer, pensou em Patrick. Desde a sua partida na madrugada com o trem de Sylt, ela não havia falado com ele. Provavelmente, estaria em casa, entupido de analgésicos, dormindo no sofá. Se não, já teria ligado.

“Não, não há ninguém.”

“E esse ninguém tem um nome?”, perguntou Pulaski.

Mas que sabichão! Ela sorriu. “Patrick.”

“Eu imagino que esse Patrick seja um sortudo por conhecer alguém como você.”

Era desagradável falar sobre isso, sobretudo porque nunca acontecera nada entre Patrick e ela — mas, afinal, fora ela quem tocara no tema. “O que a sua conhecida descobriu?”

Pulaski aceitou a mudança de assunto. “Ela conhece alguém do lar terapêutico para mulheres traumatizadas em Kiel. Está agora tentando descobrir se realmente entrou uma paciente chamada Sybil há quatro meses. Assim que souber, voltará a ligar.” Ele empurrou o celular para o centro da mesa. “Eu quero esperar pela ligação antes de me pôr a caminho. Afinal, são cem quilômetros até lá.”

Ela esperou um pouco, sem dizer nada, até que Pulaski quebrou o silêncio.

“Quando estávamos no quarto de Lisa, você enumerou uma longa lista de nomes... Kieslinger, Prange, Holobeck, Pelling, Hanson e assim por diante. Eu suponho que sejam os participantes do cruzeiro. De onde você conhece esses nomes?”

Evelyn reteve-se por um momento. Ela escutava o seu interior, mas nenhum formigamento quente manifestou-se no seu estômago. Sua intuição dizia-lhe que podia confiar em Pulaski. Afinal, ele queria resolver o caso tão rapidamente quanto ela, sacrificando até mesmo seu dia de férias para isso. E, como pai sozinho, certamente tinha mais com que se preocupar.

“Eu fui à mansão do armador, onde encontrei esta lista.” Ela vasculhou a sua bolsa, sacou a folha e passou-a por sobre a mesa. Pulaski estudou o papel atentamente. “Encontrou? Assim, simplesmente?”

“Eu a roubei.”

“Tudo bem, não tenho problema algum com isso. Um nome foi riscado”, constatou ele.

“Recentemente, todos esses homens, menos um, foram mortos. A maioria foi vítima de acidentes no decorrer dos últimos dois meses.”

“Você acha que esses homens foram assassinados?”

Evelyn respondeu afirmativamente. “Ao que parece, por Sybil. Não tenho outra explicação. Além disso, todos eles foram chantageados e faziam pagamentos trimestrais a uma conta anônima do Volksbank de Hamburgo. Eu suponho que a morte de Manuel tenha sido o meio de pressão.”

Pulaski deixou as palavras fazerem efeito. Absorto em pensamentos, girava um cigarro entre os dedos, sem acendê-lo. “Com isso, Sybil fica sendo a nossa única pista.”

Como se essa fosse a deixa, o telefone tocou. O visor mostrava um número com código de área alemão.

“É Sônia Willhalm.” Pulaski levou o celular ao ouvido.

“Um momento”, disse ele, depois de um tempo. “Vou ligar o viva-voz. Evelyn Meyers ouvirá também.”

Ele colocou o telefone na mesa, e ambos abaixaram-se sobre ele.

“Olá senhora Meyers, olá senhor Pulaski, espero poder ajudá-los.” Evelyn sentiu um calor gostoso no coração. A voz era amigável e fazia bem saber que não estavam sozinhos.

“Eu pude descobrir o sobrenome de Sybil”, informou Sônia. “Ela se chama Woska, Sybil Woska. Tem 21 anos e ela mesma tomou a decisão de interromper a terapia de longo prazo e mudar-se para o lar assistencial em Kiel. O acompanhamento terapêutico em uma instituição dessas favorece o desenvolvimento da personalidade, contudo, não substitui a psicoterapia ambulatorial.”

“Estando nesse lar, ela teria a possibilidade de viajar ao exterior?”, perguntou Evelyn.

Sônia fez uma pausa, antes de responder. “Eu acho interessante que tenha tocado justamente nesse ponto.”

Pulaski lançou um olhar interrogativo a Evelyn. “Por quê?”

“Porque, três meses atrás, Sybil fugiu, com nada mais que suas roupas e cem euros que furtara da caixinha da cozinha. E ainda está desaparecida.”

Quinze minutos depois, ainda estavam sentados no café.

Evelyn havia sugerido pedir um omelete vegetariano para Pulaski, mas ele tinha recusado. Aparentemente, havia perdido o apetite. Pensativo, girava o cigarro entre os dedos.

“A pista de Sybil se dissolve no vazio.”

“Pelo menos você economizou uma viagem de cem quilômetros.”

“Um fraco consolo. Sybil pode estar em qualquer lugar. Você acredita que ela tenha assumido a identidade de Lisa?”

“Possivelmente.” Evelyn deu de ombros. “Se for o caso, ela deve ter desenvolvido uma grande sede por justiça, para vingar a morte do irmão em seu lugar.”

“Que ela nem mesmo conhecia”, complementou Pulaski. “Somente vingança, ou há algo mais por trás?” Ele apontou para a lista de Hockinson. “Você disse que um desses homens continua vivo. Qual deles?”

“Patrick não quis me contar.”

“Você consegue arrancar a informação dele?”

“Sem chance.”

“Merda.” Pulaski olhava a folha. “Recapitulemos o que sabemos. Há quatro meses, Sybil pediu transferência para um lar assistencial. Um mês depois, fugiu de lá e logo depois começou a série de assassinatos. Até onde sabemos, Sybil é esperta, planeja seus atos com exatidão, camufla-os como acidentes e, muito provavelmente, seguem um sistema. Na sua opinião, qual foi a ordem dos ataques?”

Evelyn fechou os olhos e massageou suas têmporas. “Começou há pouco mais de dois meses, quando ela visitou Paul Smolle em seu *trailer* em Sylt. Ele foi o capitão do Friedberg. Foi aí que ela soube que Edward Hockinson estava por trás do cruzeiro.”

“Ela matou esse Smolle também?”

“Ele nunca fez nada às crianças. Ela o deixou viver, mas, ontem à noite, quando eu estive lá, ele cometeu suicídio.”

Pulaski olhou-a com tristeza. “Isso deve ter sido difícil para você.”

“Por isso tenho de ir hoje a Flensburg, para depor.”

“Isso pode esperar. Em caso de suicídio, os colegas não trabalham tão rápido. Continue!”

Ela pensava em Sybil. Um arrepio desceu-lhe pela espinha. De repente as relações ficaram claras. “É claro! Depois disso, Sybil foi à mansão de Hockinson em Cuxhaven. Eu falei com a filha dele, que me contou que, há cerca de dois meses, alguém assaltou a casa e roubou todas as joias da família.”

“Que malandrinha esperta”, comentou Pulaski.

“Com o dinheiro da venda das joias, pôde financiar suas viagens pela Alemanha e pela Áustria.”

“Para uma criança que cresceu na rua, uma brincadeira.”

“Mas, na verdade, ela estava atrás de outra coisa. Ela deve ter encontrado a lista no escritório de Hockinson e copiado todos os nomes e endereços. E aí, começou a matar.”

“E qual foi o plano que ela seguiu?”, perguntou Pulaski.

Evelyn tentava lembrar-se. “Provavelmente, Heinz Prange tenha sido a primeira vítima. Ele morreu há cerca de dois meses, nos Alpes de Berchtesgaden. Rudolf Kieslinger foi há quase três semanas, em Viena. Edward Hockinson, sexta-feira passada, em uma estrada costeira no Mar do Norte... e Peter Holobeck, há três dias, em seu apartamento em Viena.”

“Isso não faz sentido”, cogitou Pulaski. “Por que Sybil iria a Viena primeiro, depois subiria até o Mar do Norte, para depois voltar novamente a Viena? E por que motivo esperou semanas para matar o armador, se podia tê-lo feito logo quando assaltou sua mansão?”

“Dissimulação?”, suspeitou Evelyn.

Pulaski abanou a cabeça enquanto olhava a lista. De repente, arregalou os olhos. Ele passou a folha para Evelyn. “Dê uma olhada na ordem dos nomes.”

Heinz Prange

Rene Manzon

Mark Pelling

Kurt Hanson

Richard Ruschko

Martin Ritter

Rudolf Kieslinger

Thomas Eberhardt

Georg Pallock

Edward Hockinson

Peter Holobeck

Alfons Bolten

XxXxXxXxXxXxXx

“Prange, Kieslinger, Hockinson, Holobeck...”, sussurrou Evelyn. “Ela está operando na ordem da lista.”

“Como se a pequena fera quisesse trabalhá-la linha por linha.”

Evelyn sentiu tontura. “Isso significaria que ela está viajando de um lugar a outro há meses, de forma desconexa. Nunca ouvi falar de um método tão maluco, mas, aparentemente, o cérebro de Sybil funciona em uma onda diferente.”

Subitamente, indicou com o dedo o último nome.

“Caso você esteja certo, Alfons Bolten deve ser o último sobrevivente dessa lista da morte.”

“Por quanto tempo?” Pulaski pegou a folha de volta e olhou para o endereço. “O desgraçado mora em Cuxhaven.” Ele olhou para o relógio. “Se o endereço ainda estiver correto, poderíamos estar lá em duas horas.”

“Poderíamos?”, repetiu Evelyn.

“Eu gostaria de fazer uma visita-surpresa a esse Bolten. Quer me acompanhar?”

Ela pensava no suicídio de Smolle e em seu depoimento.

“Mas...”

“Flensburg pode esperar”, interrompeu ele. “Eu posso esclarecer isso com meu superior.”

“Mas você está de folga”, lembrou-lhe Evelyn.

“E você acha que isto é um dia de folga normal?” Ele sorria, triste. “A conversa com meu chefe é mesmo inevitável. Horst Fux ficará possesso...”

Ela passou-lhe o celular, e ele ligou para Leipzig. A conversa não foi nada objetiva. Mais uma vez, os outros clientes da cafeteria lançavam-lhes olhares curiosos. Já era hora de dar o fora dali. Haviam deixado uma impressão duradoura nesta clínica, mas certamente não a melhor.

Quando Pulaski havia se acalmado um pouco, pediu para falar com um tal de Malte. Pouco depois, anotou um número de telefone abaixo do endereço de Bolten. “Obrigado”, disse, e interrompeu a ligação.

Ela percebeu que ele sorria internamente, com uma satisfação maliciosa.

“Você foi suspenso do serviço, com direito a indenização plena?”

“Antes fosse. Durante a minha folga, eu mesmo me recoloquei em serviço. Meu chefe foi obrigado a confirmar isto oficialmente. Que outra alternativa ele teria? Afinal, ontem eu atirei em um suspeito e iniciei uma busca, e hoje requeri proteção policial... Mas isso não importa! O importante é que o endereço está certo. Trata-se de um doutor Alfons Bolten, um juiz aposentado da vara da infância e da juventude.” Impressionado, ele levantou uma sobrancelha. “Um colega seu, por assim dizer.”

Como Holobeck. Assim, Bolten não era o único colega com culpa no cartório, pensou ela, amargurada.

“Este é o número de telefone dele”, acrescentou Pulaski, já discando.

“E o que vai dizer quando ele atender?”, cochichou Evelyn. “Eu pensei que a nossa visita não seria anunciada.”

“E não será... Psiu!” Pulaski escutava com atenção e então desligou. “Ele está em casa.”

Um calafrio tomou conta dela. “Estou me sentindo como em uma investigação secreta.”

“Quer desistir?”

“Não!”

Pulaski sorriu. “Garota corajosa. Por coincidência, temos o mesmo celular. Você por acaso, tem um carregador?”

Evelyn balançou a cabeça afirmativamente.

“Poderia me emprestar durante a viagem, para carregar a minha bateria? Os amortecedores da minha lata velha estão acabados, mas o acendedor de cigarros ainda funciona.”

“Eu terei de voltar de qualquer maneira para o aeroporto de Hamburgo. Você pode deixar seu carro aqui, e iremos juntos a Cuxhaven”, sugeriu ela.

“Você tem algo melhor a oferecer que um velho Skoda?”

“Um carro de aluguel da Sixt.”

“Oh.” Ele arqueou as sobrancelhas. “Proibido fumar, eu suponho?”

“Naturalmente. Mas você não disse que queria parar?”

“Certo.” Pensativo, ele alisava o queixo com a mão. “Agradeço e aceito a proposta. Sugiro que peguemos a rota por Bremen e Bremerhaven, ao longo da costa. Chegaremos a Cuxhaven em, no máximo, duas horas. Mas antes preciso pegar um pente reserva para a Walther no meu carro — apenas por precaução, caso apareça algum problema”, disse, procurando tranquilizá-la.

Evelyn arregalou os olhos. “Que tipo de problema poderia aparecer?”

“Não sei. Mas, desde que comecei a investigar este caso, tudo o que eu tenho são problemas.”

57

Dirigindo pela *Autobahn*, colada nas lanternas traseiras de um Porsche, Evelyn deixava rolar seu CD da Enya. Pulaski parecia não se importar. O principal era que seu celular estava conectado ao carregador.

Além de uma parada para abastecer, a viagem decorreu sem interrupções. Pulaski indicou-lhe o caminho mais rápido até Cuxhaven. Ela não esperava voltar a essa região depois da sua fuga da mansão de Hockinson no dia anterior — pelo menos não tão rápido.

Enquanto passavam pela cidade, Evelyn digitou o endereço de Bolten no GPS. Não ficava longe da propriedade de Greta Hockinson. O mesmo bairro de mansões que ela já conhecia, perto da praia.

Grandes cercas vivas rodeavam o terreno. Evelyn estacionou logo ao lado da entrada. Pulaski desceu do carro, olhou em todas as direções e esticou as costas. Evelyn escutou as vértebras estalando e viu sua cara de dor.

“Viagem cansativa?”, perguntou.

“Seu estilo de direção é tranquilizante, mas não estou mais acostumado a viagens longas.”

Dessa vez, ele deixou de lado a gravata e o sobretudo e contentou-se com a jaqueta.

Dirigiram-se para o portão.

Até onde Evelyn podia ver através da grade, a casa de Bolten não era tão suntuosa quanto a dos Hockinson, com uma arquitetura mais moderna e sóbria. As fachadas das janelas do bangalô em formato de L estavam fechadas por venezianas brilhantes de metal cromado. No telhado plano, viam-se duas proeminentes antenas parabólicas e uma câmera de vídeo despontava de cada canto da casa. A vigilância da Casa da Moeda não devia ser muito maior.

Pulaski abriu o portão e pisou no terreno. Evelyn seguiu-o pelo caminho de cascalho que levava à entrada da casa.

“O senhor juiz continua em casa.” Pulaski apontou para a garagem, anexa à casa. O portão estava aberto, de modo que a Mercedes cinzenta ficasse à vista, com seu estofamento branco, e um protetor de volante felpudo, também cinza.

Incrível que alguém ainda usasse algo assim... Aos olhos de Evelyn, isso sempre dava a impressão de carro de senhor de idade. Ao menos na Áustria era assim. O motorista geralmente usava chapéu e nunca ia a mais de sessenta por hora na estrada — coisa que a irritava profundamente.

O jardim parecia bem cuidado. O sol da tarde brilhava por entre os galhos das árvores. Havia cheiro de serragem, usada para cobrir o solo dos canteiros, e de grama recém-cortada. Nos canteiros de rosas não havia uma única folha seca e os cascalhos dos caminhos haviam sido ordenados com rastelo. Curiosamente, uma lata enferrujada e um velho cortador de grama com motor a gasolina destoavam ao lado do composto orgânico, destruindo a imagem do jardim perfeito.

Se Bolten não empregava um jardineiro, havia descoberto a jardinagem como *hobby* na aposentaria — ao lado da sua paixão por cruzeiros com fins pedófilos. Qual seria a sua aparência? A julgar pelo estado das cercas vivas e do gramado, podia-se esperar um senhor culto e atraente, em seus melhores anos. Seria mais

uma confirmação de que a aparência externa enganava sobre os abismos interiores das pessoas.

Pulaski subiu a escada que levava até a porta e tocou a campainha. O som do gongo e o correspondente eco atrás da porta eram suficientes para revelar que ali não era casa de gente pobre.

Evelyn colocou-se ao lado de Pulaski na entrada com piso de mármore. “Você pretende me apresentar novamente como sua colega?”

Pulaski olhou-a de lado. “Você gostaria disso?”

“De certo modo, acho divertido.”

“Eu acredito. Contudo, o que estamos prestes a descobrir não será nada divertido.”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

“Eu sei.” Ele olhou-a novamente. “Para falar a verdade, nunca tive uma colega tão bonita.”

Evelyn riu. Há poucos dias, sua reação ainda teria sido diferente. Ficaria envergonhada. Agora, sentia-se lisonjeada. “Obrigada, mas está desperdiçando seus galanteios com a mulher errada.”

“Já sei, você está prometida a esse tal Patrick.”

“Eu estava mais pensando em Sônia. É a *ela* que deveria elogiar.”

Ele sorriu. “Farei isso... assim que voltar.” Ele tocou a campainha novamente.

Pouco depois, a porta se abriu. Ela era de madeira maciça e Evelyn viu cinco fechaduras de segurança.

O homem, que estava parado à porta, correspondia exatamente à imaginação de Evelyn. Alto e bem-apessoado, com cabelos grisalhos e trajado em um terno feito sob medida. Suas mãos bem cuidadas mostravam que não era ele quem cortava a grama.

“Senhor Bolten?”, perguntou Pulaski.

“O senhor deseja?”

A voz sonora, que parecia a de um locutor de publicidade, deveria fazer qualquer mulher desmaiar, pensou Evelyn.

Pulaski sacou sua identificação policial do bolso e deixou a carteira de couro abrir. “Walter Pulaski, da Kripo de Leipzig, e esta é minha colega Evelyn Meyers, especialista em questões jurídicas. O senhor teria um café forte para nós?”

O homem pareceu precisar de alguns segundos para entender a pergunta. “Sinto muito, mas não tenho café em casa. Posso ajudá-los de alguma outra forma?”, perguntou, afinal.

“Podemos entrar? Gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.”

“Sim, claro.” O homem abriu a porta inteiramente e liberou a passagem. Evelyn notou que ele mancava. Pulaski percebeu também, mas Evelyn achou que o policial passou tempo demais olhando para a perna lesionada.

Quando quis seguir o “colega” para dentro da casa, seu telefone tocou. Parada sob o alpendre, olhou o visor. Patrick! Não seria fácil escolher um momento pior.

“Desculpe-me, por favor.” Ela atendeu a ligação.

“Olá, Patrick. Eu...”

“Oi, oncinha! Qual é a diferença entre Deus e um advogado?”

“Não posso falar agora, você pode me ligar em...”

“Deus não acha que é advogado!”

Ela ouviu sua risada. “Muito engraçado. Me liga daqui a meia hora, por favor.”

“Não posso. Tenho um compromisso na delegacia de polícia. Bernecker e sua equipe descobriram algo inacreditável.”

Ela olhou para Pulaski, que estava parado à porta, ao lado de Bolten. Ambos olhavam-na, curiosos.

“Lynnie? Alô? Você ainda está aí?”

Ela abaixou a mão com o celular. “Desculpem a interrupção. Estarei com vocês em alguns minutos.”

Então, voltou a dar atenção a Patrick, que soltou uma torrente de palavras.

“Sem problemas”, murmurou Bolten.

Pelo canto do olho, viu como Bolten deu um passo para o saguão escuro e Pulaski o seguiu. Pouco depois, a pesada porta fechou-se e ela ficou sozinha na entrada.

58

Evelyn enfiou a mão no bolso de seu jeans e pôs-se a andar pelo caminho de cascalhoenquanto falava ao telefone.

“Eu suponho que você tenha feito seu depoimento na delegacia de Flensburg e que esteja a caminho de casa, certo?”

“Não, ainda não.”

“Prenderam você?”

Evelyn suspirou. “Não, eu não estive lá ainda. Em vez disso, fui a Hamburgo e agora estou em Cuxhaven.”

“De novo?”

Era tão complicado, mas Patrick não a deixaria em paz antes que lhe tivesse explicado tudo. “Eu conheci um policial de Leipzig...”

“Você esteve em Leipzig?”

“Não, escute-me! Eu o encontrei em uma clínica psiquiátrica, e agora estou trabalhando no caso junto com ele.”

“Clínica psiquiátrica”, murmurou Patrick. “Talvez ele não seja um policial, mas apenas acredite ser um?”

“Deixe de besteira! Ele é legal.”

Patrick perdeu a fala por um momento. “E qual é a aparência dele?”

“O que isso tem a ver?”

“Ele é mais bonito que eu?”

Ela riu. “Ai, meu Deus, você está com ciúme? Eu não acredito. Não se preocupe, Walter Pulaski tem mais de cinquenta, e não é o meu tipo, ok?” Apesar de ser muito simpático, adicionou em pensamentos.

“Perna engessada ou não, eu devia ter ido com você”, grunhiu Patrick. “Basta deixá-la sozinha por um dia e já tem um cara de uniforme pendurado na sua saia.”

“Ele não usa uniforme, e não está pendurado na minha saia!”

“Mas que diabos vocês estão fazendo em Cuxhaven? Tomando café no jardim de inverno da tia Greta?”

“Viemos fazer uma visita ao doutor Alfons Bolten, e estamos prestes a descobrir...”

“Bolten!”, Patrick precipitou-se. Imediatamente, qualquer traço de humor havia desaparecido da sua voz. “Vocês estão com Bolten?”

“Sim.”

“Maldição! Eu não te contei que ele era o último sobrevivente justamente para que você não o procurasse!”

“Não foi difícil descobrir. Sybil mata os homens na ordem da lista.”

“Quem diabos é Sybil?”

“É complicado demais para contar agora.”

“Não importa! Escute-me bem, Lynnie. Deem o fora dessa casa. O cara é perigoso. Era isso que eu queria te contar.”

Evelyn olhou à volta. Ela estava no meio do jardim, entre dois canteiros de rosas, e tinha uma boa visão da parte posterior da casa e do terraço. Aqui também todas as venezianas de metal estavam completamente fechadas.

“Perigoso em que sentido?”

“Você está em segurança? Pode falar?”

“Sim, estou no jardim.” Ela olhou para o terraço e pensou em Pulaski. Não tinha de se preocupar com ele. Era um policial armado e sabia o que fazia. Ainda assim, seu coração batia até a garganta.

“Perigoso em que sentido?”, repetiu ela.

“A Kripo de Viena descobriu que o juiz aposentado foi um amigo íntimo de Edward Hockinson.”

“E daí? Isso não é nada especial. Ambos moram em Cuxhaven e... Espere!” Ela deteve-se. Subitamente, lembrou-se da conversa com Greta Hockinson. Ela havia mencionado que um jurista aposentado cuidava das questões financeiras do espólio, já que ela mesma não queria botar os pés no escritório de seu pai. Esse amigo era Bolten! Ao mesmo tempo, ele havia participado do cruzeiro. Depois da morte de Hockinson, responsabilizara-se pelas questões patrimoniais. Ou seja: tinha acesso a todos os documentos.

Patrick queria dizer algo, mas Evelyn o interrompeu. “Bolten deve ser o chantagista!”

“Não”, contradisse Patrick. “A Kripo descobriu quem era o titular da conta anônima do Volksbank de Hamburgo, que recebia os pagamentos. Adivinhe. O correntista era Edward Hockinson.”

De repente, o mundo em torno de Evelyn começou a girar. Onde estava o erro de raciocínio? “Mas Bolten teria de ser ao menos cúmplice de Hockinson.”

“Possível. Mas o beneficiado pelo dinheiro da chantagem, sem dúvida, era Hockinson.”

Evelyn ainda fitava os fundos da casa. “Por que você disse que Bolten é perigoso?”

“Porque ele adquiriu recentemente uma grande quantidade de Botox altamente concentrado.”

“Botox? Ele quer fazer cirurgia plástica?”

“Também se pode paralisar pessoas com Botox.”

“E como ele conseguiu a substância? Certamente, não deve ter comprado na farmácia.”

“Um representante externo do fabricante desviou amostras para médicos e vendeu ilegalmente. O escândalo veio à tona justamente porque o nosso ex-juiz foi um dos compradores... Além disso, ele tem uma licença de porte de arma para uma Luger[1].”

Botox! E uma Luger!

Evelyn pensava em Pulaski. “Preciso desligar.”

Enquanto desligava o celular, já corria pelo gramado, em direção ao terraço.

Cuidadosamente, procurando não fazer barulho, passou pelas cadeiras de *camping* até a porta do terraço, que era dividida em cinco partes. O sol da tarde espelhava-se no vidro. Ela aproximou o rosto da janela e protegeu a vista com as mãos. Mesmo assim, não dava para ver nada. Uma cortina escura bloqueava a visão para dentro da casa. Sorrateiramente, moveu-se ao longo da fachada de vidro à procura de uma possibilidade de entrar na casa ou, ao menos, de olhar para dentro. Caso não encontrasse, não teria outra alternativa a não ser a porta da frente.

Ao pressionar o rosto contra o vidro novamente, a porta de vidro cedeu, abrindo-se para dentro até ser freada pela grossa cortina. Somente agora Evelyn percebeu que o vidro havia sido quebrado por fora, formando um buraco do tamanho justo para se enfiar a mão e abrir o trinco.

Cuidadosamente, ela empurrou a porta e afastou a cortina. Atrás dela havia uma sala imersa na penumbra.

1. A pistola Luger P08, fabricada na Alemanha, foi considerada o maior suvenir da Segunda Guerra Mundial.

59

O ar do ambiente cheirava a mofo e a uma mistura desagradável de naftalina, fumaça de charutos, estofados empoeirados e jornais velhos.

Evelyn entrou cautelosamente. Quando sentiu os cacos de vidro embaixo de seus tênis, parou por um momento. Silenciosamente, fechou a porta do terraço e deixou a cortina em sua posição original.

Demorou um tempo até que seus olhos se acostumassem à penumbra. Aos poucos, os contornos do sofá, da mesa, do abajur e de várias cômodas pesadas apareceram da escuridão. Das paredes, pendiam quadros monstruosos. Não se ouvia uma palavra. Para onde haveriam ido Bolten e Pulaski?

Evelyn movia-se furtivamente pela sala. A possibilidade de derrubar algum objeto deixava-a nervosa. Pegou o celular do bolso e apontou a tela acesa para o chão. A luz era suficiente para ver que não havia nada sobre o tapete. Cruzou o quarto vagarosamente até chegar a um arco que dava para uma antessala. Aqui, a escuridão era ainda maior. Tateou ao longo da parede, passando a mão por cima de uma cômoda. Percebeu uma toalhinha de crochê, molduras de fotografias e porta-velas. Esse silêncio! Havia algo de errado nesta casa. Então, sentiu um interruptor na parede. Deveria acender a luz? Com isso, atrairia a atenção de Bolten diretamente para si. Não podia fazer nada impensado. Como todas as janelas estavam bem fechadas, impedindo qualquer vista para o jardim, Bolten deveria presumir que ela ainda estivesse lá fora — e ela preferia que fosse assim, por agora. Seguiu então tateando no

escuro através da antessala. Encontrou uma porta, abriu-a um pouco e enfiou a cabeça pelo vão.

“Pulaski?”, cochichou.

Nenhuma resposta.

À luz do visor do celular, alcançou a próxima porta. Ela repetiu o procedimento e, mais uma vez, ficou sem resposta.

Finalmente, chegou ao corredor. A essa altura, havia perdido a orientação e não sabia mais em qual direção ficava a porta de entrada ou a porta do terraço. Abriu qualquer porta, entrou no quarto e percorreu a parede com a mão, até achar o interruptor e apertá-lo.

Uma luz vermelha a ofuscou. Protegeu os olhos com a mão e olhou à volta, piscando. Nesta sala, havia uma cama de casal, um tripé para uma câmera e um armário com dúzias de gavetas. Havia um cheiro penetrante de loção pós-barba e perfume masculino. A lâmpada vermelha e nua gerava uma atmosfera obscura. Evelyn notou a ausência de janelas no quarto.

Pensou em sentar-se sobre a cama para pensar, quando notou a capa de plástico por cima do colchão. Enojada, permaneceu em pé. Ao lado do travesseiro, havia vários bichos de pelúcia, todos idênticos. Coelhos amarelos de orelhas compridas. Um deles tinha a barriga cortada, das pernas ao pescoço, de modo que a espuma se espalhava para fora.

Não havia câmera sobre o tripé. Devia estar em uma das gavetas. Evelyn abriu algumas, aleatoriamente. Em uma delas, encontrou meia dúzia de algemas, mas nenhuma câmera. Em outra, uma quantidade de vídeos etiquetados. *Nadine, fevereiro 2004. Petra, junho 2004. Margit, outubro 2005. Anna, dezembro 2005.* Sempre no começo das férias escolares.

Evelyn sentiu enjoo.

Rapidamente, fechou as gavetas, apagou a luz e fechou os olhos. Círculos vermelhos imaginários piscavam diante das suas pupilas. Com as costas na porta, tentou pensar em Patrick. Como era mesmo a piada com Deus e o advogado? Tentou desesperadamente lembrar-se, mas não pôde se concentrar. As dúzias de caixas de vídeos não lhe saíam da cabeça. Imaginou o senhor grisalho, distinto, de terno fino, sentado na capa de plástico da cama. Ainda por cima um antigo juiz da vara de menores. Certamente, era um figurão respeitado em Cuxhaven. Sentiu o ácido do estômago na garganta e engoliu amargo.

Tinha de encontrar Pulaski! E, se não conseguisse, tinha de sair dessa casa o mais rápido possível, antes de cair nas mãos desse maluco. Seu celular quase lhe escapou por entre os dedos enquanto mastigava compulsivamente seu lábio inferior. Somente agora percebeu que tinha as mãos molhadas de suor. Ao secá-las na calça jeans, tocou o canto do cartão de visita de Pulaski, que despontava do seu bolso. É claro! Esperava que ele não houvesse deixado o aparelho no carro. Ela ligaria para ele, não para falar, mas sim para escutar de que lado da casa vinha o ruído do toque e logo desligar.

Por nada nesse mundo ela acenderia novamente a luz desse quarto. A iluminação do visor era suficiente. Ela tirou o cartão do bolso.

Inspetor-chefe de investigações criminais. O número estava abaixo, e era fácil de lembrar. Seus dedos deslizavam no escuro, por sobre as teclas do telefone. Depois de discar, teria poucos segundos apenas. Não podia perder o toque. Enquanto esperava a conexão, apertou a maçaneta, abriu a porta e apressou-se em sair para o corredor e voltar à antessala. De repente, um feixe de luz caiu sobre as pontas dos seus tênis, por baixo de uma porta.

O coração de Evelyn parou por um momento, ao ver os contornos de uma pessoa na antessala. A silhueta era delgada demais para ser um dos homens, ambos grandes. Além disso,

Evelyn sentiu um perfume de mulher. O vulto movia-se lentamente, deu um passo em direção a Evelyn e inclinou a cabeça para a frente. Os longos cabelos caíram-lhe por sobre o ombro. Evelyn não podia acreditar em seus olhos. Seria... *Sybil?* No momento seguinte, o som abafado do toque do celular soou da sala de onde vinha o feixe de luz. Imediatamente, Evelyn interrompeu a ligação. O som calou.

Pelo canto do olho, Evelyn viu a mulher desaparecendo em direção à sala. Deveria segui-la? Agitada, olhou à volta. Pulaski era mais importante. Decidida, girou a maçaneta.

O brilho fosco de um tubo de néon ofuscou-a. Diante dela, uma escada estreita descia íngreme para o porão. Pouco depois, a luz se apagou.

60

“Merda!”, chiou Evelyn. Ela enfiou o celular no bolso da calça, tateou com as mãos pela parede nua de cimento e desceu pela escada.

A cada degrau, percebia o frio aumentando. Cheirava a cal. Ao final da escada, havia mais luz. Entrou numa antessala, na qual havia várias portas pesadas contra incêndios. Uma delas estava apenas encostada. Pela fresta, caía a luz opaca do dia. A pessoa que apagara a luz ainda tinha de estar aqui embaixo. Cautelosamente, Evelyn aproximou-se da porta e empurrou-a com o pé. Por sorte, ela não fez ruído nenhum.

Os raios do sol, que se punha, megulhavam pelo vidro sujo da janela no teto, tingindo a sala de um alaranjado-escuro. Em um dos cantos, havia uma pilha de entulho onde se via carvão, tábuas de madeira, trapos velhos e papel de jornal amassado. Em outro, alguns metros cúbicos de lenha e um fogão. Ao lado dele, um aquecedor de água, cheio de indicadores, válvulas e tubos, que passavam rente à parede e ao teto. Parecia o porão da casa dos seus pais, onde brincara de esconde-esconde com sua irmã quando criança — com a diferença de que, de trás da caldeira, despontava um par de pernas. Evelyn reconheceu os sapatos de Pulaski.

Ela saltou por sobre os pedaços de lenha e deu a volta no aquecedor. Pulaski estava deitado no chão, algemado e preso a um dos canos do aquecedor. Sua boca estava colada com uma tira larga de fita isolante. O celular havia caído do seu bolso e estava fora de seu alcance.

Ela abaixou-se sobre ele e soltou a mordaça. Ele mal respirava.

“Bolten é o assassino dos jovens. “Eu o havia acertado na perna ontem... O *spray*!” Ele começou a tossir.

Com pressa, ela vasculhava os bolsos internos de sua jaqueta. Nisso, percebeu que o coldre de ombro estava vazio. Então encontrou o inalador, levou-o aos lábios de Pulaski e apertou-o duas vezes.

Aliviado e bufando, Pulaski encostou a cabeça na parede.

“O desgraçado me dominou como fez com as crianças”, cochichou. “Ele já estava com a seringa preparada atrás das costas, e aplicou-me uma dose de Botox no ombro e outra na coxa.”

Evelyn entrou em pânico. “Cadê a sua arma?”

“Ele pegou.”

“Você pode se mover?”

“Somente a perna direita.”

“Merda, tenho de achar um jeito para tirá-lo daqui.” Ela começou a mexer nas algemas. “São as suas? Você tem a chave?”

“Não”, arfou Pulaski. “Você tem de se apressar. Bolten tinha acabado de apagar a luz. Ele ainda deve estar por aqui. Ele a viu entrar na casa?”

Evelyn fez que não com a cabeça. “Ele pensa que eu ainda estou lá fora.”

“Por que você demorou tanto?”

“Eu descobri que Bolten e Hockinson chantageavam os passageiros responsáveis pela morte no cruzeiro”, sussurrou

Evelyn. Ela levantou-se e seguiu a corrente que estava enrolada no cano do aquecedor.

“Quando Bolten soube que seus companheiros de viagem estavam morrendo um após o outro”, cochichou ela, “deve ter deduzido que uma das crianças havia voltado para se vingar.”

Ela manipulava o cadeado que segurava a corrente, mas não conseguia abri-lo.

“Silêncio...”, ele sussurrou.

Ela segurou a corrente para parar o barulho. “Seja por medo de que a coisa pudesse vir à tona, seja por temer ser assassinado também, ele procurou as vítimas e matou-as, fazendo com que parecessem suicídios.”

Enquanto falava, tentava empurrar a corrente ao longo do cano, mas este desaparecia depois de poucos metros dentro da parede.

“Mas como ele conseguiu as informações sobre as crianças sem levantar suspeitas?”, perguntou ele.

“Como ex-juiz, deve ter tido acesso fácil aos dados... Eu não consigo soltar esta merda de corrente!”

“Esqueça a corrente. Chame a polícia. O número é 110! Você será transferida automaticamente!”

Evelyn fez como Pulaski mandou. O celular estava estabelecendo a conexão, quando ouviu uma voz atrás de si.

“Desista, senhora Meyers.”

Evelyn virou-se.

Alfons Bolten estava em pé atrás dela, usando luvas de látex e estendendo-lhe a mão. “Seu telefone, por favor!”

Na outra mão, ele segurava uma pistola apontada para a cabeça dela.

61

Com os dedos trêmulos, ela entregou o telefone a Bolten.

“Muito obrigado.” Ele interrompeu a ligação, quando, de repente, o celular tocou. Surpreso, ele olhou para o aparelho.

“Está esperando uma ligação?”

Ela não respondeu.

“Vejamos quem ainda se interessa por você, tão perto da sua morte.” Com um olhar de expectativa, levou o celular ao ouvido. “Alô?”

Enquanto escutava, mantinha Evelyn e Pulaski sob a mira da arma.

“Sinto muito, a senhora Meyers está indisponível no momento”, disse, interrompeu a ligação e sorriu, presunçoso. “Que pena. Eram seus colegas de Flensburg.”

Com um toque no botão, desligou o celular. Como se não fosse o bastante, deu um passo para trás, colocou o telefone no vão da dobradiça da pesada porta corta-fogo e bateu-a com força. O celular se partiu e as peças quebradas voaram pela sala.

“Parece que não é a primeira vez que faz isso”, grunhiu Pulaski.

“Eu gosto de improvisar”, respondeu Bolten.

“Eu percebi quando fugiu pela escada de incêndio.”

Bolten sorriu. “O senhor estava um pouco fora de forma.”

“Para um tiro na perna, foi o suficiente.”

“Além disso, é um péssimo atirador.” Bolten trocou a arma para a outra mão. “Por falar em improvisar.” Dirigiu-se novamente a Evelyn. “Você levou bastante tempo para encontrar o seu colega.” Ele aproximou-se e revistou-a, à procura de uma arma.

“Tire as mãos de mim, seu porco perverso!”

Ele deu-lhe um golpe com a coronha na cara. Seu lábio estourou, ela cambaleou para trás, tropeçou nas pernas de Pulaski e caiu no chão. A dor martelou no seu cérebro. Em seguida, sentiu o sabor amargo do sangue na boca. Com os dedos tremendo, tocou seus lábios. O sangue pingava em seu pulôver. Não podia acreditar que o desgraçado havia batido nela.

“Eu escutei a sua conversa de agora há pouco. É surpreendente o quanto descobriu. Mas foi injusta com o honorável senhor Hockinson na sua teoria. Na verdade, ele não sabia nada da chantagem.”

“Não diga!”, ladrou Evelyn, agressiva.

“Depois da morte de Manuel, sua consciência o torturava. Ele era um homem de negócios sujos, mas não um assassino. Ele quis interromper o cruzeiro e destruir todos os documentos, mas a bondosa Greta conseguiu salvar a lista de passageiros original da última viagem, antes que ela fosse parar na lareira com os outros papéis. Você achou a lista, não é?” O tom galante da sua voz modificou-se. “Onde ela está?”

Evelyn não respondeu.

“Provavelmente, no seu carro”, suspeitou Bolten.

De súbito, tudo ficou claro para Evelyn. “A conta em Hamburgo era de Greta. A ideia foi *dela*! Ela é a chantagista.”

“Você sabe da conta também?” Bolten fez cara de reconhecimento.

“Evelyn, não diga mais nada!”, advertiu Pulaski.

Bolten sorriu, indulgente. “Mas que belo conselho. De uma maneira ou de outra, eu colocarei uma bala na cabeça da sua amiguinha. E o farei com a sua arma de serviço, que tem as suas impressões digitais. Os resíduos dos disparos de ontem na sua mão devem ser o bastante.”

“Esse plano maluco nunca funcionará”, ameaçou Pulaski.

“E o que importa?”, perguntou Bolten, calmamente. “Temos dinheiro suficiente para desaparecermos.”

Evelyn não escutava mais. A ideia de acabar com um projétil na cabeça parecia-lhe tão irreal que não sabia se devia ter medo ou não. Bolten podia maltratar, chantagear, rodar vídeos em seu quarto da luz vermelha e assassinar jovens traiçoeiramente. Contudo, sua intuição lhe dizia que atirar em dois adultos a sangue-frio em um porão combinaria mais com Greta. Essa mulher era mais esperta e tinha menos escrúpulos do que Evelyn havia suspeitado até agora.

Greta! Seus pensamentos giravam. De repente, deu-se conta de que não houvera roubado a lista do escritório de Edward Hockinson, mas sim do de Greta. O quarto com os arcos esportivos nas paredes e a besta de fibra de vidro na vitrine era o escritório de *Greta*.

Ela era a arqueira.

“Greta esteve envolvida na organização dos cruzeiros com seu pai desde o começo!”, gritou. “Aquela vaca estava sempre a bordo...”

“Evelyn, cale-se!”, interrompeu Pulaski.

“Não!”, rugiu Evelyn. “Foi Greta quem riscou seu próprio nome no final da lista!”, prosseguiu. “Ela foi o décimo terceiro passageiro!”

“Vaca?”, repetiu Bolten, em um tom perigosamente contido.

“Foi a vaca também quem arranjou os órfãos?”, gritou Evelyn. “Ela é tão responsável pela morte do menino quanto os outros, mas não teve escrúpulo algum em chantagear uma dúzia de homens!” Ela falava como em um transe furioso.

Então, Bolten deu um salto para a frente e investiu novamente contra o rosto de Evelyn com a arma. Dessa vez, ela levantou o braço a tempo, de modo que ele acertasse somente o seu pulso.

“Ela não foi responsável pela morte do menino!”, berrou Bolten. “Quando ele morreu, ninguém quis saber de nada. Greta teve de fazer o trabalho sujo e livrar-se do cadáver.” A baba lhe escorria pelo canto da boca, ao debruçar-se sobre Evelyn. *“*Por *isso* ela passou a chantagear os homens. Porque nós ficamos sozinhos com o defunto nas dunas, enquanto os outros esvaziavam o bar, sentados no navio!”

“Você tinha um caso com ela, não é mesmo?”, sussurrou Evelyn, ao mesmo tempo que protegia o rosto com as mãos, pois contava com outro golpe.

“Greta tem mais coragem que vocês dois juntos!”, atacou Bolten.

“Ela é tão *doente* quanto você. E você é submisso a essa vaca!”, bradou Evelyn. Ela não sabia por que, mas não podia calar a boca. Tinha de pôr tudo para fora, mesmo que fosse a última coisa que ela dissesse. Ainda que ele batesse nela mil vezes. Ela havia passado por tanta coisa na vida que ele não conseguiria machucá-la mais do que já havia acontecido.

Entretanto, em vez de armar um novo golpe, ele foi até o canto e começou a revirar o monte de entulho. Jornais, tábuas de madeira e trapos de limpeza voavam pela sala. Finalmente, sacou uma almofada suja da pilha e jogou-a no colo de Evelyn.

“Segure-a com as duas mãos na frente do rosto.” Ele estava fora de si, e aproximou-se dela com a arma. “Anda! Vai logo! Vai abafar o ruído.” Ele pressionou o cano da pistola contra a sua testa.

“Não!”, gritou Evelyn.

“Agora!”

Ela atirou a almofada no canto.

“Como quiser.” Bolten voltou à pilha de lixo, pegou um saco sujo de carvão, desdobrou-o e voltou em direção a Evelyn.

“Isso não!”, gritou ela. Em pânico, rastejou até a parede. “Não sobre a cabeça! Por favor, não”, gemeu. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Subitamente, ela voltara a ser a garotinha de dez anos que sentia o gosto do saco de juta na boca, os arranhões na pele e o cheiro de mofo.

Ela cerrou os olhos. “Não, por favor!”, implorou ela. “Eu faço qualquer coisa que exigir de mim.”

Bolten não lhe deu ouvidos e passou o saco por cima da cabeça dela.

No mesmo momento, tudo ficou escuro. Ela ficou paralisada. Seu corpo contorceu-se, seus músculos começaram a palpitar. Não podia respirar. Não é como da outra vez, dizia a si mesma. Mas não tinha tempo para pensar. Sentiu em seguida o cano da arma na testa. Queria dizer algo, apenas três palavras — *Por favor, não!* —,

mas suas cordas vocais não reagiam. Então, escutou como Bolten puxou o gatilho. O gatilho moveu-se. *Clic!*

Ele tentou mais uma vez, agora pressionando o cano com mais força contra a sua testa.

Clic!

“Merda!”

Ela ouviu o pente deslizando para fora do cabo.

“Esta merda está vazia”, berrou Bolten.

A voz de Pulaski chegou até ela, abafada. “Os policiais de Göttingen ficaram com as minhas balas.”

“Você entrou na minha casa com uma arma descarregada?”, gritou Bolten. “Seu idiota!”

A pistola foi ao chão.

“Então vai ser com a minha.”

Ela escutou algo. Era a arma que ele tirava do cinto. Em seguida, o clique da trava sendo solta.

“Não faça isso!”, gritou Pulaski. Agora havia pânico na sua voz. Evelyn sentiu, mais uma vez, o cano de uma arma na testa.

Pulaski repuxava a corrente, mas seu movimento era fraco. “Seu maldito filho da puta! Não faça isso! Ela é apenas uma advogada que não tem nada a ver com a história.”

“Ela tem tudo a ver com a história”, sussurrou Bolten.

Ele pressionava a arma com mais força.

Evelyn viu tudo preto, quando ouviu o som da pistola armando para o disparo.

“Alfons?”

Subitamente, a pressão aliviou.

“Alfons?”, repetiu a voz.

O tom sedutor e juvenil vinha da escada para o porão.

Evelyn ouviu um tilintar. Apesar do medo, reconheceu o sotaque do norte.

“Alfons? Venha para mim!”

O tilintar parecia ser de algemas.

62

Evelyn sentiu a arma se afastando da sua cabeça.

“Quem mais vocês trouxeram?”, rugiu ele.

O cérebro de Evelyn não funcionava mais. Ela escutou apenas o pontapé de Bolten em Pulaski, que gemeu.

“Quem mais vocês trouxeram?”, repetiu Bolten.

“Não sei, seu desgraçado!”, falou Pulaski, por entre os dentes.

Evelyn ouviu os passos de Bolten. A porta de metal bateu e a chave deu duas voltas.

“Evelyn?”, sussurrou Pulaski.

Ela não respondeu. Seu corpo estava todo tenso. Os músculos da sua nuca saltavam e seu estômago contraía-se em ondas constantes, intermináveis.

“Evelyn! Ele foi embora. Você está me ouvindo?”

Venha para mim!

Quem havia dito isso? Ela mesma? Ela era novamente a garotinha na cabana de caçadores? O saco de juta, as amarras, a mordaça. Seus pensamentos iam à deriva...

“Evelyn?”

O pé de Pulaski acertou-a na coxa. Ela contorceu-se.

“Evelyn! Você tem de me ajudar!”

Suor frio escorria por suas costas. Seus dedos estavam gelados e tremiam. Ela mal podia movê-los.

“Ele se foi!”, chamou Pulaski. “Estamos em segurança. Tire o saco da cabeça.”

Atormentada pela dor na barriga, Evelyn tentou levantar os braços. Conseguiu agarrar alguns fios e puxou. Imediatamente, sentiu uma onda de ar fresco chegando até ela.

“Isso mesmo. Continue!”

Ela puxou o pano com ambas as mãos, respirou fundo e finalmente tirou o saco da sua cabeça. Claridade. Ela abriu os olhos e viu o crepúsculo do entardecer pela janela do porão. Seus pulmões enchiam-se de oxigênio. Pouco a pouco, a tensão esvaía-se dos seus ombros e braços.

“Por Deus, Evelyn! O que foi que aconteceu?”, perguntou Pulaski.

Ela virou a cabeça e quis dizer algo, mas sua garganta estava ressecada.

“Você está pálida.” Pulaski fitava-a, aterrorizado. Pelo desespero no seu olhar, Evelyn soube que ele temeu por sua vida.

Ela tentou sorrir. “Está tudo bem.”

“Agora há pouco, não parecia.”

“O que aconteceu?”, perguntou ela.

“Bolten nos trancou e subiu. Há mais alguém na casa.”

“Sybil”, cochichou ela.

Nesse instante, ouviram um grito, o barulho de cadeiras se arrastando e vidro estilhaçando. Um corpo sendo jogado, uma cadeira atirada e algo caindo pela escada. Outro grito e, então, silêncio...

“Evelyn, rápido! Procure a minha arma. Deve estar atrás do aquecedor.”

Ela levantou-se. Com as pernas bambas, cambaleou pelo porão e agarrou-se a um cano. A pistola estava ao lado da pilha de entulho.

“No bolso de trás da minha calça, há um carregador de reserva. Coloque-o na Walther.”

Demorou até que Evelyn voltasse a si. Como num transe, ela levantou a arma do chão, foi até Pulaski e virou-o de lado. Encontrou o pente de balas no seu bolso, e Pulaski explicou-lhe como inseri-lo.

“... e aí ao lado está a alavanca de segurança. Agora puxe a corrediça para trás, para que a primeira bala entre na agulha.”

“Você não vai querer que eu atire com esse troço?”

“Eu mesmo o faria, mas meus músculos estão moles como borracha. O Botox deverá manter meus nervos fora de ação por mais algumas horas.”

Evelyn puxou a corrediça para trás.

“Ei!”, gritou Pulaski. “Não aponte para mim!”

“O que devo fazer?”

De súbito, o olhar de Pulaski perdeu-se na distância. Ele olhava pela claraboia no teto. “Eu não acredito.”

Ela seguiu o seu olhar. Pela janela com grades, via uma parte do jardim. Bolten e Sybil passavam por ela. A jovem vestia um pulôver preto e uma calça de agasalho cinza, desbotada. Evelyn levantou-se, aproximou-se da janela, subiu em uma caixa de madeira e ficou na ponta dos pés.

“O que você vê?”, disse Pulaski.

Bolten e Sybil andavam lado a lado pelo gramado, em direção ao cortador de grama parado ao lado da pilha de composto orgânico. Era uma cena curiosa. Bolten estava manso como um cordeiro. Parecia deixar-se levar ao matadouro por Sybil.

“O que está vendo?”, insistiu Pulaski.

Evelyn encontrou um pano sobre o batente da janela e limpou uma parte do vidro embaçado. “Tenho a impressão de que Sybil está ameaçando Bolten com uma seringa apontada para a jugular dele. Seus braços pendem flácidos ao lado do corpo. Ele cambaleia, como se estivesse à beira de um desmaio.”

Pulaski, num acesso de humor negro, riu, divertido. “Não é que ela lhe meteu sua própria injeção no pescoço?”

“Ele está se ajoelhando à sua frente...” Evelyn calou-se. O que via era inacreditável.

Bolten choramingava e implorava por sua vida, mas Sybil puxou sua cabeça para trás, com força. Sua voz soava abafada através da janela. “Veja o que eu preparei para você.”

Ela abriu o tanque do cortador de grama e enfiou uma mangueira na abertura. A outra ponta, meteu na garganta de Bolten.

“Beba!”

Bolten abanou a cabeça. “O tanque está vazio”, grunhiu, com a mangueira na boca, enquanto seus braços amortecidos roçavam o

chão. Seu tronco enfraquecido bamboleava para a frente e para trás.

“Eu pus diesel no tanque. E agora beba!”

“O motor é a gasolina”, grunhiu Bolten.

“Mas que azar!” Sybil deu-lhe um tapa na parte de trás da cabeça. “Então você terá de sugar o diesel para fora. Vai, agora!”

Bolten negou, abanando a cabeça. As lágrimas corriam-lhe pela cara. Quando Sybil meteu-lhe mais um pedaço da agulha no pescoço, ele obedeceu. Primeiro, regurgitou, mas Sybil obrigava-o a seguir sugando. Afinal, o líquido amarelado desceu pela mangueira, mas ela não tirou a ponta da boca do homem. Ele engolia, embuchava, tossia e lambuzava-se de óleo *diesel*.

Então, Sybil deu um passo para o lado e meteu a mão no bolso.

“O que ela está fazendo?”, perguntou Pulaski.

Evelyn continuava na ponta dos pés, esticando a cabeça para cima. “Não estou vendo direito”, respondeu.

“Eu acho que está pegando um maço de cigarros e uma caixa de fósforos.”

“Ela irá queimá-lo!”, gritou Pulaski. “Faça alguma coisa!”

“Mas o quê?”

“Dê um tiro no vidro!”

“E depois?”

“Impeça-a! Isso é homicídio! Você precisa evitar!”

Evitar a morte desse cara?, pensou Evelyn. Sentiu uma calma espalhando-se no seu interior.

Involuntariamente, pensou na cabana na floresta e no homem que havia cumprido sua ameaça.

Se ela tentasse defender-se ou libertar-se, ele mataria Sandra. Ele havia-lhe avisado, não somente uma vez, mas ela não quis escutar. Ela pensou ser mais esperta. Mas quem, com dez anos, era esperto a ponto de enganar um louco? Os médicos não puderam fazer mais nada por Sandra. Poucas horas antes de os policiais encontrarem a cabana, ela havia sido estrangulada. Ele a havia enterrado ali perto, nem mesmo meio metro abaixo da terra, e jogado folhas secas por cima. Como se isso fosse bastar...

Depois disso, viu-o apenas mais uma vez. Durante a acareação, havia mais médicos e psicólogos presentes que policiais. Ele negou tudo, mas havia deixado as suas marcas em Sandra e nela. Apesar de ainda ser uma criança, ela teria gostado de colocá-lo embaixo da terra também, com as próprias mãos, de ter-lhe arrancado o rosto da cabeça, ou de tê-lo ensopado com gasolina e ateado fogo. Somente semanas depois, ao ver o beliche vazio, veio a culpa. Se ela não tivesse fugido...

“Evelyn!”

Ela estremeceu, assustada.

“O que ela está fazendo?”

“Está fumando um cigarro.”

“Faça alguma coisa!”

Acenda logo esse porco e deixe-o queimar, pensou e assustou-se com o próprio pensamento. De repente, um clarão. Evelyn afastou-se, ofuscada.

Labaredas subiram ao lado do cortador de grama, e Evelyn teve a impressão de sentir o calor na face. Ela fechou os olhos, e imaginou que fosse outro alguém pedindo desesperadamente por socorro e por perdão. Mas a hora de perdoar não era hoje — ainda menos num lugar como este.

Os chamados de Pulaski calaram, assim como os gritos de Bolten.

Evelyn desceu da caixa lentamente, andou de volta até a parede e sentou-se. Sentiu o frio do muro nas costas. Suas mãos estavam tão geladas quanto o cabo da pistola. Contudo, por dentro, sentia-se plenamente tranquila. Nunca mais esse monstro colocaria um saco sobre a sua cabeça, ou de qualquer outra mulher. Nunca mais levaria uma criança para o seu quarto vermelho, e nunca mais a câmera o gravaria sentado na cama com os coelhos de pelúcia amarelos.

“Evelyn...”, murmurou Pulaski.

“Fique quieto!”

No momento, não suportava voz alguma. O caos na sua cabeça era ruidoso o bastante. Eles permaneceram um tempo em silêncio, escutando o crepitar das chamas, que, aos poucos, diminuía.

Em meio ao silêncio, o som de um motor dando partida, abafado pelos muros de uma garagem. Provavelmente, Sybil havia encontrado as chaves da Mercedes de Bolten. Ela realmente sabia dirigir um carro?

Evelyn escutou os pneus girando sobre o cascalho, o portão automático se abrindo e o carro deixando o terreno.

“Para onde será que ela vai?”, murmurou ela.

A pergunta não era dirigida a ninguém, mas Pulaski, assim mesmo, respondeu. “Você não consegue imaginar?”

Ele esperou até que ela o olhasse. “Você mesma deu-lhe a pista. Ela vai à casa de Greta Hockinson, para apagar o último nome da lista.”

63

Evelyn não pôde acreditar no que ele disse em seguida.

“Temos de evitar o assassinato de Greta!”

Ela fixou-o longamente com o olhar. Por Deus, o que dizia esse homem? Greta Hockinson era a arquiteta por trás dos cruzeiros. Ela causara todo aquele sofrimento às crianças, e havia mandado a maioria para a psiquiatria. Sem ela, Manuel provavelmente ainda viveria, ou, ao menos, seu corpo não estaria embaixo de uma duna qualquer.

“Depressa”, insistiu Pulaski. “Ajude-me a levantar!”

Evelyn puxou-o para cima, até ele ficar sentado, escorado na parede. A corrente enrolada no cano do aquecedor dava-lhe espaço apenas para descansar os braços algemados no colo.

“O celular”, pediu ele.

Ela alcançou-lhe o telefone que havia caído do bolso. “Quer que eu disque para você?”

“Não é preciso...” Com os dedos frouxos, ele segurou o aparelho e ligou a função viva-voz.

“Tentarei pedir proteção policial para Greta Hockinson. Contudo, se isso demorar tanto quanto hoje de manhã com Lisa, provavelmente a ajuda chegará tarde demais.”

Ela sentiu o olhar penetrante de Pulaski. “Você poderia chegar a ela mais rápido.”

Evelyn olhou para a arma que ainda segurava na mão. “É possível abrir essa porta a tiros?”

“Fique a um metro da porta, feche bem o olho esquerdo, aponte a arma para a fechadura com as duas mãos e mire de modo que os cantos superiores da alça e da massa de mira formem uma linha.”

Evelyn posicionou-se em frente à porta.

“Estique os braços e não se assuste com o coice.”

Evelyn agarrou o cabo da pistola. As juntas dos seus dedos ressaltaram, esbranquiçadas. Quanto mais firme segurava a arma, mais as suas mãos tremiam.

“Fique tranquila”, disse Pulaski. “Relaxe.”

Ela puxou o gatilho. Foi mais fácil que pensara. No entanto, o estrondo foi ensurdecedor. O cabo bateu contra a sua mão. Viu-se envolta em uma nuvem de fumaça, e sentiu o cheiro de metal chamuscado.

“Um pouco mais para cima e para a direita”, corrigiu Pulaski. “Você tem de acertar o ferrolho no interior da fechadura.”

Ela esticou os braços e deu outros três disparos. A porta exibia quatro buracos escuros, em torno dos quais o metal amassara. Evelyn precisou repuxar um tanto a maçaneta, até que a armação estalasse e a porta finalmente abrisse.

Ela dirigiu-se a Pulaski. “Eu não posso deixá-lo para trás nesse estado.”

“Não se preocupe comigo.”

“Eu poderia tentar abrir as algemas com um tiro.”

“E correr o risco do projétil ricochetear no meu braço? Não, obrigado.”

Ele riu, sem entusiasmo. “Além disso, você nunca conseguiria subir a escada comigo. Trate de chegar em tempo até Greta. Enquanto isso, eu chamarei a polícia e a ambulância.”

Ela travou a pistola e colocou-a no colo de Pulaski.

“Por que isso? Leve-a com você!”

Levá-la? Quem ele achava que ela era? “Nunca”, retrucou.

“Eu nunca atiraria em uma pessoa!”

“E nem deve, mas talvez haja outros que não pensem da mesma maneira.”

“Eu me viro.”

“E como pretende ajudar Greta?”

“Está dizendo que eu devo evitar a morte dessa vagabunda?”

Pulaski fitou-a, pasmado. “O lugar dessa mulher é perante um tribunal. Ela deve ser condenada...”

“... e, em caso de uma sentença leve, voltar à liberdade após uns poucos anos de prisão”, concluiu Evelyn, com cinismo.

“Certamente, não.”

“Você não faz ideia.” Evelyn sabia bem do que falava. Já havia sido assim antes. Voltou a pensar no homem...

... que havia destruído a sua família. Havia sido solto depois de dez anos. A prisão durara apenas dois anos a mais que a idade de

sua irmã. Uma medida de segurança inclusa na sentença proibia-o de aproximar-se a menos de três quilômetros da casa de Evelyn, mas de que adiantava? Ele já havia se tornado parte da sua vida — um espinho em sua alma. Desde a sua fuga da cabana na floresta, não houve um dia em que não tivesse pensado em sua irmã... ou em seus pais. Felizmente, eles não haviam vivido para vê-lo sair da prisão. Eles mesmos haviam cuidado disso. Todos falavam sem parar do terrível acidente de seus pais, e de quanto sentiam pelo trágico destino de Evelyn. Como ela fora corajosa, sozinha de repente no início da faculdade, ganhando a vida com bicos e bolsas de estudos. Provavelmente, ela não era a única que desconfiava que não havia sido um acidente. Afinal, quem regulamentaria todas as suas burocracias financeiras apenas para, uma semana mais tarde, na chuva e de mãos dadas, atravessar os trilhos à frente dos faróis de um trem se aproximando em alta velocidade? Seu pai e sua mãe nunca teriam corrido esse risco. Ninguém nunca saberia a verdade, mas, lá no
fundo, Evelyn sentira que o sequestro havia deixado seus pais destroçados — e a iminente saída da prisão do homem os destruíra definitivamente...

“Mesmo em se tratando de uma assassina, você precisa tentar proteger a vida dela.” As palavras de Pulaski pareciam vir de muito longe. “Afinal, você representa a lei. Você é advogada e está trabalhando neste caso.”

Ela olhou para ele. “Eu não estou trabalhando no caso”, respondeu, baixinho.

Seus olhos arregalaram-se. “O quê?”

Era a hora de contar-lhe a verdade. “Meu chefe suspendeu-me do trabalho esta semana. Eu vim à Alemanha para investigar por minha conta.”

“Não me diga que está envolvida pessoalmente na coisa?”

Por um momento, pensou em Holobeck. “Em parte.”

Essa explicação devia ser suficiente para Pulaski. Ele não precisava saber que sua viagem, que começara com a inofensiva investigação dos casos do *airbag* e do bueiro, havia tomado as proporções de uma odisseia emocional pelo seu próprio passado. Contudo, viu em seus olhos que não seria capaz de esconder nada dele.

“Você passou por algo parecido ao que Lisa sofreu, não é?”

Não foi preciso responder. Pulaski conhecia o suficiente do ser humano para ler a resposta em seu rosto.

“Eu sinto muito”, disse, por fim, em um tom agora mais suave. “Mesmo assim, você é advogada, e, se estiver ao seu alcance evitar um assassinato, tem a responsabilidade de fazer isso.”

“Possivelmente você está certo.” Ela dirigiu-se para a porta.

“Leve a arma!”, avisou ele por detrás dela.

“Atirar na porta é uma coisa, atirar em uma pessoa é outra, bem diferente.” Ela não precisaria da pistola.

Enquanto subia a escada, na escuridão, recapitulou o caminho até a mansão de Hockinson na memória. Não levaria nem dez minutos para chegar até lá. Era muito provável que encontrasse Greta... e Sybil.

O que ainda não sabia era de que lado ficaria.

64

O portão do jardim da mansão de Hockinson estava aberto. Desta vez, nenhuma van da empresa Sicuro impedia o acesso.

Evelyn entrou com o carro no terreno e dirigiu pelo caminho de cascalho até a casa. Havia escurecido nesse ínterim.
À luz dos faróis, viu a Mercedes de Bolten parada em frente à escada que levava à entrada da casa. Evelyn parou atrás. Desceu do carro, trancou-o e foi até o carro de Bolten. A porta estava aberta e a chave, na ignição, mas não havia nenhum sinal de Sybil.

Evelyn olhou pelo jardim. Aparentemente, os técnicos da empresa de segurança ainda não haviam terminado o seu trabalho, pois embaixo do alpendre do pavilhão havia uma caixa de ferramentas e vários rolos de cabo. Por trás deles, via-se a superfície negra e cintilante do lago com suas ninfeias.

“Greta?”, chamou Evelyn, enquanto andava pelo caminho de placas de concreto que contornava a casa.

Nenhuma resposta.

A lâmpada ao lado da câmera parecia tão sem vida como a própria casa. Obviamente, as câmeras de vídeo embaixo do telhado ainda não funcionavam.

Chegando aos fundos da mansão, Evelyn viu o terraço e o jardim de inverno onde havia tomado chá com a dona da casa na tarde anterior. Havia mesmo passado apenas pouco mais de 24 horas? Pensou no formigamento na sua barriga, que não a havia enganado.

Mas, curiosamente, não o sentira quando esteve cara a cara com Sybil, na escuridão da casa de Bolten. Será que não prestara atenção suficiente?

“Greta?”

Evelyn subiu os degraus até o terraço. Uma brisa salgada soprava do mar. Algumas poucas ondas de espuma dançavam sobre o mar escuro. Uma última faixa estreita brilhava sobre o horizonte, vermelha e incandescente. Começava a esfriar.

A luz de um farol próximo refletia nas janelas. Assim como no terraço de Bolten, aqui também uma porta de vidro havia sido quebrada. Quanto mais se aproximava de seu objetivo, mais inescrupulosa Sybil ficava. A morte de Bolten certamente não passaria por acidente. Para quê? Após o assassinato de Greta, ela terminaria sua vingança. O que faria depois? Visitar Lisa na psiquiatria de Ochsenzoll para contar-lhe o que fizera? Ainda haveria sobrado dinheiro do assalto? Assumiria a identidade de outra pessoa para realizar outros planos de vingança?

Quando uma luz se acendeu no interior da casa, o susto interrompeu seus pensamentos. Ela abriu a porta e entrou no jardim de inverno.

Reconheceu na penumbra a mesa, a cômoda e as cadeiras de vime. Passou pela sala e seguiu pelo longo corredor que levava ao escritório de Greta. Não era desse quarto que vinha o feixe de luz, mas sim da porta aberta da cozinha. Evelyn entrou. No meio da moderna cozinha, decorada em aço inox, com uma coifa monstruosa acima do fogão, estava Sybil, acocorada sobre o piso frio de azulejos. Os longos cabelos louros caíam-lhe na cara. Ela manuseava a válvula de um enorme tubo de gás. Ao lado dela, havia fios de arame, algumas velas e uma caixa de fósforos.

Evelyn aproximou-se. “Sybil?”, sussurrou ela.

A jovem assustou-se. Com uma mão, tirou os cabelos do rosto, ao mesmo tempo que levantou a outra, que segurava um pequeno revólver de cano curto.

“Abaixe a arma, Sybil. Não quero fazer-lhe mal.” Evelyn tentou falar o mais calmamente possível, mas sua voz tremia, de modo que as palavras saíam com dificuldade.

O cão da arma estava engatilhado. Era um revólver antigo, de tambor. O cano apontava diretamente para a sua cabeça.

“Você chegou cedo demais.” A voz de Sybil soava forte e confiante. E o sotaque nortenho era uma imitação perfeita do sotaque de Lisa. Com seus traços finos e estreitos e os impressionantes olhos azuis, parecia uma cópia de Lisa.

Sybil apontou a arma para a geladeira. “Sente-se ali, na parede.”

“Eu não sou Greta Hockinson”, explicou-lhe Evelyn, enquanto recuava.

“Eu sei!”, interrompeu Sybil. “Eu conheço Greta.”

Evelyn deteve-se em meio ao movimento. Ela não podia conhecê-la a não ser pela descrição de Lisa, ou por causa do assalto há dois meses.

“De onde? Você nunca a viu!”, afirmou Evelyn.

Sybil cerrou as sobrancelhas. “Você não sabe de nada. Ela tem no mínimo dez anos mais que você e aquelas feições duras, que eu nunca esquecerei. Ela não mudou nada em todos esses anos.”

Em todos esses anos? Evelyn franziu a testa. Ela tinha ouvido certo? Sybil acreditava realmente no que dizia? Ou estaria se fazendo de doente mental? Por outro lado, seus olhos diziam a verdade. Evelyn não conhecia ninguém capaz de uma simulação tão

perfeita. Ela teria de ser uma exímia atriz. “Sybil, de onde você conhece Greta?”

A jovem cerrou as pálpebras com força por um momento, como se sofresse de um ataque de enxaqueca. Então, arregalou novamente os olhos. A loucura cintilava em suas pupilas. Sua mão baixou por um instante, mas, na respiração seguinte, apontou novamente a arma para Evelyn.

“Sybil?”, repetiu a jovem, reticente. “Ela não faz ideia do que fizeram comigo.”

“Mas você é Sybil”, contradisse Evelyn. “Sybil Woska.”

“Cale-se!”, rugiu a moça. Seu rosto contorceu-se em uma careta, como se lutasse contra cólicas.

“Está lembrada de Marty, o prestador de serviço civil?”, perguntou Evelyn. “Ele trabalha em Ochsenzoll, na unidade 46. Ele quer parar de fumar. Marty gostava de você. Mas você interrompeu a terapia e mudou-se para um lar assistencial em Kiel para logo fugir de lá com o conteúdo da caixinha da cozinha.”

“Não! Não! Não!” Sybil pressionou a mão cerrada com o revólver contra a testa, como se quisesse expulsar as palavras da sua cabeça.

“Sybil.” Evelyn abaixou a voz. “Você é dois anos mais velha que Lisa... e cresceu em Viena.” Ela tentou sorrir. “Eu também sou de lá. Você se lembra do parque Prater? Da roda-gigante, e do trem-fantasma com o monstro verde? Da alameda de castanheiras no outono, do prado e dos...?”

“Silêncio!” Sybil enxugou as lágrimas de seu rosto. Evelyn deu alguns passos em sua direção e ajoelhou-se no chão. “Você se criou na rua”, continuou. “Ottakring, Meidling, Favoriten... os nomes desses distritos lhe dizem algo?”

“Não, eu...” Afinal, baixou a mão com a arma. O revólver caiu de seus dedos. Nesse momento, Sybil não mais parecia uma assassina perigosa e atormentada. Ela encolheu-se no chão, puxou os joelhos até o queixo e fitou seus pulsos. Por baixo da barra da manga, uma ferida mal cicatrizada, cuja visão dilacerou o coração de Evelyn.

“Sybil Woska...” Evelyn pegou o revólver, desarmou-o e meteu-o no cós da calça. “Você é uma garota gentil de Viena.”

Sybil levantou o olhar, com as faces ruborizadas pelo choro.

Esse não é o aspecto de uma assassina, pensou Evelyn. Sybil mais parecia uma garotinha confusa, à procura de uma identidade. E, ao que parecia, Lisa fora a única referência em sua vida.

“Você tem outros amigos além de Lisa?”, perguntou Evelyn.

Sybil chorava tanto que as palavras irrompiam aos soluços. “Não, eu...” Ela fitou Evelyn com olhos inchados e vermelhos. “Você é uma médica da clínica? Como está Lisa?”

Evelyn estranhou o som da sua voz. O sotaque do norte da Alemanha havia desaparecido.

65

“Eu não sou médica”, respondeu Evelyn. “Mas eu conheço Lisa, e falei com ela. Ela está bem. Ela gosta de brincar com o cubo mágico de Rubik.”

“Ela precisa de apenas um minuto para montá-lo.” Esse pensamento produziu um sorriso no rosto de Sybil, como num passe de mágica.

“Quando foi que você a viu pela última vez?”

“Foi na clínica. Eu estava lá há mais tempo. Então ela chegou. Não falava muito, e eu não sabia por que ela estava lá. Anos depois, quando eu tinha dezessete, tivemos de dividir um quarto na unidade. Uma noite, ela falou durante o sono...”

Então foi assim que Sybil soube da história de Lisa. Evelyn franziu a testa. Isso seria suficiente para uma pessoa mergulhar tão totalmente na identidade de outra? E assumir os seus planos de vingança? Lembrou-se das palavras de Pulaski. O que quer que estivesse por trás dessa história, ela acabaria por descobrir. Contudo, ela era advogada e tinha a obrigação de evitar um assassinato. Pegou então na mão da garota. “As mortes têm de parar”, cochichou.

“Foram eles que começaram”, soluçou ela.

“Mas assim você não será em nada melhor que eles.”

“Eles não podem seguir vivendo.”

“Eu entendo que eles mereçam um castigo justo, mas, com os seus atos, você deu início a algo ainda mais terrível.”

Sybil olhou-a. “O que pode ser pior que passar meses preso em um navio, e ser arrastado para fora da cabine para um único propósito?”

Evelyn vacilou por um momento, mas, para que Sybil parasse, ela precisava conhecer a verdade. “Bolten começou a matar as vítimas, uma após a outra.”

“Eu queimei o desgraçado.”

“Eu sei, eu vi, mas as mortes devem parar agora. Lisa está viva. Uma outra menina, chamada Lesja, também, mas três crianças morreram — como o irmão de Lisa.”

“E a culpa é minha?” Sybil roía as unhas. De repente, regurgitou. Outra vez, as lágrimas lhe corriam dos olhos. “O que foi que eu fiz?” Seu corpo balançava para a frente e para trás.

Evelyn sentou-se ao lado dela e, cuidadosamente, colocou o braço no seu ombro. Não precisou apertá-la contra si — sua cabeça desceu sozinha até o seu peito. Sentiu o corpo trêmulo aconchegando-se ao seu. Sybil parecia muito fria, como se estivesse congelando. Evelyn sentiu vontade de acariciar e aquecer o seu corpo, protegendo-a.

Enquanto passava a mão pelo ombro e pelas costas da garota, Sybil abraçou sua cintura e então, começou a soluçar, como Evelyn nunca havia visto antes.

Então, Evelyn sentiu-se como se tivesse sua irmã nos braços. O que não daria por esse momento! Se tivesse podido salvar sua irmã... e, com isso, seus pais.

Ela passou os dedos pelos cabelos da menina. “Tudo vai ficar bem, eu prometo. Eu ficarei ao seu lado.”

Sybil tentou balançar a cabeça.

“Deixe-me ajudá-la...” De repente, Evelyn calou-se. Escutara um ruído na casa!

Ela levantou-se e escutou. Seu coração começou a bater mais forte.

Em seguida, veio o tilintar de chaves na porta. No instante seguinte, passos ecoaram pela mansão.

“Alfons?”

Ao ouvir o som daquela voz, o corpo de Sybil retesou-se.

Greta Hockinson havia entrado na casa.

66

“Nem um pio!”, sussurrou Evelyn. Ela levantou de um salto, andou nas pontas dos pés até a porta da cozinha e apagou a luz. Atrás da janela, os galhos das árvores balançavam ao vento. Por trás deles, a lua brilhava. Evelyn tentava lembrar-se. Da entrada do terreno e da porta da casa, era impossível ver se havia luz na cozinha. Com um pouco de sorte, Greta não teria percebido nada.

Somente agora a luz do corredor foi acesa. Como por reflexo, Evelyn empurrou a porta, deixando apenas um vão estreito aberto pelo qual era possível ouvir o som dos passos no corredor.

“Alfons? A porta do seu carro está aberta.”

Evelyn esperava. Sybil permanecia encolhida no canto, emitindo apenas o som da respiração. Tomara que ela mantivesse a boca calada.

“Alfons?” A voz de Greta soou mais perto dessa vez — e com um tom desconfiado.

Evelyn ouviu a porta do escritório de Greta se abrindo, seguido do clique do interruptor. Ela olhou pela fresta da porta, até o final do corredor, mas não pôde ver nada além de uma sombra na estante do escritório. Pouco depois, soou um outro clique metálico... como uma vitrine se abrindo.

Ao pensar no conteúdo da vitrine, Evelyn ficou estarrecida. Ela ouviu o abrir de uma caixa, e logo o som de uma corda sendo retesada. Talvez estivesse imaginando coisas, mas via na sua

mente como Greta armava a besta de caça e depositava um dardo no trilho.

Evelyn deixou a fresta da porta aberta e voltou para onde estava Sybil. Nisso, derrubou o tubo de gás com o pé.

“Merda!”, chiou ela. Conseguiu agarrar o tubo pela válvula, impedindo que fosse ao chão fazendo um inevitável estrondo. Seu pulso disparou. Não era possível ouvir nenhum som. Greta havia desistido de chamar por Alfons. Devia ter entendido que algo estava errado. Evelyn colocou o tubo no chão, cuidadosamente, e tateou à procura das pernas de Sybil. Finalmente, encontrou a garota e acocorou-se ao seu lado.

“Sybil, temos de sair daqui”, cochichou no seu ouvido. “Levante-se. Sairemos pela porta do terraço.”

A menina fez que não com a cabeça. Evelyn agarrou-a pela mão e sentiu como os dedos de Sybil se contraíram. Ela tentou soltá-los, mas a garota endureceu, como um bloco de granito.

“Temos de sair!”

“Eu não posso.”

Sem a cooperação de Sybil, seria impossível levantá-la. Lá fora, os passos passaram pela porta da cozinha. Evelyn congelou. Se Greta abrisse a porta e acendesse a luz, estariam acabadas. Evelyn tapou a boca de Sybil com a mão, para abafar seus gemidos. Sentia a respiração dela na palma da mão.

Seus pensamentos davam cambalhotas. Greta havia encontrado a porta de entrada trancada; restava-lhe esperar que ela desistisse de revistar todos os cômodos.

Então, ouviu como Greta procurou algo em uma das gavetas da cômoda e fechou-a. Depois, os passos se afastaram novamente. A luz da antessala permaneceu acesa. Pouco depois, Greta trancou a

porta de entrada. Estaria ela fora ou dentro? Evelyn tentou escutar, mas não ouviu nada. Vagarosamente, tirou a mão da boca de Sybil.

“Não podemos ficar aqui”, cochichou.

Sybil balançou a cabeça vigorosamente. Ela estava tão paralisada quanto Evelyn uma hora atrás, quando tinha a cabeça dentro do saco.

Desesperada, tentava raciocinar. Não podia deixar a garota sozinha na casa. Obrigava-se a pensar. Nesse curto espaço de tempo, não havia conseguido descobrir por que Sybil havia assumido a identidade de Lisa. A razão estava escondida no fundo da sua alma. Contudo, o porquê não era importante no momento.

“O que Lisa faria no seu lugar?”, sussurrou Evelyn no ouvido de Sybil.

“Lisa?”

“Sim, pense em Lisa. Ela se levantaria e me seguiria. Ela sairia desta casa comigo, não é?”

Evelyn sentiu os músculos de Sybil relaxando-se por baixo do pulôver. Ela agarrou a menina por baixo dos braços e levantou-a. Sybil seguiu-a voluntariamente.

“Venha comigo”, disse Evelyn, pegando-a pela mão e guiando-a atrás de si. A jovem tinha os dedos gelados. Ela se agarrava à mão de Evelyn como uma afogada.

Ao chegarem à porta, Evelyn olhou pela fresta para o corredor vazio. Greta possivelmente estava escondida em algum canto, esperando que saíssem da cozinha, para meter-lhes um dardo nas costas. Talvez até acreditasse que poderia explicar como se tivesse surpreendido duas assaltantes com a boca
na botija.

Evelyn prendeu a respiração, esforçando-se para escutar. Finalmente, ouviu a porta do carro batendo no pátio.

“Agora!” Ela empurrou a porta e puxou Sybil para fora da cozinha. Passaram pela sala rapidamente e foram até o jardim de inverno. A lua havia se escondido atrás de uma nuvem, mas a luz do farol adentrava pelas janelas do terraço. Em seguida, havia desaparecido, para logo depois voltar.

Evelyn tateou até a porta cujo vidro Sybil havia arrebentado. Ao sair, sentiu o frescor do vento noturno e o sabor salgado do ar marinho. Os dedos de Sybil escorregaram por sua mão. A jovem continuava parada à porta, como se uma força invisível a impedisse de deixar a casa.

“Venha!”, urgiu Evelyn.

Sybil não se movia.

“Greta não pode nos encontrar aqui”, cochichou Evelyn.

Sybil se apavorou. “Ela nos matará”, arfou.

Onde estava aquela garota autoconfiante de agora há pouco? Nessa hora, a identidade de Lisa seria mais adequada.

“Pense em Lisa!”, incentivou-a Evelyn mais uma vez.

“Mas eu não sou Lisa! Eu queria mesmo era ser invisível...”

“Falta apenas passar pelo terraço e darmos a volta na casa pelo jardim. Meu carro está parado na entrada. Saltamos para dentro e nos mandamos daqui.”

“Não vamos conseguir.”

“É claro que vamos!” Evelyn agarrou a mão dela e a arrastou Sybil para fora. “Confie em mim. Você tem de ficar bem atrás de mim.”

O corpo todo de Sybil tremia. Evelyn a abraçou e a apertou forte contra si. “Nós conseguiremos! Vamos!”

Ela correu pelos degraus de pedra para o gramado e esgueirou-se ao longo do muro da casa até a parte anterior do terreno. Sybil seguiu-a. Chegando ao canto da casa, Evelyn parou, sentindo a garota atrás de si. Cuidadosamente, olhou ao redor do muro. Alguns metros à sua frente, estava Greta Hockinson, de costas para elas, na escada da entrada principal. Ela vestia um macacão justo de couro e pesadas botas de motociclismo. Tinha a juba presa em uma trança. A Mercedes de Bolten e o carro de Evelyn seguiam parados na frente da entrada. Atrás deles, na transversal, uma motocicleta preta metálica. Um capacete de visor fechado pendia do guidão.

À luz da iluminação da porta, Evelyn viu que Greta carregava realmente a besta, apoiando o êmbolo na cintura. Tinha até acoplado uma mira telescópica e usava luvas de couro sem dedos, além de um protetor no pulso. Quando Greta virou-se um pouco de lado, Evelyn avistou os dardos pontiagudos dentro da aljava que a mulher levava no peito.

Evelyn esperava que Greta se virasse a qualquer momento. O que deveria fazer? Enquanto Greta bloqueasse o caminho para o carro, restava-lhe somente ficar ali e esperar. Não podia nem mesmo pedir ajuda, já que Bolten havia destruído seu celular.

Sybil forçava-se contra ela. Evelyn pegou a mão da garota, enquanto seguia olhando para a frente. Nesse momento, Greta sacou um controle remoto da bolsa e apertou um botão. Imediatamente, vários holofotes dispostos em torno da casa acenderam-se, deixando a noite clara como o dia.

Evelyn puxou a cabeça para trás, por reflexo. Círculos luminosos dançavam na frente dos seus olhos. Ao seu lado, Sybil começou a gemer. Evelyn virou-se de lado e tapou a sua boca com a mão.

“Quieta!”, falou no seu ouvido. Então empurrou a menina para trás, ao longo da parede, até uma densa fileira de arbustos, que, partindo da mansão, cruzava todo o terreno. Perfeito!
Enquanto Greta estivesse no pátio, podiam esconder-se atrás da cerca viva.

“Vamos!” Evelyn acocorou-se e rastejou pelo gramado, à sombra dos arbustos. A grama estava úmida, e a terra grudava em suas mãos. Logo sentiu a umidade através da calça jeans. Sybil seguia-a, obediente. Permaneceram atrás de um arbusto, a alguns metros de distância da casa. Com o rosto colado no chão, Evelyn espiava, por entre troncos e raízes, a entrada da casa. Greta foi até a Mercedes de Bolten, tirou a chave e trancou a porta.

“Eu suponho que o Audi seja seu, não é mesmo, senhora Meyers?”, gritou ela para o jardim. Lentamente, dirigiu-se para o carro alugado e olhou a placa. “Você deveria ter voltado para Hamburgo naquele dia mesmo, como havia dito que faria. Teria nos poupado disso.”

A respiração de Evelyn acelerou-se. Por sorte, havia ficado com a chave no bolso da calça.

Greta inclinou-se em direção à janela do lado do motorista e olhou para o interior do carro. Tentou abrir a porta. Trancada. Então, deu alguns passos para trás e levantou a besta.

Evelyn rastejou para mais perto do arbusto, ficando em uma posição que a permitia ver melhor as ações de Greta. Ela não seria tão louca a ponto de atirar no vidro, ou seria? Ouviu então o clique do gatilho e, em seguida, o assovio do pneu se esvaziando, que soava pelo gramado até o seu esconderijo.

“Desgraçada!”, soltou Evelyn.

Ao seu lado, Sybil gemia. Evelyn pegou na sua mão. “Não se preocupe, sairemos daqui inteiras”, cochichou ela.

Enquanto isso, Greta havia ido até a traseira do carro e recarregado a arma. Ela armou a besta e furou um segundo pneu. O ar escapou, assobiando, e o carro inclinou-se para o lado.

Evelyn observou que Greta acionou novamente o controle, e o portão automático se fechou. Em seguida, tirou o celular do bolso e teclou um número.

Por um tempo, nada aconteceu. Com o celular no ouvido, Greta andava em volta do carro e olhava para o jardim, como se soubesse que Evelyn estava escondida por perto.

“Alô?”, disse, finalmente. “Aqui é Greta Hockinson. Minha casa foi invadida por um ou mais assaltantes.” Ela comunicou o endereço. “Eu temo que eles ainda estejam na propriedade.”

Evelyn deteve a respiração. Essa mulher estava louca? Por que estaria chamando a polícia? Isso significava que teria de matar Evelyn e Sybil antes que os policiais chegassem.

“Sim, por favor, mande uma viatura o quanto antes.” Greta finalizou o telefonema e guardou o celular.

Deixando o pátio da entrada principal, ela andou a passos largos para o jardim.

“Muito bem, senhora Meyers!”, chamou, enquanto levava a besta ao ombro. “Vamos terminar logo com isso!”

67

Os holofotes jogavam a longa sombra do corpo de Greta Hockinson sobre o gramado. Ela dirigiu-se diretamente para o pavilhão de madeira. O que pretendia? Assim que passasse pela cabana, não precisaria de nem dez segundos para chegar à cerca viva, atrás da qual Evelyn e Sybil estavam escondidas.

Evelyn olhou para o carro. Por um momento, pensou em correr com Sybil até lá e esconder-se dentro do Audi. Com dois pneus furados até seria possível fugir, mas não conseguiriam arrebentar o portão fechado. Para esse carro, o portão de ferro maciço era resistente demais. Além disso, a moto de Greta estava no caminho. Evelyn vigiava Greta, enquanto Sybil cravava os dedos no seu pulôver. A dona da casa aproximava-se do caramanchão e da cerca viva. Evelyn olhava à volta, agitada. Elas poderiam correr de volta para dentro da casa — a não ser que...

Greta marchava diretamente para o pavilhão. Sem dúvida, imaginava que estivessem no caramanchão. Ela pensava realmente que Evelyn era tão estúpida a ponto de se esconder nessa pequena cabana, sem possibilidade de fuga?

A porta de madeira tinha uma fresta aberta. Ao lado, estavam a caixa de ferramentas e as bobinas de cabos. Com a besta armada, Greta meteu a bota na porta, abrindo-a. Em um instante, havia checado cada ângulo da cabana.

O coração de Evelyn ia a mil. A chave estava na fechadura. Com um pouco de sorte, Greta não trancaria o caramanchão, e deixaria a chave.

Greta reprimiu uma injúria, fechou a porta com outro pontapé raivoso, virou-se e dirigiu-se para o lago. Enquanto se afastava do esconderijo de Evelyn, o olhar desta permanecia direcionado para o pavilhão.

“Venha comigo”, sussurrou Evelyn. Ela levantou-se e correu abaixada ao longo dos arbustos. Deu uma olhada para trás e viu que Sybil a seguia. Sua calça e seu pulôver estavam sujos de grama e terra molhada.

No final da fileira de arbustos, ela parou. Daqui, faltavam poucos metros sobre o gramado aberto até o pavilhão. Ela precisava esperar o momento oportuno — quando Greta sumisse atrás da árvore — para então correr.

“Evelyn?”, chamou Greta. “Eu sei que você está aqui.”

Você não sabe nada, pensou Evelyn.

Com a besta armada, a dona da casa andava à beira do lago de nenúfares. Logo desapareceria atrás dos caniços e dos pinheiros.

Evelyn esperava, tensa.

“Agora!” Ela saiu correndo, puxando Sybil atrás de si. Com uns poucos passos, alcançaram a parede lateral da cabana e espremeram-se contra as tábuas. Cheirava a resina e betume. A calha de chuva desembocava num barril cheio de água, no qual boiavam folhas de pinheiro.

Evelyn deu uma olhada rápida para Sybil. Uma sombra de insegurança cobria a expressão do seu rosto. Mais uma vez, ela se perguntava como essa jovem mulher fora capaz de assassinar todos aqueles homens. No seu estado atual — tremendo e à beira de um desmaio — não seria capaz nem mesmo de chegar até o portão sem desabar no caminho. Evelyn pegou a sua mão e levou-a

adiante, ao longo da parede de madeira. Greta já devia ter dado a volta no lago e estaria a caminho do terraço.

Cautelosamente, Evelyn olhou em volta do canto da cabana. Nem sinal de Greta. Ela segurou a maçaneta. Esperava que essa merda não fizesse barulho. Com cuidado, abriu um vão da porta. Quase derrubou um dos cabos enrolados. Seu coração acelerou. Ela passou por cima da bobina, abriu a porta e entrou na escuridão.

“Rápido”, cochichou.

Sybil seguiu-a.

Evelyn empurrou a porta. Contudo, não quis arriscar-se a fechá-la de todo, deixando-a apenas encostada. A luz dos holofotes penetrava pelo vidro melado da janela. A cabana estava abarrotada de bicicletas, baldes de tinta, um cortador de grama, sacos de fertilizante, cadeiras de *camping*, almofadas, toalhas de mesa e pratos de parede pendurados nas tábuas. Aqui estariam seguras, por enquanto.

Tudo cheirava a mofo e não havia lugar para sentar-se, nem mesmo num canto no chão. Sybil encostou a cabeça no peito de Evelyn. Seu corpo tremia. Evelyn pegou-a pelo braço e a abraçou. Faltavam poucos minutos e a polícia chegaria para procurar os supostos assaltantes. Evelyn adoraria entregar-se aos policiais, para ser presa por distúrbio da paz ou invasão de propriedade...

Ela olhou pelo vidro sujo, mas não viu sinal de Greta. Tinha parado de chamar por Evelyn.

Nesse momento, Sybil começou a soluçar ruidosamente.

“Quieta”, chiou Evelyn, mas Sybil não conseguia acalmar-se.

Evelyn acariciou seus cabelos e apertou-a contra si. “Nós quase conseguimos.”

Mais uma vez ela olhou pela janela, o mais discretamente que pode. Nesse meio-tempo, Greta havia chegado ao terraço. Tomara que ela visse o vidro quebrado do jardim de inverno e entrasse na casa, torceu Evelyn.

E, realmente, Greta subiu a escada de pedra e examinou a janela rompida. Então, desapareceu para dentro da casa. Evelyn soltou o ar que estava prendendo. Levaria algum tempo até que Greta revistasse todos os cômodos.

“Estamos quase lá”, sussurrou Evelyn.

Essa seria uma boa hora para dar o fora. Mas, para onde, sem carro? Escalar o portão, levando Sybil nas costas não era uma opção. Mesmo que os segundos passassem como horas, era melhor permanecer no caramanchão e esperar pela polícia. De outro modo, Greta lhes contaria a sua versão escabrosa da história.

A garota, evidentemente, sentiu o nervosismo de Evelyn, pois voltou a soluçar.

“Acalme-se, Greta entrou na casa...” Merda! Não deveria ter dito isso — ao ouvir o nome de Greta, Sybil começou a chorar.

Evelyn olhou pela janela. Na casa, acenderam-se algumas luzes. Sybil chorava aos prantos.

“O que foi que lhe fizeram?”, cochichou Evelyn, ao sentir as muitas lágrimas e o terrível soluçar no peito da menina.

“O Friedberg.” As lágrimas escorriam pelo queixo de Sybil.

“Você nunca esteve no Friedberg”, retrucou Evelyn. Ela ainda acreditava nisso? “Você conhece o navio somente pelos relatos de Lisa.”

Sybil balançou a cabeça, quase imperceptivelmente. “Eu estive no navio *antes* de Lisa. Há doze anos...”

Evelyn sentiu um calafrio descendo-lhe pelas costas. Sybil falava e falava, e ela finalmente deu-se conta da terrível verdade.

68

“Eles me soltaram na costa francesa”, soluçou Sybil.

Os pensamentos de Evelyn davam voltas. O que Pulaski havia murmurado quando falara com ele na cafeteria da clínica? Existiram casos de crianças soltas nas costas da França e da Grécia!

Smolle lhe havia contado que os cruzeiros de nove dias de Hockinson iam de maio a agosto — mas somente agora ela entendeu que não haviam acontecido apenas em 1998, mas sim *todos* os anos. Cada vez com um roteiro diferente. Na Costa Adriática, na Riviera, no Egeu ou na Côte d’Azur. Desde quando? O pensamento dava-lhe náuseas. Se não fosse pela morte de Manuel, provavelmente teriam continuado por anos a fio. Quantas crianças haviam passado por esse navio em todos esses anos?

“Sobre o que Lisa falou durante o sono, quando dormiu no seu quarto?”, perguntou Evelyn. “Ela falou sobre o barco?”

Sybil abanou a cabeça. “Ela disse apenas um nome... Paul Smolle. Aí eu me lembrei do navio. Smolle foi o único nome que eu escutei através da porta fechada da cabine. Ele me trazia comida, sabonete e roupas.” Sybil contraiu-se, tossiu e engasgou. “Nesse momento, eu soube o que acontecera a Lisa.”

“Você, alguma vez, falou com ela sobre o assunto?”

“No começo, não. Mas, depois que ficamos amigas, eu lhe contei a minha história. Um dia ela falou de Manuel, que morrera a bordo...”

“Eu sei, Smolle me contou. Eu estive com ele, assim como você. Sybil, por que você fez tudo isso?”

Sybil levantou a mão e voltou a roer as unhas. “Lisa é minha única amiga, e eles a destruíram. Eu precisava salvá-la, tinha de fazer isso por ela. Ela não tem ninguém.”

“Ela te pediu para fazer isso?”, perguntou Evelyn, mesmo suspeitando de que Lisa não fazia ideia do que estava se passando fora da clínica nos últimos dois meses.

“Lisa teria feito ela mesma, contudo, nunca a deixariam sair da clínica desacompanhada.” Sybil meteu os dedos na boca, como se tentasse parar a torrente de lágrimas. “Ah, se eu tivesse a ira e a vontade de ferro dela.”

“Foi por isso que, aos 21 anos, você interrompeu a terapia e mudou-se para o lar assistencial?”

“Eu tinha de encontrar Smolle”, disse Sybil por entre os dentes. “Ele era o único que poderia nos ajudar.”

Nos ajudar? Aparentemente, ela fizera tudo por Lisa, mas apenas para despistar do motivo real. Agora ficava claro para Evelyn que a garota, na realidade, não fizera tudo para ajudar a amiga. A única explicação que encontrava era que a psique de Sybil passara anos buscando por uma maneira de superar seu passado reprimido — e que havia encontrado, afinal. Parecia loucura, mas provavelmente Sybil teve de assumir o papel de Lisa e assimilar a sua agressividade para fazer o que, sozinha, nunca teria sido capaz: vingar-se daqueles homens, transformando a sua dor em raiva. Esse fora o jeito que encontrara para tentar curar-se.

Sybil voltou a soluçar.

Somente agora Evelyn notou que havia se esquecido completamente de vigiar a porta do terraço. E se Greta houvesse voltado ao jardim para procurá-las?

“Quieta!”, sussurrou Evelyn.

Ela olhou pela janela. O gramado continuava inundado pela luz ofuscante dos holofotes — mas não havia nem sinal de Greta. Nenhuma sombra por trás das janelas da mansão. Quando chegaria a polícia? Já devia fazer uns dez minutos que estavam na cabana.

Então ouviu um ruído na frente do caramanchão. Imediatamente, seu corpo todo retesou-se. Em seguida, uma fresta da porta se abriu.

69

Um feixe de luz adentrou a escuridão. Evelyn prendeu a respiração. Sem pensar, abraçou Sybil e apertou-a forte. A garota tremia sem parar, como se nunca mais fosse acalmar-se.

Na penumbra da cabana, viu a maçaneta mover-se. A porta abriu e lá estava Greta, com a besta em riste e um dardo apontado diretamente para a sua cabeça.

Greta já estava para atirar, mas deteve-se de repente. Confusa, olhava para Sybil. Obviamente, não esperava encontrar Evelyn acompanhada.

“Eu não acredito”, murmurou, finalmente. Fascinada, olhava para os cabelos louros de Sybil. “Parabéns. Você realmente encontrou a mulher do retrato falado... E ainda a trouxe para cá. Em que buraco a pequena havia se escondido?” Greta inclinou a cabeça para ver o rosto de Sybil por entre os cabelos. “Incrível que essa putinha tenha sido capaz de estrangular meu pai com um cachecol de seda.”

O som da voz de Greta fazia Sybil tremer muito, como se sofresse um ataque epiléptico. Evelyn tinha dificuldades para segurá-la. Como se não bastasse, a flecha continuava apontada para a sua cabeça.

“Ninguém acreditará na sua história de assaltantes”, disse Evelyn, por entre os dentes cerrados. Sua boca estava seca.

“Que história de assaltantes?” Sua voz era cheia de escárnio. “Queridinha, você achou mesmo que eu chamaria a polícia?”

O coração de Evelyn parou. Mas ela tinha ouvido a mulher telefonar!

“Para quem você acha que eu liguei?” Greta saboreava o momento de poder. Então, Evelyn entendeu. Como havia sido tão idiota? “Alfons Bolten”.

“Garota esperta. O carro dele está na entrada, mas não há sinal dele.” Ela observava Sybil. “Eu não imaginava que essa moleca soubesse dirigir.” Ela deu um passo para trás e olhou à volta. “Ele não atendeu ao telefonema. O que vocês fizeram com ele?”

Evelyn engoliu em seco. Certamente não seria uma boa ideia contar-lhe a verdade. Como Bolten disse, quando atendeu à chamada da Kripo de Flensburg no seu celular:

“Ele está indisponível no momento”, respondeu.

“Indisponível? O que vocês fizeram com ele?”, berrou Greta. Ela abaixou a besta e mirou para a coxa de Evelyn. Seu dedo curvou-se em torno do gatilho.

“Ele está indisponível!”, grunhiu ela. Até que profundidade uma seta dessas entraria na sua carne?

De repente, ouviu-se a sirene de uma viatura. Greta virou a cabeça para escutar. Evelyn prendeu a respiração. O veículo se aproximava. Contudo, não era a sirene da polícia. Ela tentava concentrar-se. Quem diabos seria?

O som ficava mais alto. Evelyn piscou. Por trás de Greta, viu a luz azul da viatura refletida nos pinheiros. Então, ouviu os pneus cantando e um estrondo metálico, que causou-lhe um susto.

Quando Greta se virou, Evelyn deu um passo em direção à porta, para enxergar melhor. As duas metades do portão foram separadas à força e abriram-se rangendo. Uma ambulância, com luz rotativa e sirene, subiu rasgando pelo caminho de cascalho.

O freio chiou, pouco antes que o veículo atropelasse a motocicleta parada no pátio. A traseira da ambulância derrapou para a frente e as rodas enterraram-se nos cascalhos.

O carro mal havia parado e a porta do motorista abriu. Um homem escorregou do assento. Walter Pulaski! Ele tropeçou e quase foi ao chão. Agarrado ao retrovisor externo, puxou-se para cima, com dificuldade.

“Estamos aqui!”, gritou Evelyn.

Ela viu que Pulaski olhava em sua direção, e sacara a arma do coldre.

No mesmo momento, Greta apoiou o cabo da besta no ombro, como um fuzil. Enquanto ia em direção a Pulaski, ela mirava.

“Cuidado!”, gritou Evelyn, mas Greta já havia puxado o gatilho.

70

O dardo voou pelo gramado e acertou Pulaski no ombro. O impacto jogou-o contra o capô da ambulância, e a batida arrancou-lhe a pistola da mão, que deslizou para debaixo do carro.

Evelyn ficou paralisada. Sua respiração, parada. Os próximos segundos lhe pareceram passar em câmera lenta. Enquanto Pulaski ia ao chão, com o rosto contorcido pela dor, Greta sacou um novo dardo da aljava e carregou-o na besta.

De pernas abertas, pôs-se de pé diante de Pulaski, engatilhou a corda e apontou para ele. “Diga-me quem é. Você tem dois segundos!”

Pulaski apertou a mão sobre o ferimento. “A senhora está presa”, falou, com esforço.

“Não me faça rir! Quem diabos é você?”

Sybil moveu-se no abraço de Evelyn. “A arma”, cochichou ela.

Qual arma?

Sybil liberou seus dedos trêmulos e tateou pela cintura da calça de Evelyn.

Subitamente, lembrou-se. O revólver! Ela pegou a arma de pequeno calibre que havia tirado de Sybil dentro da casa
e engatilhou.

“O cano está empenado para a esquerda”, sussurrou Sybil.

“Obrigada.” Evelyn já havia saído da cabana e corria pelo gramado.

“Pela última vez. Quem é você?”, berrou Greta.

“Kripo de Leipzig.”

“Merda!”, rugiu Greta e apontou o dardo para o peito de Pulaski. Parecia que ela ia perder o controle e atirar.

“Solte a arma!”, gritou Evelyn, parando a poucos metros de Greta. Como Pulaski lhe ensinara, esticou os braços e segurou a arma com as duas mãos. A alça e a massa de mira deviam formar uma linha reta, disse a si mesma, mas as suas mãos tremiam tanto que tinha dificuldade em mirar.

Greta virou-se.

Evelyn soltou o ar, fechou os olhos e puxou o gatilho.

O estouro a fez encolher-se. Greta cambaleou um passo para trás. O dardo soltou-se da besta e atravessou o vidro lateral e o para-brisa da ambulância. Os cacos caíram sobre Pulaski.

“Arme o cão!”, disse Pulaski.

Evelyn olhou para a arma, confusa. O gatilho não reagia. Ela armou o cão outra vez, fazendo o tambor girar. Então mirou novamente para Greta. Para um revólver tão pequeno, essa coisa tinha um coice considerável.

Greta arfava, encostada no carro, olhando perplexa para a arma. Ela tocou um ponto abaixo de suas costelas e contorceu o rosto. Seus dedos saíram manchados de sangue.

Evelyn aproximou-se. “Coloque a besta de lado!”

Pelo canto do olho, viu que Pulaski puxou sua pistola de baixo do carro. Ele a segurava na mão esquerda, já que o dardo perfurara seu ombro direito. Evelyn notou a corrente cortada das algemas pendendo de seus pulsos.

“Vou correndo até a casa chamar um médico”, disse, logo dando-se conta do absurdo da situação, diante da ambulância parada à sua frente.

“Não é necessário.” Disse Pulaski, recompondo-se. “Está tudo sob controle, obrigado. A polícia e os paramédicos devem chegar a qualquer momento.” Ele apontou para o caramanchão do jardim. “Tome conta da sua amiga.”

Evelyn olhou em direção ao pavilhão. Sybil estava acocorada na porta. “Espero que você não desmaie.”

“Não se preocupe”, respondeu Pulaski, “estou com tanta adrenalina no sangue que poderia correr uma maratona.” Ele aproximou-se de Greta. “De joelhos. Mãos por cima da cabeça, cara no chão. A senhora está presa...”

Enquanto Pulaski dizia seu texto, Evelyn correu para o pavilhão. Quando chegou perto, Sybil, um pouco hesitante, estendia-lhe as mãos. Ela *queria* ser abraçada.

Até esse momento, Evelyn havia feito tudo para ser forte e conter-se, mas agora, pela primeira vez, seu rosto também estava coberto pelas lágrimas.

71

Quinze minutos depois, outras duas ambulâncias e muitos carros da polícia enchiam o pátio de entrada da mansão dos Hockinson.

Os policiais interditavam o terreno. Alguns revistavam a casa de cima a baixo, outros patrulhavam com seus cães pelo jardim. Greta havia sido presa e levada por uma unidade especial da Kripo.

Evelyn tentava abrir caminho até a ambulância onde Pulaski estava. A porta de trás estava aberta. Pulaski tinha pendurados à sua volta vários frascos de soro. Os paramédicos haviam cortado a sua camisa e estancado o sangramento com um curativo de pressão, que cheirava a antissépticos e tinha um aspecto horrível. O dardo continuava espetado em seu ombro.

Evelyn subiu na ambulância e sentou-se ao seu lado.

“Como ele está?”, perguntou ela ao médico.

“Ótimo”, respondeu Pulaski, antes que o outro tivesse tempo de dizer qualquer coisa. “Eles me deram um remédio que me deixou doidão.” Tentou sorrir, mas seu rosto contorceu-se de dor.

“Não se mova!”, advertiu o médico.

“Talvez me levem para o hospital de Bremerhaven”, murmurou Pulaski. “Eu conheço um cirurgião de lá... o doutor Vobelski. Nele eu confio. Há pouco, eles instalaram um novo sistema computadorizado, mas o homem sabe operar, eu garanto. Antigamente, ele era da UTI, mas agora é o chefe da clínica médica.”

Evelyn lançou um olhar interrogador ao médico. Este tocou com o dedo em um frasco de soro que estava pendurado em um suporte.

“Entendo.” Evelyn inclinou-se sobre Pulaski. “Não sei se nos veremos tão logo. Seu carro ainda está em Hamburgo.”

“Sem problemas. Ninguém vai roubar aquela lata velha.”

Atrás dela, passavam alguns policiais que falavam pelo rádio. Os cães ladravam.

“Você mobilizou um contingente considerável.”

Ele sorriu. “Quando eu estava preso nos canos de aquecimento do porão de Bolten, chamei uma ambulância e liguei para o meu chefe, em Leipzig. Foi ele quem mexeu os pauzinhos e causou todo este alvoroço.”

“Nada mal, não é?”

“Leipzig?”

“Não, o seu chefe.”

“Ah, Horst Fux?” Pulaski contorceu a boca. “Ele me dará uma bronca e tanto, mas, no fundo, ele é legal.”

Evelyn tocou as algemas que ainda pendiam dos pulsos de Pulaski. “Como conseguiu escapar?”

Ele sorriu. “Os paramédicos que me encontraram no porão soltaram-me com um alicate de corte e me injetaram um antídoto. Enquanto eles admiravam os restos de Bolten no gramado, os efeitos do Botox foram passando. Aí, eu peguei o carro deles emprestado. Os coitados ainda devem estar lá.”

“Emprestado?”, repetiu Evelyn. “E ainda sucateou o capô?”

“Eu queria salvá-la.”

Ela o encarou longamente. “Não me diga.”

“É sério. Quando vi os holofotes e o portão trancado, eu soube que algo não ia bem.”

“Você é um péssimo mentiroso!”, constatou ela.

Ele olhou para o teto. “Sim”, suspirou ele. “Eu não consegui mover a minha perna para tirar o pé do acelerador a tempo... mas não conte a ninguém!”

“Pode deixar.” Ela sorriu. “Nos veremos novamente?”

“Se você vier a Leipzig algum dia”, respondeu ele. “No fim de semana, vou com minha filha e o cachorro do vizinho ao parque, para jogar *frisbee*. O Rex adora.”

“Neste fim de semana o senhor não vai a lugar algum”, interrompeu-o o médico de emergência, e deu-lhe uma injeção diretamente na ferida.

Pulaski rangeu os dentes. “Então, no próximo”, grunhiu ele.

“Possivelmente. Depende do senhor.” O médico retirou a agulha.

Evelyn olhou para o lado, por um momento. “Quando estiver em pé novamente, eu gostaria de convidá-lo para visitar Viena com sua filha. Irão gostar do parque Prater.”

“Parece bom.” Pulaski revirou os olhos.

O médico dirigiu-se a Evelyn. “Precisamos ir, ele deve ser operado o mais rápido possível.”

“Tudo bem.” Ela começou a descer do veículo.

“Um momento.” Pulaski tentou levantar-se, mas o médico empurrou-o suavemente de volta para a maca.

Evelyn abaixou-se em sua direção. “O que foi?”

Pulaski olhava para o teto. “Eu sei que pareço meio grogue no momento, por causa do remédio. Mas, acredite, minha cabeça está totalmente clara.”

“Certo... apresse-se!”, compeliu o médico.

“Essa mulher salvou a minha vida!”, disse Pulaski. “Eu tenho algo a lhe dizer.”

Evelyn tentou acalmá-lo. “Estou ouvindo.”

“Eu não sou cego, você sabe. Hoje eu descobri muita coisa sobre você. Com respeito ao que aconteceu no seu passado, eu sinto muito...” Ele olhou para fora, como se procurasse as palavras certas. “Eu vejo quase diariamente como as vidas de jovens podem ser destruídas — mas você é forte.” Ele pegou na sua mão. “Eu quero apenas lhe dizer que deveria dar uma chance a esse Patrick. Ele é um cara de sorte.” Pulaski soltou a mão dela.

Evelyn saiu da ambulância e ficou paralisada sobre o caminho de cascalho, sem conseguir dizer uma palavra.

“Ok, tudo certo. Vamos!” O paramédico fechou a porta traseira, o motorista deu partida no motor e arrancou. Evelyn o acompanhou até que saísse do terreno. Quando as lanternas traseiras haviam desaparecido, virou-se e andou até a segunda ambulância, que estava estacionada ao lado da moto de Greta. Sybil estava sentada na parte traseira. Um médico cuidava dela. Ao lado estava um policial que a mantinha sob vigilância.

O motorista acabara de ligar o motor, e o homem da Kripo entrou no carro, ficando junto do médico. Evelyn correu depressa até lá.

“Pare, espere! Eu quero ir junto.”

“A senhora é da família?”, perguntou o policial.

“Sybil não tem família.”

“E quem é a senhora, então?”

“Evelyn Meyers, advogada.”

“Advogada?” O policial e o médico trocaram um curto olhar incrédulo. “A senhora deve estar brincando.”

“Não é piada.” Apesar de eu poder contar-lhes um monte de piadas de advogados, pensou Evelyn.

“Vamos à clínica psiquiátrica de Hamburgo. Venha conosco, se quiser”, decidiu o médico. “Mas esteja avisada que são no mínimo duas horas de viagem.”

“Eu sei.” Evelyn entrou na ambulância e sentou-se na maca, ao lado de Sybil. Automaticamente, a menina agarrou a sua mão. Evelyn segurou-a, e, com a outra, acariciou seus cabelos. Enquanto isso, o médico injetava-lhe um calmante.

Assim que a pequena dormisse, ligaria para Patrick para contar-lhe o decorrido. Pegaria emprestado o celular do policial. Quando Sybil estivesse dormindo e Patrick não mais preocupado, ainda teria bastante tempo para pensar em tudo.

Ela encostou a cabeça na parede atrás de si, e fechou os olhos por um momento. A viagem até Hamburgo seria longa. Certamente, poderia relembrar os acontecimentos uma dúzia de vezes. Mas, ainda assim, ficaria sem entender uma coisa: como essa menina tão frágil havia sido capaz de estrangular Hockinson e assassinar todos aqueles homens?

Será que Sybil tinha consciência de que havia cometido esses crimes?

Uma semana antes…

O ponteiro do velocímetro tremia.

Cento e dez por hora.

O conversível saltou o último desnível da pista e disparou para a curva íngreme e fechada que levava ao farol.

“Eu não sei!”, berrou Hockinson.

E como o desgraçado sabia! A guinada súbita provocada pela curva quase a arrancou do assento. Involuntariamente, tirou o pé do acelerador.

Imediatamente, Hockinson pisou no freio. Os pneus cantaram. Era como um looping *de montanha-russa. O vento desgrenhava seus cabelos, as gaivotas grasnavam e ela sentia a água salgada do mar nos lábios. Se morresse, era porque devia ser assim. Mas pelo menos esse filho da puta morreria junto. Ela levantou os braços e gritou.*

Enquanto isso, Hockinson cravava as mãos no volante. O carro derrapou pela pista, passando perigosamente perto do rochedo. Ela inclinou-se para fora. Duas rodas estavam no asfalto, as outras duas jogavam cascalhos no abismo.

A cara de Hockinson estava tão branca quanto o calcário das rochas. O suor corria-lhe pela testa. Como um piloto de rali, virou o pequeno volante esportivo e reduziu a marcha rapidamente, fazendo o câmbio gemer.

Na saída da curva ele finalmente conseguiu recuperar o controle sobre o carro.

Sessenta e cinco quilômetros por hora.

Ele deixou o carro rolar até parar na próxima subida e guiou-o para o acostamento. Poucos metros antes do abismo, parou. Abaixo deles estava o farol, na ilhota rochosa. Hockinson puxou o freio de mão. O motor ainda zunia, em ponto morto. O rádio tocava Stairway to Heaven*.*

"Incrível!" Lisa tirou os cabelos do rosto. Hockinson colou no assento. Suas mãos tremiam. Parecia perto de um ataque cardíaco.

Lisa sentia-se tão viva como nunca. Movia-se de um lado ao outro no assento. "Parabéns, Eddie, você continua vivo. Qual é o último nome da lista?"

Hockinson nem mesmo olhou para ela. "Saia do carro", gemeu ele. "Já!"

De um salto, ela sentou-se sobre ele. Ele tentou defender-se, mas, antes que conseguisse levantar as mãos, ela já segurava o cachecol de ambos os lados. Algumas pérolas soltaram-se e espalharam-se no piso do carro.

"Eu não sei", ronquejou Hockinson.

"O nome!", gritou Lisa.

Ela puxou mais forte. O cachecol de seda cortava o seu pescoço, de modo que as dobras da pele dobravam-se por sobre o tecido.

Em segundos, a cabeça do homem enrubesceu. Ele tentava agarrar os seus cabelos, mas ela retesou o cachecol de tal maneira que seus olhos saltaram e as lágrimas lhe escorriam pelas faces.

"O nome!", berrou ela.

Ele não podia mais emitir som algum. Sua boca abriu-se e a língua pendeu para a garganta, como um corpo estranho.

Ela mesma não sabia de onde tirava tanta força. Puxava como se a cabeça fosse soltar-se dos ombros a qualquer momento. E nem lhe custava muito esforço.

Doentes psíquicos podem desenvolver forças enormes, inexplicáveis... Quem havia dito isso? Marty? A dra. Gessler?

"O nome", sussurrou.

Mas Hockinson já não podia mais responder. Seus olhos estavam fixos no céu azul, onde as gaivotas voavam em círculos. Possivelmente, ele também estaria lá em cima. Não, não lá em cima, corrigiu-se ela, e olhou para o asfalto que cintilava com o calor. O playboy *queimava no inferno.*

Ela soltou-o.

Os olhos de Hockinson não se moviam. Sua cabeça caiu frouxa para o lado. Apressada, olhou para o farol e depois para os dois lados da estrada costeira. Nem sinal de pessoa ou carro. Quanto tempo lhe restaria?

Ela saltou do carro, passou o cinto de segurança pela barriga de Hockinson e travou-o. Em seguida, pegou a ponta do cachecol que ficara para fora e rastejou com ele para debaixo do carro. Fedia a gasolina e borracha queimada. Ela enrolou a ponta em volta da suspensão traseira. Não podia dar nó, tinha de parecer natural. Após prendê-lo, levantou-se.

"Merda!", praguejou. Agora o salto do seu sapato realmente havia quebrado. Rapidamente, descalçou os sapatos e jogou-os na beirada da estrada. Então, inclinou-se para dentro do conversível e soltou o freio de mão.

Não foi difícil empurrar o carro. As pedras de cascalho roçavam-se sob os pneus. Depois de poucos metros, o cachecol retesou-se. A cabeça de Hockinson foi puxada para trás e pressionada contra o encosto.

“Durma bem, meu príncipe”, sussurrou ela.

Faltavam poucos metros para o abismo. O escapamento soltava uma nuvem de fumaça fedorenta. Afinal, os pneus dianteiros passaram pela beirada. Lisa forçou-se uma última vez contra a traseira do carro. O cachecol estava teso ao extremo.

De repente, a resistência cessou e o conversível escorregou pela beira do abismo. Com o ruído de metal e vidro se quebrando, o carro desceu a ribanceira, capotou e parou a poucos metros do farol.

A garota afastou-se. Olhou para as mãos sujas e para o seu vestido manchado de óleo. Só então percebera que estava descalça.

Onde estariam seus sapatos?

Ela olhou ao redor.

Estava zonza.

À beira da estrada, avistou um par de sapatos elegantes. Os sapatos de salto alto de Lisa! Como vieram parar ali?

Por falar em Lisa, onde estava ela? Sybil olhou à volta.

No fundo do abismo, viu um carro amassado, com o cadáver de um homem dentro. A imagem oscilava na frente dos seus olhos. Levou as mãos às têmporas. De repente, aquela dor de cabeça terrível havia voltado. Essa visão. Ela fez novamente? Como pôde acontecer? O remorso dava-lhe um nó no estômago. Parecia que seu crânio ia explodir a qualquer momento. Eu fiz isso por Lisa,

disse a si mesma. Para acabar de uma vez com isso. Ela repetia a frase como um mantra. De novo, e de novo.

Eu fiz isso por Lisa!

Finalmente, a pressão aliviou.

Com os sapatos na mão, andou pelo asfalto da estrada costeira até o próximo povoado.

“Eu só queria ajudar”, murmurou. Só queria ajudar.

Epílogo

Três dias após os acontecimentos em Cuxhaven, Pulaski finalmente recebeu alta do hospital. Enquanto estava preso à cama, os médicos haviam manipulado o seu ombro sem parar. Pelo menos, esses curandeiros lhe haviam dado um quarto privativo, com vista para o parque. Não havia conseguido terminar de ler *Numa Fria,* de Bukowski, pois a sua filha e os colegas da delegacia haviam vindo visitá-lo, assim como os colegas do LKA da Saxônia, os investigadores de Flensburg e até mesmo os figurões de Hamburgo e do LKA da Baixa Saxônia. Além disso, o promotor Kohler, o almofadinha, havia dado a ele a honra de uma visita em seu quarto para uma conversa em particular. Que tremendo babaca!

Apesar de todo o alvoroço causado, Pulaski foi tratado com benevolência. Horst Fux o havia reposto em serviço por toda a semana passada — afinal, ele havia esclarecido mais de um assassinato, apreendido o cadáver de Bolten e prendido Sybil e Greta Hockinson. É claro que, sem a ajuda da jovem advogada de Viena, nada disso teria acontecido tão rapidamente. Contudo, o acaso quisera que ele a houvesse encontrado na hora certa, no lugar certo.

Obviamente, o caso trouxera uma infinidade de complicações burocráticas, mas para isso existiam os bundas-moles dos ministérios. Pulaski até estava gostando um pouco do papel de “herói”, como um repórter do jornal *Leipziger Volkszeitung* o havia chamado em um artigo. Ao menos para a sua filha, era isso que ele era, pois havia encontrado o assassino de Natascha Sommer, como prometera. Uma emissora local havia feito uma reportagem sobre o

caso e ele aparecera na TV durante trinta segundos, no seu leito de hospital, sendo entrevistado e acenando para a câmera.

Entretanto, mesmo com tantos visitantes — uma pessoa não havia vindo. Por pouco, conseguiu resistir a perguntar ao promotor Kohler por ela. Além disso, pretendia ligar para ela assim que saísse do hospital e pudesse finalmente vestir suas próprias roupas novamente em vez desse ridículo avental hospitalar. Esperava que Sônia Willhalm não tivesse visto a sua aparição constrangedora na televisão.

Pulaski saiu para o ar livre, o braço em uma tipoia e o sobretudo por cima do ombro lesado. O sol brilhava. Um dia agradável de outono. Sua filha o esperava diante da entrada principal da clínica. Ela vestia uma calça jeans rasgada nos joelhos, que supostamente estava *super* na moda, tênis e uma jaqueta azul. Embaixo do braço, segurava seu *skate* de rodas já gastas. Ela tinha as mesmas sardas e os mesmos joelhos pontudos que a mãe, pensou ele.

“Não tem aula?” Ele olhou para o relógio de pulso. Dez da manhã.

Jasmim sorria de orelha a orelha. “Ganhei o dia livre — *licença para cuidados!* Meus colegas de classe todos viram você na televisão.”

“Você também?”

Ela sorriu torto. “Eu gravei em vídeo. Você apareceu apenas por um momento, e estava horrível, aliás, ainda está! Quando pretende fazer a barba?”

Ele passou a mão pela barba de três dias. “Hoje à noite.” Então, enfiou a mão no bolso do sobretudo e sacou o maço de cigarros para fora. Desde a sua visita a Ochsenzoll, não havia mais fumado. “Parei com isto definitivamente.” Ele amassou o pacote e jogou-o na lixeira, ao lado da porta automática. O isqueiro também.

“Mamãe ficaria orgulhosa de você.”

“E você?”

“Também, é claro.” Ela deu-lhe um abraço apertado.

“Cuidado.” Ele teve de rir, porque ela o apertava como se fosse uma criancinha. Por via das dúvidas, colocou o braço machucado para o lado.

Enquanto andavam para o ponto de ônibus, ele pegou o celular do bolso.

“Finja que não está escutando. Preciso ter uma conversa de adultos.”

“Tá bom.” Ela meteu-se embaixo do seu sobretudo e observou os carros, entediada. Ou, pelo menos, fazendo de conta. Certamente estaria esticando as orelhas para não perder uma palavra.

Pulaski discou o número de Sônia Willhalm. Depois do quinto toque, ela atendeu.

“Estou interrompendo alguma terapia?”

“Estou fazendo uma pausa”, respondeu ela. Seguiu-se um silêncio constrangedor, antes que ela voltasse a falar. “Você ainda está no hospital?”

“Acabo de sair.”

“Gostaria de ter ido visitá-lo, mas a clínica estava cheia de pessoas dos mais variados órgãos públicos, que reviraram tudo de pernas para o ar. Meus pacientes reagiram de acordo.”

“As mortes de Natascha e Martin devem ter levantado uma poeira e tanto.”

“Graças a você.” Ele pode ouvi-la rir. “Você é um herói. Eu o vi ontem à noite no noticiário.”

“Minha filha disse que eu estava horrível.”

“Bem...” Ela riu novamente. “Ao vivo você é mais bonito.”

Era a deixa. De repente, seu coração bateu mais forte. “Eu ainda lhe devo um jantar.”

“Você não esqueceu a sua promessa?”

“Como eu poderia?”

Ele sentiu que Jasmim se libertara do abraço. Ela o olhava com dois olhos em forma de pontos de interrogação.

E aí? Quem é ela?, leu em seus lábios.

“Que tal na sexta-feira? Vou buscá-la às oito.”

Por favor, não me dê bolo, pensou ele. Não me dê...

“Eu adoraria.”

Por um momento, ele perdeu a fala. Afinal, era seu primeiro encontro sério há anos.

Jasmim deu-lhe um soco. *Quem é ela?*

“Vá de *skate* até o ponto de ônibus!”, cochichou ele, sabendo no mesmo instante que ela não sairia do seu lado enquanto estivesse telefonando.

“Com quem você está falando?”

“Com a minha filha. Ela é uma chata.”

“Eu gostaria de conhecê-la.”

“O quê?” O coração de Pulaski saltou. Não havia passado por tamanha aflição uma única vez nos últimos anos — nem mesmo em serviço.

“Eu... nós poderíamos...”, murmurou. “Talvez devêssemos...”

Então Jasmim roubou-lhe o telefone da mão, saltou sobre o *skate* e saiu rolando pela calçada.

“Alô? Aqui é a Jasmim”, disse.

“Você está louca? Devolva-me o celular!”, rugiu ele.

Mas Jasmim já estava longe demais para que pudesse alcançá-la.

“Se a senhora quiser, pode nos acompanhar no final de semana”, sugeriu Jasmim. “Se o tempo estiver bom, papai e eu vamos com o cachorro do nosso vizinho ao parque. Sabe jogar *frisbee*? É mesmo? O cachorro adora. A senhora não pode perder. Aliás, a senhora viu o papai na TV? Isso mesmo. Ele estava horrível, não estava?”, riu.

Depois de um tempo, Jasmim voltou com o *skate* e, petulantemente, estendeu-lhe o celular. “É assim que se faz.”

Sem comentário, ele pegou o telefone e olhou para o visor. A ligação havia sido terminada.

“Se você fizer isso de novo...”

“Ela é legal”, interrompeu Jasmim. “Não vejo a hora de conhecê-la no fim de semana.”

“Eu deveria deixá-la em casa.”

“Nem pensar. Nem mesmo se você me algemar a um cano de aquecimento”, disse, em alusão à reportagem na televisão.

Que pestinha! Ele pensou em Sônia Willhalm. O que ela pensaria dele agora? Que ele tem um dragãozinho como filha e que fracassara totalmente na educação dela? Por outro lado, as duas pareceram se entender bem. Tinham até tirado sarro dele. Mulheres! E ele havia se esquecido de contar à Sônia que Lesja Prokopowytsch, apesar de ter perdido muito sangue, sobrevivera à tentativa de assassinato em Göttingen. Ela estava de volta à clínica psiquiátrica de Herberhausen, sob os cuidados do dr. Pinsger. O médico com o olhar de galinha assustada havia-lhe telefonado ontem, para contar-lhe da boa recuperação da menina.

Não importa. Haveria outras oportunidades para falar com Sônia sobre isso — a sós!

“A próxima conversa é sobre trabalho, então dê o fora!”

“Sim, pai.”

Ela saiu, dando suas voltas de *skate* com um sorriso no rosto.

Pulaski havia chegado ao ponto de ônibus. Era hora de ligar para Viena. Sentou-se no banco de madeira e teclou um número que havia recebido há dois dias por SMS.

Pouco depois das dez da manhã, Evelyn ficou pronta. Tinha tirado mais um dia de férias na segunda-feira e somente voltara ao escritório nesta manhã. Agora, depois de horas de trabalho, a última caixa estava cheia. Ela rasgou a fita adesiva e jogou o rolo na gaveta vazia. Seu novo celular tocou. Um número com código da Alemanha.

“Evelyn Meyers”, atendeu ela.

“Você poderia me indicar uma boa advogada?”

Ela riu. “Senhor Pulaski! Como vai?” Ela jogou-se na cadeira e pôs as pernas sobre a mesa.

“Como dizem vocês, vienenses, *não posso me queixar!*” Ele contou-lhe do alvoroço dos últimos dias até chegar ao ponto mais importante. “Desde ontem, a polícia está escavando as dunas na região costeira de Wremen[1], juntamente com uma centena de ajudantes voluntários.”

“Você acha que encontrarão o corpo de Manuel?”

“Certamente”, respondeu Pulaski. “Os colegas não estão tratando Greta com muito afeto. Ela está sendo obrigada a cooperar, e descreveu o local onde ela e Bolten enterraram o cadáver do menino com exatidão. Dez anos não é pouco, mas já foram encontrados corpos que passaram mais tempo embaixo da terra.” Ele fez uma pausa. “E como foi para você?”

“Os últimos dias foram duros, mas isso eu não preciso lhe dizer. Eu falei com os seus colegas de Flensburg sobre o suicídio de Smolle, em Sylt, e também com a dra. Melanie Gessler, da clínica de Ochsenzoll.”

“Ah, nossa amiga em comum.”

“Dessa vez, ela foi amistosa comigo.”

“Não diga.”

“É que eu paguei a minha conta da cafeteria.”

Ele riu, antes de voltar a ficar sério. “Como está Sybil?”

“No momento, está em tratamento com Gessler.”

“E como está você?”

Evelyn suspirou. “E pensar que tudo começou com as investigações de dois inofensivos casos jurídicos... Mas, agora que

tudo veio à luz, a polícia federal precisa esclarecer os outros ‘acidentes’ iniciados por Sybil.”

“Assim como os assassinatos dos três jovens. Os policiais têm muito trabalho pela frente. Aliás, durante a revista da casa de Bolten foram encontradas algumas coisas terríveis.”

Evelyn lembrou-se do quarto com a lâmpada vermelha, os bichos de pelúcia e as fitas de vídeo.

“Irei poupar-lhe os detalhes, mas uma coisa é certa: não é um prejuízo que esse desgraçado não esteja mais entre nós.”

Ambos calaram-se por um tempo. Ela pensou no homem do furgão que, há vinte anos, a havia levado para a cabana na floresta. Onde quer que estivesse, ela decidira que não desperdiçaria mais um pensamento sequer com ele. Alfons Bolten havia queimado em seu lugar, e, com ele, também seu ódio e sua culpa.

“Você se lembra do que eu lhe disse na ambulância?”, perguntou Pulaski.

“Quando estava em delírio?”

“Eu estava completamente consciente!”, esbravejou.

Evelyn riu. “Sim, eu me lembro.”

“E?”

“Eu seguirei o seu conselho, mas isso não é tudo. Algumas coisas estão mudando na minha vida, para o lado positivo.” Ela olhou para as caixas fechadas, espalhadas pelo chão do escritório.

“Fico feliz em saber.”

“Eu lhe contarei tudo assim que vier a Viena.”

“Combinado. Estou curioso.”

“Desejo-lhe tudo de bom.” Despediram-se e Evelyn desligou.

Uma melancolia tomou conta dela, ao pensar no escritório. Quanto tempo havia trabalhado ali? Depois da morte de seus pais, havia passado todas as férias da faculdade em estágio. Onze anos naquelas salas era bastante tempo. No começo, Patrick também havia trabalhado com seu pai; depois, Holobeck a havia aconselhado. Durante esse tempo, ela havia visto todos os altos e baixos de um escritório de advocacia. Contudo, onze anos era um período mais que suficiente. Ela colocou a chave da sua sala sobre a escrivaninha vazia e levantou-se.

Uma sombra apareceu por trás da porta de vidro leitoso. A maçaneta moveu-se e Krager entrou. Pit-bull fazia jus ao seu apelido. Calado, com os olhos semicerrados, segurava a sua carta de demissão dobrada na mão, com a qual batia nervosamente na coxa.

“Estou impressionado com a sua rapidez em aprontar as coisas”, rosnou ele. “Você tinha razão em suas suspeitas sobre Peter Holobeck, e eu não lhe dei ouvidos. Eu sinto muito.”

Evelyn arqueou as sobrancelhas. Nunca pensara que ouviria essas palavras da boca dele.

“É esse o motivo pelo qual está me deixando?”

Ela balançou a cabeça. “Eu segui o seu conselho.”

Ele olhou-a sem entender.

“De superar o meu passado. Agora eu sei o que quero.”

“E o que é que você quer?”

“Você sempre me dissuadiu, mas é a minha vocação. Seguirei uma carreira de advogada criminalista autônoma.” Ela notou um pouco de orgulho na própria voz.

“Com que meios?”, perguntou Krager, rangendo os dentes.

Ela havia esperado a pergunta.

“Dentro de pouco tempo, assumirei meu primeiro caso”, respondeu ela. “Sybil Woska tem 21 anos de idade e é cidadã austríaca. No decorrer das próximas semanas, será extraditada da Alemanha e acusada dos assassinatos de dez homens.” Ela fez uma pausa. “Eu a defenderei.”

“A menina é rica?”

A pergunta era típica dele. “Não. Contudo, teremos uma boa cobertura da mídia e encontraremos patrocinadores para financiar a defesa.”

Krager vagarosamente balançou a cabeça. “Uma causa dura para um começo. Caso precise da minha ajuda...” Ele fez um gesto com a mão, indicando que estaria à disposição caso precisasse.

“Obrigada.”

“E...” Krager vacilou. “Mande lembranças ao meu filho.” Ele estendeu-lhe a mão.

Ela olhou-o admirada. Com isso, ela não contava.

“Pode deixar.”

Lá fora, Patrick esperava por ela. A perna esquerda da sua calça estava cortada do lado. O gesso exposto chegava até o quadril. Apoiava-se, inclinado, em suas muletas, parado em um portão do outro lado da rua. De certa forma, parecia uma versão desolada de James Dean.

Ela cruzou a rua em direção a ele.

“Olá, oncinha.”

“Olá, meu querido.”

“Como foi?”

“Lembranças do seu velho.”

“Não está falando sério, está?”

“Estou, tenho a impressão de que, de alguma forma, ele saiu purificado dessa história toda. Talvez ele te convide para almoçar um dia desses.”

“Um almoço com o célebre advogado Krager? Não, obrigado. A propósito, isso me faz lembrar de uma piada.”

“Oba!” Ela mal podia esperar.

“Oba?”, repetiu ele, atônito. “Você nunca quis ouvir as minhas piadas.”

“Desta vez, eu quero. Vai, conta!”

Eles andavam pela rua, em direção ao parque, onde o carro de Evelyn estava estacionado.

“Então, um iate afunda em alto-mar, em meio a um grande grupo de tubarões. Todos os passageiros são devorados, menos um, que é advogado. Por quê?”

“Porque era um ótimo nadador?”

“Porque tubarões não comem indivíduos de sua própria espécie!” Ele riu alto.

Evelyn sorriu. “O que você vai fazer hoje à noite?”

“Você quer que eu a acompanhe na sua corrida pelo parque?”

“Não, estou falando sério.”

“Colocar a minha perna para cima e ver televisão. Por quê?”

“Se eu te buscar de carro, você consegue ir ao Marriot para um jantar à luz de velas?”

“Não me diga que...” Seu queixo caiu. “Mas, assim, em cima da hora, não conseguiremos uma mesa.”

Sorrindo, ela pensou no velho policial de Leipzig que tentara levantar-se mesmo preso aos frascos de soro da ambulância. Naquela noite, ele realmente havia estado plenamente consciente.

“Eu reservei uma mesa por telefone há três dias, esperando que você fosse dizer sim.”

* * *

1. Wremen: município localizado no distrito de Cuxhaven, estado da Baixa Saxônia.

Agradecimentos

Meu colega Tobias Bachmann uma vez começou seus agradecimentos com as palavras: *Ninguém realmente escreve um livro como este sozinho*... Quero citá-lo aqui, sem pudor. Ninguém realmente escreve um livro como este sozinho. Mas esta é somente uma verdade.

A outra é a seguinte: quanto mais complexo é o romance, mais longa é a lista de pessoas às quais é preciso agradecer, pois chega o momento em que se perde a necessária distância analítica para poder avaliar o próprio livro.

Afortunadamente, eu conto com uma série de leitores críticos perseverantes, que, para meu desespero, há anos me apontam cada erro em meus manuscritos — assim como neste livro. Às vezes, eu os odeio por isso!

Meus agradecimentos vão para Günter Suda, Heidemarie Gruber, Jürgen Pichler, Michael Adam, Magdalena Adam e Gaby Willhalm. Caso haja algum erro neste manuscrito, a culpa é toda minha, pois eu nem sempre escuto os meus colegas.

Pelas informações jurídicas, agradeço à advogada dra. Mahler-Hutter, que, apesar do seu tempo escasso, sempre me ajudou com suas respostas, regadas a café, no seu terraço. Minhas perguntas de teor criminal foram respondidas pelo policial Robert Froihofer, de Berndorf, pelo promotor público berlinense Frank Heller e, pela quarta vez consecutiva, por um policial da Kripo vienense, que prefere ficar incógnito, mas que sempre me ajuda a sair das sinucas do enredo com suas ideias.

No que diz respeito ao aspecto psicoterapêutico, agradeço a Alya Saleh e ao dr. Helmut Jelem, que, no decorrer de conversas intensas, deram-me muitas ideias. Para questões de cunho médico,

contei com a ajuda de Kamila Zientek, Ursula Sturm, Dunja Hu, Martina Tschenscher, Matthias Gassner e dr. Christian Wörgetter — caso alguém queira suicidar-se, basta consultá-lo; ele tem ideias incríveis.

Sem conhecê-las pessoalmente, agradeço a Michaela Huber, Imke Deistler e Angelika Vogler, por seu incansável trabalho e suas publicações na área de transtornos dissociativos da personalidade, que mais uma vez me abriram os olhos para a complexidade das estruturas da alma humana.

Por último, mas não menos importante, meus agradecimentos vão para o dr. Uwe Neumahr, da AVA-International[1], que me acompanhou incansavelmente durante quase dois anos, revisando comigo os mais diversos projetos até que encontramos este assunto. Durante esse tempo, ele me deu muitas dicas e conselhos, sugeriu melhorias e forneceu-me tanto material e indicações de leitura que, por vezes, as árvores chegaram a esconder a floresta. Entretanto — ou talvez justamente por isso — esse tempo foi o de maior aprendizado para mim.

Finalmente, agradeço a Lisa Gurdijew, pela história que cochichou no meu ouvido. Eu espero que o trabalho tenha valido a pena. Caso você a encontre algum dia... não chegue perto demais!

1. AVA-International é uma agência alemã de autores e editoras.